

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

ROSANA CABRAL ZUCOLO

DISPOSITIVOS INTERACIONAIS E INTERAÇÕES MUDIATIZADAS: UM ESTUDO
SOBRE A IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO MALETA FUTURA, CANAL FUTURA,
EM SANTA MARIA E PASSO FUNDO/RS

SÃO LEOPOLDO

2014

ROSANA CABRAL ZUCOLO

DISPOSITIVOS INTERACIONAIS E INTERAÇÕES MEDIATEZADAS: UM ESTUDO
SOBRE A IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO MALETA FUTURA, CANAL FUTURA,
EM SANTA MARIA E PASSO FUNDO/RS

Tese apresentada como requisito parcial para a
obtenção do título de Doutora pelo Programa de
Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos –
UNISINOS.

Orientador Prof. Dr. José Luiz Braga.

SÃO LEOPOLDO

2014

Z94

Zucolo, Rosana Cabral

Dispositivos interacionais e interações midiaticizadas: um estudo sobre a Implementação do Projeto Maleta Futura, Canal Futura, em Santa Maria e Passo Fundo/RS / Rosana Cabral Zucolo. – São Leopoldo, 2014.
226 f. il.

Orientador: Professor Doutor José Luiz Braga

Tese (doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Centro de Ciências da Comunicação, 2014.

1. Comunicação. 2. Interação. 3. Midiaticização. I. Braga, José Luiz.
II. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Centro de Ciências da
Comunicação. III. Título.

CDD – 302.2

ROSANA CABRAL ZUCOLO

DISPOSITIVOS INTERACIONAIS E INTERAÇÕES MEDIATIZADAS: UM ESTUDO
SOBRE A IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO MALETA FUTURA, CANAL FUTURA,
EM SANTA MARIA E PASSO FUNDO/RS

Tese apresentada como requisito parcial para a
obtenção do título de Doutora pelo Programa de
Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos –
UNISINOS.

Aprovada em 26 de junho de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Edson Fernando Dalmonte - UFBA

Profª. Dra. Viviane Borelli - UFSM

Prof. Dr. Antonio Fausto Neto - UNISINOS

Profª. Dra. Jiani Adriana Bonin - UNISINOS

Prof. Dr. José Luiz Braga, UNISINOS - Orientador

*Aos meus pais, José Mário e Dirce, porque a vida é breve como um sopro.
Ao Clovis, Daniel e Melina, que acreditaram.*

AGRADECIMENTOS

Esta tese só se concretizou porque muitos se fizeram, generosa e colaborativamente, presentes.

Às equipes do Canal Futura que sempre estiveram disponíveis aos apelos feitos durante este trabalho, especialmente à Zilda Piovesan, Marisa Vassimon e Cleuza Ramos.

Aos membros da rede do Grupo Ecológico Guardiões da Vida que atenderam o chamado para compor esse universo, representados na pessoa de Carlos Eduardo Sanders.

À equipe da TV OVO, cujo convívio sempre é um aprendizado e uma esperança em novos modos de comunicar, em particular, ao Paulo Tavares, Marcos Borba, Neli Mombelli e Denise Copetti.

À Unifra pelo apoio dado à realização deste trabalho.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos pelo convívio fértil durante os anos de curso, e aos colegas da pós-graduação que dividiram descobertas, alegrias, angústias, tristezas e esperança ao longo do processo.

Ao meu orientador, professor José Luiz Braga, com quem aprendi muito através do seu encantamento pela pesquisa e da sua imensa capacidade de ensinar e dialogar. Muito obrigada!

Ao professor Antonio Fausto Neto pela presença generosa e amiga em diferentes momentos deste trabalho.

Aos meus amigos, para além da condição de colegas de trabalho, que constituíram uma rede solidária durante esse processo, muito em especial a Aurea Fonseca, Daniela Hinerasky, Sione Gomes, Najara Ferrari, Neli Mombelli, Kytta Tonetto, Gilson Piber e Maicon Kroth.

À Moema Rampon que normalizou esta tese em tempo recorde.

À Hozana Campos de Azevedo que catalogou nos últimos instantes.

Em especial, aos meus pela paciência e suporte durante o tempo desta pesquisa. Ao Clovis pela presença solidária e tolerância muito maior do que a minha; a Tayani pela disponibilidade generosa e competente na transcrição dos áudios; a Marília e ao Felipe pelo acolhimento carinhoso durante os anos de trânsito entre Santa Maria e São Leopoldo, e a Gleuza e Isolda, incansáveis parceiras nas travessias das estradas gaúchas em função deste trabalho.

RESUMO

Esta tese examina a construção de um dispositivo interacional indicativo de uma experiência singular que se insere no cenário complexo das dinâmicas relacionais entre mídia e sociedade, capaz de fornecer elementos para a problematização dos fenômenos comunicacionais decorrentes do processo de midiaticização. Tem como objeto de estudo as processualidades desencadeadas em torno da implementação do Projeto Maleta Futura: ação que integra as estratégias do Canal Futura para a distribuição de seus conteúdos e os de seus parceiros, junto aos grupos sociais de atuação comunitária - no caso investigado, a TV OVO e o Grupo Ecológico Guardiões da Vida, duas ONGs gaúchas de forte atuação no social, sediadas nas cidades de Santa Maria e Passo Fundo, respectivamente. Trata-se de uma pesquisa empírica de abordagem qualitativa em que se utilizou de um conjunto de procedimentos teóricos e metodológicos na análise tanto de aspectos específicos do objeto em estudo, quanto de aspectos transversais que permitem inferir sobre tal processo interacional num contexto de midiaticização. Tais procedimentos envolvem pesquisa bibliográfica e documental, observação, entrevistas e análise de documentos midiáticos. Ao analisar tais processualidades, verificou-se que as diferentes estratégias e operações provocaram afetações de parte a parte, gerando circuitos comunicacionais não previstos e colocando em circulação novos códigos no quadro das interações comunicativas estabelecidas entre os agentes participantes no cotidiano das práticas sociais e midiáticas.

Palavras-chave: Maleta Futura, dispositivo, circuitos, interação, midiaticização.

ABSTRACT

This thesis examines the construction of an interactive device indicative of a singular experience which is inserted in the complex scenario of relational dynamics between media and society that can provide elements to the questioning of communication phenomena deriving from the mediatization process. This is about the experience of interaction between a television channel – the Canal Futura – and entities of communitarian action. The specific interactional processes of each participant develop according to very different logics; and there are no practical references about the ways to interact, which leads to attempts tactics and the interactional experimentation to the generation of permanent devices. About this concrete situation, the thesis aims to study the processualities triggered around the implementation of the project Maleta Futura: actions that integrates the strategies of the Canal Futura for the distribution of its contents and those of its partners, with the social groups of community performance -in the investigated case, the TV OVO and the Grupo Ecológico Guardiões da Vida, two NGOs from Rio Grande do Sul of strong community presence, headquartered in the cities of Santa Maria and Passo Fundo, respectively. This is an empirical research of qualitative approach which used a set of theoretical and methodological procedures at the analysis of specific aspects from the study object and transversal aspects that allow us to infer such interaction process in the context of mediatization. Such procedures involve bibliographic and documentary research, observation, interviews and analysis of mediatic documents. During the procedural analysis, it was found that different strategies and operations cause affectations by either side, generating unanticipated communicational circuits and putting into circulation new codes in the framework of communicative interactions established between the participating agents in daily social practices and mediatic.

Keywords: Maleta Futura, device, circuits, interaction, mediatization.

Lista de Ilustrações

Figura 1. Mapa.....	98
Figura 2. Perfil das Instituições.....	100
Figura 3. Canal Futura.....	101
Figura 4. Mobilização e articulação.....	102
Figura 5. Maleta Futura.....	127
Figura 6. Controle do fluxo.....	129
Figura 7. Maletas Futura.....	131
Figura 8. Distribuição por região.....	132
Figura 9. Mapa de difusão.....	133
Figura 10. Projeto Maleta Futura.....	139
Quadro 1. Formas de envolvimento.....	140
Figura 11. Difusão regional.....	152
Figura 12. Natureza das Instituições.....	170

Lista de Siglas e Abreviaturas

ABADFAL – Associação Baiana de Portadores de Doenças Falciformes
ABRACC – Associação Brasileira de Defesa e Construção da Cidadania
ANA – Articulação Nacional de Agroecologia
ANAMATRA – Associação Nacional dos Magistrados da Justiça do Trabalho
ANVISA – Agência Nacional de Vigilância Sanitária
AR – Argentina
AS-PTA – Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa
AVA – Ambiente Virtual de Aprendizagem
BBC – British Broadcast Corporation
BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
BR – Brasil
CAF – Banco de Desenvolvimento da América latina
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAT – Central de Atendimento ao Telespectador
CBN – Central Brasileira de Notícias
CDS – Centro de Desenvolvimento Sustentável
CEDAPS – Centro de Promoção da Saúde
CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária
CES – Centro de Ensino Supletivo
CESMA – Cooperativa dos Estudantes de Santa Maria
CETAP – Centro de Tecnologias Alternativas e Populares
CF – Canal Futura
CNI – Confederação Nacional da Indústria
CNN – Cable News Network
CNT – Confederação Nacional dos Transportes
CPDS – Comissão de Políticas de Desenvolvimento Sustentável
CRE – Coordenadoria Regional de Educação
CRO – Centro de Recepção Organizada
CTG – Centro de Tradição Gaúcha
CUFA – Central Única de Favelas
DEA – Departamento de Educação Ambiental
DVD – Disco de Vídeo Digital

EA – Educação Ambiental
EJA – Ensino de Jovens e Adultos
EMATER – Empresa Brasileira de Extensão Rural
EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
FASE – Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional
FAT – Fundação de Amparo ao Trabalhador
FEICOOP – Feira Estadual de Cooperativas
FIESP – Federação das Indústrias do Estado de São Paulo
FIRJAN – Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro
FISL – Fórum Internacional de Software Livre
FNDE – Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação
FOCU – Fomento Cultural
FPA – Fundação Padre Anchieta
FRM – Fundação Roberto Marinho
FURB – Universidade Regional de Blumenau
GEGV – Grupo Ecológico Guardiões da Vida
GTA – Grupo de Trabalho Amazônico
IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente
IBASE – Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas
IBICIT – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IFCS/UFRJ – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais/Universidade Federal do Rio de Janeiro
INPA – Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia
INPE – Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
MEC – Ministério da Educação e Cultura
MINC – Ministério da Cultura
MMA – Ministério do Meio Ambiente
MTG – Movimento Tradicionalista Gaúcho
NACES – Núcleos Avançados de Centros de Ensino Superior
OG – Organizações Globo
ONG – Organização Não Governamental
ONU – Organização das Nações Unidas
OSCIPS – Organização da Sociedade Civil de Interesse Público
OVO – Oficina de Vídeo Oeste
PAT – Programa de Apoio Tecnológico

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PNUMA – Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente
PROINFO – Programa Nacional de Informática na Educação
PUCRJ – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
RBP – Rede Brasileira de Permacultura
RBS – Rede Brasil Sul
RS – Rio Grande do Sul
RT – Regiões Tradicionalistas
SEED – Secretaria de Educação à Distância
SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SES – Subsecretaria de Ensino Supletivo
SESI – Serviço Social da Indústria
SGT – Sistema Globo de Televisão
SMED – Secretaria Municipal de Educação
SMVC – Santa Maria Vídeo e Cinema
TAMAR – Tartarugas Marinhas
TC2000 – Telecurso 2000
TEM – Ministério do Trabalho e do Emprego
TICs – Tecnologias de Informação e Comunicação
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UNB – Universidade de Brasília
UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.
UNESP – Universidade Estadual de São Paulo
UNICAMP – Universidade de Campinas
UNIFRA – Centro Universitário Franciscano
UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos
UPF – Universidade de Passo Fundo
UR – Uruguai
USP – Universidade de São Paulo
UTGN – União Tradicionalista Gaúcha do Nordeste
VHS – Vídeo Home System (Sistema de Vídeo Caseiro)

WWF – World Wide Foundation

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	16
CAPÍTULO 2. CONSTRUÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA.....	21
2.1. Reflexões em torno do objeto e sobre o problema de pesquisa.....	21
2.2. Aproximações metodológicas.....	33
2.3. Em torno dos observáveis.....	36
a) Dos indícios à busca da documentação.....	36
b) Aproximação e observação dos agentes.....	42
c) Entrevistas realizadas.....	44
d) Compreensão das dinâmicas interacionais.....	46
CAPÍTULO 3. FUNDAMENTOS.....	47
3.1. Processos de mediação da/na sociedade.....	47
3.2. Interação e interação mediada.....	56
3.3. Dispositivo interacional.....	61
CAPÍTULO 4. CANAL FUTURA: CONTEXTOS.....	66
4.1. Telecurso: itinerário de uma estratégia midiática.....	70
4.1.1. Telecurso 2000: dos Centros de Recepção Organizada (CRO) à metodologia das Telessalas e às Salas Futura.....	76
4.2. O Canal Futura e a TV Escola: similitudes e bastidores.....	81
4.2.1 Canal Futura e a estratégia de atuação em rede.....	87
CAPÍTULO 5. OS AGENTES EM AÇÃO NOS CIRCUITOS E DISPOSITIVOS	93
5.1. Sustentabilidade: mantenedores e projetos em cooperação.....	93
5.2. Os agentes mediadores da TV: a articulação e a mobilização comunitária.....	96
5.3. Os agentes sociais: os grupos comunitários.....	105
5.3.1 O Grupo Ecológico Guardiães da Vida (GEGV).....	109
5.3.2 A Oficina de Vídeo Oeste – TV OVO.....	116
CAPÍTULO 6. ESTUDO DE CASO: A CONSTITUIÇÃO DO DISPOSITIVO INTERACIONAL.....	124
6.1. O projeto Maleta Futura.....	124
a) A proposta e o seu alcance.....	125
b) Temáticas e conteúdos: as diferentes Maletas.....	134
c) As metodologias e os modos de avaliação.....	137
6.2. A Maleta Toda Beleza.....	141
a) Ações e articulações na instância midiática.....	143
b) Ações e articulações na instância comunitária.....	146
6.3. A Maleta Democracia.....	150
a) Ações e articulações na instância midiática.....	152
b) Ações e articulações na instância comunitária.....	156

6.4. A Maleta Meio Ambiente.....	168
a) Ações e articulações na instância midiática.....	171
b) Ações e articulações na instância comunitária.....	175
CONSIDERAÇÕES FINAIS	187
REFERÊNCIAS	196
ANEXOS	208
ANEXO 1 – Questionário destinado às equipes de articulação e mobilização comunitária do Canal Futura	
ANEXO 2 – Questionário destinado ao coletivo do GEGV no uso da Maleta Meio Ambiente na região de Passo Fundo	
ANEXO 3 – Questionário destinado à rede Bioma Pampa sobre o uso da Maleta Meio Ambiente	
ANEXO 4 – Instrumento de avaliação do CF para o projeto Maleta Futura	

1 INTRODUÇÃO

Desde a segunda metade do século XX a sociedade contemporânea vem sendo marcada pela mediação dos meios de comunicação, onde o desenvolvimento das tecnologias gera também procedimentos que ampliam largamente as possibilidades de interação midiaticizada, constituindo um cenário complexo de processos comunicacionais que colocam em circulação uma variedade de produtos e processos múltiplos.

O desafio de lidar com esse cenário implica entender o que está acontecendo na experimentação decorrente do surgimento acelerado das novas tecnologias e do modo como elas se encaixam na vida cotidiana. As interações entre a lógica midiática marcada por estratégias e operações tecno-discursivas através das quais a mídia passa a atuar como referente dos modos diversificados que a sociedade aciona para poder interagir; e a lógica da vida cotidiana, habitualmente caracterizada pela profusão de falas, gestos, coisas, gentes em movimentos de apropriações e ressignificações que se dão de modo imprevisível, e mesmo incontrolável, modificando as pretensões estabelecidas na origem; evidenciam um contexto de interação e transformação da sociedade no qual as técnicas e os padrões de produção da mídia “tradicional” também se veem afetados.

É nessa direção que este trabalho investigativo de natureza empírica busca refletir sobre como as práticas midiáticas e os fenômenos de mídia se entrelaçam uns aos outros e com a sociedade, sinalizando a constituição de novos processos de interação e de organização social.

Ele se inscreve num conjunto maior de questões que remetem à compreensão dos novos cenários acionados pelos circuitos decorrentes do processo de midiaticização da sociedade - mais do que processos, a midiaticização desencadeia modos de proceder; remete também à compreensão das distintas estratégias mobilizadas em diferentes instâncias pelos agentes sociais na tentativa de instituir vínculos e interações com os seus públicos e, ainda, na reflexão acerca de como os protocolos da mídia modificam os protocolos dos outros campos, gerando situações indeterminadas e experimentações correlatas (efeitos) que, não raro, resultam em inovações sociais.

Em tal horizonte, este trabalho investigativo consiste num estudo de caso que examina a construção de um dispositivo interacional indicativo de uma experiência singular que se insere no cenário complexo das dinâmicas relacionais entre mídia e sociedade, e capaz de fornecer elementos para a problematização dos fenômenos comunicacionais decorrentes do processo de midiaticização.

Trata-se da experiência de interação entre um canal de televisão – o Canal Futura – e entidades de ação comunitária. Os processos interacionais próprios de cada participante se desenvolvem segundo lógicas muito diferenciadas; e não há referências práticas sobre modos de interagir, o que leva a táticas tentativas e a experimentação interacional para a geração de dispositivos pertinentes.

Diante disso, esta pesquisa tomou como objeto de estudo as processualidades desencadeadas em torno da implementação do Projeto Maleta Futura: ação que integra as estratégias do Canal Futura para a distribuição de seus conteúdos e os de seus parceiros, junto aos grupos sociais de atuação comunitária - no caso investigado, a Oficina de Vídeo Oeste (TV OVO) e o Grupo Ecológico Guardiões da Vida (GEGV), duas ONGs gaúchas de forte atuação no social, sediadas nas cidades de Santa Maria e Passo Fundo, respectivamente.

O Canal Futura integra as Organizações Globo como um projeto da Fundação Roberto Marinho, e se caracteriza por uma experimentalidade que permite situá-lo nos espaços de transição da televisão na contemporaneidade.

Como se verá adiante, o canal se enuncia enquanto “um canal privado de interesse público, dedicado à educação” e possui “o compromisso social de ampliar as possibilidades de mobilização e participação das camadas D e E, para as quais dirige preferencialmente a sua programação”¹. Ele se desenvolve a partir de um modelo peculiar de sustentabilidade, opera em espaços tradicionalmente não televisivos através de uma instância mediadora, a Articulação e Mobilização Comunitária, e atua junto aos grupos de ação comunitária e de movimentos sociais, de onde emanam sugestões/produções de conteúdos para o canal, alterando também a relação entre produtor/usuário.

O projeto Maleta Futura integra tal cenário como um dos principais projetos do canal que, em sua operacionalidade, coloca em circulação, pela via da mobilização comunitária, a sua produção televisiva e a de seus parceiros mantenedores, junto aos espaços territoriais e grupos de ação comunitária. Este trabalho analisa a experiência de implementação de três maletas temáticas relacionadas aos grupos estudados: as maletas Toda Beleza e a Democracia implementadas junto com a TV OVO; e a maleta Meio Ambiente, entregue ao GEGV.

Assim, ainda que este trabalho de tese se situe num contexto que corresponde a dinâmicas muito amplas, visa-se a partir da inscrição de seu objeto na perspectiva dos estudos da midiatização, verificar como se constituem os vínculos e as apropriações no espaço de negociação entre a produção, a oferta, a recepção e a circulação do Projeto Maleta Futura;

¹ Canal Futura: Almanaque das Redes Sociais Futura. Rio de Janeiro, Fundação Roberto Marinho/Canal Futura, 2010, p.12

como funcionam e se afetam mutuamente as diferentes lógicas – a midiática e a comunitária - e o que geram enquanto ações comunicativas e de inovação social.

Para dar conta desse processo interacional, procurou-se delinear uma arquitetura das estratégias e práticas emergentes da complexa rede de interação entre a agenda da instância midiática, a dos grupos comunitários, os protocolos e suas mediações desencadeadas pelas operacionalidades de cada uma delas.

Aponta-se o modo de configuração dessa rede como *ações* que atuam na construção de um dispositivo interacional, buscando fazer a leitura do contexto dos agentes envolvidos, do encadeamento das ações empreendidas pelos grupos, das suas técnicas e operacionalidades, das temáticas recorrentes e das tentativas de assegurar a sua ‘visão de mundo’.

Em tal direção, partiu-se da hipótese de que as múltiplas e distintas estratégias que envolvem o Projeto Maleta Futura constroem um dispositivo interacional que reconfigura, de modo tentativo, tanto as práticas comunitárias como as midiáticas, gerando mudanças nas condições de produção de comunicação e na própria ação comunicativa, com afetações numa terceira instância – a da educação.

Pensa-se estar diante de um sistema de relações operando entre os distintos componentes do processo, que se articulam com base em padrões já existentes para que a interação ocorra. As práticas sociais se organizam em dispositivos variados que de algum modo modelam o comunicacional que aí ocorre. E os dispositivos interacionais, tal como propõe Braga (2011a) são produzidos pelos próprios episódios interacionais que acionam as suas matrizes para interagir, e ao mesmo tempo, são modulados pelos contextos e processos institucionais específicos em cujo ambiente se desenvolvem.

Com o propósito de apreender as dinâmicas e que resulta desse processo interacional, organizou-se esta tese em sete capítulos, incluindo este de caráter introdutório, em que apresentamos a estrutura do trabalho e situamos o leitor numa perspectiva descritiva dos movimentos principais da tese.

O capítulo 2 traz as reflexões a cerca do objeto em estudo, desde a descoberta do tema e o início do reconhecimento da presença das equipes do Canal Futura na região sul do Brasil, procurando observar como se dava a sua conexão aos grupos comunitários locais, à construção dos objetivos e do problema de pesquisa. Nessa direção traz as referências que balizam a constituição do problema de pesquisa e discorrem sobre o corpus empírico, remetendo à discussão em torno dos processos desencadeados num cenário de mediação - questões essas retomadas no capítulo seguinte.

Nele também são apresentadas as estratégias metodológicas que caracterizam o percurso construído. Traz o detalhamento dos procedimentos de pesquisa quando se explica como foram coletados, selecionados e analisados os materiais do caso em estudo, o conjunto de entrevistas realizadas, assim como o levantamento das pesquisas já realizadas no entorno do objeto.

O desafio da articulação teórica a cerca das ideias que permitiram o tensionar do objeto é apresentado no terceiro capítulo desta tese. Nas aproximações teóricas, busca-se o diálogo com os estudos de José Luiz Braga, Antonio Fausto Neto, Pedro Gilberto Gomes, Eliseo Verón e Sitg Hjarvard acerca da definição conceitual de midiaticização e das processualidades desencadeadas na sociedade.

Nesse quadro de referência dois outros elementos se somam ao processo deste trabalho: os conceitos de interações e de interações midiaticizadas, desenvolvido com base na problematização proposta Thompson, Braga, Maria Mattos e Ricardo Villaça; e, ainda, o conceito de dispositivo interacional na perspectiva defendida também por Braga, num diálogo com o clássico conceito de Foucault, e analisado, também, por Michel de Certeau (2012), Klein (2008) e Bruck (2012).

Pensa-se que esse quadro de referências teóricas permitiu responder à problematização das relações interacionais entre as diferentes instâncias envolvidas no processo interacional que se desencadeia em torno do projeto Maleta Futura e os seus desdobramentos e as interfaces sobre os campos envolvidos. Fala-se aqui da instância comunitária com suas dinâmicas próprias, da midiática ao atravessar todos os campos e da educacional, cujas afetações se fazem sentir de modo mais intenso. Nessa direção, refere-se o trabalho de Calazans e Braga para explicar a interface entre comunicação e educação numa sociedade em midiaticização.

O quarto capítulo trata do objeto empírico propriamente dito. Ele reúne informações que ajudam a compreender de maneira contextual a origem da proposta do Canal Futura enquanto projeto que se volta à educação e às tematizações do social, bem como a sua operacionalidade midiática que se singulariza pela atuação em redes das suas equipes de mobilização. Do ponto de vista histórico, situam-se as estratégias operacionais das Organizações Globo na área da teleeducação, percorrendo sobre o que se processa da implantação dos telecursos e suas metodologias à criação do Canal Futura. Nessa perspectiva localizam-se também as conexões entre o modelo do canal e modelo da TV Escola, ambos emergindo como propostas distintas, mas com lógicas similares ao atuarem em rede.

O quinto capítulo se dedica à discussão sobre os demais agentes que compõem o cenário de implementação do projeto Maleta Futura. Situam-se nele os diferentes agentes que atuam nesse processo interacional: (a) os agentes responsáveis pela sustentabilidade do canal e cuja influência se manifesta de forma a revelar os tensionamentos internos entre as instâncias do Canal Futura e a Fundação Roberto Marinho; (b) os agentes mediadores da instância midiática - as equipes de Articulação e a Mobilização Comunitária com suas dinâmicas internas e a sua relação com as duas pontas do mesmo processo, a saber, de um lado o CF e de outro, os grupos de atuação comunitária em seus territórios; (c) os grupos comunitários analisados, a Oficina de Vídeo Oeste - TV OVO e o Grupo Ecológico Guardiões da Vida - GEGV, sobre os quais são tecidas observações a partir de suas práticas comunicacionais, situando cada um deles dentro de suas lógicas, estratégias e percepções.

No sexto capítulo se analisa o processo de implementação do projeto Maleta Futura nos espaços dos parceiros comunitários. Inicialmente o projeto é situado em sua totalidade, abordando sua emergência enquanto projeto social, as estratégias desenvolvidas para a sua implementação, os seus conteúdos, as metodologias empregadas, os modos de avaliação, o modo de escolha dos parceiros e as tematizações de cada edição do projeto. Posteriormente, considerando-se a especificidade deste caso, analisa-se a experiência com as três maletas relacionadas aos grupos estudados: as maletas Toda Beleza e Democracia implementadas junto à TV OVO; e a maleta Meio Ambiente, entregue ao GEGV. Em torno delas, situam-se as estratégias operacionais de cada instância, as ações desenvolvidas pelo canal e pelos grupos parceiros, as operações desencadeadas tanto na instância midiática quanto na comunitária; as percepções de parte a parte e os resultados tentativos obtidos.

No capítulo sétimo e último capítulo se fazem considerações sobre o percurso de construção desta tese, explicitando resultados e sinalizando direcionamentos e perspectivas para a investigação de dispositivos e circuitos em formação, em experiências similares a esta investigação.

2 CONSTRUÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA

2.1 Reflexões em torno do objeto

A proposição de analisar as interações desencadeadas no contexto da implementação do Projeto Maleta Futura junto a grupos vinculados aos movimentos de caráter comunitário envolve a percepção de que, mais do que tematizar as questões sociais, a empresa midiática promove ações e intervenções para além dela potencializando diferentes processos da vida diária. Ao fazê-lo, ela mesma sofre afetações provocadas por estes mesmos grupos com os quais interage, sendo transformada por esse mesmo processo que instaura.

A construção da realidade social, em certa medida, tem sido delegada aos meios de comunicação, concordando com Berger e Luckmann (2006). Tanto as instituições quanto os indivíduos passam a depender do funcionamento de todo um conjunto de dispositivos que os põem em contato permanente e quase instantâneo com diferentes esferas que organizam a vida cotidiana, as atividades de lazer, a economia e as relações sociais.

Praticamente não há divergências entre pesquisadores sobre o fato de que a centralidade dos meios tem gerado profundas mudanças nos formatos de sociabilidade e interação; tampouco que tal centralidade impregnou a vida cotidiana sejam como fontes de informação e entretenimento, ou como fontes de construção de imaginários coletivos; penetrando onde a interação pessoal e a influência institucional não alcançavam. Tal influência dos meios emerge “como marca, modelo, matriz, racionalidade produtora e organizadora de sentido” (MATA, 1999, p. 80, 91).

Em pouco mais do que uma década mudaram radicalmente as relações tanto no contexto social quanto no mundo natural, incorporando as experiências sociotécnicas às mediações e interações da experiência individual e coletiva.

O avanço acelerado das transformações tecnológicas fez com que a mídia passasse a funcionar como um novo ambiente de informação e comunicação. Tal ambiente é indutor de um conceito de comunicação, no qual os meios - com suas tecnologias e linguagens-, são forças que instituem e fazem funcionar um novo tipo de real em que as bases das interações sociais se estabelecem por ligações sociotécnicas (FAUSTO NETO, 2005) e não apenas por meio de laços sociais. Ou ainda, como situa Rodrigues:

“A percepção que temos hoje do mundo tornou-se dependente de complexos e permanentes dispositivos de mediatização que marcam o

ritmo da nossa vida cotidiana, sobrepondo-se cada vez mais não à nossa percepção imediata do mundo, mas também aos ritmos do funcionamento das instituições que formam os quadros da nossa experiência individual e coletiva” (Rodrigues, 1999. p. 169.).

Nessa nova ambiência, utilizando a expressão de Gomes (2004), a complexa e larga transformação das tecnologias de produção, circulação e recepção dos meios afetaram e transformaram também “os modos de fazer” e os “modos de dizer” (CERTEAU, 2012) dos meios tradicionais que se baseavam na verticalidade dos processos comunicacionais. Nela, as relações sociais passam a ser regidas por protocolos que se apoiam na lógica da mídia, sendo que tais protocolos, ao mesmo tempo em que regulam, emprestam materialidade a um novo espaço social de interação. Os processos de midiaticização atravessam todas as esferas do social: as formas de representação, as práticas religiosas, o sistema de aprendizagem, os modelos de consumo e as formas de utilização dos espaços. A instância midiática - potencializada de modo acelerado e intenso pelo avanço e o acoplamento das várias tecnologias, especialmente dos meios eletrônicos -, gera uma transformação multidimensional que afeta textos, práticas e relações sociais e emerge enquanto processo interacional de referência (BRAGA, 2006a). Isto é, passa a atuar como referente dos modos diversificados que a sociedade aciona para poder interagir.

As mídias nesse contexto, por conta de sua própria autonomia operacional, marcada por leis e regras próprias, estruturam práticas e rotinas que visam regular as construções de outros sistemas, que passam a ser organizados segundo as leis próprias do midiático. Desse modo, a instância midiática torna-se cada vez mais autorreferencial e seus dispositivos de produção operam na cristalização progressiva da sua autonomia, à revelia de outros ambientes ou campos. Ao mesmo tempo, os processos instaurados passam a afetar a constituição da própria instância midiática, gerando novos modos de interação.

Considera-se que cada campo social detém uma lógica própria e pode impô-la a outros elementos que o atravesse. No entanto, para que esse atravessamento ocorra são necessárias habilidades para a mobilização interacional que definem uma mediação específica capaz de gerar vínculos. E ela se dá por operações e estratégias que se valem das mediações. Ora, o espaço social remete a uma teia de interações, potencializada por seus agentes, e na qual figuram interesses múltiplos e significativos. Assim, no processo interacional em que os vínculos remetem a articulações e deslocamentos capazes de definir um espaço específico de ocorrência de ações, a sociedade, as instituições, os grupos e indivíduos ‘aprendem’ de forma difusa, e estabelecem ‘desvios’ no modo de apropriação interpretativa dos sentidos colocados

em circulação, gerando ações e circuitos outros não previstos². Tais ações de apropriação localizam espaços de manifestação nos ambientes midiáticos, produzindo novas ações e modificando os protocolos de circulação inscritos na mídia. Tal processualidade interacional tensiona não apenas o campo social de onde parte, mas afeta as instâncias e as lógicas midiáticas que são reinventadas e passam a coexistir com as lógicas emanadas de outros campos.

Concordando com Braga (2011a), as mudanças decorrentes destes processos de interação midiática modificam continuamente o perfil, os sentidos e os modos de operar dos campos sociais, suas formas de interação entre eles e a sociedade. No momento em que são organizados novos processos interacionais, os antigos vínculos pessoais e comunitários são reconfigurados, emergem novos espaços de interação, saberes e práticas são deslocados de seus lugares canônicos, colocando em circulação, de modo experimental, sentidos outros que alteram os modos de ação dos campos sociais e as operações entre eles.

Atualmente, a mediação das interações – sejam elas interpessoais ou com a sociedade – se refletem em circuitos comunicacionais que atravessam os campos sociais, intensificando a circulação simbólica e gerando afetações que atingem as matrizes socialmente por eles produzidas. E isso se dá através de múltiplos componentes que podem ser observados a partir do que Braga (2011a) denomina de “dispositivos interacionais” e referem aos modos de interagir que a sociedade experimenta historicamente em cada momento ou processo social. É dizer de um sistema de relações operando entre os distintos componentes do processo, que se articulam com base em padrões já existentes para que a interação ocorra (BRAGA, 2012).

À medida que tais dispositivos são “modulados pelos contextos e processos institucionais específicos em cujo ambiente ou referência se desenvolvem” (BRAGA, id, p.06), comportam e dispõem sobre um conjunto de regras, determinações, regularidades que marcam discursividades em uma determinada matriz social, preparam níveis de circulação, lógicas de negociações e modos de inserção dos atores sociais, “modelizando”³ o funcionamento do comunicacional. As diferenças e as defasagens processuais, não apenas fazem o circuito funcionar, como apontam as especificidades do processo comunicativo. Pode-se dizer, portanto, que a mediação implica uma aprendizagem social manifestada na

²O sentido de aprendizagem aqui leva em consideração que a relacionada aos processos midiáticos é ampla e complexa. Braga e Calazans referem a uma duplicação dos demais processos de aprendizagem já estabelecidos. Acredita-se que em processos de interação mediática a aprendizagem social não só se potencializa, como são geradas novas formas de apreensão e intervenção na realidade.

³ Aspas no original do autor.

recepção ativa que estabelece preferências e faz interpretações “pelas mediações socioculturais em que o usuário permeia” (BRAGA, 2007:06). Com base nestas experiências consideradas num nível cumulativo, são desenvolvidas competências, particularmente por processos de socialização, “fazendo com que as interações de usuários (recepção) já resultem em aprendizagem” (BRAGA, id).⁴

O que se produz na recepção circula socialmente, num sistema interacional de respostas (BRAGA, 2006b) que atua sobre a mídia também na forma de produtos midiáticos. Resta saber aí como as dinâmicas sociais acionam elementos pedagógicos sobre a própria mídia. Em outras palavras, do ponto de vista da pesquisa em comunicação, buscar compreender tal fenômeno significa entender a mídia a partir da própria mídia, uma vez que toda a mídia é interacional.

Tal conjunto de reflexões foi se delineando ao longo do curso de doutoramento em decorrência de questionamentos provocados por debates e problematizações em sala de aula. Discorria-se então, sobre como a rapidez com que os processos tecnológicos se instauram no âmbito social tem mudado não só a natureza dos meios, mas também os processos de interação e os modos de produção de sentidos. E em como, nessas dinâmicas e complexas configurações, porém, não neutras, as operações da mídia, dos aparatos audiovisuais e os eventos comunicativos provocam efeitos de realidade capazes de gerar materialidades. Não há comunicação isenta de um processo simbólico de trocas, como bem afirmam Mattos e Villaça (2012).

No caso estudado, tais efeitos de realidade, ainda que plurais e polifônicos, mereciam uma atenção mais apurada não apenas diante das contradições que sinalizam a possibilidade de esvaziamento das lutas simbólicas e das instâncias de enunciação dos projetos sócio históricos dos grupos periféricos, mas também pelas múltiplas afetações que ocorrem em todos os campos sociais e na própria pesquisa da comunicação.

Este contexto reflexivo instigou, ainda que de modo inicial e indicial, a percepção acerca dos processos desencadeados pela operacionalidade do Canal Futura enquanto instância midiática, bem como o seu modelo de sustentabilidade e empregabilidade, sinalizando a representação de algo original no âmbito da mídia e, em particular, da mídia televisiva.

⁴ Braga (2007) faz a distinção entre “processos educacionais” e “aprendizagem social”. Nos primeiros, a intencionalidade é a formação. Os procedimentos, portanto, são planejados, são selecionadas as competências previstas e a função de ensino ganha algum destaque. Já a aprendizagem social remete àquilo que a sociedade aprende por meio “dos próprios processos práticos, ativos, tentativos, de política do cotidiano (individual ou grupal) de enfrentamento dos desafios e dificuldades que concretamente se põem no cotidiano” (BRAGA, id:05).

Tal cenário mostrou-se inquietante e merecedor de uma investigação aprofundada, também porque ocorria simultaneamente à discussão sobre a TV Pública no país, na qual perpassava a proposta de construção de um projeto único de televisão, capaz de fomentar a produção nacional, avaliar conteúdos, garantir a difusão na perspectiva da inclusão social e da democratização da comunicação. E nessa direção, o CF emerge, se enunciando como “*um projeto social de comunicação de iniciativa privada de caráter público. Um canal que se constrói em parcerias*”. (CF)

Apreender tal dimensão evidenciou que poucos estudos têm refletido sobre o funcionamento e a operacionalidade do televisivo num contexto de midiatização, como apontaram Braga (2006) e, posteriormente, Borelli (2007) e Gomes (2007) em seus trabalhos de tese⁵. E ainda que se considere a tendência recente das análises sobre a atual fragmentação dos sistemas televisivos, pensa-se com Machado (2000, p.19) que “para falar de televisão, é preciso definir o corpus, ou seja, o conjunto de experiências que definem o que estamos justamente chamando de televisão”. Nessa direção, a televisão, no contexto de uma sociedade que se midiatiza aceleradamente, é mais do que uma estrutura e aparato tecnológico em franco processo de ressignificação do seu papel e lugar. Ela continua a se estender no social como produtora de sentidos múltiplos e realidades simbólicas, porque se antes o seu poder de tele transmissão permeava os mais remotos recônditos, agora tal penetração é potencializada pela Internet e por novos formatos.

O contexto atual da televisão tem evidenciado as novas formas com que as audiências se relacionam e vinculam com a produção televisiva, consumida em novos aparatos tecnológicos como telas de computadores ligados à internet, nos dispositivos móveis como os celulares, *ipads, iphones e tablets*. Tal fenômeno implica também o deslocamento do sentido de audiência. Os processos interativos possibilitados pelos novos recursos remetem a participantes diretamente ativos, protagônicos e, não raro, co-planejadores de lógicas do processo de interação.

Assim, envolta em adaptações que asseguram a sua sobrevivência enquanto tal, a gramática discursiva da televisão continua capaz de gerar pautas, projetos, intenção, desejos, negociações ao mesmo tempo em que atravessa toda a extensão da sociedade na qual ela está inserida, produzindo zonas de afetações em vários níveis da organização e da própria dinâmica social, como afirma Fausto Neto (2008a).

⁵Recentemente inclui-se nessa perspectiva de pesquisa, a tese de Eloisa Klein que analisa circuitos comunicacionais ativados pela autorreferência do programa Profissão Repórter.

Tal percepção, inicialmente apresentada como projeto de tese por ocasião da seleção ao doutorado, aguçou-se no decorrer do curso, estimulada pelas reflexões desenvolvidas nos seminários disciplinares do programa. Debatia-se em torno das interações que se estabelecem na e com a mídia; sobre a produção de sentidos num ambiente marcado pelos processos de midiaticização; dos novos rumos da circulação e dos próprios caminhos da pesquisa em comunicação, uma vez que o campo, em constituição, ainda não possui critérios específicos que definam um aporte teórico rigoroso *a priori* para as análises (BRAGA, 2008; FRANÇA, 2001).

No decorrer do curso, e já visualizando um horizonte de pesquisa, a proximidade com a equipe de articulação e mobilização comunitária do Canal Futura no Rio Grande do Sul permitiu constatar um modo de produção televisiva descentralizado, inédito em se falando do modelo tradicional da televisão aberta brasileira, e que ampliava o campo de suas práticas na horizontalidade do social. Tais operações suscitavam distintos modos de interação com os espaços tradicionalmente comunitários, sinalizando novos sentidos à noção do social e aos modos de circulação dos conteúdos audiovisuais através de ações que, não raras vezes, assumiam um caráter educativo.

Em tal contexto de contatos, a observação das práticas tecnodiscursivas do Canal Futura e das suas repercussões no campo social indicavam uma possível ruptura da centralidade/unidirecionalidade da palavra que tem caracterizado a função televisiva até os dias atuais. E, ainda, que ao operar no espaço social o canal ia além da sua função de suporte televisivo ao se propor e executar ações de mobilização comunitária, apropriando-se de uma dinâmica de outro campo que não o televisivo, e interagindo com ele, ora de forma tensional, ora de forma colaborativa.

Dessa forma, o canal parecia romper com o modelo televisivo generalista, ao mesmo tempo em que sua gramática discursiva se caracterizava por uma forte autorreferencialidade. O CF enuncia ser um canal educativo que atua para a transformação social e o protagonismo dos grupos periféricos. E, de fato, sua atuação para além da atividade televisiva tal como tradicionalmente é conhecida, se volta para operações junto à horizontalidade do social naquilo que ele denomina de “audiência dirigida” através do trabalho das suas equipes de articulação e mobilização comunitária. Assim, ao instituir essa instância de mediação – os mobilizadores -, o canal sinaliza novos cenários marcados por processos que envolvem estratégias e ações comunicativas de outros campos que não o da grande mídia.

Verificou-se também nesse cenário, que o processo desencadeado pelas práticas midiáticas sofria afetações advindas dos distintos grupos com os quais o canal se

interrelacionava, adaptando pautas e produtos, revendo modos de avaliação. E isto evidenciava, ainda que de forma indícial, a constituição de uma experiência singular inserida no cenário complexo das dinâmicas relacionais entre mídia e sociedade, capaz de fornecer elementos para a problematização dos fenômenos comunicacionais decorrentes do processo de midiaticização.

O aprofundamento de tais reflexões, bem como os estudos bibliográficos empreendidos, permitiu que se delineasse, gradativamente, o objeto na sua multidimensionalidade, buscando pré-organizar o lugar de observação e os observáveis da pesquisa. Colocava-se como exigência, compreender o que se materializava enquanto operações que integram o fazer midiático do Canal Futura, num universo de práticas sociais comunitárias, com qual finalidade explicitada e com quais resultados alcançados.

O início dos estudos em torno do objeto permitiu constatar que quando o Canal Futura reformulou seu foco de atuação no ano de 2007, anunciou também a centralidade da articulação e mobilização comunitária para a mediação com o social em sua horizontalidade. Tal reformulação implicou mudanças em suas estratégias operacionais, tanto no tocante ao modo de produção, quanto às formas de fazer circular a programação e os demais conteúdos do canal.

Percebeu-se que ao implementar essa nova filosofia e modo de gestão, o CF deslocou lugares e sentidos cristalizados na cultura profissional da televisão e instaurou outra lógica, até então inédita, ao integrar profissionais e não profissionais da mídia, passando a incluir militantes, membros dos grupos comunitários, estudantes, mobilizadores sociais e especialistas em ações comunitárias nos seus processos produtivos. Tal deslocamento atingiu outras instâncias do canal no seu modo de operar, justificando suas estratégias de atuação dentro da perspectiva de que não se produz *sobre* ou *para* segmentos sociais, mas *com* eles.⁶

O Canal enunciava assim, ter alterado o seu enfoque, passando a considerar nos ambientes comunitários aquilo que denomina de uma “rede social de fornecedores que (...) ajuda a discutir, criar, produzir e avaliar diferentes programas” (FRM, 2008:157).

Tal ênfase na atuação junto às comunidades sinaliza também um movimento em busca de protagonismos e, para tanto, o canal acelerou as atividades de formação para o uso do audiovisual. Desde então, o CF vem preparando o usuário/receptor do canal não apenas para construir uma audiência dirigida, mas o ambientando nos modos de produção da televisão, visando que se torne competente para desenvolver produtos de natureza audiovisuais. Nesse

⁶ Site do Canal Futura. www.futura.org.br. Acessado em 21/3/2010. Grifos meus.

movimento faz migrar para o ambiente televisivo, realidades e interesses distintos dos modos tradicionais de fazer e de experimentar a televisão.

Em tal contexto, a emergência de projetos diversos exige a preparação de novas ações de recepção, uso e avaliação de programas e de novas metodologias, incorporando a proposição/produção de conteúdos/pautas que tais usuários podem levar (e realmente levam) ao Canal Futura, afetando também a sua forma de fazer jornalismo.

A instância institucional do setor de mobilização e articulação comunitária do CF tornou-se a encarregada da atuação e do fortalecimento de *redes*⁷, do mapeamento de parceiros potenciais, da identificação e acompanhamento de temas e das agendas das organizações da sociedade civil brasileira, com o monitoramento dos espaços de participação, discussão e formulação de políticas das organizações sociais⁸. Para tanto, os agentes da mobilização comunitária utilizam metodologias tais como seminários, workshops, grupos focais, observação participante, reuniões sistemáticas com os parceiros, além de consultas aos especialistas, principalmente da área educacional, e de dinâmicas de avaliação nos distintos espaços de atuação.

É nestes níveis de práticas que se percebe o esforço do CF no sentido de instituir espaços articulados de aprendizagem e socialização por meio de estratégias pouco comuns quando se trata do televisivo tal como é conhecido e estudado. Tais ações envolvem a processualidade de produção de uma TV Educativa, como é a condição do Canal Futura, e também revelam a interface “delicada”⁹ entre a comunicação e a educação, na medida em que implicam processos e lógicos completamente distintos afetados pela via da midiatização.

Mesmo que tais operações, do ponto de vista do canal, visem chamar a atenção para a estruturação de uma comunidade midiática cujas características - dado o que envolve a sua constituição -, mereçam um olhar mais atento, é necessário pontuar que num cenário de midiatização, tais operações são afetadas pelas dinâmicas e pelos interesses dos grupos com os quais o CF interage como já referido.

De um lado estão os parceiros institucionais do CF que garantem sua sustentabilidade¹⁰ e asseguram o seu modelo singular de televisão – “um projeto social de

⁷O sentido de rede empregado pelo CF remete à possibilidade de articulação e mobilização na horizontalidade do social. Grifo meu.

⁸Documentos públicos do CF.

⁹Toma-se a expressão utilizada por Braga & Calazans (2001) ao abordarem o desafio da interface entre comunicação e educação. Para os autores, a interface é um espaço de fronteira e atravessamento de um campo pelo outro, onde “*os campos trazem suas especificidades para um objeto de interesse comum*”.

¹⁰O Canal Futura tem um modelo singular de sustentabilidade que se dá pela parceria com o setor privado. Tal questão será descrita adiante.

comunicação, da iniciativa privada e de interesse público”¹¹. Do outro lado, os grupos comunitários para os quais ele se volta em suas propostas de mobilização e “transformação do social”¹². Todos possuem sistemáticas próprias de representação que não são abandonadas face às demandas acionadas pelas lógicas midiáticas.

Ao seu modo, cada um deles atua, atravessando as lógicas das operações do CF, e demarcam seu território em espaços de negociação e tensões. Trata-se, portanto, de um contexto de natureza interacional e de interfaces bastante complexo, lugar de ocorrência de comunicação.

Diante disso, manter o foco apenas no CF enquanto um aparato midiático que opera a constituição de uma comunidade midiática significaria o risco de cair em uma visão unilateral e restritiva da mídia enquanto instauradora e controladora dos processos comunicacionais. Na perspectiva interacional, conforme aqui é entendida, há uma continuidade entre os processos comunicacionais desencadeados pela midiaticização e aqueles distantes do midiaticizado e que estão inscritos no fluxo comunicacional. (BRAGA, 2011b).

Nessa perspectiva, direciona-se o olhar da pesquisa não apenas para a produção midiática a partir do seu posicionamento e estratégias, como também se amplia a lente para as práticas sociais dos grupos comunitários, atentando para o movimento social dos sentidos que se constrói nessas interações. Pensa-se ser necessário levar em conta, temáticas importantes que estão situadas externamente ao midiático e diferidas no tempo e no espaço.

Assim, busca-se pensar o objeto investigado no quadro das interações comunicativas estabelecidas entre os agentes participantes no cotidiano das práticas sociais e midiáticas, visualizando aí o desenvolvimento específico de um sistema de relações. Em tal contexto de práticas interacionais, procura-se compreender como as afetações da mídia se *constroem* e não somente como se *manifestam* nas dinâmicas sociais, porque mesmo que se considere a midiaticização um processo de referência, isto não significa ignorar os demais processos de interação existentes ou afirmar a substituição de uma forma por outra.

No caso analisado, o foco não se dá apenas na classificação de estruturas e processos, mais sim nas relações que tais processos organizam na sua singularidade. Ou seja, pensa-se a partir da interação e de seus processos reguladores das situações de comunicação que ocorrem entre os diferentes agentes, uma vez que o objeto passa a incluir tanto a mídia quanto os receptores e suas mediações em formações múltiplas a outras formações.

¹¹<http://www.futura.org.br/o-futura/quem-somos/>

¹² Idem. Grifo meu

Retomando afirmação anterior, o modo de operar com as redes no âmbito social permite reconhecer que a inserção do Canal Futura em esferas diversas, com lógicas e marcas próprias, instaura uma operacionalidade que vai além do televisivo. Através do projeto Maleta Futura, o CF gera ambientes de interação midiaticizada. Ele mobiliza o social ampliando a sua comunidade midiática através de projetos educativos, enquanto parte das atividades sociais que, de modo mais amplo, se propõem trabalhar no enfrentamento de situações lacunares pré-diagnosticadas. Tais lacunas remetem às tematizações sociais e educacionais para as quais o canal direciona as suas ações.

Nesse cenário, a Maleta Futura é apresentada como um produto que reúne um conjunto de elementos que remetem ao universo da educação: livros, artigos de especialistas, textos didáticos, indicações de leituras e filmes, sugestões de atividades e vídeos com filmes, séries de programas, documentários. Seus conteúdos, balizados por especialistas das áreas das propostas temáticas ou da área da educação, sugerem uma opinião especializada, capaz de gerar confiança, fundamental à interação proposta.

O audiovisual, neste caso, emerge como uma ferramenta “pedagógica” exclusiva e atrativamente substancial ao processo de interação mediada a que o CF se propõe através do projeto maleta, e se sobrepõe à tradicional forma de conhecer: a escrita, o livro. Observou-se que, além de ser um *produto*, a maleta é um objeto em circulação, criado já na previsão de circuitos específicos, distintos dos mais habituais a que se remetem os produtos da indústria televisual. E, além disso, enquanto produto agrega em seu percurso processos diferenciados, frequentemente não previstos no momento da produção.

Uma das características dessa ênfase no circuito é o fato de que, como todo o produto serial, a instância produtora se obriga a monitorar a circulação – a geração de processos sociais aderentes e/ou tensionadores, na busca das incidências que possam levar a modificações de futuras edições ou na criação de novos produtos relacionados. E apesar dessa monitoração, os circuitos mantêm sempre certa autonomia no que se refere ao uso, ao desvio, às apropriações segundo lógicas próprias, a reinvenções a partir do produto, quando o fazem seguir adiante.

Considerando-se o cenário das práticas sociais dos grupos comunitários, cabe ponderar que os parceiros comunitários são também agregadores de usuários não mais na condição habitual dos receptores de televisão. Estes se relacionam com os produtos televisivos do CF por práticas e vínculos “individualizados” ou, ainda, em pequenos grupos dispersos em ambientes múltiplos, muitos deles de caráter experimental, acionados pelos próprios parceiros.

No caso em estudo, podem-se constatar, nessa ordem de operações, iniciativas autônomas dos grupos tais como a preparação de sessões para exibições coletivas dos vídeos que compõem os kits das maletas em salas e em outros espaços constituídos especialmente para tal, seguidas de debates sobre os conteúdos disponibilizados. Não raramente, estes mesmos materiais são colocados em circulação por operações outras não previstas pelas metodologias do CF. Tem-se aí a reprodução (ilegal, mas consentida – “o canal finge que não vê”, conforme mencionado por um dos mobilizadores entrevistados) dos vídeos fornecidos pelo CF no momento da entrega das maletas. As cópias são distribuídas entre os parceiros de rede, ou ainda, pelas entidades e organizações em sistemas próprios desenvolvidos para empréstimo com fins de uso coletivo ou individual. Também nesse contexto de ações, de experimentações e de negociações é comum que grupos migrem dos seus papéis habituais para assumirem o papel de produtores midiáticos, colocando em circulação conteúdos próprios.

Logo, nessa ocorrência interacional cujas ações se desdobram para além das anteriormente referidas, é possível perceber um conjunto de regras que remete às lógicas da instituição midiática, e outro conjunto correspondente ao processo de midiatização que extrapola àquelas. Estas envolvem o interesse dos grupos comunitários em suas ações também comunitárias, de usar processos midiatizados ao seu favor. Trata-se de um espaço onde atuam forças que se evidenciam através de estratégias e procedimentos caracterizados não por mediações harmônicas entre processos midiáticos do canal, de um lado, e processos comunitários do outro lado, como se poderia supor numa primeira vista. O que as identifica é o tensionamento provocado pela força das lógicas da midiatização sobre os planos de organização e os processos de interação que remetem à tentativa de preservação das fronteiras específicas de cada uma das partes em interação. Tais fronteiras são marcadas por atravessamentos e negociações distintas e nem sempre explícitas; por tentativas variáveis de preservação de regularidades que permitam o seu reconhecimento enquanto práticas (comunitárias ou midiáticas), e onde o comunicacional assume um protagonismo fundante. Nesse imbricamento de lógicas distintas em fluxo ficam demarcadas as características de um e de outro, e as influências absorvidas ou projetadas entre eles.

Assim, ao identificar e observar o percurso da implementação do Projeto Maleta Futura, pergunta-se: como as ações aí desencadeadas constituem um dispositivo interacional capaz de alterar a própria dinâmica da comunicação e acionar novos circuitos comunicacionais? E considerando a instância midiática, cabe saber em quais processos e lógicas se movem os agentes mediadores, uma vez que as equipes de articulação e

mobilização social do CF são instadas a “falar duas línguas”- a dos grupos sociais em processos comunitários e a da empresa CF?

No tocante aos grupos de atuação comunitária em estudo, saber como, ao estabelecerem diferentes circuitos comunicacionais no uso das Maletas, tais grupos negociam o processo de midiaticização, uma vez imersos em práticas e lógicas distintas? Como funcionam uma vez situados no circuito mais amplo e como suas lógicas incidem sobre os processos produtivos e distributivos da mídia? Como a sua interacionalidade de grupo tensiona o midiático em sua tentativa de apropriação das práticas comunitárias pelo Canal Futura e o que resulta daí? Que novos códigos emergem desse processo interacional e são colocados em circulação? E o que eles viabilizam?

É a esse conjunto de questões que se tenta responder nessa tese. Para tanto se delimitou o campo de observação às operações que marcam o processo de implementação do projeto Maleta Futura, uma das mais bem sucedidas operações do canal de particular interesse da FRM, e que integra as ações de articulação e mobilização comunitária junto às redes constituídas por ONGs, associações e movimentos e coletivos sociais pelo país, como já mencionado.

Nesta tese, a investigação está delimitada a dois grupos que constituem a rede dos parceiros do CF e receberam as maletas, como o caso a ser analisado: o Grupo Ecológico Guardiões da Vida (GEGV) em Passo Fundo, e a Oficina de Vídeo-Oeste (TV OVO) em Santa Maria, ambas no Rio Grande do Sul, cujos modos singulares de atuação tornaram-se modelizadores face ao êxito e resultados obtidos. O histórico destes grupos no contexto dos movimentos sociais de caráter comunitário revela uma peculiar capacidade de articulação e mobilização em rede, com o desenvolvimento de metodologias próprias e inovadoras utilizadas de modo singular no processo de apropriação/redistribuição das Maletas Futura, característica essa que também assegurou a continuidade da parceria com o canal em diferentes projetos e atividades.

O GEGV é uma ONG que se volta às atividades de preservação e educação ambiental na região de Passo Fundo, RS, com ampla articulação regional e nacional e recebeu do canal a Maleta Meio Ambiente. Já a TV OVO é uma associação sem fins lucrativos que atua como Ponto de Cultura e se caracteriza, principalmente, pela formação de jovens através do audiovisual. Ela recebeu a Maleta Toda a Beleza e a Maleta Democracia.

2.2 Aproximações metodológicas

Cabe também dissertar sobre as escolhas teórico-metodológicas utilizadas na construção deste trabalho. Esta investigação, como toda a pesquisa ao se propor resolver um problema específico, exigiu a construção de ambientes de análise também específicos, singulares, a partir da observação sistemática da realidade empírica do objeto e do acionamento do trabalho teórico. Tal posicionamento parece vital, uma vez que o objeto desse estudo está situado em um contexto epistêmico, no qual a metodologia na investigação de fenômenos da midiatização se depara com as dificuldades da pesquisa na área da comunicação, e com o desafio de determinar o objeto comunicacional dentro de patamares e protocolos validados no âmbito da ciência (BRAGA, 2001, 2004, 2011b; FAUSTO NETO, 2001; FRANÇA, 2001, 2003; GOMES, 2010; LOPES, 2003; MALDONADO, 2011). Trata-se de uma lenta construção epistemológica a permitir, hoje, a percepção dos fenômenos midiáticos nos quais “o processo é o objeto” do qual devem emergir as metodologias que permitam a elaboração de esquemas interpretativos para compreensão do momento presente (GOMES, 2010, p.8), levando a pensar que a midiatização, ao afetar de modo complexo e distinto todas as práticas sociais, passa a requerer uma metodologia não linear e atual para a apreensão destes fenômenos, não ignorando as possibilidades combinatórias que caracterizam o contexto da pesquisa em comunicação.

No caso desta investigação, o desafio em análise de um objeto em processualidade, cuja apreensão não pode se limitar aos recursos de apenas uma técnica investigativa; exigiu a busca por recursos metodológicos ágeis e capazes de dar conta de perceber, em tais variações, especificidades que possibilitem tensionar as percepções gerais do objeto e a sua problematização. Braga (2007, p.4) afirma que na busca dos aspectos especificamente comunicacionais dentro de uma variedade dinâmica de fenômenos “não dispomos de uma provisão suficiente de grandes regras básicas próprias ao campo, com formalizações teóricas transversais à generalidade do objeto, nem suficientemente consensuais, que permitam fazer reduções preliminares”.

Assim, o esforço de apreensão do objeto situou a construção deste percurso investigativo no âmbito da pesquisa empírica de abordagem qualitativa. O fato das instâncias formais - etapas de formulação do problema, elaboração/identificação das informações-chaves, coleta de dados e análise -, não ocorrerem de modo linear nesse tipo de pesquisa, como afirma Becker (1993) é o que possibilita ao pesquisador a inserção no contexto do objeto, visando apreender a sua singularidade. E também por remeter a inúmeros registros de

natureza qualitativa que são fontes de descrições ricas e densas - como é o caso do objeto investigado-, permitindo preservar fluxos, identificar achados inesperados e rever modelos conceituais.

Na pesquisa qualitativa, segundo Becker (1993) o processo de compreensão e descrição do objeto exige do pesquisador uma postura aberta diante da possibilidade de reconsiderar e, até mesmo, reformular suas premissas face ao que possa encontrar durante o desenvolvimento da investigação. E também, o fato de ver no seu objeto algo até então não detectado, inédito, evidencia que o método escolhido é defensável do ponto de vista científico. Imerso em tal cenário, o pesquisador “não somente pode como deve improvisar as soluções que funcionam onde ele está e resolve os problemas que ele quer resolver”. (BECKER, id, p.13) É a estratégia, portanto, que no seu próprio movimento sinaliza os recursos metodológicos de enfrentamento do problema.

Nesta perspectiva é que o desenho dessa pesquisa se deu pelo estudo de caso, observando as características do estudo etnográfico também como balizadoras das opções metodológicas. Isto porque ambos, do ponto de vista metodológico, fazem utilização sistemática de várias fontes de dados, buscando entender a unidade individual em análise na relação com o contexto e os múltiplos fatores que atuam na sua constituição. Combinar tais procedimentos metodológicos vem tornando possível chegar a uma compreensão mais abrangente dos processos em estudo. Ela permite a descrição dos modos de operar de cada parte e a verificação do que resulta dessa interação. Assim, foi possível ir a campo observar e fazer o delineamento tanto dos grupos comunitários no tocante aos seus perfis, atividades, modos de gestão, modos de interagir, fazer escuta junto aos seus integrantes, mover-se entre o dito e o não dito, descrever movimentos e identificar as regularidades comunicativas; quanto das dinâmicas internas que movem a instância midiática em particular, as equipes de articulação e mobilização.

Essa posição encontra apoio em Silverstone (2002, p.130) que defende o aporte etnográfico como necessário porque permite ver “o processo e suas dinâmicas; indivíduos, em suas relações com a mídia, se transformando nos espaços sociais e, também, os espaços sociais se modificando”. Ele não descarta os níveis insatisfatórios das descrições nas pesquisas do campo e as fragilidades no manejo do método no campo da comunicação problematizada também por outros autores como Immacolata Lopes (1995) e Escosteguy (1997). Não só eles. Na sua concepção clássica, a pesquisa etnográfica implica a descrição detalhada de situações específicas e dos contextos nos quais elas transcorrem, tratando-se, portanto, de um modelo de investigação no qual o pesquisador lida com uma ampla gama de

dados. Enquanto parte da pesquisa qualitativa, sofre críticas semelhantes às efetivadas ao estudo de caso, sendo o principal problema apontado, também, o da sua validade externa, isto é, a dificuldade de generalização dos resultados de uma investigação feita sobre uma situação em um contexto específico. E ainda, problemas quanto à sua validade interna, uma vez que se trata de uma pesquisa de natureza interpretativa, cujos dados são muitas vezes subjetivos e impressionistas. No entanto, sem entrar no detalhamento desta discussão epistemológica de campo, encontra-se em André (2005) a defesa de que uma das estratégias metodológicas da pesquisa etnográfica é uma descrição densa caracterizada pelo detalhamento de todos os fatores contextuais e eventos que podem ser compreendidos como influenciadores dos fenômenos. Ela assegura ao pesquisador uma base de informações suficientes para que a comparação e transferência das análises e conclusões da pesquisa possam ser realizadas em novos contextos.

Feitas tais considerações, entende-se que os estudos de caso enquanto etapa de um processo de combinação de metodologias que permite objetivar a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do objeto investigado, orientando os movimentos estratégicos da pesquisa e permitindo uma inquirição empírica dentro de um contexto de vida real (YIN, 2010), não exclui necessariamente a etnografia. Adotou-se tal combinação de métodos tendo claro que a noção de proposições de estudo formuladas *a priori*, segundo Yin (id), discorda da noção clássica de pesquisa etnográfica que não seria orientada por perguntas específicas ou formulações teóricas prévias. A perspectiva da etnografia contemporânea sempre parte ou de algum questionamento, ou de uma teoria norteadora, ainda que se mantenha a possibilidade de que as hipóteses e as perguntas de pesquisa possam ser reformuladas, reconstruídas ou totalmente alteradas durante o próprio processo da pesquisa (SILVERMAN, 2009).

Nessa combinação, leva-se em conta outra vantagem do estudo de caso apontada por autores como Becker (1993), Yin (id), Braga (2008). Trata-se da tentativa de chegar a uma compreensão abrangente do estudo, ao mesmo tempo em que busca formular considerações teóricas gerais sobre as regularidades do processo.

Desse modo, pensa-se que essa opção metodológica permite atender a complexidade e multidimensionalidade dos fatores que constituem os circuitos comunicacionais e o dispositivo interacional em análise. Acredita-se que o conjunto de instrumentos característicos e acionados nesse tipo de pesquisa torna possível uma melhor compreensão do caso investigado. Eles dão conta de como os processos de mediação afetam os processos internos ao comunitário – fala-se dos modos de gestão, das relações interpessoais, dos modos

de fazer – e ao midiático em sua operacionalidade tecnodiscursiva, permitindo verificar o que aí é produzido como inovações sociais de aprendizagem e sociabilidade.

Ao optar por um estudo de caso nesta pesquisa, busca-se construir um mapeamento analítico da experiência já situada, que se dá entre o Canal Futura na sua proposta de mobilização e transformação social e os grupos comunitários em interação com ele, na implementação do projeto Maleta Futura.

Assim, na condição de observadora, ‘mergulhou-se’ em uma complexa processualidade na qual algumas operações foram mais fáceis de recuperar, enquanto outras, como as de descrição e análise do funcionamento das estratégias de um novo dispositivo interacional e dos circuitos que constituem a especificidade do objeto, exigiram observar a celeridade de mudanças que ocorrem nos processos internos do CF. E que tal fenômeno remete a um objeto em movimento contínuo, cuja apreensão é tensionada constantemente por inovações e trocas de rumo, como mencionado anteriormente. Isto implicou, por vezes, no alargamento da reflexão sobre formas, procedimentos, usos, interesses, relações entre pessoas, grupos e o midiático.

Tais marcas permearam o percurso do trabalho, ainda que se tenha constituído reflexões prévias sobre a circunscrição das análises. Assim, na tentativa de tornar claro o entendimento do percurso não linear desta pesquisa, situa-se a seguir, as pré-observações com base nos movimentos de pesquisa efetuados.

2.3 Em torno dos observáveis

a) Dos indícios à busca da documentação

O primeiro momento deste trabalho foi marcado pelo trabalho exploratório, frente a uma grande “oferta” de pistas que indicam o contexto do objeto evidenciando a necessidade de selecionar aquelas que efetivamente contribuiriam para a reflexão no trabalho investigativo, e uma vez que a pesquisadora movia-se entre distintos ambientes: de um lado o CF com a sua força de estrutura institucional e, de outro, os grupos comunitários envolvidos em procedimentos interacionais com a mídia, e onde o não midiático também tem uma força institucionalizadora.

Em tal cenário, um dos procedimentos iniciais de pesquisa foi buscar lançar questões que permitissem avançar na observação de fatos sócio/históricos que compõem o universo do objeto de estudo. E a percepção do campo em que o objeto se insere exigia, primeiramente,

que se localizassem as fontes disponíveis. Diante da diversidade destas, tomaram-se como base referências informativas sobre as mesmas: a sua natureza, as redes disponíveis, a produção editorial e a pesquisa acadêmica no contexto dos programas de pós-graduação e de estudos na área da comunicação, os contextos das práticas. Uma vez delineadas, foi possível dar início ao trabalho de levantamento dos dados que tornasse possível entender e abordar os aspectos contextuais que envolvem tanto o Canal Futura enquanto aparato midiático, quanto os grupos de práticas comunitárias, e que permitisse, posteriormente, verificar analiticamente sua gênese e as estratégias operacionais de ambos.

Nessa direção, a pesquisa bibliográfica conduziu ao levantamento das produções e publicações acerca do Canal Futura, bem como dos produtos editoriais sob sua responsabilidade. Ela é uma constante em todos os momentos deste trabalho, uma vez que se trata de um movimento contínuo no exercício de reflexões em torno do eixo teórico que dá sustentação ao trabalho analítico desta tese. Ainda assim, cabe ressaltar ter-se claro que o conjunto de registros escritos sobre o canal é mais amplo, heterogêneo e sistematizado, em comparação aos dos grupos comunitários estudados. Dessa maneira, tal movimento de pesquisa consistiu, primeiramente, no mapeamento das teses, dissertações e artigos produzidos em diversos contextos e que tinham como objeto o CF em suas múltiplas dimensões. Parte destes trabalhos está no banco de dados do próprio canal, enquanto outros foram localizados em bancos de teses e dissertações acessadas pelos motores de busca em centros de documentação e nos programas de pós-graduação das IES. Tem-se aí o banco de teses da CAPES, a Biblioteca Digital do IBICT, o Banco de Dados Bibliográficos da USP, bem como de outras universidades que disponibilizam suas teses: Unicamp, Unisinos, UFMG, UFRGS, UFRJ.

O conjunto de pesquisas em torno do Canal Futura e do seu contexto reuniu 53 dissertações e seis teses, cuja diversidade permite constatar percursos diversos de pesquisa em torno do canal como objeto de mídia. Isto parece reafirmar um problema já levantado por França (2001) na discussão acerca da constituição do campo da comunicação. Para ela, elencar a mídia como objeto próprio do campo, é tomar um tema muito amplo que pode ser tratado por qualquer área que dele se aproxime para responder perguntas pertinentes ao seu próprio campo de conhecimento. Aqui não se trata de entrar na discussão epistemológica da constituição do campo, mas sim constatar através do mapeamento realizado, haver investigação sobre as operações do Canal Futura como objeto de estudo em distintas e múltiplas áreas do conhecimento, sendo que parte desses trabalhos se encontra na fronteira entre distintos campos.

Procurou-se manter um olhar aberto sobre o conjunto de tal produção, tendo em vista que em outros contextos da pesquisa acadêmica, os processos investigados possam ser designados, conceitualmente, de modo distinto conforme o quadro teórico acionado. Buscou-se sistematizar as produções elencando-as por área, natureza da pesquisa, temática, período e palavras-chaves com a finalidade de ter uma visualização clara do cenário e da tendência nos estudos localizados. Tinha-se em vista, claro, considerar aí: a) período estudado; b) indicadores sobre o fenômeno da midiaticização; c) análises de lógicas e operações de mídias; d) processualidades interacionais entre mídia e organizações sociais; e) interface comunicação/educação.

Um primeiro tratamento analítico evidenciou que tais estudos se concentram massivamente no campo da Educação, com forte ênfase nos processos de ensino-aprendizagem e nas experiências com o ensino do telecurso e com as telessalas, que caracterizam também o período inicial do CF evidenciando que não se distingue, com clareza, as atividades do canal das atividades da Fundação Roberto Marinho. Foram localizadas quatro teses e 20 dissertações na área da Educação entre 1999 e 2010. Nesse campo, a tematização das pesquisas gira, predominantemente, em torno do televisivo enquanto recurso audiovisual de ensino, e envolve estudos sobre a educação de jovens e adultos, educação à distância, educação ambiental, educação não formal, uso de recursos audiovisuais, ensino audiovisual, avaliação da aprendizagem, televisão na educação, efeitos e usos das novas tecnologias, educação em ciência, discurso da mídia educativa, formação de professores, linguagem e leitura de imagem.

Já no campo da Comunicação as investigações se deslocam do objeto midiático para os seus produtos e processos comunicativos. O foco de tais pesquisas se concentra na recepção, nos gêneros televisivos, na análise do discurso e, ainda, nos estudos do jornalismo. As tematizações remetem à recepção teleducativa, discurso da televisão, à produção de sentidos e à divulgação científica. Na área da Comunicação foram localizadas duas teses e 14 dissertações, entre 1999 e 2009.

Considerando-se a perspectiva adotada nesse trabalho investigativo, constatou-se que parte expressiva dos trabalhos analisados não se detém na preocupação epistêmica com o campo, muito menos em explicitar, diferenciar ou mesmo refinar abordagens que tratem dos processos emergentes de interação social decorrentes da midiaticização. Nenhum dos estudos analisados, em particular, converge com a perspectiva desenvolvida nessa investigação. No entanto, nesse universo mapeado onde poucos trabalhos assumem estar na interface comunicação/educação, buscou-se focar naqueles que se voltam aos aspectos da mediação e

da recepção enquanto abordagem metodológica. É o caso da tese de doutorado de João Tadeu Weck (UFRN, 2006) que analisa a teleducação e a constituição da recepção organizada a partir de programas da série Nota 10, do Canal Futura. Nessa mesma linha situa-se a tese de Ernani Almeida Ferraz (UFRJ, 2001) que investiga os efeitos do programa de ensino Telecurso 2000, da Fundação Roberto Marinho, junto a trabalhadores de uma pequena comunidade de Minas, a partir de sua recepção organizada. Já entre as dissertações de mestrado, localizou-se a de Patrícia T. Claro (UNESP, 2005) que investiga a relação entre os dois campos, com base na formação básica do trabalhador mediada por tecnologias, a partir da análise do processo de gestão da comunicação midiática em telessalas de uma escola pública estadual do município de Bauru (SP), que utilizam a metodologia de ensino do Telecurso 2000. E, ainda, a de Roberta Meyer Miranda (FURB, 2007) que analisa as notícias sobre educação, veiculadas no noticiário do Jornal Futura que vai ao ar de segunda a sexta-feira, no CF. Esse estudo busca identificar o tratamento da notícia sobre educação no Canal e também as visões difundidas por ele aos telespectadores.

Outras pesquisas que se situariam nessa interface são desenvolvidas em programas de pós-graduação em outras áreas. É o caso da dissertação de mestrado de Cristiane Leite Pereira (2010) desenvolvida no programa de pós-graduação em Desenvolvimento Sustentável no Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS) da UNB, e que analisa as vertentes de Educação Ambiental difundidas por três telejornais especializados na cobertura de temáticas ambientais: Cidades e Soluções, Repórter Eco e Globo Ecologia. Ou ainda, a dissertação de Mary Land de Brito Silva (2009) no Programa de Pós-graduação em Mídias da Unicamp. Esse estudo analisa os empregos das novas tecnologias do audiovisual através do projeto “Revelando os Brasis”, que se volta à formação e inclusão audiovisuais de moradores de pequenas cidades, e resulta de uma parceria entre o Ministério da Cultura, a Petrobrás, o Canal Futura e o Instituto Marlin Azul.

Paralelamente a este mapeamento de estudos pontuais, foram também reunidos documentos públicos do Canal Futura, parte deles editado no formato de publicações e parte deles cedidos à pesquisadora. Eles se traduzem em produtos diversos, muitos deles sistematizados e editados pelo próprio canal através da Fundação Roberto Marinho, referidos na bibliografia ao final desta tese. Trabalha-se aqui com documentos utilizados em reuniões de trabalho da mobilização, tais como slides, orientações, relatórios de avaliação, o que permite situar as dinâmicas operacionais do CF no trabalho interno com as equipes e no trabalho externo nos territórios, verificar a análise dos modelos de avaliação adotados pelo CF, bem como o seu modo de monitorar as operações executadas. Incluem-se os conteúdos

das maletas, cujos produtos remetem às produções que evidenciam as parcerias desenvolvidas, tanto entre os agentes curadores quanto os agentes comunitários. Trata-se da produção editorial traduzida em livros, sinopse de vídeos com os DVDs temáticos, materiais institucionais como folders, cartilhas e cadernos didáticos.

Entre os documentos do canal, constam ainda publicações de contato com seu público, tais como os anuários do CF – analisaram-se as edições relativas ao período de 2007 a 2011 -, o almanaque das redes sociais, livros de edições comemorativas, os guias da programação, além de materiais diversos de publicidade institucional. Parte desses documentos foi acessada em visitas à sede do CF, no RJ, e nos contatos subsequentes com as equipes do canal, tanto presencialmente quanto por email ou *skype*, cabendo registrar a disponibilidade dos mesmos em dispor informações à pesquisa.

Outra fonte permanente de consulta é o site do CF, tendo em vista que além de suporte aos conteúdos, ele é atualizado ou modificado com certa frequência, evidenciando os movimentos do canal.

Esse conjunto de dados permitiu uma leitura contextualizada do canal, a identificação dos seus movimentos internos e externos, bem como o acesso às suas estratégias tecnomidiáticas situadas na interface entre a comunicação e a educação. Tal leitura é complementada por registros de caráter etnográfico que o trabalho junto ao universo físico do CF possibilitou como se verá a seguir.

Naturalmente, o movimento de busca de documentação escrita não está restrito ao âmbito midiático. Ele suscitou a procura de dados junto dos demais componentes do objeto. Assim, a partir dos contatos com os agentes do campo comunitário, deu-se início à busca da documentação existente sobre os processos e práticas dos agentes que atuam nesse campo. E nesse movimento a pesquisadora se deparou com uma característica presente nos grupos de práticas sociais comunitárias: a ausência da tradição do registro escrito de modo sistemático tal como é conhecido na cultura letrada das universidades, e a ênfase na ação-prática com fortes traços de oralidade e interação face a face.

Desse modo, a localização de documentos relativos às atividades dos grupos tornou-se um processo lento e, por vezes, de difícil acesso. A busca foi dirigida então, a localizar e reunir os documentos existentes para, posteriormente, proceder a uma análise mais apurada que situasse os contextos operacionais dos grupos em estudo, GEGV e TV OVO. Foram localizados e reunidos relatórios de atuação e registros de ordens variadas tais como atas de reuniões, de assembleias, matérias noticiosas, recortes de jornais, reportagens, artigos em periódicos, em revistas acadêmicas e ainda em sites. E isto vem se dando em diferentes

períodos ao longo do trabalho de investigação e, em parte, dependente dos retornos dos diferentes agentes contatados e do seu tempo para fazê-lo.

No caso da TV OVO verificou-se que os registros são realizados pela equipe de modo assistemático, conforme as demandas surgem e exigem. A maioria dos documentos escritos acerca das atividades desenvolvidas está disperso e a sua localização foi afetada também pela mudança recente de sede. Os relatórios disponíveis não estão organizados e dependem da iniciativa isolada de parte da equipe para fazê-lo. Parte desses dados está em e-mails pessoais sendo acionados quando necessário e, outra parte, é guardada em caixas sem que haja alguém para dar a eles uma atenção mais técnica. Nesse quadro também está o material relativo aos usos das Maletas Futuras.

Os relatórios escritos e localizados sobre essa atividade não dão conta da totalidade das ações realizadas, embora tenham servido de balizadores à busca de novos dados. A documentação escrita encontrada remete aos relatórios dos usos da maleta emitidos pela Coordenadoria de Educação e pelas Secretarias Estadual e Municipal de Santa Maria, parceiras da TV, e necessitaram do aporte dos documentos orais, caracterizado pelas entrevistas gravadas, uma vez que se limitou a tópicos descritivos.

Um fator facilitador dessa busca de dados está no fato de que, dada a sua trajetória consolidada enquanto experiência de formação de jovens em audiovisual, a TV OVO se tornou objeto de estudos de pesquisas acadêmicas recentes – constam estudos desde o ano de 2006 – em diferentes níveis de especialização, conforme citado antes. Tais investigações se voltam para o estudo das representações de identidades juvenis (CARVALHO, 2006; MISSAU, 2010; BORBA, 2011); para a análise da recepção dos seus produtos (SILVA, 2009); o resgate da memória e identidade coletiva (MOMBELLI, 2012) e sua história em processos de formação pelo audiovisual e conteúdos com foco na construção de cidadania (ZUCOLO, MOMBELLI & BORBA, 2010). Tem-se aí um trabalho de sistematização convergente em diversos aspectos quando se trata da gênese histórico-contextual da TV OVO. Cabe referir que o manejo desses dados é favorecido também pelo envolvimento anterior da pesquisadora, seja na orientação de trabalhos monográficos ou no desenvolvimento de pesquisa com bolsistas de iniciação científica, tendo como objeto empírico a experiência da TV OVO em distintos momentos.

Já no contexto do GEGV, muito mais próximo do ativismo ambiental, os registros se multiplicam ao mesmo tempo em que se pulverizam. Há dados escritos em relatórios de ações pontuais das atividades do grupo em torno das ações da Agenda 21 local, da qual a ONG é executora. No entanto, tais relatórios são bastante superficiais, elencados em tópicos breves.

Quando se trata do trabalho da rede em torno dos usos do projeto Maleta Futura, os dados também se mostram incompletos em relação à extensão do que foi executado. Tal constatação sugeriu outras fontes de evidência que não a documentação escrita, uma vez que a coleta dos dados necessitou de outros modos de abordagem mais centrados nos relatos orais e em entrevistas, o que evidenciou um campo de ações muito mais amplo do que o registrado junto ao sistema do CF, como se verá a seguir. Nesse contexto, também notícias em jornais locais – O Nacional e Diário da Manhã - acerca das ações do grupo foram consultadas.

b) Aproximação e observação dos agentes

Esta dimensão do trabalho da pesquisa remete, com mais acuidade, aos procedimentos de ordem etnográfica por envolver etapas de observação de grupo focal, aproximação e observação dos agentes *in loco*, além da realização de entrevistas em diferentes momentos da investigação e em distintos contextos, envolvendo os agentes comunitários, os mobilizadores no sul e os coordenadores e equipes do CF.

Uma primeira aproximação ocorreu ainda no ano de 2010, no mês de outubro, quando a pesquisadora foi chamada para realizar a escuta especializada de um grupo focal promovido pelo CF junto à rede do GEGV, em Passo Fundo. A técnica de grupo focal é uma metodologia utilizada pelo CF para avaliação do seu trabalho junto aos territórios, e consiste na interação entre os participantes dos parceiros e as equipes do canal para a coleta de dados, a partir da discussão com foco em tópicos específicos e diretivos.

Naquela ocasião, o canal pretendia avaliar o trabalho da rede com o projeto da Maleta Futura Meio Ambiente e também buscar indicativos temáticos para o lançamento de uma nova maleta para o ano de 2011. Participaram pela equipe do CF, a então mobilizadora da região sul, Cleuza Ramos, e a produtora de conteúdos vinda do RJ, Kitta Eitler, e pelos grupos comunitários, representantes de parte das entidades que constituem a rede do GEGV. O contato com esta pesquisadora se deu através da jornalista Zilda Piovesan, que integra a mobilização no sul, como já dito, e constituiu-se numa oportunidade de aproximação, contato e observação das dinâmicas desenvolvidas de parte a parte.

A reunião de grupo focal teve duração de, aproximadamente, duas horas e meia, reuniu 12 pessoas e foi gravada em áudio. Os registros em áudio foram transcritos para sistematização posterior e complementação dos apontamentos manuscritos durante a realização do grupo focal. Durante o processo de observação e escuta, a pesquisadora fez registros sobre os parceiros, os modos de comunicar, a relação entre membros da rede, a

relação com a equipe do CF, os posicionamentos, as críticas, as resistências e os conflitos, os enfrentamentos, enfim, os sentidos mobilizados na interação direta com os participantes. De outra parte, o modo de condução da equipe do CF, o manejo das informações, posicionamentos e modos de reação às críticas e reivindicações, e, ainda, as marcas institucionais nas falas e reações da equipe.

Os relatos circulantes evidenciaram iniciativas e ações desenvolvidas pelos parceiros no uso das maletas que não constavam no relatório do canal e que constituíram circuitos outros de comunicação e educação para além da escola. Tais relatos refletiam a natureza das participações no projeto, assim como a percepção do lugar de cada um na rede do GEGV. Também emergiram os posicionamentos e avaliação do sistema *online* disponibilizado pelo canal para as entidades parceiras “cabeças de rede” fazerem os registros das ações desenvolvidas pelos pares. E ainda, a discussão do que se mostrou ser uma antiga reivindicação junto ao CF acerca da inclusão temática do bioma da Mata Atlântica e o problema da preservação das florestas de araucárias, nas produções audiovisuais e projetos do canal. Vários protocolos de contatos se desenvolveram a partir daí, facilitando o acesso pessoal da pesquisadora aos demais membros da rede do GEGV. Isto ocorreu após a reunião do grupo e em momentos posteriores, o que tornou possível reunir dados mais pontuais acerca das operações realizadas pelos grupos e as percepções dos mesmos sobre o processo e o papel do CF. A partir deles, foi possível a observação direta de ações empreendidas na cidade de Passo Fundo, enfatizando aquelas que se destacavam por sua singularidade. Entre elas, as ações do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) 65, constituído por 101 entidades tradicionalistas da região filiadas – Centros de Tradição Gaúcha (CTGs) – num contexto de constante mobilização em torno de eventos de caráter tradicionalista.

Nesse contexto, a pesquisadora fez inúmeras escutas, várias delas de modo não sistematizado, junto aos distintos grupos. Tratava-se de aproximações espontâneas, onde as percepções de tais momentos foram registradas, muitas delas *a posteriori*, como referência a ser analisada. Os registros efetuados foram focados nas lógicas dos grupos, nos usos que os parceiros fizeram das maletas e nas impressões que os mesmos tinham acerca do CF. Em parte destas escutas, utilizou-se um gravador digital para análise posterior dos áudios.

Outro espaço de aproximação e observação se deu com a equipe da TV OVO em Santa Maria. A proximidade da pesquisadora com a ONG, através dos seus membros, no entanto, se fez mais contínua, uma vez que estão num mesmo ambiente geográfico e de trabalho. Vários integrantes da ONG são estudantes do curso de Jornalismo e de Publicidade e Propaganda da instituição de origem da pesquisadora, que tem acompanhado o trabalho do

grupo há vários anos. Se tal cenário é um facilitador do contato direto e do fluxo de informações, sendo que em vários momentos recorreu-se à personalidade e presencialidade para eximir dúvidas e/ou buscar novos dados, teve-se o cuidado em não perder o foco do trabalho em meio a um universo amplo de interações.

No tocante ao âmbito midiático, cabe situar o contato efetivo e contínuo que tem se dado com a equipe de mobilização do CF na região sul, na pessoa da jornalista Zilda Piovesan e da pedagoga Cleuza Ramos, aposentada durante a realização desta pesquisa. Ambas foram mediadoras fundamentais para a aproximação com os membros do GEGV e com a equipe do CF no Rio de Janeiro, disponibilizando inúmeras horas para esclarecimentos solicitados ou ainda na intermediação de contatos. Tais encontros presenciais se deram em Porto Alegre, em distintos momentos e locais como a casa de uma das mobilizadoras, o apartamento da pesquisadora, em cafês, em restaurantes e, ainda, em Santa Maria, em reunião conjunta com ambas, em duas ocasiões de visita da equipe de mobilização aos parceiros locais. Através delas foi possível o contato e o agendamento de visita e entrevista na sede do Canal Futura, no RJ. Tal contexto de registros tem duas direções em tratamento: de um lado, questões objetivas acerca das dinâmicas e estruturas do CF e, de outro, as percepções individuais de ambas sobre as processualidades que nele ocorrem e das quais elas fazem parte.

c) Entrevistas realizadas

Outro procedimento fundamental nesta pesquisa foi a realização de entrevistas, tendo-se em conta o fato de que a pesquisadora se movia entre evidências de diferentes comunidades discursivas. Isto implicou três momentos de trabalho: o da preparação da entrevista, considerando o *lugar* do entrevistado e o conhecimento que se tinha dele; o da realização da entrevista, exigindo, muitas vezes, que se adaptasse o roteiro estabelecido anteriormente aos rumos da interação com o entrevistado naquele momento; e, por fim, o do trabalho com o conjunto dos textos reunidos, quando se percebe haver sempre um ‘material excedente’ resultante das entrevistas, tais como divagações, retificações ou menções a fatos não perguntados.

Desse modo, foram realizadas pela pesquisadora 15 entrevistas com distintos agentes, referidas nos documentos sonoros citados após a bibliografia - entrevistado, período, duração, local. Parte delas são entrevistas abertas, exploratórias, com ênfase nos relatos da experiência com a utilização da maleta e os resultados obtidos com o seu emprego; análises que evidenciam a relação entre os grupos comunitários e a equipe do CF, de parte a parte;

indicações dos tensionamentos entre os agentes; os modos de encaminhamento e solução de conflitos; os enfrentamentos na hora da tomada de decisões; as disputas internas e o realinhamento das forças em tensão. Outras permitiram o aprofundamento dessas mesmas questões em pontos que se mostraram difusos em relatos ou documentos anteriores, e que, não raro, se sobrepõem.

O conjunto de diálogos prolongados com a equipe de mobilização, tanto presenciais quanto por email ou *skype*, alguns deles na confirmação de informações apuradas, outros na direção do agendamento necessário a novos procedimentos de pesquisa, reuniu registros de natureza diversa e quatro entrevistas gravadas. Elas foram realizadas individualmente com as mobilizadoras do CF no sul, Cleuza Ramos que deixou o canal durante o período desta pesquisa, e Zilda Piovesan, todas referidas no final deste trabalho como documentos sonoros. Tais entrevistas dividiram-se entre abertas e semiestruturadas, deixando que fluíssem os relatos e as percepções de ambas acerca dos processos que envolvem o trabalho no Canal e o trabalho da mobilização interna e externamente. O contato através do Skype se dá tanto pela forma de áudio quanto pelo chat. Isto o torna uma ferramenta de rápido e fácil acesso. Os registros relativos ao uso do chat no contato com a mobilização do CEF remetem às seguintes datas num fluxo de parte a parte: 17/04/2010; 22/06/2010; 11/08/2010; 15/08/2010; 09/09/2010; 10/10/2010; 18/11/2010; 06/03/2011; 08/05/2011; 08/07/2011; 05/11/2011; 12/12/2011; 10/01/2012; 23/03/2012; 15/07/2012; 29/10/2012; 16/12/2012; 04/04/2013; 08/04/2013; 16/04/2012; 07/05/2013; 15/12/2013.

Em tal contexto, realizou-se também entrevista com Marisa Vassimon, então coordenadora do Setor de Articulação e Mobilização comunitária do CF realizada na sede do CF, no RJ, no ano de 2011. Semiestruturada, a entrevista, gravada e transcrita, remonta 90 minutos e recupera, além da visão institucional, processos, experiências, lógicas, indicadores de resultados, relações interinstitucionais, relações internas e, ainda, remete a outras fontes de consulta. Nessa mesma ocasião, também se dialogou com a coordenação de conteúdo do CF, e com demais membros da equipe do canal numa dinâmica de observação e registro. E, posteriormente, em entrevista por *skype*, dialogou-se com Priscila Pereira, coordenadora de área do projeto Maleta Futura.

Junto à TV OVO, realizou-se entrevistas com Paulo Tavares e Marcos Borba, na equipe desde a criação da oficina; com as responsáveis pelo encaminhamento da maleta: Denise Copetti e Júlia Schnorr; e ainda, com Neli Mombelli, que hoje responde pela elaboração e produção de projetos.

Também foram ouvidos professores da rede pública que participaram do projeto com a maleta, entre eles, Dilcinéia Oliveira Silva e Rejane Costa.

No tocante ao contexto da rede do GEGV e considerando a amplitude da mesma, foram selecionados membros representativos do grupo e aqueles que desenvolveram experiências singulares no contexto dos usos da maleta. Carlos Eduardo Sanders e Clovis Alves, coordenadores do GEGV; Alcindo Neckel, militante do grupo; Darci Jorge Silva, do CTG Fagundes dos Reis e Flavia Biondo da Silva, do Coletivo Educador e Lucinda Pinheiro do grupo Sentinela dos Pampas e atualmente coordenadora adjunta na 7ª Coordenadoria Regional de Educação.

O conjunto de dados colhidos permitiram compreender as características e as lógicas transversais dos circuitos comunicacionais aí acionados e que possibilitam ver a interação em funcionamento.

d) Compreensão das dinâmicas interacionais

Feito este trabalho extensivo de aproximação e levantamento de dados anteriormente referido, uma segunda etapa da observação exigiu construir uma sistematização que tornasse possível situar e nomear o conjunto de elementos que compõem o *corpus* da pesquisa, visando esmiuçar o material empírico. Ela envolve o esforço, que ao ser aprofundado permite identificar a existência de padrões de relacionamento entre os dados (YIN, 2010). E, ainda, conduzir a uma terceira etapa - a analítica-, que se desdobra sobre tais processualidades interacionais passíveis de observação, e constituídas pelos elementos em interação, pelas regras e códigos em operação e pelas dinâmicas instáveis desses elementos.

Tal esforço de sistematização visa, portanto, a observação do processo articulador entre percepções, interpretações, lógicas acionadas, invenções, modos de circulação desses elementos, tensionamentos, negociações, ajustes e reajustes, reinterpretções e novas invenções que constituem a experiência interacional em análise. E, a partir das descrições, considerando-se o midiático e o não midiático, se deter sobre a análise dos processos que aí se desenvolvem, visando à dinâmica das interações em jogo e como elas determinam a constituição do dispositivo interacional. Trata-se de desvelar como esse dispositivo interacional se desenvolve e funciona, extraíndo características e lógicas transversais, e elaborar inferências acerca da sua experimentação num contexto de midiatização da sociedade e de experimentação social.

3. FUNDAMENTOS

Neste capítulo busca-se a reflexão sobre como as práticas midiáticas e os fenômenos de mídia se entrelaçam uns aos outros e com a sociedade, sinalizando a constituição de novos processos de interação e de organização social, como já referido na introdução desta tese.

Parte-se do seguinte horizonte: (1) a esfera da comunicação se constitui, hoje, em um campo relativamente autônomo cuja permeabilidade perpassa o tecido social, e cujas referências e estratégias têm se tornado fatores constituintes dos processos de interação dos demais campos. (2) a mídia tornou-se mais do que um suporte tecnológico. Constitui-se num operador simbólico produtor de múltiplos sentidos e práticas discursivas. (3) as ações e estratégias de construção de políticas transformadoras são delineadas a partir das disputas de sentidos travadas por práticas discursivas que se pretendem hegemônicas.

Uma vez que o objeto deste estudo reúne mediações complexas e desponta como fenômeno típico dessa nova ambiência que é a midiatização, como situa Gomes (2004), este capítulo busca evidenciar elementos problematizadores da midiatização tanto como conceito, quanto como fenômeno social; bem como situar outras questões teóricas correlatas que se manifestam em torno daquela como é o caso das noções de *dispositivo interacional* e *interações midiatizadas*, ambas em construção, e que permitem lançar questões clareadoras das especificidades comunicacionais.

Assim, ao se tomar o caso em estudo enquanto experiência interacional entre a televisão – Canal Futura - e grupos de ação comunitária – TV OVO e GEGV, observando as processualidades que decorrem da implementação do projeto Maleta Futura, este capítulo divide-se em três seções que buscam tensionar a reflexão em torno do objeto: a) os processos de midiatização da/na sociedade; b) as interações midiatizadas e, c) os dispositivos interacionais.

3.1 Processos de midiatização da/na sociedade

A tentativa de apreender o processo de midiatização da/na sociedade de modo a conceituá-la não é nova. Os primeiros debates acerca da noção de midiatização emergem na passagem da sociedade dos meios – na qual a atuação da mídia se caracteriza por intermediar a interação e regular as disputas de sentidos entre os campos sociais -, à sociedade midiática, onde a mídia passa a ser vista como produtora do real, criando representações das múltiplas instâncias dessa sociedade. Essa transição é marcada pela crescente autonomia dos meios de

comunicação que passaram a assumir o papel de protagonistas na construção midiática das realidades e dos seus sentidos, com o agenciamento do midiático sobre as demais esferas sociais.

Tal contexto ainda corresponde a dinâmicas muito amplas e a sua apreensão implica um exercício de construção teórica a partir do próprio fenômeno. Não se trata de questões cristalizadas, mas sim de processos teóricos em reelaboração/refinamento em torno dos processos comunicacionais contemporâneos enquanto configuração das exigências dos objetos/problema que as realidades históricas e sociais apresentam. (MALDONADO, 2012)

¹³

Nessa direção, antes de discorrer sobre as construções em torno da noção de mediação, parece ser pertinente reconhecer-se a importância que tem para o debate da comunicação outro conceito - o de mediação, dos seus indicativos potenciais às suas limitações, ainda que o faça aqui resumidamente, de modo a situar o quadro de deslocamento teórico nos estudos da comunicação.

Maldonado ao discutir a problemática epistemológica no campo da comunicação, aponta dois aspectos centrais da estruturação das construções culturais:

“(…) a mediação do mundo por meio de sistemas técnicos de informatização, controle e produção de bens simbólicos, nos quais o campo da mídia é a chave para a problemática da comunicação contemporânea; a compreensão dos processos de produção de sentidos nos contextos múltiplos das mediações. A teoria das mediações reconstrói, mediante uma dialética precursora e construtiva, fragmentos de saberes dispersos, definindo a cultura como a mediação central articuladora de contextos sociais nos quais o sujeito interagem, produzindo significações” (MALDONADO, 2003, P.212).

A principal referência à Teoria das Mediações se encontra nos estudos de Martín-Barbero¹⁴ (2009, p.258), para quem a reflexão sobre as mediações evidencia um conjunto de constatações que desloca o foco de análise da comunicação “dos meios para as articulações entre práticas de comunicação e os movimentos da sociedade”, para “tempos diferenciados e para a pluralidade das matrizes culturais”. Ou seja, move a problemática da comunicação do aparato técnico para as análises do processo comunicacional em as suas relações

¹³ Anotações de aula.

¹⁴ O texto fundador de Jesús Martín-Barbero, *De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonía*, escrito em 1987. No Brasil, em edição de 2009.

socioculturais, entendendo as mediações como os espaços de configuração dos processos de recepção e de produção de sentidos.

Se esse deslocamento permitiu que se tentasse apreender o comunicacional no espaço de articulação entre as práticas de comunicação e os movimentos da sociedade na vida cotidiana, ele também situou as mediações enquanto processo que estrutura, configura e reconfigura tanto as interações quanto a produção de sentidos que resultam de tais interações.

Nessa perspectiva, o contexto analítico de tais mediações torna evidente os paradoxos e as ambiguidades do processo de negociação dos sentidos que se dá entre o comunicativo, o cultural e o tecnológico, e a comunicação que envolve processos que circundam tanto o sujeito em sua subjetividade e controle de dinâmicas nos espaços micro, quanto os processos relativos à estruturação do social. Isto possibilita também que ao se discutir o comunicacional, se problematize a relação entre indivíduo e sociedade, e compreenda como as estruturas sociais são internalizadas e reproduzidas pelos sujeitos individuais e coletivos em sua vida cotidiana.

Considerando-se nesse cenário o estudo dos usos, as premissas que orientam o debate sobre as mediações redimensionam a discussão do comunicacional, deslocando o foco das análises dos meios para o lugar onde se produz os sentidos, isto é, dos meios para as mediações. Tal deslocamento permitiu que os estudos da área avançassem para além da questão dos meios, rearticulando-as em torno da utilização social da cultura. Tal movimento passa a valorizar o contexto, as especificidades culturais situadas historicamente, as diferenças que passam a ser incluídas na investigação das práticas e simbólicas do comunicar. A comunicação deixa ser entendida como uma mera questão de estruturas e a análise dos processos de produção e circulação da cultura incorporam as novas formas de pensar os sujeitos, os atores e sua produção de sentidos.

Araújo em sua tese de doutoramento relativiza o conceito ao alertar para a quase impossibilidade de mapear todas as possibilidades mediadoras de um ato comunicativo, uma vez que elas compõem uma *rede remissiva de sentidos* contextuais e intertextuais que mobilizam uma enorme diversidade de campos, instâncias e fatores. Para a autora, as mediações “*são produzidas por um processo multidimensional e multidirecional, entre outras razões, pelo fato de que as pessoas ocupam diferentes posições sociais e lugares de fala, sendo, portanto, agentes de múltiplas mediações*”. (ARAÚJO, 2000, p.7)

Já Silverstone (2002, p.33) dá ao conceito outra dinâmica ao afirmar que a mediação implica a constante transformação e circulação de significados em diferentes níveis de importância e quantidade, através, principalmente, da mídia. Enquanto processo, ela rompe

limites ao oferecer descrições da realidade, dependendo dos constantes deslocamentos dos significados que “*se movem do público para o privado, do institucional para o individual, do globalizador para o local e o pessoal, e vice-versa. (...) A mediação envolve o trabalho de instituições, grupos e tecnologias.*” (SILVERSTONE, id. p, 37) Desse modo, o autor também estabelece o trânsito entre a noção de campo para a de processo. Segundo ele, mediação remete, portanto, a atos sociais permeados por múltiplos processos de ordem social, histórica e cultural, desencadeados também por múltiplos atores dos campos sociais e das mudanças que provocam.

Resumidamente, pode-se dizer que a proposta dos estudos das mediações se abre para a percepção e reflexão da comunicação como fenômeno sociocultural, evidenciando o que difere e emerge como especificidade cultural num dado espaço interacional. A partir dela a comunicação pode ser pensada no interior da cultura, com as práticas sociais e os processos culturais cotidianos como dimensões organizadoras dos debates, o que passou a exigir um modo amplo de análise, pensado a partir da cultura, não mais a reduzindo somente às tecnologias do midiático.

Fausto Neto¹⁵ (2008c, p.89) tomando como referência a passagem da «sociedade dos meios» para «sociedade midiaticizada» ao discutir a midiaticização, afirma que apesar das elaborações¹⁶ sobre a ação das mídias terem gerado outros modelos teóricos e analíticos não funcionalistas, capazes de outros quadros explicativos sobre a sociedade, os estudos da mediação ainda não teriam visualizado as processualidades da midiaticização.

“Expliquemos: chamam atenção para uma certa centralidade das mídias, mas enquanto um «lugar mediador» na medida em que estas se colocam como um ponto de articulação entre partes da sociedade, dependendo num grau maior ou menor, de outras dinâmicas de campos e de suas práticas sociais. Historicamente, entende-se que tal dinâmica concederia à existência dos meios uma espécie de «ação representacional». Circunstância em que co-dividiriam, com práticas de outros campos sociais, a tarefa de produção de inteligibilidades. (FAUSTO NETO, id. 91).

Ao mesmo tempo, pode-se pensar que essa ampliação do sentido da comunicação que incorpora à investigação o sentido de prática social, permitiu que se pesquisasse a partir do lugar onde se dá a experiência, observando a pluralidade dos modos de comunicação no

¹⁵ Fausto Neto é uma das referências na construção teórica da midiaticização, e cuja trajetória é conhecida pela pesquisa associada ao estudo da enunciação e dos processos de construção de sentido na sociedade.

¹⁶ O autor refere aos trabalhos de Anthony Giddens, Adriano Rodrigues e Martin-Barbero.

espaço da vida cotidiana. Em outras palavras, tal abordagem nos estudos sobre o comunicacional sugere que se avance para além da ideia do meio como objeto, trabalhando no campo dos usos e das experiências, das estratégias de recepção, dos processos de leitura em busca do “lugar onde é produzido o sentido” e o contexto cultural no qual ele toma forma (MARTÍN-BARBERO, 2009, p.240). Trata-se da sintonia entre as “práticas cotidianas de comunicação”, os “movimentos da sociedade”, as “diferentes temporalidades do social” e a “pluralidade de matrizes culturais” que ela articula (MARTÍN-BARBERO, id, p.261). Dessa forma se vê nesse construto uma contribuição que permitiu deslocar o foco das pesquisas na área para os processos comunicacionais da sociedade e das “matrizes comunicacionais da cultura”.

Isto colocado defronta-se então, com a noção de midiatização em sua importância para este trabalho, considerando, como foi dito inicialmente, que este objeto de estudo, ao reunir mediações complexas, integra o fenômeno da midiatização na sociedade contemporânea.

Stig Hjavard, num contexto distinto do latino-americano, atribui ao pesquisador sueco Kent Asp, em 1986, a primeira aplicação da expressão ao impacto dos meios da comunicação na comunicação política e a outros efeitos na política. ASP refere-se a um processo pelo qual “um sistema político é, em alto grau, influenciado pelas e ajustado às demandas dos meios de comunicação de massa em sua cobertura da política” (ASP, 1986: 359 apud HJAVARD, 2012, p.55). Hjavard que pesquisa a midiatização do campo religioso menciona que, posteriormente, em 1999, Gianpietro Mazzoleni e Winfried Schulz também aplicaram o conceito de midiatização à influência da mídia na política que, para eles, é continuamente moldada pelas interações com os meios de comunicação.

De fato, atribui-se ao período referido por Hjavard uma etapa da organização social em que as mídias são tomadas como protagonistas, com forte influencia dos meios na sociedade, e onde o campo midiático coordena a interação entre os demais campos que também constituem o social. Estes, por sua vez, delegam a legitimidade ao campo midiático.

O pesquisador argentino Eliseo Verón (1997) ao analisar os diversos processos midiáticos na sociedade numa perspectiva macro social, indica que a complexidade dos processos de transformação da sociedade industrial colocou à disposição da sociedade uma quantidade tal de suportes tecnológicos capazes de gerar novas discursividades. Para ele, a mídia, nesse contexto, ocupa um lugar central e assume a responsabilidade de fazer a intermediação entre os campos e seus atores, sendo um instrumento de representação do real. Tal modelo representacional se baseia na visão funcional-instrumental da comunicação e

separa a vida social, suas práticas institucionais e a cultura, dos mecanismos de representação e reprodução dos discursos sobre o real.

Adriano Rodrigues (2001), também sobre esse contexto, diz da emergência da autonomização do campo¹⁷ dos media que passa a desempenhar um papel regulatório. A sua relevância está em sua “natureza” que reporta ao “desempenho das funções de regulação”, fundamentais ao gerenciamento das relações entre os diferentes campos sociais. Ao mesmo tempo, a complexidade de tais processos se ampliou, permitindo constatar que esses outros campos sociais passaram a se apropriar das lógicas do campo midiático expandidas para as demais esferas do social.

Nessa direção, recorre-se às observações de Fausto Neto (2006) ao inferir que nesse período, mesmo que se reconheçam os indicativos do processo de autonomização do campo midiático, os meios ainda ocupavam uma centralidade representacional, na medida em que colocavam em circulação algo que emanava dos outros campos sociais. Para o pesquisador, tal momento precede e constitui as bases dos estudos que passam a relacionar o “campo dos mídia” com os demais campos sociais, e de onde emergem a questão dos “processos midiaticizadores” na sua relação com outras práticas sociais (FAUSTO NETO, 2007, p.20).

Também Maria Cristina Mata (1999) já vinha desenvolvendo o conceito de midiatização como uma reconfiguração da cultura midiática em direção a uma nova racionalidade produtora de sentido. Nela, os meios não podem mais ser entendidos como condutores de sentidos, ou como espaços de interação entre produtores e receptores, mas sim como marca, modelo, racionalidade produtora e organizadora de sentido. Para a pesquisadora, o processo de midiatização é revelador de mudanças no modo de pensar, nas matrizes e modelos culturais que reconfiguram as experiências identitárias, baseadas nas diversidades que os vínculos sociais constroem. Tais processos indicam a forma transversal de afetação das lógicas e operações midiáticas entre os diferentes campos sociais e suas práticas transformando-as. Nessa direção, midiatização remete à sobreposição do funcionamento da estrutura social com a lógica das mídias. Tal sobreposição as decisões e estratégias dos campos são gestadas a partir do midiático.

¹⁷ Rodrigues emprega a noção de campo social desenvolvida por Bourdieu, enfatizando duas dimensões: o poder do próprio campo quando o apresenta como instituição “*dotada do poder de criar, impor, manter, sancionar e restabelecer uma hierarquia de valores, assim como um conjunto de regras adequadas ao respeito desses valores*” (2001,p.146). Em segundo lugar, sublinha a noção de campo como espaço de tensionamento. Para tanto, se vale de uma figura de linguagem para descrever a organização e o funcionamento de um campo. Lembra, por exemplo, que o campo é uma espécie de um espaço de relações de forças que se produzem técnica e simbolicamente. Ao ressaltar que um campo oferece uma legitimidade exclusiva, Rodrigues fala das regras que lhes são constitutivas, bem como a importância que toma a dimensão simbólica como possibilidade que tal legitimidade venha a ser explicitada.

Para Fausto Neto (2008a, p.109), trata-se, portanto, da “diluição das competências midiáticas por entre os campos sociais”, com o campo das mídias assumindo o papel de mediador de outros campos, regulando as relações entre eles. Para este pesquisador, o processo de midiatização cria um novo ambiente de informação e comunicação indutor de um conceito de comunicação segundo a qual os meios - com suas tecnologias, linguagens - são forças que instituem e fazem funcionar um novo tipo de real onde as bases de interações sociais se estabelecem por ligações sociotécnicas e não mais por meio de laços sociais.

“Os mídias abandonam a clássica posição mediadora, que repousava sobre uma noção de interação de complementaridade com a recepção, ofertando-lhes sentidos sobre o mundo externo, e passam a produzir referências sobre si próprio. Isso se faz por processos, pelos quais a mídia se remete à mídia, em operações explícitas, mas também aquelas que se tornam difíceis de serem localizadas”. (FAUSTO NETO, 2005, p.14)

Em tal direcionamento, a noção de midiatização comporta os modos e as práticas com que os dispositivos tecno simbólicos ressignificam distintos fenômenos a partir de diferentes estratégias produtoras de sentido. O avanço e o acoplamento das várias tecnologias, especialmente dos meios eletrônicos, passa a prover um contato cada vez mais intenso e rápido entre quaisquer lugares do mundo, numa escala global, provocando a transcendência do localismo e a quebra do isolamento de comunidades tornando-as extremamente permeáveis. Para ele, “a convergência de fatores sócio-tecnológicos disseminados na sociedade segundo lógicas de ofertas e de usos sociais produziu, sobretudo nas três últimas décadas, profundas e complexas alterações na constituição societária, nas suas formas de vida, e suas interações (FAUSTO NETO, 2008a, p.92).

Verón (1997) sinaliza nesse processo uma mudança social e uma profunda transformação das relações sociais. Ele situa a midiatização como um processo complexo e contemporâneo das lógicas que operam nas relações de produção de sentido, cada vez mais afetadas pela transformação dos meios de comunicação e seus produtos, e regidos por processos mercantis de câmbio de bens simbólicos. Para Verón, trata-se de um fenômeno que transcende a percepção dos meios como instrumentalidades, porque é um processo que se origina tanto da evolução tecnológica quanto das demandas sociais. E o aumento crescente dos suportes tecnológicos que se colocam à disposição da sociedade originam novas discursividades, ainda que estas estejam envoltas numa realidade de natureza indeterminada e complexa.

Num outro contexto de leitura, Pedro Gilberto Gomes, a midiaticização ao incidir sobre os próprios modos de existência, vai além da tecno-interação, pois os processos que institui são compreendidos como “um novo modo de ser no mundo”, uma vez que se está numa nova ambiência (GOMES, 2006, p. 113). Visualiza-se aí uma ampliação do entendimento da mídia como lugar central e estruturante das relações entre os campos sociais e os sujeitos, ao entender que o midiático realiza mais do que a mediação, se apresentando como uma nova forma de vida que interfere sobre os próprios modos da constituição e da existência humana. Para Gomes (2006, p.121) que trabalha a midiaticização no âmbito de um processo social complexo engendrado por mecanismos de produção de sentido social: “a midiaticização é a reconfiguração de uma ecologia comunicacional”.

Tais reflexões são desenvolvidas pelo autor, principalmente a partir da análise da televisão na contemporaneidade - “a televisão está imbricada no amplo processo de midiaticização da sociedade e configura um modo de posicionar-se frente ao mundo e as coisas.” (IBID, p. 112). Segundo Gomes, a televisão age como um canal de socialização, agregando pessoas em comunidades nacionais ou internacional. Como os demais meios de comunicação, ela midiaticiza interpretações do mundo que são tomadas pelos sujeitos como referências, constituindo desse modo o imaginário social.

Nessa perspectiva situa-se também o trabalho de Muniz Sodré (2002, p.21) para quem a Midiaticização passa a referir a tendência de “virtualização” - ou “telerrealização” das relações humanas, constituindo um *ethos midiaticizado* e se faz presente na articulação do funcionamento institucional com as pautas individualizadas que as tecnologias de comunicação permitem. Para ele, a midiaticização remete a distintas formas de colocar em circulação e de usar a informação para fins específicos. Desse modo, passa a ser uma qualificação particular da vida, um novo modo de presença do sujeito no mundo, um *bios* específico. Trata-se do “quarto âmbito da existência”, de uma tecnologia de sociabilidade, um novo *bios*, onde se desenrola a existência humana, no qual predomina a esfera dos negócios com qualificação cultural (SODRÉ, 2002).

Nesse sentido, o pensamento de Sodré (2002) e de Harvard (2012) se aproximam. Para ambos, o processo de midiaticização da sociedade está ligado a diferentes fatores que o viabilizam, modelam suas características e fundamentam as suas lógicas, dando origem a um novo ambiente social sustentado por práticas e lógicas próprias que penetram por toda a organização social.

Com o avanço dos debates em torno da Midiaticização, aprofundou-se a compreensão de que o trabalho das mídias não se limita a construir realidades, mas traz a ênfase para

evidenciar o que depois se chama realidade dessa construção. Desse modo, coloca no centro dos debates as suas formas de produção de realidades, ao mesmo tempo em que descreve os mecanismos produtivos que as engendram (FAUSTO NETO, 2006). Para o pesquisador, a definição de midiatização sugere tratar-se,

“(…) da emergência e do desenvolvimento de fenômenos técnicos transformados em meios, que se instauram intensa e aceleradamente na sociedade, alterando os atuais processos socio-técnico-discursivos de produção, circulação e de recepção de mensagens. Produz mutações na própria ambiência, nos processos, produtos e interações entre os indivíduos, na organização e nas instituições sociais. Grosso modo, trata-se de ascendência de uma determina realidade que se expande e se interioriza sobre a própria experiência humana, tendo como referência a própria existência da cultura e da lógica midiáticas.” (FAUSTO NETO, 2009, p. 16).

José Luiz Braga (2006a), a partir de seus estudos sistemáticos sobre as interações sociais com a visada da comunicação, pensa a mediatização¹⁸ referindo-se a ela como processo interacional de referência. Ao explicar os processos de referência da interação humana, ele refere serem cumulativos e renováveis, isto é, o processo não se perde, se renova, guardando sempre identificações do processo anterior. “Estes processos (os mediáticos) se encontram contemporaneamente, desde há um século e meio, em fase de instauração, com potencialidade crescente para conformar as interações sociais” (BRAGA, 2009, p.3). Assim, com a lógica tecno-midiática interferindo diretamente enquanto orientadora de comportamentos sociais, conseqüentemente, construindo a realidade social, tem-se o início do estabelecimento da mediatização como processo interacional de referência.

“Com a mediatização, a processualidade diferida e difusa adquiriu diferente amplitude e diversas qualidades adicionais. Uma delas é a possibilidade de ‘mostrar’, por representação da imagem e/ou do som, os objetos e situações. Tais processos, antes dos inícios da mediatização tecnológica eram acessíveis através de total dependência da palavra (ou seja – por transposição); enquanto que, com a mediatização, a palavra suporta, complementa e faz avançar os processos, mas não é responsável pela ‘totalidade’ de passagem da objetivação (do objeto ou da experiência objetivada)”. (BRAGA, 2006, p.9)

¹⁸ O autor opta pela alcunha mediatização ao termo midiatização. Segundo ele, trata-se de evitar associações com a palavra mídia, uma vez que o conceito de midiatização tem sido empregado como sendo uma ação da mídia sobre a sociedade.

Ou seja, dentro dessa perspectiva, a midiaticização oferta possibilidades pontuais de fazer coisas que não eram feitas antes, de modificar o modo como eram feitas; ou apenas problemas e desafios igualmente pontuais. Braga (2006a, p.03) destaca que a sua relevância numa perspectiva macrosocial, “é a teoria de que a sociedade constrói a realidade social através de processos interacionais pelos quais os indivíduos e grupos e setores da sociedade se relacionam”, tentativamente.

Neste trabalho de tese, situando o lugar de fala na perspectiva dos estudos dos processos interacionais, toma-se a midiaticização como um fenômeno social que se caracteriza pela intensiva disseminação das tecnologias na vida cotidiana, afetando e transformando o modo de operar de múltiplos setores da coletividade, tornando-se o processo de referência que organiza a vida social. Ela promove atravessamentos e provoca afetações indiscutíveis nos campos autônomos, obrigando-os a adaptações e/ou fortalecimento de suas defesas. Observa-se nos processos sociais nessa ambiência, a transformação das sociabilidades, com reconfiguração das práticas sociais, mudanças nos modos de ser, de ver, de perceber e de se comunicar e produzir. Observam-se também os agentes individuais e instituições que se destacam em tal ambiência por serem mais competentes na assimilação, interpretação e mesmo influência nas estratégias discursivas apropriadas para a circulação dos sentidos.

As mudanças nas dinâmicas interacionais como consequência desse processo de midiaticização da sociedade é a discutida nesta próxima seção.

3.2 Interação e interação midiaticizada

Na proposta de discutir a noção de interação que emerge no âmbito dos processos midiáticos, considerando-se o modo como o desenvolvimento das mídias comunicacionais afetou e transformou a natureza da interação social, tentou-se evitar a dispersão em torno do conceito, como bem alerta Braga. É sabido que a noção de interação não está limitada apenas aos ambientes e aparatos técnico-midiáticos. Ela envolve também os diversos espaços e práticas sociais e discursivas, a exemplo das interações nos espaços urbano e público, no consumo, na política, entre outras. (MATTOS & VILLAÇA, 2012).

As análises que envolvem as perspectivas interacionistas remetem às noções-comuns de uso tais como probabilidades, representação, estratégias, imponderáveis do cotidiano entre outras. Aqui se tenta apreender a noção a partir da retomada recente do debate sobre as interações midiaticizadas como perspectiva teórico-conceitual proposta por Mattos e Villaça (2012), na direção de que ela contribui na leitura do objeto em análise nesta tese.

Inicialmente se toma como ponto de partida o alerta de Braga (2010a, p.42) ao afirmar a importância dos estudos sobre a mediatização diante do fato histórico de que os processos se encontram ainda em fase de instauração e com “potencialidade crescente para conformar as interações sociais”. Desde o século XX a mediatização se desenvolve como processo interacional de referência (Braga, 2007) e os modos de interagir socialmente são afetados por articulações complexas entre os indivíduos e as instituições sociais. “Há um campo vasto de “reconstrução de processos” e de redistribuições inusitadas, em relação aos padrões habituais”. “(id. p, 18)”.

Tal processo, segundo ele, é lacunar e sua incompletude se manifesta na: a) “dificuldade de percepção de papéis sociais”; b) ainda não há “articulações solidamente estabelecidas entre as interações mediatizadas, aquelas da cultura escrita e as da presencialidade (que certamente continuarão a existir, re-moldadas por processos mais amplos de interacionalidade social)”;

c) também existem as “lacunas no processo de legitimação” e ainda não há “modos sustentáveis, relevantes, flexíveis, produtivos e generalizados de socialização”; d) sequer se sabe quais” objetivos e processos de socialização serão relevantes em uma sociedade na qual a mediatização seja o processo interacional de referência “¹⁹; e) os “problemas de circulação, de retorno e de resposta social”.

Ao situar este cenário Braga explicita os motivos de seu interesse pelo fenômeno da mediatização e sua interface com a perspectiva interacional, afirmando que o conceito enfatiza a articulação entre os processos midiáticos e as mudanças nos modos pelos quais as sociedades se comunicam – suas formas interacionais – sem, contudo, cair numa visada reducionista de simples “ação das mídias’ sobre a sociedade”. (BRAGA, 2011b: 68).

Para o autor, o fenômeno comunicacional se realiza em episódios de interação entre pessoas e/ou grupos, de forma interpessoal ou mediatizada. “As interações envolvem uma grande variedade de circunstâncias, processos, participantes, objetivos e encaminhamentos. De certo modo, podem ser consideradas singulares, na sua existência histórica.” Segundo Braga, pode-se assumir que não há comunicação sem interação; e que as interações “correspondem a um lugar em que podemos tentar nos aproximar do fenômeno comunicacional”. Para ele, a “comunicação é sempre uma ação que se realiza probabilisticamente de modo tentativo, logo, as interações sociais são *o lugar de ocorrência da comunicação*”.

¹⁹ Malgrado os desenvolvimentos educacionais realizados em torno de conceitos como “leitura crítica”, “educação para a mídia” e “educomunicação”, a sociedade em geral ainda não desenvolveu formas canônicas para tratar a questão. Nota do autor.

Com esta perspectiva, salienta-se que a interação social, interação ou interação midiaticizada, tem percorrido o campo e assumido reflexões e distintas formas.

Uma das contribuições ao debate vem de Thompson²⁰ (1998) em sua leitura do impacto social provocado pelos novos formatos que a difusão da comunicação e da informação tem assumido num mundo de redes sociais globalizada. Ele formula o conceito de *interação quase mediada*, e sinaliza como o mais importante nos processos da comunicação massiva, o tipo de apropriação simbólica que ela promove, inaugurando novas formas de interação social. Nessa direção, Thompson situa três tipos de interação simbólica predominantes na sociedade atual: a) *a interação face-a-face ou dialógica* que se estabelece no cotidiano nas relações de co-presença entre as pessoas e onde um indivíduo fala com outro, ou com vários, num mesmo espaço-temporal, estabelecendo um fluxo de comunicação e sentidos de ida e volta. O sujeito pode responder ao outro e estabelecer dessa forma a dialogia que se compõe de falas, entoações, escutas, gestos, expressões faciais entre outros. b) Já a *interação mediada* é a que se realiza através de um *meio técnico* (*telefone, carta, computador, etc.*) exigindo indivíduos receptores situados no tempo e no espaço e na qual a competência do receptor assegura o entendimento da comunicação. Desse modo se diferencia da anterior na medida em que se distende, podendo ocorrer em espaços e tempos distintos, reduzindo as referências simbólicas que são numericamente menores. c) A *interação quase mediada* remete às relações sociais estabelecidas pelos meios de comunicação de massa, “predominantemente monológica, no sentido de que o fluxo comunicativo é em grande parte num só sentido”. (THOMPSON, 2008, p. 18).

Braga vai além. No trabalho *Interação & Recepção*, datado de 2000, o pesquisador analisa criticamente a contribuição de Thompson por se basear na reciprocidade do modelo conversacional das interações face a face para pensar a noção de interatividade, e propõe a revisão do conceito. Para ele, as características da quase-interação mediada proposta por Thompson – fluxo monológico, sem reciprocidade, assimetria entre produtores e receptores e sem monitoração reflexiva da própria conduta – são apresentadas como lacunas em relação às outras duas formas de interação, baseadas no modelo conversacional, e a denominação representa uma concessão ao modelo conversacional.

Para Braga é preciso observar mais atentamente a relação de continuidade entre os processos interacionais restritos ao âmbito midiático e aqueles que o autor chama de “mais distantes”. Na interação face a face, marcadamente dialógica, a construção de trocas evidencia

²⁰ The Media and Modernity (A mídia e a modernidade, publicado no Brasil em 1998 pela Editora Vozes)

uma forte “implicitação viabilizada e solicitada por compartilhamento de saberes e de experiência local comum, de cumplicidades e de tensões vividas”. (BRAGA, 2000, p.2). Logo, trata-se de uma construção que se faz na interação, tentativamente, trazendo fortes marcas da experiência vivida pelos interlocutores e, ao mesmo tempo, abrindo espaço para o domínio do que ele chama de “fatores locais”. (ibidem) Para o pesquisador a simetria estrutural que caracteriza esse tipo de interação não pode deixar de considerar que as relações de trocas na sociedade são, geralmente, assimétricas e decorrentes de inúmeros fatores que se organizam em modos específicos de interação. “(...) não há nada, na interatividade recíproca direta (modelo conversacional), que predetermine simetria e igualdade nas interações sociais concretas, assim como nada necessariamente negativo em assimetrias.” E prossegue:

“as assimetrias problemáticas são devidas aos usos e construções sociais das interações, e não aos processos interativos mesmo, disponíveis na sociedade. A questão de valores humanos e sociais não se depende da reciprocidade "de modelo" (formal, portanto), mas sim das situações e estruturas sociais em que as interações específicas ocorrem.” (BRAGA, 2000, p.3).

Nessa linha, o autor considera que a perspectiva proposta por Thompson não aprofunda o significado social de tais características enquanto possibilidades interativas, desprezando o potencial interativo tanto dos meios de comunicação de massa, como das novas tecnologias de comunicação. E também o fato de analisar separadamente os polos da produção e o da recepção, tratando-os isoladamente, sem avançar para as interações aí viabilizadas.

Braga propõe o modelo de “interatividade social mediática ampla”, caracterizando-o como difuso no espaço e diferido no tempo, uma vez que uma parcela significativa das falas e escutas em circulação na sociedade contemporânea não são diretas nem recíprocas, muito menos imediatamente dialógicas.

Para ele, é necessário averiguar como a interatividade vem sendo operada em determinadas situações e/ou com referência a determinados produtos e meios. Não se trata de verificar se há ou não interatividade, ou de caracterizar meios e produtos como interativos ou não interativos. Nessa direção, Braga (2000, p.06) propõe três passos para ampliar a operacionalidade analítica do conceito: a) afastar o modelo conversacional como base descritiva do fenômeno, evitando caracterizar a interatividade midiática pelas suas lacunas – ser assimetria, não dialógica, sem reciprocidade entre interlocutores - buscando, inversamente, suas características; b) dar consequência à percepção de que a interatividade

mediática afasta no tempo e no espaço os interlocutores, instaurando entre eles outras ações e interações, que são difusas e diferidas; c) abandonar a percepção que considera a interatividade como atributo substancial de um meio de comunicação e não de outros, concebendo-a, sim, como um processo socialmente construído.

Ao discutir a interatividade o pesquisador afirma ser o produto, e não o meio, a ocupar o lugar central no debate. Trata-se sim um produto constituído histórica e socialmente e, por extensão, processual.

Para Braga (2000, p.6) “o que importa efetivamente é como ele (o produto) circula na sociedade, desde sua produção até seus usos, incluindo nesses usos, não só a perspectiva imediata do “receptor”, mas também de sua presença como objeto de cultura.” E reforça a ideia de que a interatividade,

“(…) deve ser vista como um processo socialmente construído, utilizando variadamente determinadas características dos meios de comunicação, organizado historicamente em torno da geração de determinados produtos de sentido. (...) se um produto mediático é posto em circulação na sociedade e, efetivamente, circula, há, inevitavelmente, interatividade.” (ibidem)

O autor alerta para a probabilidade de que nenhum processo ou produto de interação social mediatizada consiga ser totalmente autocirculante. “Para que possa circular, e estimular a interatividade social, para ser compreendido e viabilizar interpretações, depende sempre de alguns fatores externos e complementares.” (Braga, 2000, p.18) E tais componentes externos devem se colocar “em interação com processos e organizações internas do tipo de produto em causa, enquanto sistema crítico”. Este, para ter viabilizada a sua circulação na sociedade, atendendo as expectativas, necessidades e desejos dos usuários, depende de estrutura organizativas operadas pela própria sociedade. Assim, a interatividade mediatizada remete à competência de interagir com os produtos (e através destes, com a sociedade) que envolve interpretação, seleções, percursos, avaliações, entre outros. “Essa competência não é dada, se constrói junto com a construção de estruturas, por aproximações sucessivas, em constante reelaboração histórica” (ibidem). Por sua vez, tal competência pode gerar ou não credibilidade aos processos de interação, gerando consistência, regularidades, continuidades, estabilidade.

A seção seguinte traz a discussão da noção de dispositivo interacional, elemento central nesse trabalho de tese. Pensa-se que ele decorre também, no caso de Braga, da continuidade de suas reflexões em torno das interações no contexto da sociedade em mediatização.

3.3 Dispositivo interacional

O debate em torno do termo *dispositivo* se fez mais presente nas pesquisas em comunicação, nas últimas cinco décadas, em decorrência das rápidas mudanças verificadas na complexidade assumida pelos processos de produção e circulação da informação, acentuadas pela digitalização e pela virtualização do ambiente comunicacional. É necessário referir que se trata de um conceito amplamente utilizado nas ciências sociais e, em particular, nos estudos de comunicação, ao lado do conceito de suporte.

E ainda que a sua origem seja pressuposta, ela, na maior parte das vezes, não é explicitada nas elaborações da área, como bem aponta Klein (2007) na discussão da gênese do conceito. Os usos do termo ganham contornos diversos, muitas vezes, na dimensão de um conceito geral que auxilia no sentido de especificar e detalhar a ideia que se pretende conhecer.

Bruck (2012, p.37) o nomeia enquanto uma “ideia-força que alavanca o dizer, lança pontes à tentativa de melhor compreensão do conceito de fundo – o processo, ou seja, a nuclear especificidade do conhecimento em questão.” Para este autor, não raro a noção de dispositivo nomeia um movimento, uma passagem, “um estado – algo menos que um processo” (id. ibid.). Tal indefinição favoreceu a utilização do conceito principalmente na sua forma unidimensional, sendo que nos estudos dos media ele se apresenta como algo técnico ou tecnológico, ou ainda, técnico-tecnológico.

Para Klein (id), o conceito de dispositivo, aplicado aos estudos midiáticos, consegue abarcar melhor a sua totalidade e complexidade. Segundo ele, os processos midiáticos só podem ser apreendidos em sua complexidade se forem consideradas as diferentes relações que se estabelecem entre as diversas dimensões em cena. “Nenhum fenômeno midiático pode ser bem compreendido se somente for abordado na perspectiva unidimensional, ou seja, olhando apenas para os aspectos e as operações técnico-tecnológicas, ou unicamente a dimensão sócioantropológica” (KLEIN, 2007, p.218). Ou ainda, apenas na perspectiva dos estudos da linguagem, que dependem da dimensão do código linguístico e da sociedade que o constitui. (id)

Klein discorre sobre a utilização do conceito dentro de distintas visões epistemológicas que se desenvolveram no campo da comunicação, a partir de autores que se utilizam do termo no campo, buscando caracterizar a sua subordinação para os âmbitos da comunicação. Nesta tese, a caracterização de *dispositivo* que orienta o trabalho provém dos estudos de Foucault (1979), Certeau (2012) e Braga (2011a). Limita-se a discussão a estes três

autores por considerar a conexão de percurso entre eles, e a definição de dispositivo interacional utilizada neste trabalho, conforme proposta por Braga (id).

Foucault utiliza a noção de dispositivo em diferentes ocasiões, constituindo o que se passou a denominar de *dispositivos de controle*. Para ele, o dispositivo possui uma formação histórica, tem uma função estratégica e está permanentemente situado em um jogo de poder que se liga a representações de saber e subjetividade. Nessa perspectiva, remete à noção de regulação, controle.

“Para você, qual é o sentido e a função metodológica deste termo: dispositivo? M.F.: Através deste termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (FOUCAULT, 1979, p. 244).”

Foucault (2006) declara que buscava as relações existentes entre o poder e o saber, e o fazia a partir da análise do saber ao nível de sua produtividade tática, buscando efeitos recíprocos que existem entre ambos, e a sua integração estratégica.

A clássica referência à genealogia do poder aparece no livro “Vigiar e Punir” (1987). Nele, com o *panóptico*, projeto arquitetônico da tecnologia de vigilância e disciplinação de corpos surgido na Europa no século XVII, Foucault exemplifica a abordagem histórica de um dispositivo de poder. Há no panóptico a combinação de um mecanismo e de várias práticas disciplinares que tornaram o exercício de poder mais fluído e eficaz, mesmo numa arquitetura de coerções sutis que movimentaram toda a sociedade para a chamada “vigilância integral”.

Foucault analisa ainda outro tipo de dispositivo, o da sexualidade. Segundo ele, trata-se de um tipo de poder que captura e domina os corpos, sua materialidade, suas forças, suas energias, sensações, e prazeres através de quatro estratégias globais: a histerização do corpo feminino, a pedagogização (disciplinação) do corpo da criança, a socialização das condutas de procriação e a psiquiatrização do prazer "perverso", que emergem no século XVIII criando uma relação entre degenerescência, hereditariedade e perversão.

Interessa capturar aqui a percepção de que a emergência desses dispositivos oferecem referências importantes sobre alguns procedimentos de análise. São diversas práticas e condições de possibilidades próprias da sociedade ocidental nas últimas décadas que remontam tecnologias para além da disciplinar, e que empreenderam novas formas de

intervenção social. Visualiza-se aí, por meio da noção de dispositivo, um conjunto de recobrimentos e sobreposições dos fatos registrados dentro de uma dada dispersão temporal. Historicamente, quanto mais as práticas de poder despertam a atenção, quanto mais ameaçam e reprimem, mais elas causam resistência, evidenciando a ambiguidade que permeia a discussão de inúmeros episódios contemporâneos. Por exemplo, uma mesma tecnologia que monitora o desempenho e os comportamentos dos sujeitos, também pode aumentar a segurança nos espaços públicos e gerar informações pertinentes sobre o trânsito, acidentes ou problemas nas ruas e estradas. Os efeitos duais de dispositivos de segurança na sociedade atual são traduzidos pela oscilação entre segurança e medo, autonomia e controle das atitudes.

Percebe-se nesse exemplo que o termo dispositivo, para além da dimensão que foi concebido por Foucault, evidencia uma flexibilidade capaz de transposição para outros objetos e finalidades. Ao mesmo tempo, assegura a percepção central de um “sistema de relações”, conforme sinaliza Braga (2011a, p.9).

Já os estudos de Michel de Certeau (2012) sinalizam a perspectiva de que o dispositivo pode ir além do controle e das restrições, implicando abertura de outras “possibilidades de contato, participação, ludicidade, experiências corporais e sensuais”. Ainda que Certeau não tenha desenvolvido uma sistematização conceitual sobre dispositivo, ao abordar as tecnologias disseminadas em seus estudos sobre as práticas cotidianas, o pesquisador questiona Foucault e sua perspectiva: a) “Como explicar o *desenvolvimento privilegiado*²¹ da série particular que é constituída pelos dispositivos panópticos?”; (...) “Qual o estatuto de muitas outras séries que, prosseguindo em seus silenciosos itinerários, não deram lugar a uma configuração discursiva, nem a uma sistematização tecnológica? Poderiam ser consideradas uma *imensa reserva* constituindo os esboços ou traços de *desenvolvimentos diferentes*.”²²; (...) “Qual é o estatuto de um dispositivo particular quando se transmuta em princípio organizador de uma tecnologia do poder? Qual é sobre ele *o efeito de sua exorbitação*?²³; “Pode-se ir mais longe?”” (CERTEAU, 2012, p.108-109)

Para o autor há um número ilimitado de procedimentos que não possuem o elemento preliminar, um lugar próprio de onde possa fazer funcionar a maquinaria panóptica. Esta heterogeneidade é o que permite problematizar outros tipos de dispositivos.

Braga vê nessa variedade de *aplicações* outras, a possibilidade de subordinar a compreensão do termo para a área da Comunicação a partir da percepção de que o “conjunto

²¹ Grifo do autor.

²² Idem ao anterior.

²³ Idem.

heterogêneo de materiais e processos que não só decorre da tecnologia, mas que, sobretudo, dá direção e sentido ao seu uso” (BRAGA, 2011a, p.11).

O pesquisador vem trabalhando a ampliação do conceito de dispositivo nos estudos da mediação. Ele associa à noção de *sistema de relações* outras duas noções: a de *matrizes socialmente elaboradas e em constante transformação*, e a de *ambiente de experiências*.

Braga (id. 05) insere a noção de *dispositivo interacional* como um “lugar de observação” do comunicacional, capaz de fornecer ângulos para a investigação das interações e das relações. Segundo ele, a noção tem aspectos que merecem ser destacados: a) reúne aspectos heterogêneos que articulam um determinado processo social. Alguns daqueles são da ordem da codificação, “outros são circunstanciais, inferenciais. Alguns elementos são técnicos, outros culturais, outros de ordem prática, outros, ainda, institucionais; alguns serão essencialmente comunicacionais” (id. p.06); b) é uma organização *ad-hoc*, prática, pragmática que decorre historicamente dos processos; c) se contrapõe à ideia de instituição, sendo entendido como ambiente de experiência; d) são matrizes acionadas pelo episódio interacional que “lhes dá forma, sentido, substância e direcionamento”, lembrando que “a elaboração social se faz na prática das interações” (BRAGA, 2011a,p.11).

Do ponto de vista conceitual, define os dispositivos interacionais como:

“(…) espaços e modos de uso, não apenas caracterizados por regras institucionais ou pelas tecnologias acionadas; mas também pelas estratégias, pelo ensaio-e-erro, pelos agenciamentos táticos locais – em suma – pelos processos específicos da experiência vivida e das práticas sociais” (BRAGA, id.p.11)

O autor defende que o termo “é particularmente propício para estudos da mediação – exatamente porque permite ultrapassar uma referência exclusiva aos “meios” (tecnologias, empresas midiáticas e/ou a forma de seus produtos) ou apenas às circunstâncias muito concretas e imediatas de sua apropriação (a relação “direta” de recepção)” (BRAGA, id.,p.11). Tal perspectiva permite a inclusão das mediações que o usuário traz para a interação, as expectativas sobre ele no momento da criação dos produtos, como também “permite incluir os processos em geral que cercam a circulação mediática; e aí também os contextos significativos de produção, de apropriação e da “resposta social” (sob qualquer forma em que esta ocorra)” (ibidem). Trata-se, pois, de um instrumental teórico que permite apreender os contextos imediatos, as circunstâncias, os processos, os participantes, objetivos ou questões singulares.

Considerando a perspectiva dos estudos de processos interacionais empíricos, como é o caso deste trabalho de tese, seu emprego pode acionar uma série de perguntas que – se respondidas através da pesquisa– possibilitam aproximar características relevantes do processo comunicacional.

“Que elementos relevantes encontramos em diferentes dispositivos? Que sistemas diferenciados de relações? O que a sociedade parece estar tentando aí? (o que é diferente de se perguntar o que os participantes da interação estão tentando). Que regras ou códigos estão sendo elaborados nessas tentativas? Que espaços, por outro lado, são deixados à inferência conjuntural? O que esses códigos viabilizam ou constroem, na lógica dos objetivos? Como os processos tentativos conjunturais lidam com a própria insuficiência inerente aos códigos? Que diferentes objetivos sociais tentam se sobrepor em um mesmo dispositivo?” (BRAGA, 2012, p.38)

Para o autor, os dispositivos são importantes, dentro de um dado espaço institucional, porque mais próximos do *uso*, como contextos intermediários das instituições. “Os dispositivos articulam, próximos das situações de uso de códigos e normas, os processos de ordenação social e as disposições “de linguagem” – funcionando como seu âmbito operador de interações.” E ainda, “é na sedimentação do que vai sendo tentado, testado e selecionado nas interações sucessivas de um dispositivo que ele mesmo se transforma, assim como a seus componentes – produtos, linguagens, lógicas, tecnologias e invenções de uso”.

4 CANAL FUTURA: CONTEXTOS

Este capítulo busca situar os contextos do Canal Futura (CF) enquanto instância midiática, delineando a sua gênese e relações no cenário da televisão brasileira e sinalizando, em seu modo de operar, as suas estratégias tecnodiscursivas.

Leva-se em conta que as ações envolvendo as distintas instâncias do caso em análise neste trabalho, fazem parte de uma complexa processualidade. Tal processualidade remete à intencionalidade do CF e do grupo ao qual pertence em se destacar, de modo singular e expressivo, no que tange às intervenções sociais e de caráter educacional no país, ao mesmo tempo em que é tensionada pelas demandas originárias do mesmo social a que se propõe transformar.

Conjunturalmente, o Canal Futura se originou dentro dos movimentos das Organizações Globo²⁴ através da criação da Fundação Roberto Marinho (FRM), que o lançou em 1997 enquanto um projeto social de comunicação voltado para o campo educacional e para a transformação social.

Constituiu-se como um canal de televisão educativa, cuja origem decorre da experiência em teleducação das Organizações Globo que, aliada a 14 grupos empresariais do setor privado, se uniram em torno da proposta de criação de um canal de televisão voltado exclusivamente para a educação.

²⁴As *Organizações Globo* são o maior conglomerado de empresas do setor de mídia do Brasil e da América Latina e, reúnem, hoje, 121 emissoras entre geradoras e afiliadas, com transmissão para 99,84% dos municípios brasileiros. Atua em diferentes setores, incluindo o de telecomunicações em que se destaca a Rede Globo de Televisão, a maior rede de televisão do país. Sua origem data da década de 20, quando a primeira iniciativa da *holding* foi a fundação do jornal *A Noite*, por Irineu Marinho, no Rio de Janeiro. Em 1925, Marinho decide fundar um segundo jornal, *O Globo*, para concorrer com os demais impressos da época: *Correio da Manhã*, *O Paiz*, *Gazeta de Notícias*, *O Jornal*, *Diário Carioca* e *Jornal do Brasil*. Semanas depois, com a morte repentina de Irineu Marinho, o seu filho Roberto Marinho passou à direção da empresa dirigindo-a até morrer, em 2003. Em 1944, Roberto Marinho inaugurou a *Rádio Globo*, também no Rio de Janeiro e, em 30/12/1957 recebeu a concessão para estabelecer nesta cidade uma radiodifusão (decreto-lei 42.946).

No ano de 1965, a TV Globo iniciou suas atividades aproveitando um contrato de cooperação e assistência técnica assinado com a norte-americana *Time-Life*, embora a Constituição brasileira proibisse a participação de empresas estrangeiras em atividades de comunicação de massa. Tal contrato que vigorou até 1969 permitiu a transferência de tecnologia, estruturando a TV Globo nos moldes das modernas empresas de comunicação, da infraestrutura física ao modo de gerenciamento de pessoas e uma administração apoiada em estratégias de marketing. (MELO, 1988). A partir daí a empresa se tornou líder no segmento de mídia e expandiu negócios, até atingir e consolidar o pioneirismo tanto de audiência como de faturamento.

Em 1977 é criada a Fundação Roberto Marinho. Segundo dados do jornal *Valor Econômico*, os últimos balanços financeiros que não incluem a Infoglobo, abrigam a Rede Globo de Televisão e as participações do grupo nas seguintes empresas: Net Serviços (6,35%), Endemol Globo (50%), Telecine (50%), USA Brasil Programadora (50%), PB Brasil (60%), GB Empreendimentos (17%), Canal Brasil S.A. (50%) e associadas como a Sky Brasil. Tais dados estão disponíveis in: http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/ed688_organizacoes_globo_obtem_aumento_de_12_na_receita. Acessado em 02/04/2012.

O canal integra o grupo Globosat²⁵ e está incluído em todos os pacotes oferecidos pelas operadoras relacionadas ao grupo – NET, NET Digital e Sky, e também pode ser assistido através de antenas parabólicas convencionais como um canal aberto. Ele passou de 19 milhões de telespectadores no ano de 2000 para cerca de 33 milhões de brasileiros em 2007, segundo dados das pesquisas de audiência realizadas sistematicamente pelo Instituto Datafolha. E considerando a sua dimensão televisiva, “alcança 73 milhões de brasileiros em seus diferentes ambientes de distribuição (Banda C, emissoras universitárias e TV por assinatura)” e também por meio do trabalho desenvolvido em campo pelas suas equipes de mobilização e articulação comunitária. (FINGUERUT, S. & SUKMAN, H., 2008, p.154)

Projetado sob a responsabilidade da Fundação Roberto Marinho, consta no site da fundação como um dos seus projetos, o que ainda hoje gera ambivalências internas no CF sobre sua própria identidade e autonomia. A FRM é uma ONG criada e mantida pelas Organizações Globo e pela família Marinho com foco na atuação dos meios de comunicação junto aos problemas educacionais, sendo apontada como uma estratégia encontrada para a captação de recursos públicos para o financiamento de projetos de teleeducação produzidos pela própria empresa.

Instituída como uma organização sem fins lucrativos nos modelos das fundações americanas que possibilitam o investimento de empresas privadas na área da cultura e são assentadas em gestões de marketing, a Fundação está habilitada a receber também recursos públicos e impostos que as Organizações Globo deixam de recolher para aplicar na FRM (MATTELART, 1976).

Belloni (2002) assinala que a criação da FRM, no ano de 1977, assegurou a entrada das Organizações Globo de modo formal no mercado da educação à distância, com a produção dos telecursos de 1º e 2º graus, gerando também um mercado rentável com a venda de fascículos e de programas televisivos gravados.

Os projetos da FRM beneficiam-se da liberação de espaço em canais de televisão, rádios, revistas e jornais vinculados às Organizações Globo. Esta peculiaridade estrutural, assim como seu poder de implementação, a distingue das demais instituições do Terceiro Setor, ampliando a sua competitividade e, não raro, substituindo as emissoras de TV públicas na produção de programas educativos.

Em inúmeros momentos, a Fundação fez com que a Rede Globo passasse a representar institucionalmente as propostas do Ministério de Educação e Cultura (MEC), associando-se às

²⁵ Junto com outros 20 canais, tais como GNT, Multishow, Sportv, Canal Brasil e Telecine.

instituições de ensino superior, núcleos de educação e Secretarias de Educação em estados e municípios.

Atualmente, os projetos da FRM captam recursos de empresas privadas e públicas, nacionais e internacionais que atuam como parceiros em diferentes propostas. E nessa direção, é necessário situar que a Fundação ampliou também a sua área de atuação com investimentos em áreas estratégicas, como a da preservação do patrimônio histórico e da questão ambiental.

A busca da viabilização de um espaço de convergência e aprofundamento do tripé constituído pelas suas três principais áreas de atuação – educação, ecologia e patrimônio histórico – é uma das marcas da origem e concepção do Canal Futura, segundo estudo que analisa a marca do canal (SANDE, 2010).

No contexto que deu origem ao CF e também à Globo Vídeo, é preciso mencionar que, às vésperas da sua criação, a experiência da FRM com o vídeo-escola atingia 16 mil escolas públicas do Brasil através da Metodologia das Telessalas, implementadas pelos Telecursos. Tratava-se do uso da tecnologia do audiovisual como apoio ao trabalho pedagógico em sala de aula, através de um acervo de programas distribuídos em fitas de vídeo (FRM) e transmitidos pela televisão em horário específico. Vilma Guimarães, gerente geral de educação e implementação, durante debate sobre Educação e Televisão, no programa Ver TV, da TV Câmara, declarou: “*O Canal Futura é consequência da experiência bem-sucedida do Telecurso*”.²⁶

Entre idas e vindas das negociações, o processo assegurou a institucionalização da Rede Globo na política educacional do governo militar que se propunha, entre outros, a solucionar um problema da educação nacional: atender à terça parte da população brasileira que não concluíra o segundo grau. Cabe observar que tais movimentos têm profundas implicações na história do país.

A Rede Globo, como é conhecida, tem concentrado expressivos investimentos financeiros e intelectuais, aos quais correspondem, na mesma proporção, o seu aperfeiçoamento e críticas. Seu percurso é visto com reservas por muitos autores que mergulharam nos bastidores da história da origem das Organizações Globo, como a psicanalista e ensaísta Maria Rita Kehl, com a pesquisa “Eu vi um Brasil na TV” (1986); e o jornalista Daniel Herz (A história secreta da Rede Globo, 1987) que investigou e comprovou não só as relações financeiras da empresa com o conglomerado de comunicação norte-

²⁶ Exibido em 02 de julho de 2006. Disponível em [\[http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/tv/materias/172440.html\]](http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/tv/materias/172440.html)

americano Time-Life²⁷ num momento em que a Constituição brasileira proibia a participação estrangeira em empresas de comunicação de massa, mas também o apoio político-ideológico que ela obteve por parte do governo militar. A estas obras é possível associar dois outros livros, escritos em períodos distintos, que apontam para acontecimentos internos que marcaram sucessivas ações das Organizações Globo e que trouxeram consequências históricas e políticas para o país: “Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia” (2005), uma coletânea de 17 artigos organizada pelos professores Valério Brittos, da Unisinos, e César Bolaño, da Universidade Federal de Sergipe; e “Notícias do Planalto” (1999), do jornalista Mário Sérgio Conti.

Concordando com Gomes (2007) não há como desconsiderar as contradições e relações de poder que envolvem o Sistema Globo de Televisão. Elas se dão ora num contexto relações econômicas e de poder político num momento do país em que se vivenciou o pior em termos de governabilidade, ora num cenário marcado por um fino cuidado técnico e profissional de seus produtos, atingindo milhares de pessoas, e cuja disseminação tem colocado em circulação uma variada gama de sentidos identitários.

Trata-se, ainda concordando com a pesquisadora, de pensar a trajetória da rede sem incorrer numa mirada maniqueísta das suas relações, e perceber nela uma diversidade de papéis balizada por uma centralidade que se traduz efetivamente num poderoso fator de integração nacional. Para Bucci (2004) tal centralidade forjou o espaço público brasileiro com todas as suas nuances, e cujas consequências merecem atenção.

Nessa direção, o Canal Futura é parte e consequência nesse processo, cuja complexidade define novos modos de operar as velhas matrizes culturais, ao ofertar novos modelos de socialização. A inserção do sistema televisivo privado no campo das políticas públicas de educação e seus efeitos na modelização do ensino a distância faz parte dessa trajetória, encabeçada pela FRM.

A experiência da FRM e o aporte estrutural que caracterizou o CF desde o seu início, o tornaram internacionalmente conhecido como projeto inédito de comunicação para a mudança social, e apontado como exemplo significativo por especialistas da ONU e do Banco Mundial (FINGUERUT, S. & SUKMAN, H., id). Resta lembrar que, nesse período, a FRM já tinha a experiência com o Telecurso no Japão, Argentina e Inglaterra, o que abriu as portas para a visibilidade do novo projeto.

27O contrato entre a Globo e a Time-Life estabelecia a esta 30% dos lucros líquidos anuais da emissora, além de assistência em administração, programação, publicidade, controle do capital, orientação técnica, contrato e treinamento de pessoal, construção e operação de canais, compra e venda de material de propaganda. (HERZ, id)

Isto justifica a importância de situar tanto a experiência com os telecursos como precursora do projeto do Canal Futura e de seus projetos cujas estratégias, em muito, se devem ao conhecimento acumulado nessa trajetória; quanto a sua similitude com o projeto TV Escola neste cenário.

4.1 Telecurso: itinerário de uma estratégia midiática

A origem dos Telecursos emerge de um contexto de iniciativas pouco duradouras em se tratando de projetos educativos via sistema televisivo, e o seu êxito implicou um novo parâmetro na construção de um modelo de teleducação. Além de disponibilizar e disseminar conteúdos educacionais pela via da televisão, a decisão de incluir profissionais formados dentro da lógica televisiva do sistema de TV comercial na criação e produção de programas educativos, fazendo experimentos com a linguagem audiovisual, implicou inovações e avanços à construção sistemática de um modelo voltado à produção da educação a distância via televisão.

O depoimento de Vilma Guimarães, referido anteriormente, revela que essa experimentação fez com que professores de departamentos universitários envolvidos na montagem de programas, terminassem se especializando na linguagem e no formato televisivo. E ainda, que a apropriação de conteúdos pedagógicos e educacionais também se deu com os profissionais da comunicação envolvidos no processo. Segundo ela, essa troca experimental de conhecimentos possibilitou o desenvolvimento de uma nova linguagem de televisão que explora na edição, de modo simultâneo, a narrativa e a produção da dramaturgia, a legitimidade da produção acadêmica e a credibilidade do jornalismo na edição. Desse modo, o Telecurso nasce marcando essa transição de linguagens e, na produção, se volta à preocupação em ter uma estética e um formato atraentes, sendo também o responsável, à época, pelo fomento e ampliação do uso de videocassete e imagens na escola.

O programa do Telecurso no Brasil existe desde a década de 70, com foco no ensino supletivo, abandonado desde 1974, quando o projeto Madureza Ginásial, da Fundação Padre Anchieta (FPA), mantenedora da TV Cultura (SP) em convênio com a editora Abril, foi tirado do ar por ser considerado um modelo ultrapassado.

O ensino supletivo através da televisão foi retomado formalmente no ano de 1977, quando a FRM assinou um convênio com a FPA, aproveitando a disponibilidade da Rede Globo de Televisão e o fato do Canal Cultura ser o único canal educativo com sinal aberto de cobertura. Assim, em janeiro de 1978 foi lançada a versão piloto do Telecurso 2º Grau, indo

ao ar pela primeira vez na televisão, a vinheta de abertura do programa. Na tela da TV eram exibidas, uma a uma, as logomarcas das instituições promotoras, com uma voz masculina que anunciava em off: “Fundação Roberto Marinho, em parceria com a Fundação Padre Anchieta, apresenta: educação permanente, Telecurso 2º Grau, atualização de conhecimentos, exames supletivos”. Segundo Niskier (1999), declarações indicam que as linhas telefônicas da Rede Globo congestionaram com as ligações de pessoas que buscavam mais informações.

A estratégia também incluiu a publicidade massiva em torno do programa e dos seus materiais nos demais veículos de comunicação da Rede, e iniciou imediatamente no dia seguinte ao lançamento na televisão. Começava assim a comercialização dos fascículos nas bancas de jornal e revistas. Os fascículos do Telecurso eram editados na Editora Rio Gráfica Educação e Cultura, que, posteriormente, em 1982, foi absorvida pela FRM.

Naquele mesmo ano de 1978, aproveitando a estrutura do Projeto Minerva²⁸, o programa foi adaptado para o rádio. E apesar de o projeto ter sido proposto ao MEC, não houve acordo, uma vez que o ensino secundário não era prioridade das políticas públicas de educação. No entanto, no ano seguinte, já respaldado pelo o êxito da experiência com o Telecurso 2º grau, amplamente visibilizada através de rede de telecomunicações que permitia a transmissão de imagens em diferentes pontos do país, a FRM envia ao ministério um projeto de Telecurso 1º Grau, que foi aprovado e financiado em 1980.

Na ocasião, com o *know-how* e em busca de um núcleo educacional próprio, a FRM deixou de fora, sem explicações, a FPA. Assinou convênio com a Universidade de Brasília (UNB), que se responsabilizou pelo acompanhamento e avaliação permanente dos materiais produzidos e dos resultados do programa que foi ao ar em março de 1981, numa transmissão em cadeia de 59 emissoras de TV e 900 de rádio.

O discurso da FRM no documento de proposição do programa se desloca do ensino supletivo e da preparação aos exames para o de “um processo educativo que pretende capacitar seus estudantes para novas etapas de estudo, o que inclui até mesmo a prestação de exames, a aprovação e obtenção de certificado”. (FRM, s.d.)

²⁸ Programa brasileiro de rádio desenvolvido pelo governo federal, voltado à educação de adultos. De transmissão obrigatória em todas as emissoras do país, foi criado pelo então *Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério da Educação e Cultura* em parceria com a Fundação Padre Anchieta e Fundação Padre Landell de Moura, visando à preparação de alunos para os exames supletivos de capacitação ginásial e Madureza Ginásial que a Fundação produzia. Iniciou suas transmissões em setembro de 1970 e foi implementado como uma solução a curto prazo aos problemas do desenvolvimento do país, num período de crescimento econômico onde o pressuposto da educação era o da preparação de mão de obra. “O Projeto Minerva foi mantido até o início dos anos 80, apesar das severas críticas e do baixo índice de aprovação - 77% dos inscritos não conseguiram obter o diploma”. (MENEZES, E. & SANTOS, T., 2002)

O modelo do Telecurso se caracterizava por três fatores centrais: a) a exibição simultânea de programas pela rede de emissoras de radiodifusão televisiva que era composta por 39 veículos comerciais e nove não comerciais; b) a publicação de fascículos semanais para venda em bancas de jornal e revistas, a um preço bastante acessível, dado o público-alvo, e distribuídos em 3.000 municípios do país; c) a ampla divulgação, em todo o país, das opções de horários e de conteúdo das teleaulas e das datas dos exames realizados pelas Secretarias de Educação.

Oliveira (2011) em sua pesquisa sobre o Telecurso 2º Grau, atribui parte do sucesso do programa, já no seu primeiro ano de veiculação na televisão brasileira, ao amplo trabalho na produção audiovisual, o que culminou numa boa aceitação da audiência e no seu reconhecimento no campo televisivo e em setores oficiais que respondiam pela política educacional. E em outra parte, pela capacidade que a FRM teve de aproximar do projeto, diferentes agentes do campo político e educacional.

Para o pesquisador, o período, mesmo marcado pela distensão política e o início do enfraquecimento do regime militar, exigia que a FRM tivesse o apoio oficial do governo para assegurar a sobrevivência do Telecurso e a sua própria em termos de financiamento público dos seus projetos²⁹.

De fato, o trânsito de Roberto Marinho³⁰ em diferentes campos e setores do governo assegurou o sucesso do projeto que se tornou um paradigma no ensino televisual. Era uma iniciativa considerada inédita, que trazia um programa educacional veiculado por uma televisão comercial em todo país, o que significava um modo de integração via teleducação, sendo convergente com o objetivo da integração nacional presente em grande parte dos documentos oficiais dos governos militares.

Dados divulgados por Litto (2011) apontam que durante a primeira fase do projeto se produziu 432 programas de 15 minutos, exibidos em três etapas de 24 semanas. E até o término do primeiro ciclo do telecurso, foram vendidos cinco milhões de fascículos.

²⁹O projeto enviado em abril de 1979 pela FRM ao MEC previa investimentos de Cr\$ 368 milhões, valor muito superior ao orçamento da própria Subsecretaria do Ensino Supletivo (SES) que era de Cr\$175 milhões. O projeto foi aprovado em julho no valor de Cr\$250 milhões, cujo repasse foi definido em acordo assinado em junho do ano seguinte. Em fevereiro de 1982, o MEC aprova o repasse de mais Cr\$ 320 milhões ao projeto. (BRASIL, 1983:12-5)

³⁰ Daniel Herz (1987:25) refere a uma das poucas entrevistas que Roberto Marinho teria concedido ao jornal norte-americano *Times*, revelando o seu caráter incisivo: “*Nós fornecemos todas as informações necessárias, mas nossas opiniões são de uma maneira ou de outra, dependentes do meu caráter, das minhas convicções e do meu patriotismo. Eu assumo a responsabilidade sobre todas as coisas que conduzo (...) Sim, eu uso esse poder (...)mas sempre de maneira patriótica, tentando corrigir as coisas, procurando caminhos para o país e seus estados. Nós gostaríamos de ter poder suficiente para consertar tudo o que não funciona no Brasil. A isso dedicamos todas as nossas forças*”. Já em Lima (2005 apud GOMES, 2007) essa mesma entrevista é atribuída à revista norte-americana *Variety*.

Segundo a pesquisa do autor, no período em que a FRM implementou o Telecurso de 1º grau para os níveis da 5ª a 8ª série (1981 a 1995), tendo o apoio técnico e financeiro do Ministério da Educação, foram instituídos 851 centros de recepção do sinal de televisão em 23 Estados brasileiros. Até 1983, a experiência chegara a 91.400 alunos que frequentavam os centros de recepção, com altos índices de aprovação – 83% a 94% - naqueles Estados em que o Telecurso tinha parcerias com o governo local. Até o ano de 1985, o Telecurso 2º Grau atingira a 3,5 milhões de adultos e, em 1989, alcançava 15 milhões de telespectadores, dos quais 4 milhões obtiveram o diploma do ensino secundário. Nesse período, o Telecurso era transmitido por 60 emissoras de televisão, 20 emissoras de rádio, 1.400 telessalas e uma audiência regular de 1,3 milhões de telespectadores.

Em relação aos índices, vale registrar que apesar da pesquisa atualizada de Litto, os dados divulgados pela FRM são historicamente discutidos. A própria FRM anunciou índices desconhecidos no período inicial do programa do Telecurso, cuja procedência não foi exatamente comprovada, o que acabou apontado por Bordenave (1981, apud KAPLUN, 1983, p.14) em estudos para a Unesco: “a totalidade dos múltiplos serviços da educação não formal no Brasil agrupa um alunado de apenas 90 mil estudantes. Se considerarmos que a população analfabeta do país alcança 23 milhões de adultos, temos que os sistemas brasileiros de educação não formal à distância só atingem 0,39% de sua população alvo.”

Fato é que, ao investir em teleducação numa parceria com o Estado, a FRM se beneficiou dos índices de baixa escolaridade que marcava o contexto brasileiro. Só no Estado de São Paulo, a demanda pelo ensino supletivo era de 400 mil pessoas, enquanto no Brasil chegava a 3.2775.026 pessoas fora da rede escolar e na faixa etária entre 15 e 39 anos, segundo dados fornecidos à época pela Secretaria da Educação de São Paulo (MIRANDA, 2007).

Já na primeira edição, os conteúdos dos currículos do Telecurso 2º Grau foram definidos com base num levantamento e na análise dos programas oficiais de ensino dos Estados considerados de maior público alvo – Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Pará e Goiás. A FRM e a FPA contratavam professores para produzirem os textos básicos que eram entregues às equipes de produção da TV para readaptação à linguagem televisiva.

A duração dos cursos era de um ano e meio, divididos em três etapas de seis meses com seis disciplinas em cada uma delas. Eram exibidos em horários matinais: 7h da manhã de segunda a sexta, com reprise no sábado às 9h30min e, posteriormente, assegurando as questões de interesse comercial, para as 6h45min durante a semana e às 7h nos sábados.

Cada teleaula tinha (e ainda tem) um núcleo de dramaturgia com enredo e elencos próprios, correspondendo à divisão por disciplina, e com conteúdos roteirizados por professores e jornalistas à semelhança de uma telenovela³¹. Aulas de Química e de Ciências eram ambientadas num bar e numa banca de jornal reproduzindo as dinâmicas da vida cotidiana. Os diálogos dos personagens desse enredo – na sua maioria atores conhecidos de novelas e comerciais – tratavam de algum fato ocorrido nesses ambientes que serviam de nexos para as explicações da disciplina. Da mesma maneira, aulas de Inglês aconteciam numa agência de turismo; as de Português mostravam o cotidiano de um operário que gostava de escrever e as do curso profissionalizante de mecânico giravam em torno de um personagem aprendiz de metalúrgico.

Nesse mesmo sistema, quando a FRM preparou o projeto do Telecurso 1º grau, reformulou não só os programas como o modo de produção, colocando a trabalharem juntos os professores e a equipe de produção televisiva. Contratou 15 professores especialistas nas matérias de 1º grau para os cursos específicos, cinco (5) professores permanentes do núcleo de educação, 10 profissionais da linha editorial, além da equipe do núcleo de produção televisiva. Foram preparadas 460 aulas para 360 programas que constituem o curso completo. Já os textos base da produção para o rádio foram encaminhados para a equipe do projeto Minerva que preparava os materiais, trabalhando em conjunto com os professores do MEC.

Do ponto de vista da proposta pedagógica, os programas apresentavam inovações metodológicas e estruturais, deslocando o foco do ensino cumulativo de informações para o de uma formação fundamental, cuja seleção de conteúdos se voltava ao atendimento das necessidades e aspirações do público ao qual ele se dirigia. Já introduzia nesse momento a percepção da diversidade de quadros regionais - marca central do trabalho desenvolvido hoje pelo Canal Futura -, com suas respectivas dificuldades e problemas, ao menos no nível do discurso. Na prática, não há indicações de que houve pesquisa prévia para identificar que necessidades eram essas e que aspirações tinham esse público.

Metodologicamente, para garantir uma participação coletiva considerada fundamental àqueles que não quisessem ou não conseguissem estudar sozinhos, foram criados os Centros de Recepção Organizada (CROs) – locais onde se reuniam os estudantes sob a orientação de um monitor previamente preparado pelas Fundações para acompanhar as transmissões de TV

³¹Sobre a influência da dramaturgia através da telenovela brasileira ver os estudos de Maria Immacolata Vassalo Lopes. A telenovela (...) “é responsável pelo caráter, senão único, pelo menos peculiar, de ser uma “narrativa nacional” que se tornou um “recurso comunicativo” que consegue comunicar representações culturais que atuam, ou ao menos tendem a atuar, para a inclusão social, a responsabilidade ambiental, o respeito à diferença, a construção da cidadania. (LOPES, 2009, p. 22)”

e rádio, ou exibições cinematográficas. A sugestão era de que os CROs fossem instalados com recursos dos Fundos de Participação dos Municípios em nível público e, no setor privado, ficaria a cargo das empresas participantes. Assim, foram envolvidos todos os setores interessados e, além das Secretarias de Educação, sindicatos, associações, indústrias através do SESI, implementaram os CROs.

O projeto previa três tipos de recepção: a recepção livre, a recepção controlada sob a responsabilidade dos Centros de Ensino Supletivo (CESs) e a recepção organizada nos CROs. Previa ainda, a partir de 1982, a recepção em circuito fechado em Núcleos Avançados de Centros de Ensino Superior (NACES). Nesses locais também deveriam ocorrer as provas aplicadas aos estudantes.

D'Almeida (1988), ao analisar o ensino supletivo pela TV, refere que a UNB, ao divulgar o relatório sobre a experiência como Telecurso 1º grau – apenas uma avaliação foi feita, a despeito do acordo assinado – apontou três problemas centrais: a) a ausência de coordenação do Supletivo de Primeiro Grau (SPG) enquanto sistema de multimeios; b) a falta de integração dos órgãos (MEC/FRM) diretamente envolvidos no projeto, implicando em ações desarticuladas; e c) a falta de um acompanhamento sistemático para a identificação de desvios e distorções para implementação de medidas corretivas.

O relatório sugere ainda medidas que, mesmo não adotadas imediatamente, em grande parte se fizeram sentir ao longo das readaptações do programa e também no modo de gerenciar os projetos da Fundação. Resumidamente, são elas: a) “o desenvolvimento de ações de sensibilização e conscientização da clientela e do pessoal de serviços envolvidos em todos os escalões”; b) “a melhoria dos padrões em serviços de nível de infraestrutura administrativa”; c) no tocante à programação veiculada pela TV, material impresso e de rádio, “propugna-se o incentivo à produção regional ou local de material didático, independente do SPG destinado ao suprimento das carências educacionais da população-alvo, não preenchidas pelo caráter nacional da produção”; d) “É recomendada ainda a realização de pesquisas de penetração de emissoras de rádio e TV, prévia à instalação de radiopostos e telepostos”; e) “veiculação em horários mais compatíveis com a disponibilização da clientela”; f) “treinamento dos recursos humanos capazes de garantir uma estrutura suficiente para o desenvolvimento do projeto”; g) “construção de um sistema de captação, seleção e distribuição de dados sobre o SPG”; h) “substituição do Jornal do Telecurso por um livro com todas as aulas.” (D'ALMEIDA, 1988, p.70).

Na década seguinte, o programa Telecurso sofreu inúmeras revisões e adaptações e, em 1995, sem abandonar a experiência anterior acumulada, foi transformado no Telecurso

2000 (TC2000), uma programação de ensino a distância, produzido e veiculado pela FRM em parceria com o Sistema FIESP - Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, que substituíra a Fundação Bradesco como parceiro do projeto no ano anterior.

O programa sofreu uma atualização e aperfeiçoamento, readaptando a teledramaturgia à educação e direcionando sua base pedagógica para o mundo do trabalho. Os conteúdos versam em torno desse universo e em questões da vida cotidiana dos estudantes. Dos componentes curriculares tradicionais- atualmente modificados – implementaram-se novos módulos, como a educação para a cidadania, para o trabalho, defesa do patrimônio e dos bens naturais, bem como habilidades básicas essenciais para a sociedade em transformação acelerada. (FRM, 2004)

Desse modo, numa dinâmica própria, se volta para uma clientela de alunos formados na sua maioria por trabalhadores adultos, parte deles com filhos, e uma desvantagem de três ou mais anos de estudo, reprovações e evasão do sistema formal de ensino.

4.2 Telecurso 2000: dos Centros de Recepção Organizada (CRO) à metodologia das Telessalas e às Salas Futura

Na sua versão mais atual, o Telecurso constituiu-se num método de transmissão sistematizada dos conteúdos curriculares, organizado em etapas dentro de um planejamento pedagógico voltado para o ensino fundamental, médio e profissionalizante, e cujo objetivo é “chegar aonde a escola convencional não chega” (op.cit).

Hugo Barreto, então coordenador do Telecurso 2000 no sistema FIESP, salienta que a ideia do projeto nos moldes propostos nascera de uma pesquisa que detectou que os alunos matriculados nos cursos profissionalizantes do SENAI tinham dificuldade em acompanhar as aulas por falta de formação básica. Daí a busca da parceria com a FRM e da sua experiência com o telecurso, uma vez que as empresas tinham interesse em melhorar o desempenho profissional dos seus funcionários, agregando a qualidade decorrente da educação.³²

Desse modo, no seu início, o modelo educativo do TC2000 atendia somente programas de educação de empresas e de entidades vinculadas a elas. No entanto, o incentivo das políticas públicas³³ ao uso das tecnologias estendeu este modelo midiático/ educativo para

³² Hoje é Secretário Geral da Fundação Roberto Marinho, em entrevista ao Programa do Jô Soares em 10/05/2013. Disponível in: [<http://gshow.globo.com/programas/programa-do-jo/O-Programa/noticia/2013/05/hugo-barreto-comenta-os-35-anos-de-sucesso-do-telecurso.html>]

³³ A Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBN (1996) e o Livro Verde, documento da Sociedade da Informação Nacional, organizado por Takahashi (2000).

programas educacionais em outros tipos de entidades, como escolas públicas, associações e ONGs que atuam na área da educação.

Hoje, o Telecurso 2000 se sustenta em quatro grandes eixos: a já mencionada educação centrada no trabalho e o ensino em contexto, somados ao desenvolvimento de habilidades básicas e de atitudes de cidadania. Para tanto, adotou a metodologia de ensino multimeios, envolvendo recursos como a televisão, o vídeo e os materiais gráficos e, ainda, a teledramaturgia, como já mencionado.

Paralelamente, possui um ambiente virtual de aprendizagem (AVA), onde explora os recursos da web, potencializando o acesso aos seus vídeos através do YouTube e página nas redes sociais via Facebook e Twitter.³⁴

A FRM sustenta, ainda hoje, a sua proposta na concepção de que a interação e a particularidade dos diversos meios utilizados para o ensino é o que facilita a apreensão e aplicação dos conteúdos transmitidos durante o curso. Enquanto a televisão funciona em circuito aberto³⁵ - nos locais do telecurso - os DVDs são usados como complementação de conteúdo, assim como livros e demais recursos para acompanhamento do aprendizado do aluno. As teleaulas também são gravadas, disponibilizadas e exibidas em centros de recepção - as telessalas -, instituídas por empresas, sindicatos, escolas, entre outros parceiros no projeto, e no portal do Telecurso, na internet.

As telessalas foram lançadas como projeto no ano de 1998, definidas como metodologia e financiadas com recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), em parceria com o Ministério de Trabalho e Emprego, a FRM, o Canal Futura, a FIESP e a Confederação Nacional da Indústria (CNI) através do Serviço Social da Indústria (SESI). Inicialmente o projeto tinha o objetivo de implantar 3 mil novas salas de aula distribuídas entre a Amazônia Legal e nos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo, e nas quais os trabalhadores poderiam concluir o primeiro e o segundo grau pelo Telecurso 2000. Atualmente elas também atingem os Estados de Minas Gerais e Pernambuco, somando 27.714 em operação.

O projeto Telessalas 2000 é também reconhecido pelo Ministério da Educação, como parte do programa de educação de jovens e adultos, e já foi incorporado por inúmeras organizações privadas e escolas da rede pública de ensino fundamental e médio que oferecem o supletivo de Educação de Jovens e Adultos (EJA) nessa modalidade.

³⁴ www.telecurso.org.br;

³⁵ “As aulas do Telecurso são veiculadas pela TV Globo, Canal Futura, TV Cultura, TV Brasil, Rede Vida, TV Aparecida, Rede Minas, Rede Gênese, Globo Internacional e em circuito fechado de redes setoriais. Sua programação é exibida semanalmente em diferentes horários.” (FRM, <http://www.telecurso.org.br/na-tv/>)

Renato M. Carli, então gerente de projetos na área de teleducação da FRM, em entrevista ao site Aprende Brasil³⁶, destaca entre as vantagens da educação através das telessalas, o custo de implantação:

“O custo de implantação de uma telessala é bastante razoável, se levarmos em conta o custo/aluno do sistema público de ensino no país, que é da ordem de R\$ 450,00 no ensino fundamental e de R\$ 650,00 no ensino médio. O custo/aluno do Telecurso 2000, dependendo das circunstâncias de implantação das telessalas, pode ficar bem abaixo dos custos do aluno regular. Este custo/aluno do TC 2000 envolve kit tecnológico (TV e aparelho de videocassete), material pedagógico (fitas de vídeo e livros), recursos humanos (orientador de aprendizagem), capacitação e supervisão pedagógica.” (op.cit. APRENDE BRASIL, s.d.)

A Metodologia Telessala, como é nomeada pela FRM, foi elaborada para desenvolver o currículo do programa e passou a ser utilizada em todos os projetos implementados pela FRM, em parcerias com as instituições públicas e privadas, favoreceu o processo do telecurso e é apontada pelo aumento das taxas de aprovação dos alunos em todo o país.³⁷

Segundo a Fundação, sua definição enquanto metodologia resulta do conjunto de processos, métodos, procedimentos e materiais que se sucederam desde o início da experiência com o Telecurso. Assim, mais do que um espaço físico é concebida como conceito e um ambiente de aprendizagem no qual o uso eficiente da mídia educativa depende mais das mediações do que dos meios aí disponibilizados.

Em tal perspectiva, nesse ambiente onde são desenvolvidas modalidades de recepção organizada ou controlada das teleaulas, os alunos são motivados a se apropriarem dos conteúdos disponibilizados através da exibição de filmes, acessarem sites e consultar livros, e a série de DVDs de 14 a 15 minutos - todos legendados na língua de libras -, permitem a revisão de conteúdos sempre que quiserem.

As telessalas são coordenadas por monitores chamados de “orientadores de aprendizagem”, que exercem o papel de mediadores entre a oferta televisiva, alunos e conteúdos. Para tanto, recebem formação para uso dos conteúdos e orientações sobre as dinâmicas pedagógicas, sendo enfatizada a diferença entre estes e o professor “convencional”.
“Nas telessalas, o orientador de aprendizagem é muito mais um animador, um apoiador, um

³⁶ <http://www.aprendebrasil.com.br/entrevistas/entrevista0017.asp?PortalAZ=Menu+de+A+a+Z>

³⁷ Segundo dados de Litto na mesma pesquisa referida no texto, 92,6% de aprovação na educação primária e 94,4% no secundário.

conselheiro e organizador de oportunidades individuais e coletivas de aprendizagem do que um transmissor de conteúdos curriculares.” (CARLI, op.cit. apud Aprende Brasil, s.d)

Tal diferença encontra justificativa no fato de que o custo do orientador seria menor do que o de um professor formal, o que rendeu fortes críticas ao modelo pelo setor da educação pública. O próprio CARLI (id) sinaliza a ambivalência em relação a essa condição, ao afirmar que no processo,

“o seu papel (do monitor) também é de um professor, na medida em que ajuda os alunos a aprender, seja organizando sessões individuais e coletivas de estudo, realizando exposições, esclarecendo dúvidas e estimulando os alunos a buscarem soluções para suas indagações - sem jamais dar-lhes as respostas prontas.”

Outra crítica enfrentada partiu dos próprios professores quanto à formação do orientador das telessalas. O representante da FRM responde que a exigência é de que tenham graduação universitária, mas ressalta que em “situações específicas” profissionais com 2º grau completo, selecionados de acordo com um perfil pré-estabelecido pela fundação, podem ser capacitados na metodologia do TC2000.

Tal perfil é descrito no manual do Orientador de Aprendizagem da FIESP/FRM (1995) ao prescrever que o lugar deve ser ocupado por um indivíduo com no mínimo o nível de ensino médio completo para orientar uma telessala de ensino fundamental, e com o nível superior completo ou incompleto para orientar o ensino médio. Qualidades como responsabilidade, assiduidade, organização, criatividade e iniciativa, gostar de desafios e de estudar e, ainda, gostar de trabalhar com jovens e adultos, sendo os salários de tais profissionais baseados na “remuneração média praticada no país para as modalidades do ensino de 1º e 2º graus” (CARLI, id, op. cit.).

Os documentos da FIESP/FRM para o Telecurso 2000 contemplam ainda as diretrizes para a implantação das telessalas, indicando o design do espaço para que a recepção se dê de “forma agradável e produtiva”, uma vez que deve ser um local de produção do conhecimento a partir de interações entre as experiências culturais dos sujeitos e o conteúdo midiaticizado.

O desenho desse espaço deve incluir os equipamentos necessários à estruturação adequada para receber mobiliário e materiais didáticos diversos. Entre eles, a coleção completa das fitas de vídeo com as aulas do Telecurso 2000 de 1º e/ou de 2º grau, os livros-texto do TC2000, as bibliografias de apoio que comportam livros de literatura e dicionários,

entre outros, mapas, quadro negro, giz, sendo recomendada, ainda, a assinatura de um jornal diário ou de uma revista semanal (FIESP/FRM,1995).

Como espaço de recepção e de ensino-aprendizagem, o modelo de telessalas inspirou a prospecção das Salas Futura, distribuídas em diferentes pontos do Brasil desde 2003, para aporte e a realização de projetos locais com os parceiros do canal.

Do mesmo modo que as telessalas, ainda que em número infinitamente menor - são apenas 11-, estes espaços “disponibilizam acesso à programação e promovem a troca de saberes entre jovens, educadores e comunidades” (CF, 2013).

As Salas Futura são instaladas dentro de um sistema de cooperação técnica entre os parceiros em projetos considerados bem sucedidos. Estes cedem o espaço físico e assumem a responsabilidade sobre a coordenação do local. Já o canal faz a doação da infraestrutura necessária para a realização do planejamento e do desenvolvimento de ações, assegurando o desenho da mesma onde são instalados equipamentos eletrônicos, mobiliário e o acervo do Canal em materiais impressos e de vídeo.

Tais salas organizam a videoteca com os programas veiculados pelo canal e disponibilizados para uso em organizações sociais e instituições, podendo funcionar como um polo de reprodução dos programas, espaços para a disseminação da cultura e retornando para o canal “o uso qualificado dos seus conteúdos e ampliação de sua capilaridade” (CF).

Nessa perspectiva, objetivo principal das Salas Futura se desloca do processo ensino-aprendizagem com foco no estudante para servir como ponto de referência para a articulação local ao trabalho da mobilização social, uma vez que as redes parceiras passam a contar com o acervo dessas salas, e a participar diretamente dos projetos e ações propostas. Desse modo, ela se propõe não a ensinar, mas apoiar a ação dos educadores e ampliar o contato dos grupos com novas informações que acontecem através de ações de capacitação de educadores para uso pedagógico da programação enquanto ferramenta de aprendizagem.

A equipe que assume a sala fica também responsável por promover atividades diferenciadas com o público interessado. Ações como oficinas e debates dirigidos que se voltam para temáticas de cunho social como a geração de renda, a cidadania, a educação ambiental, a questão do patrimônio, o incentivo à leitura, a infância e a sexualidade. Além dessas ações, constam as pesquisas de campo, as exposições, as aulas-passeio, entre outras que se voltam para as “diversas formas de utilização da programação do Futura em ações socioeducativas”.

Cada equipe que administra a sala pode implementar dinâmicas próprias no modo de gestão da mesma. É o caso da Sala Futura Meio Ambiente, na cidade de Passo Fundo, RS,

que instituiu um Conselho Pedagógico com atribuições para gerir o espaço, e do qual fazem parte representantes das instituições e entidades da cidade.

4.3. O Canal Futura e a TV Escola: similitudes e bastidores

Dentro do contexto gerado pela teleducação, no ano de 1995, a FRM já possuía um primeiro desenho do canal dentro dos tradicionais padrões da educação à distância internacional, diferenciando-se dos demais pelo modo de sustentabilidade. O canal só não entrou no ar naquele ano por conta da política de convergência da FRM. Estrategicamente, segundo documentos da Fundação, evitou-se fazer frente ao governo de Fernando Henrique Cardoso que lançava a TV Escola, voltada para a utilização das técnicas e tecnologias da educação à distância no ensino público, sob o controle e a regulação do Estado.

A TV Escola surgiu como um programa de grande porte do Ministério da Educação, na metade da década de 90, através da Secretaria de Educação a Distância – SEED, funcionando como um complexo de ações televisivas destinadas à capacitação docente e à ampliação do acesso dos alunos às novas informações. Operava como um canal de televisão de circuito fechado, com sinal distribuído por satélite e captado através de antenas parabólicas³⁸.

No seu desenho original era voltado para escolas com mais de cem (100) alunos dentro de uma lógica gradual de implementação, visando no espaço de dois anos, alcançar toda a rede de ensino do país. Suas diretrizes previam estar a cargo do MEC a administração da TV Escola, a definição do conteúdo da programação e da orientação pedagógica, além do financiamento dos equipamentos durante a fase de implantação projeto. Já às Secretarias Estaduais de Educação cabia implantar o projeto na rede estadual, providenciar a infraestrutura física e os recursos humanos, além de distribuir e manter os materiais e equipamentos, bem como orientar e avaliar o impacto do projeto na rede de ensino. Por sua vez, os municípios forneceriam o pessoal e a manutenção dos equipamentos, enquanto às escolas caberia o incentivo aos professores, o recebimento e a gravação dos programas em fita cassete para utilização do professor.

³⁸Até então as experiências com Educação à Distância no Brasil, basicamente, consistiam no uso da televisão e rádios educativos. Dentre os projetos de teleducação de iniciativa federal, destacaram-se: Saci, Minerva, Telecursos de 1º e 2º Graus. E ainda, o Programa Um Salto para o Futuro, produzido, desde 1991, pela Fundação Roquette Pinto.

O projeto TV Escola era viabilizado através do PAT- Programa de Apoio Tecnológico às Escolas³⁹ - também conhecido como Kit Tecnológico, instituído pelo FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação) com o objetivo de fornecer a todas as escolas públicas de ensino fundamental um kit composto por uma televisão, um videocassete, uma antena parabólica e uma caixa de fitas VHS.

Draibe & Perez (1999, p.31) em pesquisa que avalia a descentralização dos programas federais de apoio ao ensino fundamental entre outros elementos, sinalizam a aposta do MEC em um modelo fortemente descentralizado e autônomo ao delegar à “unidade escolar o total arbítrio para o uso da TV Escola (...) operando um programa emitido para redes sobre as quais não tem, em princípio, ingerência nem poder de gestão”.⁴⁰

Fausto Neto (2001) ao estudar as estratégias de recepção da TV Escola ressalta que o projeto, tomado como modelo de comunicação, seguia as regras clássicas que se apoiavam no tradicional sistema de transmissão/recepção. Para o pesquisador, entre vários aspectos analisados, tal experiência enquanto estratégia de comunicação, funcionava como um “voou cego”, “porque desconhece as ações que a recepção realiza como resposta à programação ofertada” (FAUSTO NETO, 2001, p.127). E sendo assim, tais ações não poderiam ser compreendidas, porque os mecanismos de avaliação do projeto estavam focalizados nos indicadores da eficácia do processo produtivo, sem fazer a escuta dos usuários.

Num outro campo, pesquisas empíricas efetuadas por Belloni (2003, p.137) com professores usuários da TV Escola, sinaliza também esse aspecto e, ainda, a recorrência de dois tipos de problemas que, segundo ela, dificultaram o processo junto daqueles: os problemas técnicos ligados à qualidade e manutenção dos equipamentos e o problema do tempo, tanto em sua dimensão física, ligada à jornada de trabalho quanto em sua dimensão simbólica, relacionada com materiais e as novas possibilidades de comunicação simultânea ou diferida.

Tais dificuldades se acirraram nos últimos anos com a rapidez das mudanças tecnológicas. Citelli (2010, p.21) em pesquisa atual, aponta o enfrentamento em relação aos

³⁹“O PAT é um dos principais programas do governo que envolve as novas tecnologias voltadas para a melhoria da qualidade dos processos de ensino e aprendizagem, juntamente com o Programa TV Escola e o Programa Nacional de Informática na Educação (Proinfo)”. MENEZES, EbenezerTakunode; SANTOS, Thais Helena dos. "PAT (Programa de Apoio Tecnológico à Escola)" (verbetes). *Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil*. São Paulo: Midiamix Editora, 2002, <http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=332>, visitado em 18/3/2014.

⁴⁰Os resultados desta avaliação podem ser acessados no artigo dos pesquisadores DRAIBE, Sonia M. & PEREZ, José Roberto Ruz. O programa TV Escola: desafios à introdução de novas tecnologias. In. *Caderno de Pesquisa*, nº106, São Paulo, março 1999. Disponível no site do Scielo, acessado em 12/2013. [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15741999000100003#1].

recursos técnicos por parte das escolas diante do que chama de *expressões do efêmero*⁴¹, ou seja, a superação e o apelo à substituição de equipamentos relativamente novos. Entre eles, os equipamentos que compuseram um dos eixos centrais do projeto da TV Escola, como o vídeo cassete, que se tornaram obsoletos num curtíssimo espaço de tempo. Para o autor, a repentina mudança no padrão tecnológico, com o surgimento do DVD e do datashow, comprometeu o projeto TV Escola na medida em que defasou rapidamente o seu cerne, expondo a dificuldade da escola em acompanhar tais processos tanto do ponto de vista simbólico, quanto físico.

Nessa direção, é possível pensar que a escola como instância mediadora, se vê imersa e se debatendo na lógica produtiva geradora de novos produtos e no discurso do apelo à modernização que a justifica. Já a instância midiática transita nessa complexidade com mais fluência e velocidade, porque também a instaura através dos seus produtos e modos de produção, como é o caso do CF.

Retomando a dimensão temporal do processo de implementação do programa, estudos apontam que a decisão de não lançar um canal “concorrente” ao da TV Escola se deu tanto pelas vinculações das Organizações Globo com a esfera da política nacional (BELLONI, 2001; 2002; FORESTI, 2001; MACHADO, 1988)⁴², quanto pela existência de certa cautela diante da percepção negativa do telespectador brasileiro em relação à educação nacional. Assim, “(...) Termos como ‘sala de aula’, ‘professor’, ‘quadro-negro’, ‘escola’ eram relacionados a modelos antiquados ou negativos e vinculados a imposições de autoridades governantes” (SANDE, id., p.61). Tanto que durante a fase de pesquisa para a escolha do nome para a emissora televisiva, buscou-se uma alternativa capaz fazer coincidir audiência com conteúdo relevante, dissociando a imagem do canal de tal sentido semanticamente condicionado. (SANDE, id). Decorre disso, a opção pelo slogan ‘Canal do Conhecimento’ em substituição à proposta inicial que seria o ‘Canal da Educação’.

O CF entrou no ar em setembro de 1997 com a proposta de “livrar a programação educativa do estigma de produções burocráticas e desinteressantes” (FORESTI, 2001, p. 42), reafirmando assim a tendência que marcou os telecurtos de incorporar a linguagem televisual ao modo de transmitir conteúdos. O canal iniciou com 14 programas e, em um ano, passou a 30, voltados para uma audiência pré-selecionada: trabalhadores, estudantes, professores e

⁴¹ Grifo do autor

⁴² Não é objetivo neste trabalho analisar a longa e polêmica trajetória das Organizações Globo quando se trata de vinculação, acordos e acesso aos recursos públicos. Tal referência exigiria outro estudo aprofundado, remetendo ao contexto das auditorias que a envolve. No entanto, como mencionado antes, os interesses econômicos são inegáveis nos processos que envolvem o sistema midiático e suas empresas. Basta observar que a grade de programação da TV Globo não sofre alterações profundas há 50 anos, assegurando as cotas dos patrocinadores. A polêmica em torno do horário de exibição de programas como o Telecurso, anteriormente mencionado, não tem mediação porque condicionada a estes aspectos.

donas de casa, correspondendo às classes B, C, D e E, incluindo na sua grade as aulas do Telecurso 2000. A audiência dirigida é uma de suas principais características.

Nesse momento, do ponto de vista de produção e transmissão, o canal não se distanciava do modelo da TV Escola e de outras antigas iniciativas que utilizam a tecnologia do audiovisual na educação, com o sinal distribuído via satélite e captado por antena parabólica. Também não se afasta do modelo de operar em rede junto ao público alvo ou da enunciação de projeto de comunicação voltado para a educação. Difere-se sim, por duas inovações da FRM: a articulação de parcerias com instituições e empresas do setor privado que asseguram totalmente o seu financiamento, e as ações de articulação e mobilização sociais junto a diferentes setores e apontadas como o grande diferencial do canal.

A ampliação da audiência dirigida se dá pelo trabalho da mobilização que faz chegar às comunidades as propostas e os projetos educacionais. É nesse aspecto que se pensa na constituição de uma comunidade midiática, como se referiu anteriormente na discussão do problema de pesquisa.

Marisa Vassimon, então coordenadora de Articulação e Mobilização Comunitária do CF⁴³, em entrevista pessoal à pesquisadora, ao falar sobre o diferencial do CF refere ao acúmulo de experiências da FRM com os meios de comunicação que remetem a um somatório de

“agendas de mobilização, de formação, seja de educadores ou de jovens que estavam evadidos da escola, via processos de educação do supletivo e telecurso, de utilizar o audiovisual nos contextos educacionais (...) o projeto do vídeo-escola” (op.cit.). O que também levou à opção pela produção com “diferentes arranjos de parceiros”. (op.cit.)

Nesse sentido, foi possível observar que há divergências quanto à percepção da importância atribuída ao telecurso na origem do CF. Enquanto Vilma Guimarães é categórica na afirmação de que o canal decorre dessa experiência, Vassimon sem menosprezar este fator, busca ampliar a visão para outros aspectos que assegurariam certa autonomia do CF em relação à FRM. Outras versões indicam que o esperado era que o Canal Futura se transformasse numa versão “Global” da TV Escola, justificando o seu compromisso com a educação no sentido de “informar” conteúdos.

⁴³ Atualmente a coordenadora de Articulação e Mobilização Comunitária é Andrea Loureiro. Vassimon afastou-se da gestão do CF e permanece atuando como consultora do canal.

O Canal Futura é reconhecido como um modelo de televisão híbrida, o que implica ser considerado, também, como uma televisão pública, “*gratuita para pessoas e comunidades*”⁴⁴, sustentada por uma aliança “*sólida*”⁴⁵ de investimentos sociais da iniciativa privada. Desse modo, o Canal se autorreferencia como “*um projeto social de comunicação, da iniciativa privada e de interesse público*”, que “*nasce e se constrói em parcerias*”; desenvolvendo um “*trabalho com redes sociais, mobilizando comunidades e instituições sociais*”, e “*atua colocando em conexão pessoas, ideias, redes e instituições.*”⁴⁶ Para tanto, afirma que “*pauta toda a sua atuação televisiva em demandas de diferentes e significativos segmentos da sociedade e que expande sua atuação para além da tela da TV*”. (ARAÚJO, 2008, p.13)

Sua proposta, enunciada em seu site, é baseada em quatro princípios fundamentais que convergem com os defendidos no projeto do Telecurso:

a) o espírito comunitário capaz de “*incentivar a solidariedade e a participação das pessoas em ações que promovam a melhoria da qualidade de vida de suas comunidades*”⁴⁷;

b) o pluralismo justificado pela necessidade de considerar a diversidade das manifestações culturais brasileiras;

c) o espírito empreendedor entendido enquanto a valorização da iniciativa individual, do risco e da tomada de decisão, visando incentivar a responsabilidade de cada um no seu próprio crescimento e no desenvolvimento do país; e,

d) a ética, apontada como o resgate do respeito aos valores éticos, aos direitos e às responsabilidades dos cidadãos.

O CF sinaliza em seus documentos públicos que a sua programação é norteada pelo compromisso com a transformação social, buscando reduzir as desigualdades, com as práticas profissionais e o respeito às diferenças. E justifica as suas estratégias de comunicação voltadas à educação ao salientar, também, que “*a escola não representa o único espaço de aprendizagem. TV, internet, rádio, grupos sociais também são possibilidades concretas para a construção coletiva do conhecimento*” (FRM, 2008, p.61).

Tais premissas perpassam o conteúdo da programação do Canal. E apesar de assistirmos programas específicos no CF, somente aprofundou-se o olhar sobre a grade de programação do canal durante o desenvolvimento deste trabalho. Assim, revendo observações sobre alguns programas assistidos em 2010 e 2011 disponibilizados também no acervo do

⁴⁴ Informações no site do CF - www.futura.org.br. Grifo meu.

⁴⁵ Idem. Grifo meu.

⁴⁶ Idem. Grifo meu.

⁴⁷ Idem. Grifo meu.

canal na Internet, é possível constatar neles indicadores das ações voltadas à melhoria da qualidade de vida das pessoas em suas comunidades e o estímulo ao espírito comunitário nas vinhetas sobre ONGs, movimentos sociais, proteção aos direitos das crianças e dos adolescentes, também dos idosos.

O princípio pluralista e comunitário que o CF enuncia se evidencia na programação voltada ao saber popular, às alternativas comunitárias, à representação dos movimentos sociais, dos jovens e pessoas de menor poder aquisitivo e baixa escolaridade, dos líderes comunitários.

Se forem consideradas aqui apenas as séries exibidas, elencando em parte as diretamente relacionadas a este estudo, porque também transformadas em temáticas do projeto Maleta Futura, é possível vislumbrar essa perspectiva de um social a ser transformado e que é objeto e missão do CF.

A série documental ‘Toda Beleza’ se volta a valorizar as diferentes manifestações culturais e o pluralismo no olhar de quem vê. Tal série é complementar a outras que se voltam às diferentes identidades culturais caracterizadoras do cenário brasileiro, tais como a Cor da Cultura, que busca a valorização da cultura negra; e Mojubá, que mostra a prática do candomblé e da umbanda no país através de aspectos histórico e etnográficos. Nessa mesma linha, a série ‘Sagrado’ busca uma visão ampliada das diferentes tradições religiosas existentes no território nacional. Há, ainda, a série ‘Danças Brasileiras’, que faz um longo percurso resgatando o folclore e a tradição das diferentes regiões do país.

Na área ambiental, a série ‘Janela Natural’ trata da ecologia e dos ecossistemas do Brasil e do Mundo, apresentando personagens envolvidos na defesa do meio ambiente; já a série ‘Água: vida e alegria no semiárido’ se volta para a infância apresentada no formato de animação, valorizando a realidade do nordeste brasileiro.

A série ‘Cidadania e Democracia’ trata do exercício da democracia através de atitudes cotidianas dos sujeitos sociais em suas comunidades. A série ‘Ética’ discute a liberdade e a sua representação em diferentes sociedades. Também a série ‘Que trabalho é esse’?, ficcional, aborda a questão do trabalho escravo no Brasil.

A programação do CF também comporta um grande número de conteúdos de origem internacional, tanto no cinema, quanto na ficção infantil⁴⁸ tendo presente, ainda, questões de divulgação científica através de programas bastante conhecidos como o Globo Ciência e Globo Ecologia, também retransmitidos nas emissoras de TV aberta do grupo.

⁴⁸ A programação infantil responde por nove horas diárias no CF. O conjunto da programação atual do CF é apresentada no anexo 1.

É nessa perspectiva que o canal prioriza a produção de conteúdos diversificados, que tenham mais continuidade e maior aplicabilidade. Também é nessa direção que desenvolve um esforço de atualização do seu portal, visando à ampliação do contato e interatividade com o seu público receptor. A reformulação do portal do CF é uma questão recorrente nas reuniões de trabalho e foi amplamente discutida entre os diferentes setores de produção do canal, numa tentativa de unificação de todas as informações e produção num único site. Até então, cada projeto desenvolvia de forma terceirizada, uma página própria, o que fragmentava as informações, e tornava difícil a navegação e o acesso dos usuários a tais produções. No entanto, tais movimentos são constantes na busca do melhor design de web, navegação e interatividade. E nessa direção, o CF desenvolveu uma ferramenta para ampliar o alcance da programação do canal, bem como o seu potencial para uso educativo - o Futuratec⁴⁹ -, um site que reúne aproximadamente 50 títulos de diferentes séries produzidas pelo Canal Futura através de quase 1500 episódios, e contava até o final de 2013 com 10 mil usuários cadastrados. Uma vez no site, é possível fazer buscas por palavra-chave ou tema das séries e fazer downloads através da tecnologia Bit Torrent⁵⁰.

4.4 Canal Futura e a estratégia de atuação em rede

Internamente, hoje, o canal está estruturado em quatro gerências/coordenações subordinadas a uma Direção Geral: Gerência de Conteúdos e Novas Mídias, Gerência de Programação, Jornalismo e Engenharia, Gerência de Mobilização e Articulação Comunitária e a Gerência de Produção e Ativos. Todas elas possuem poder decisório e atuam em constante interação, o que sugere um cenário interno de múltiplas negociações e tensionamentos.

Tal cenário também se estende à FRM, uma vez que o canal está legalmente subordinado a ela, e a área de Desenvolvimento Institucional da fundação é a responsável pela garantia de parcerias que assegurem a sustentabilidade do canal, bem como pela “consolidação dos relacionamentos com institutos, fundações e empresas, pela identificação de novas oportunidades e projetos, como também pelo fortalecimento e difusão da marca Futura” (CF, 2013:11).

No campo da produção midiática, sua rede de parcerias se amplia no eixo de coproduções com instituições e emissoras internacionais, de onde se originam produções

⁴⁹ www.futuratec.org.br

⁵⁰ Um acelerador que otimiza a conexão e reduz filas de espera, já que os usuários podem baixar e também compartilhar os arquivos.(CF)

conjuntas, além da pesquisa para o desenvolvimento de novos formatos de programas e a capacitação de profissionais. Seus conteúdos estão licenciados para transmissão em canais europeus, africanos, norte-americanos, asiáticos e de outros países da América Latina, conforme documentos sobre o CF acessados durante a pesquisa.

Também entre seus parceiros de produção estão instituições de ensino superior, cuja relação se dá através da produção de programas, treinamento de acadêmicos, e na forma de retransmissão da programação. Nesses casos, o CF estabelece convênio com uma emissora de TV regional, visando retransmissão da programação em sinal aberto para sua região. Essa emissora local é também estimulada a produzir programação própria para veiculação local e nacional, além de produções conjuntas entre o canal e as TVs universitárias que compõem a rede. São cedidas 24 horas de programação, e o canal oferece assessoria técnica, artística e conceitual, realizando anualmente workshops com os universitários e docentes envolvidos na parceria. Atualmente, são 30 Instituições de Ensino Superior parceiras do CF no Brasil, gerando e transmitindo conteúdos televisivos. Ainda, segundo dados oficiais do canal, seu objetivo nesse aspecto é constituir uma rede nacional de produção audiovisual para a promoção de realizações acadêmicas e expansão do sinal do CF, além de assegurar o pluralismo cultural na sua programação.

Cabe referir que em tal perspectiva o canal desenvolve uma concepção particular de rede - a “rede de parceiros”-, que permite a flexibilidade e negociação entre diferentes fluxos. O CF busca definir, heurísticamente, as suas parcerias. Desse modo, as classifica em “parceiros mantenedores” referindo-se às instituições econômicas que o mantém; os “parceiros de conteúdo” caracterizados pelas universidades e instituições produtoras de vídeos e conteúdos; e os “parceiros de mobilização e articulação” que envolvem as entidades e instituições não governamentais. No entanto, a dinâmica processual destas últimas torna-as ora parceiros de conteúdo, ora de articulação, ora de implementação, ou todos ao mesmo tempo.

Outra particularidade do CF diz acerca da constituição de redes sociais. Ele denomina *redes sociais*⁵¹ as instituições parceiras que usam a programação do canal “*de forma*

⁵¹Grifo meu. O conceito de *redes sociais*, no sentido amplo, refere-se a comunidades de sentido, nas quais os atores ou agentes sociais “são considerados como os *nós* da rede, ligados entre si pelos *laços* delas, que se referem a tipos de interação com certa continuidade ou estruturação, tais como relações ou laços que se estruturam em torno de afinidades/identificações entre os membros ou objetivos comuns em torno de uma causa” (SCHERER-WARREN, 2008, p.2). “*Redes entendidas como redes de sociedade, formas de associação entre pessoas e instituições, não devendo ser confundidas com as ferramentas de rede social como twitter e facebook.*”, esclarece o CF em nota de rodapé no texto apresentado no 9º Encontro de Fundações da CPLP (Comunidades dos Países de Língua Portuguesa), em Cabo Verde, novembro de 2012I, fazendo a distinção entre os novos significados que a palavra ganhou após a explosão das redes sociais na internet.

pedagógica e intencionalmente organizada durante um dado período de tempo” (GARCIA, 2010, p.5).

Dados de pesquisa indicam que num período de 10 anos o CF atingiu mais de 12 mil instituições parceiras em ações de mobilização social no Brasil, capacitando 400 mil educadores, jovens e líderes comunitários para a atuação em rede (AZEVEDO, 2008, p. 225).

Uma mudança significativa no modo de gestão do canal aconteceu no ano de 2007, quando ele reformulou seu foco de atuação e anunciou a mobilização e a articulação comunitária como central, na condição de mediadora de um diálogo contínuo e crítico, *“capaz de transformar o social através da tela da televisão”*⁵².

Nesse ano, o CF completava 10 anos e promoveu junto com o Instituto Overmundo⁵³ e a The Communication Initiative⁵⁴, o Seminário Internacional de Comunicação para Transformação Social, reunindo projetos de comunicação oriundos de grupos e instituições que atuam na área da linguagem audiovisual e na difusão de causas sociais em diversos países. Sinalizava, dessa maneira, seu novo eixo de atuação, buscando *“incluir em sua dinâmica a perspectiva de grupos sociais, singularidades e organizações da sociedade civil que, em geral, estão invisibilizados - ou tratados de forma reduzida - nas mensagens e imagens dominantes na mídia”*⁵⁵. E, ainda, levar para a tela da televisão *“(...)novos temas, novas perspectivas para antigos temas, novos sotaques, estéticas e uma diversidade mais ampla de pontos de vista”*.⁵⁶

Marisa Vassimon coordenou o grupo de trabalho encarregado de desenhar a nova linha de atuação da mobilização e que seria publicado em 2007. Ela explica que o reposicionamento do CF decorre de um processo que já germinava, com base na reflexão sobre o percurso percorrido e os questionamentos acerca dos retornos do trabalho da mobilização. Segundo ela, constatava-se naquele momento que apesar do canal ter um enorme conhecimento dos territórios por onde se insere isto pouco retornava para a tela do CF na forma de produtos e projetos audiovisuais. Ao mesmo tempo, havia certa instabilidade no trabalho das equipes de

⁵² Site do Canal Futura: www.futura.org.br

⁵³ O Instituto Overmundo é uma organização não governamental que realiza o site colaborativo com o mesmo nome, identificado como coletivo virtual. Ele se propõe reunir a produção cultural do Brasil e de comunidades de brasileiros no exterior, visando visibilizar a sua diversidade. Seus conteúdos são gerados pela comunidade de usuários que assegura a sua dinâmica. Com sede no Rio de Janeiro, tem patrocínio da Petrobras, por meio do Programa Petrobras Cultural e dos mecanismos de incentivo fiscal do Programa Nacional de Apoio à Cultura / Lei Federal de Incentivo à Cultura (Lei Rouanet), do Ministério da Cultura. www.overmundo.com.br

⁵⁴ The Communication Initiative é uma organização que atua em rede mundial com parcerias colaborativas, entre *“organizações de desenvolvimento que procuram apoiar os avanços na eficácia e escala de intervenções de comunicação para o desenvolvimento internacional positivo.”* www.comminit.com (tradução livre da pesquisadora)

⁵⁵ Citação retirada do site do CF

⁵⁶ Idem.

mobilização que oscilavam entre a contratação permanente e a provisória. Em decorrência, as ações se voltavam mais para a mobilização do que para o enraizamento, mais para a difusão do CF do que para a produção de conteúdos plurais. Nesse momento, o canal deu início a um processo avaliativo sobre o próprio modo de operar.

“Em 2005, começa um trabalho diagnóstico participativo, com as equipes e com as pessoas de fora que foram aos territórios conversar com as equipes e ver: qual era o diferencial do momento, qual era nossa principal matéria, onde o Futura faz diferença nos territórios? E aí, a gente fez de 2005 para 2006 um belíssimo diagnóstico que gerou documentos na época. E para isso a gente montou um grupo de trabalho, que eu estava coordenando, para desenhar a nova linha de atuação da mobilização, pra ser publicado em 2007. O canal tinha 10 anos e aí, de fato, acontece o redirecionamento.” (Marisa Vassimon, informação verbal)

O trabalho em busca de um realinhamento se deu a partir de seminários de formação, co-formação, análise de especialistas externos para a reflexão sobre redes, sobre intencionalidades, sobre experiências outras de mobilização, outras metodologias de trabalho com a comunicação em comunidades urbanas e rurais, e com as tecnologias de audiovisual nestes espaços. Daí perceber o sentido do comunitário empregado pelo CF em enunciações como a *“busca pela pluralidade de sentidos”*, a *“ampliação da polifonia social”*, ser um *“projeto social de comunicação”*⁵⁷. E ainda, em ter *“espírito comunitário”* capaz de *“incentivar a solidariedade e a participação das pessoas em ações que promovam a melhoria da qualidade de vida de suas comunidades”*⁵⁸, um dos princípios enunciados no seu site, como citado anteriormente.

Vassimon, também durante a entrevista, defende tal concepção como parte da gênese do CF e da história de vida dos sujeitos que nele atuam marcadas por fortes vínculos com os movimentos populares. Segundo ela, tal realidade faz com que o grupo possua princípios estruturadores que pautam tanto a programação quanto o trabalho de mobilização. Tais princípios se manifestam nas operações do CF, orientadas pela concepção de educação enquanto uma ação voltada para o *“protagonismo dos sujeitos, (...) cada um aprende em comunhão, nas relações, todos os referenciais que vêm do Paulo Freire (...) apesar de trabalharmos com matrizes diversas de pensamento da educação, como não poderia deixar de ser”* (informação verbal). Consequentemente, *“o Futura desenvolve sua linguagem*

⁵⁷ Site do CF.

⁵⁸ O Canal Futura utiliza o seu site enquanto estratégia enunciativa: www.futura.org.br. O CF pode ser acessado via parabólica polarização vertical 20, Net canal 32, Sky canal 37, Directv canal 163.

televisiva em diálogo com uma pluralidade de grupos, através da articulação com entidades da sociedade civil, redes e movimentos sociais” (informação verbal). No entanto, tal mudança de eixo não ocorreu sem dissenso, segundo a entrevistada. Isto também foi percebido em outras entrevistas realizadas com outros membros do canal mais habituados ao trabalho de ampliar o alcance da programação junto às instituições, hospitais e prisões.

Ainda assim, o CF definiu por um novo modelo de atuação, com uma equipe de mobilização menor, mais estratégica, com adoção de múltiplas metodologias e com ênfase na efetiva articulação em comunidades.

Nesta linha de atuação, o CF opera de forma transversal, abrangendo, além da comunicação, o monitoramento do social e o investimento em um trabalho de formação continuada. Tal formação é realizada através de oficinas de capacitação a partir das quais é gerada parte da programação, programas conjuntos, produção jornalística; fomento a campanhas voltadas às questões sociais, realização de grupos focais de onde se originam, entre outros elementos, tematizações, e também vinhetas publicitárias. De tais atividades entre o canal e grupos de ação social têm surgido inúmeros produtores de TV com visibilidade no cenário televisivo nacional, tais como as Ongs AfroReagge, Observatório de Favelas, Rede Jovem de Minas, Cipó, Marlim Azul, Spetaculi e Kabum!, entre outras (FRM, 2008).

Tais ações que se desenvolvem de maneira experimental, constituem um eixo central no trabalho das equipes de campo do CF. *“No Futura, o nosso exercício é profundo (...) a gente qualifica mais, busca outras fontes, trabalha com outras identidades e a mobilização desenvolve alguns produtos conhecidos para fazer algumas experiências”*. (VASSIMON, Informação verbal).

Segundo ela, tal perspectiva é dialógica e possibilita um trabalho de capilaridade no qual os jovens assumem o protagonismo em processos transformadores de iniciativa local. Tais protagonismos são levados às telas pelo fazer televisivo e, posteriormente, devolvidos aos territórios em que o canal está inserido pelo trabalho da mobilização, num duplo movimento porque *“acontece em torno de alguns produtos que dão um ganho por um lado dentro de casa, no trabalho da mobilização no território e, por outro, para a tela e paras salas de excelência - temas estes que talvez não estivessem sendo necessários nos programas de TV. Talvez não, não estariam”* (Informação verbal).

Esse trabalho depende diretamente do setor de articulação e mobilização comunitária como se verá adiante, cuja equipe espalhada pelo Brasil está em constante articulação com diferentes grupos, mediando o diálogo entre estes e o CF.

Tais estratégias de operação se evidenciam ainda na programação do canal, que não trabalha com a uniformidade de comunicação, centrando o foco nas diferenças culturais e regionais e na produção descentralizada.

O sistema de *Pitching* - processo de seleção entre produtoras, organizado por canais de televisão para escolher novos conteúdos de programação para suas grades - é utilizado desde 2005, e foi intensificado com a mudança de eixo. Os projetos inscritos pelas produtoras são selecionados por uma comissão julgadora. Comum em feiras internacionais na área, até então não era praticado no Brasil.

Com base em pesquisas junto à sua audiência e ainda no trabalho das equipes de mobilização, o canal tematiza a programação, privilegiando assuntos que estão em destaque na sociedade e na mídia, tais como sustentabilidade, responsabilidade social, ecologia, preservação, educação ambiental, sexualidade, comportamento, proteção à criança e ao adolescente⁵⁹. Tais eixos temáticos também fazem parte dos discursos empresariais e das instituições em geral, inclusive daquelas que integram o grupo ao qual a emissora pertence. Grande parte dos acervos do CF sempre foi constituída, e ainda consiste de projetos que se voltam à atualização de educadores, telejornais educativos, programas infantis e comunitários com foco no social.

⁵⁹ “Essa variedade encontra intersecção nos valores e compromissos que norteiam a criação dos programas, sobretudo a ideia de que a aprendizagem é um movimento inclusivo, constante e democrático, com implicações práticas na vida cotidiana” (FRM, 2008, p.161).

5 OS AGENTES EM AÇÃO NOS CIRCUITOS E DISPOSITIVOS

Este capítulo situa o conjunto de agentes em interação, buscando delinear também suas estratégias e práticas de comunicação. Ainda que este estudo se volte a uma processualidade interacional, é necessário salientar que o espaço de circunscrição de cada agente determina, no processo da pesquisa, o aporte das referências encontradas. Nesse contexto, ao observar a sua dimensão de oferta produtiva e distributiva, é preciso considerar que a instância midiática tem um aporte estrutural diferenciado dos demais agentes, sendo o conjunto de referências relativo a ela, maior e mais sistematizado do que o dos demais participantes. Trata-se de um componente que se diferencia pela sua estrutura organizacional e poder econômico, enquanto os agentes sociais estão mais próximos da interação cotidiana e da efervescência da ação coletiva têm suas fronteiras definidas por rituais simbólicos.

Refere-se, portanto, aos curadores situados nesse conjunto pela sua condição de mantenedores do CF e dos projetos e não pelo seu envolvimento direto na processualidade interacional em análise; as equipes de articulação e mobilização comunitária do CF como os mediadores da instância midiática e, os grupos sociais de caráter comunitário: o Grupo Ecológico Guardiões da Vida (GEGV) e a Oficina de Vídeo Oeste – TV OVO.

5.1. Sustentabilidade: mantenedores e projetos em cooperação

O Canal Futura se desenvolve com base em um modelo de sustentabilidade apoiado em parcerias com a iniciativa privada, situadas em relação a ele enquanto mantenedoras da programação e das ações sociais de mobilização, como referido inicialmente.

Tal modelo é similar ao modo de operar da FRM, cujos projetos (e o Futura é um deles) são financiados e desenvolvidos em parcerias com o setor privado e o governamental. Esse modelo de gestão considerado pioneiro no Brasil possibilitou a criação de uma estrutura privada, não comercial. O canal é apresentado como “resultado da parceria entre organizações da iniciativa privada, líderes nos seus segmentos” (...) “conscientes da importância de participar ativamente na transformação da realidade social e” (...), “consolidar a imagem de uma empresa cidadã” (CF).

Por ocasião da criação do CF, a Fundação Roberto Marinho (FRM) e 12 grupos de grande porte do setor privado brasileiro e a empresa de comunicação norte-americana Time-Life defenderam a tese de que era possível “criar um projeto de interesse público, gratuito

para pessoas e comunidades, por uma forte aliança de investimento social privado” (FRM, 2008, p.154).

Ao longo dos anos, alguns dos grupos fundadores se retiraram do projeto, como é o caso da Confederação Nacional dos Transportes (CNT), da Fundação Odebrecht, do Instituto Ayrton Senna/Compac e da Rede Brasil Sul (RBS), sendo substituídos por outros grupos empresariais. Atualmente, são 11 empresas as mantenedoras do Canal Futura: Fundação Bradesco, Confederação Nacional da Indústria (CNI), Turner Broadcasting (CNN), Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN), Fundação Itaú Social, Fundação Vale do Rio Doce, Grupo Gerdau, SEBRAE Nacional, Rede Globo e Grupo Votorantim. Todas elas desenvolvem ações de responsabilidade social na forma bastante frequente de financiamento de projetos de instituição parceiras e/ou desenvolvendo tais ações a partir de setores internos encarregados de programas de projetos sociais.

Tal cenário pode ser apreendido a partir do trabalho de Gomes (2007) que, numa abordagem sistêmica, contempla em sua tese de doutoramento ao investigar as intervenções televisivas na área social, a problemática que envolve o compromisso social das empresas. Ao lado da discussão sobre o quanto o marketing social exige visibilizar tais operações através da mídia, a pesquisadora salienta que converter o social ao universo televisivo opera muito mais a favor do sistema que busca mais amenizar as diferenças do que propriamente transformar a crônica situação de crise social que o país enfrenta.

Tomando essa referência, pensa-se que ela também baliza o quadro dos curadores, cada uma destas empresas que viabilizam financeiramente o CF e são denominadas “*parceiras mantenedoras*”, com representação no Conselho Consultivo do CF integrando as questões relativas às diretrizes da programação (fóruns temáticos), mobilização e avaliação dos resultados dos projetos desenvolvidos. Ao se relacionarem com a mídia para a valorização de inúmeros contextos que exigem alta visibilidade, atuam também no sentido de assegurar não só a própria sobrevivência, mas também da televisão.

No caso aqui em análise, a contrapartida que o Canal Futura lhes dá, com a veiculação de suas marcas institucionais na programação, nos materiais gráficos, sites e campanhas publicitárias desenvolvidas, bem como o aporte a vários projetos no que se refere à geração de audiência, implica um espaço fortemente mediado.

Vinhetas de 10 a 20 segundos apresentavam os parceiros do Canal com chamadas “o parceiro do Futura na aventura do conhecimento”; “quem quer um Brasil melhor investe na

educação e no Futura”; “instituição Y e Futura, fortes parceiros do investimento na educação” (Paraíso apud MIRANDA, 2007, p.78).

As ações sociais destes parceiros também recebem cobertura nos telejornais do CF que passa a autorizar a utilização de sua marca em produtos e campanhas institucionais deles, fortalecendo a noção de cooperação, de trabalho partilhado. O canal também se propõe a empreender “iniciativas para potencializar e divulgar atividades já desenvolvidas pelas empresas. Ou ainda, criar ações inéditas com foco nos objetivos de investimento social específico de cada uma delas” (FRM, 2008, p.155).

Talvez seja possível dizer que esse espaço é excessivamente mediado e cujo custo tem um preço negociável. O financiamento do CF baseado nestas parcerias com organizações da iniciativa privada é de uma contribuição anual de aproximadamente 35 milhões de reais. (ERNEST & YOUNG, 2008). Tais investimentos financeiros no canal não têm abatimento no imposto de renda.

Assim, ao assumirem o compromisso de doar, anualmente, recursos suficientes para a manutenção estrutural do CF, asseguram a sua participação no Conselho Consultivo do canal, atuando como auxiliares nas diretrizes do conteúdo da programação e na avaliação dos resultados dos projetos desenvolvidos. Além da condição de *parceiros mantenedores*, o apoio institucional dos curadores se traduz em duas outras modalidades que asseguram a sustentabilidade do CF: a condição de *parceiros de projetos especiais* e a condição de *parceiros de apoio a programas e/ou séries*⁶⁰.

Os parceiros de projetos especiais financiam projetos desenvolvidos a partir da demanda e de objetivos específicos de empresas, institutos e fundações, abordando temáticas relevantes e reunindo ações educativas, que incluem programação televisiva, atividades de mobilização comunitária. E, em alguns casos, a produção de material pedagógico para implementação em redes públicas de ensino e instituições sociais. Estes parceiros têm as suas marcas incluídas em todos os materiais produzidos para o projeto. “Os programas produzidos no âmbito da parceria são assinados, com a marca institucional da empresa, na abertura, encerramento e chamadas, de acordo com plano de mídia estabelecido”⁶¹.

Já os que se situam na condição de parceiros de apoio a programas ou séries, patrocinam programas específicos de seu interesse, que podem estar alinhados à sua área de atuação ou de seu trabalho social, ou ainda, através de séries voltadas para o seu público

⁶⁰Grifo meu. Tais classificações encontram-se nos documentos públicos do CF.

⁶¹ Idem

prioritário. Sua marca e slogan institucionais constam na abertura, no encerramento dos programas e nas chamadas.

A maioria dos documentos consultados do CF durante esta pesquisa indica que muito pouco os curadores operam no sentido de intervenções sobre a concepção da arquitetura de produção da programação, ou ainda sobre intervenções no funcionamento do CF. E ainda que o discurso das coordenações do CF destaque que a ingerência dos parceiros é mínima e consultiva, não afetando a autonomia editorial do Canal, é possível perceber atravessamentos. A coordenação da mobilização social do CF, assim como a instância produtora de conteúdos admite que as discussões, por vezes, são tensas e dissensuais, porque se trata de um grupo qualificado, no qual muitos têm as suas próprias estruturas de educação e projetos sociais.

Isto leva a pensar sobre quais marcas efetivamente tais parceiros produzem nas rotinas produtivas do canal, refletindo aí um espaço interrelacional com afetações mais profundas e complexas do que as sinalizadas oficialmente pelo CF.

5.2 Os agentes mediadores da TV: a articulação e a mobilização comunitária

A mobilização comunitária tem um papel central na operacionalidade do canal, sendo, ao mesmo tempo, estratégia e organização. Como organização, ela integra o CF na condição de setor operacional, cuja gerência tem o mesmo status e poder deliberativo das demais gerências. Além da estrutura organizacional, possui filosofia, metodologias e equipes de trabalho contratadas para operarem na criação de redes sociais no âmbito dos territórios de atuação do canal. Entre os seus propósitos está mencionado: “fortalecer a articulação, o diálogo e a cooperação entre as diferentes formas de organização, representação e participação da sociedade brasileira e a visibilidade e o conhecimento de suas causas”⁶².

O setor é considerado o “braço presencial” do canal em dezessete (17) estados brasileiros, operando com estratégias e abordagens singulares na constituição de parcerias com organizações que desenvolvem projetos próprios ou em conjunto. E, desse modo, se constitui num componente diferencial e pouco habitual em uma estrutura de grande mídia. Ele corresponde à necessidade do canal de dispor, internamente, de grupos com competências interacionais para se relacionar com comunidades de caráter popular. Trata-se da disponibilização de mediadores que assegurem o contato entre a instância midiática e a comunitária, e através dos quais a confiança no canal pode ser gerada, mantida ou reforçada.

⁶² Documentos de trabalho da mobilização comunitária acessados pela pesquisadora – 2011.

Tais mediadores são caracterizados pelas equipes de mobilizadores denominados de “educadores sociais”, cujo papel é estratégico e vital ao modelo de gestão, uma vez que eles são os responsáveis pela articulação com os movimentos e grupos comunitários. Isto exige de tais mobilizadores um perfil específico capaz de mediações entre o CF e o ambiente dos grupos sociais. Tal perfil tem características apontadas pelos próprios agentes, tais como, “*ter sensibilidade para questões sociais e ser disciplinado para trabalhar sozinho (...) ser comunicativo e articulador (...) ter uma boa leitura do território em que atua para realizar as escolhas mais estratégicas*” (op.cit) ⁶³.

Assim, por conta de tal exigência, na sua grande maioria, os mobilizadores são indicados e/ou escolhidos entre profissionais que possuem em sua trajetória de vida, vínculos ou vivências com grupos que desenvolvem ações sociais diversas. Apoiados pela equipe que assessora a gerência internamente, os mobilizadores são selecionados e contratados para atuarem especificamente em campo. São quatro equipes regionais - sul, sudeste, nordeste e norte -, que operam como grupos de trabalho e, atualmente, somam apenas dez (10) pessoas em todo o território nacional.

A equipe que atende a região sul é composta de duas pessoas, uma sediada em Porto Alegre e outra em Curitiba, sendo que ambas cobrem também o estado de Santa Catarina. A região nordeste é atendida por três mobilizadores sediados em Salvador (BA), João Pessoa (PB) e Recife (PE) e atendem, também, os estados do Maranhão, Alagoas, Sergipe e Rio Grande do Norte. Já na região Norte, dois mobilizadores estão sediados em Belém (PA) e Manaus (AM), com algumas ações no estado do Tocantins. Outros três respondem pela região sudeste com base nas capitais São Paulo e Rio de Janeiro, e cobrem Minas Gerais com ações nos estados do Espírito Santo e no Mato Grosso do Sul. Na sede central, quatro coordenadoras respondem por projetos específicos, auxiliadas por cinco assistentes e dois estagiários, além da gerência geral do setor.

Outra característica marcante desse setor é o fato do canal operar sem sede física nas bases regionais, e sim através das equipes de mobilização que atuam na identificação, articulação e mobilização dos grupos comunitários das respectivas regiões. O contato (rotinas) entre a sede central e os mobilizadores ocorre por meio das ferramentas tecnológicas de comunicação (telefones, e-mail, skype) ou, ainda, em reuniões presenciais agendadas com antecedência entre a sede e os mobilizadores. Estas, em geral, são reuniões de avaliação e planejamento em que participam diferentes setores do CF. Tais características se dão em torno

⁶³ Respostas coletadas por questionário online junto aos mobilizadores do CF

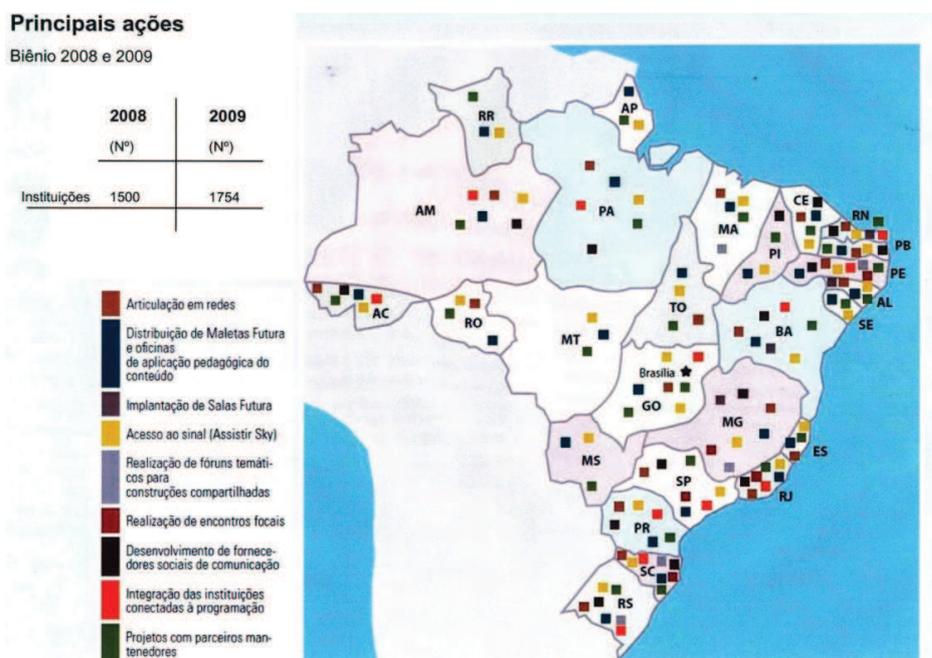
da efetivação do trabalho de campo e mobilizador das equipes. Já no tocante ao contato das equipes com os grupos comunitários, os mobilizadores evidenciam que “*nos processos vale tudo para contatar: fone, skype, email, facebook... sinal de fumaça. Usamos aquilo que a pessoa/ instituição possui, acha mais fácil.*” (op.cit) ⁶⁴

Os deslocamentos dos mobilizadores às regiões dos grupos comunitários se dão mediante agendamento, conforme o projeto em questão. Por ocasião das implementações e formação, não raro, eles permanecem pelo período alternado de uma semana no local sede dos grupos envolvidos e o fato das equipes serem exíguas faz com que frequentemente se desloquem de um território a outro.

É através de tais equipes que o CF compõe redes associativas em praticamente todo o Brasil, visando sinergias e parcerias para nelas implementar os projetos estratégicos. Deste modo, enuncia “*fortalecer a articulação, o diálogo e a cooperação entre as diferentes formas de representação e participação da sociedade brasileira e a visibilidade e o conhecimento de suas causas*” ⁶⁵.

O mapa a seguir, utilizado no ano de 2011 durante reuniões de planejamento do setor, permite visualizar as áreas e a atuação nacional das equipes de mobilização.

Figura 1



Fonte: Mobilização e Articulação Comunitária, 2010

⁶⁴Respostas coletadas por questionário online junto aos mobilizadores do CF

⁶⁵ Site do Canal Futura. www.futura.org.br

Ainda que ele refira o biênio 2008-2009, evidencia a área de abrangência do trabalho da mobilização, e que o setor responde pelo diagnóstico e mapeamento do território e de temas; pela formação de parcerias para a constituição das redes de atuação; pela formação para utilização e produção de produtos audiovisuais; pela realização de produtos e projetos educacionais; pelo monitoramento e avaliação das ações desenvolvidas, além, da identificação e sistematização de temas, agendas, fontes e abordagens para subsidiar a programação que é marcada pela negociação e heterogeneidade das agendas de parceiros.⁶⁶

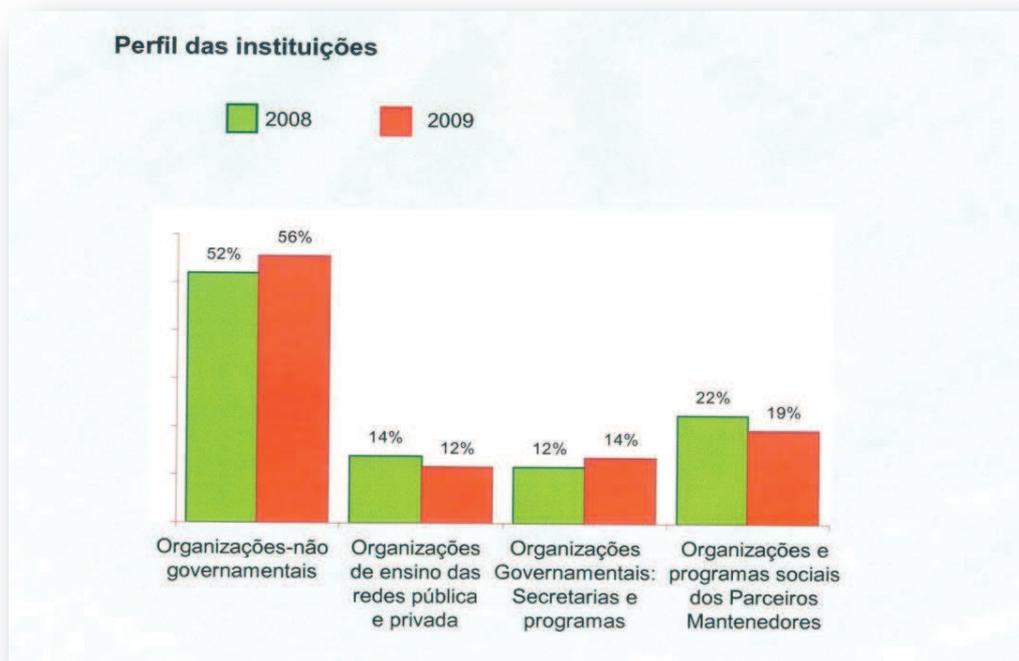
As observações efetuadas em diferentes momentos desta pesquisa evidenciaram que as ações de mobilização estão presentes em todos os territórios de atuação do CF e se efetivam de modo bastante ágil, considerando-se que as equipes de mobilizadores venham sendo reduzidas ao longo dos anos.

Essa direção torna possível pensar que o trabalho da mobilização se tornou mais complexo quando a sua ênfase se voltou aos movimentos sociais. Não apenas no tocante às mudanças de estratégias das equipes de mobilização que passaram a atuar predominantemente junto a grupos comunitários com poucos recursos e não mais com setores institucionalizados, mas também com o espaço de enfrentamento e negociações internas que isto representou dentro do CF.

Desse modo, a mudança de eixo já se fez sentir no biênio 2008 e 2009. Nele, os dados do CF sobre o perfil das instituições parceiras em atividades com o canal indicavam o aumento crescente do trabalho da mobilização social junto às ONGs. Em 2008 elas somavam 52% e em 2009 atingiram 56%. Já a rede de ensino, pública e a privada, indicavam um percentual de 14% e 12% respectivamente. As Secretarias e programas governamentais correspondiam a 12% e 14% nos anos correspondentes, enquanto as Organizações e programas sociais dos parceiros mantenedores apontavam 22% em 2008 e 19% em 2009, como indica o gráfico a seguir.

⁶⁶ Segundo AZEVEDO (2008, p.225) em 10 anos o CF atingiu mais de 12 mil instituições parceiras em ações de mobilização social no Brasil. No ano de 2005, o CF capacitou 400 mil educadores, jovens e líderes comunitários para a atuação em rede. Tais dados remetem ao período em que o Canal dava ênfase ao trabalho de formação para utilização dos conteúdos junto às instituições educacionais e de reintegração e ressocialização. No período, posterior, dados atuais evidenciam 1.444 instituições parceiras atuando em rede, considerando, principalmente, o terceiro setor. Tais dados estão disponibilizados no Mapa de Articulações, site lançado no ano de 2013 no endereço. <http://mapadarede.futura.org.br/>

Figura 2



Fonte: Mobilização e Articulação Comunitária, 2010

As atividades desenvolvidas junto à rede escolar se voltaram (e ainda se voltam) aos projetos de conteúdos transversais. Entre eles a educação ambiental, cidadania, saúde, segurança alimentar e nutricional, sexualidade, violência contra criança e o adolescente, valorização da cultura local e qualidade de vida e, ainda, a questão da educação para questões étnico-raciais, que atualmente é o carro chefe da relação com a rede formal de educação, operacionalizado, principalmente, através do projeto A Cor da Cultura.

Na atuação com os grupos comunitários, o foco se dá na elaboração e apoio de projetos sociais para a formação com ênfase à questão do audiovisual, desenvolvimento sustentável, direitos humanos, qualidade de vida, saúde e segurança alimentar e nutricional. E também aos projetos voltados para o atendimento da juventude, com o desenvolvimento de ações voltadas para a valorização da identidade juvenil, atuando fortemente na conscientização e no enfrentamento à violência, especialmente o extermínio da juventude negra, empreendedorismo e formação profissional para atividades locais, e o incentivo à formação audiovisual para a produção em parceria com o CF.

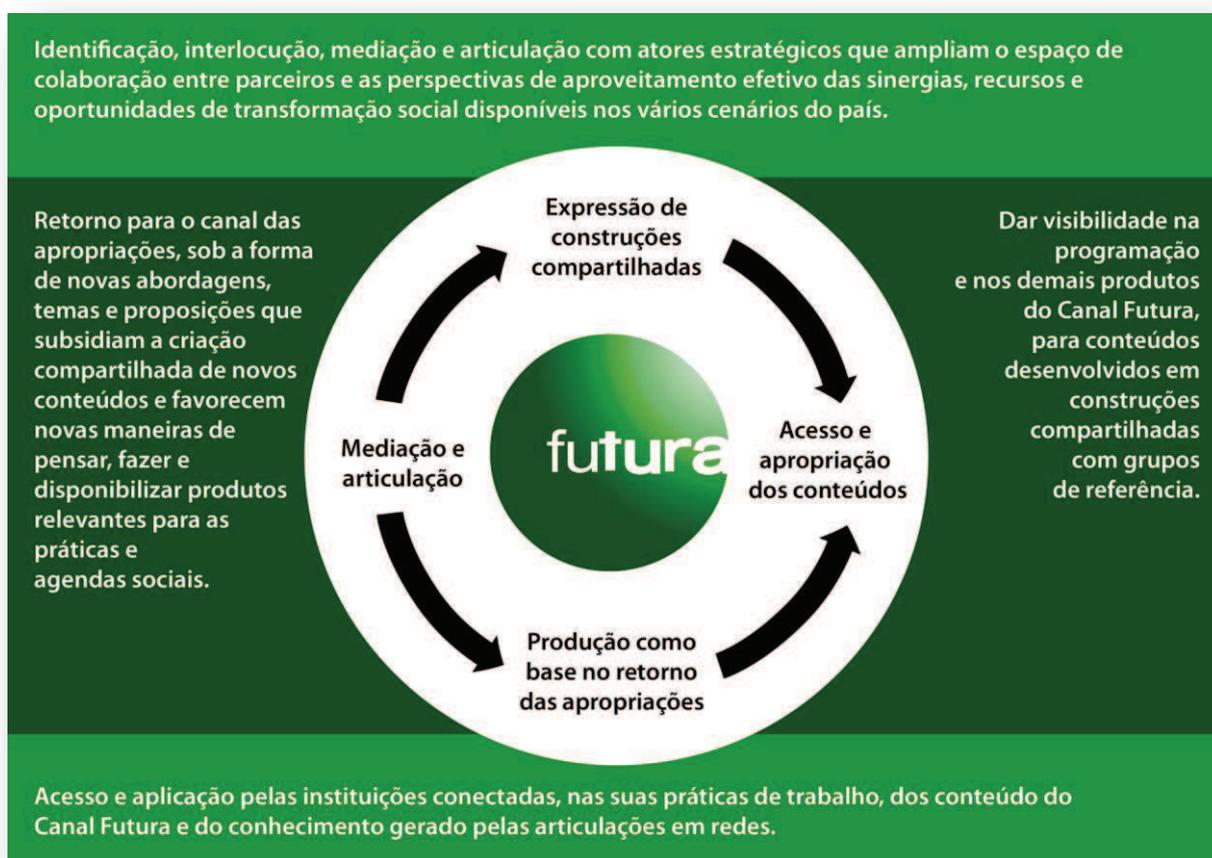
A ação de contato com os grupos comunitários que atuam com o CF ocorre no formato de parceria colaborativa, sem que se assumam compromissos de ordem formal ou

institucional, à exceção dos trabalhos de produção de conteúdo. Desse modo, não raro, uma série de parcerias não chega a se desenvolver para além da etapa inicial, e o que parece determinar o sucesso dos projetos propostos em operações conjuntas é a intencionalidade e a articulação de cada grupo envolvido.

Uma vez identificados grupos comunitários “potenciais” aos objetivos do CF, as equipes de mobilização articulam os contatos e iniciam um trabalho junto a eles. A natureza destes trabalhos passa pelas atividades de preparação para o uso dos conteúdos (projetos e ações de recepção) ou de produção conteúdos ou, ainda, de proposição de conteúdos. A rigor, o trabalho da mobilização comunitária envolve pesquisa, capacitação, acompanhamento e avaliação mediante o monitoramento e análise dos resultados alcançados, além de ampliar o alcance da iniciativa através de oficinas, para capacitar multiplicadores.

O gráfico abaixo sintetiza e representa a cadeia de valor do trabalho da mobilização, segundo o Canal Futura.

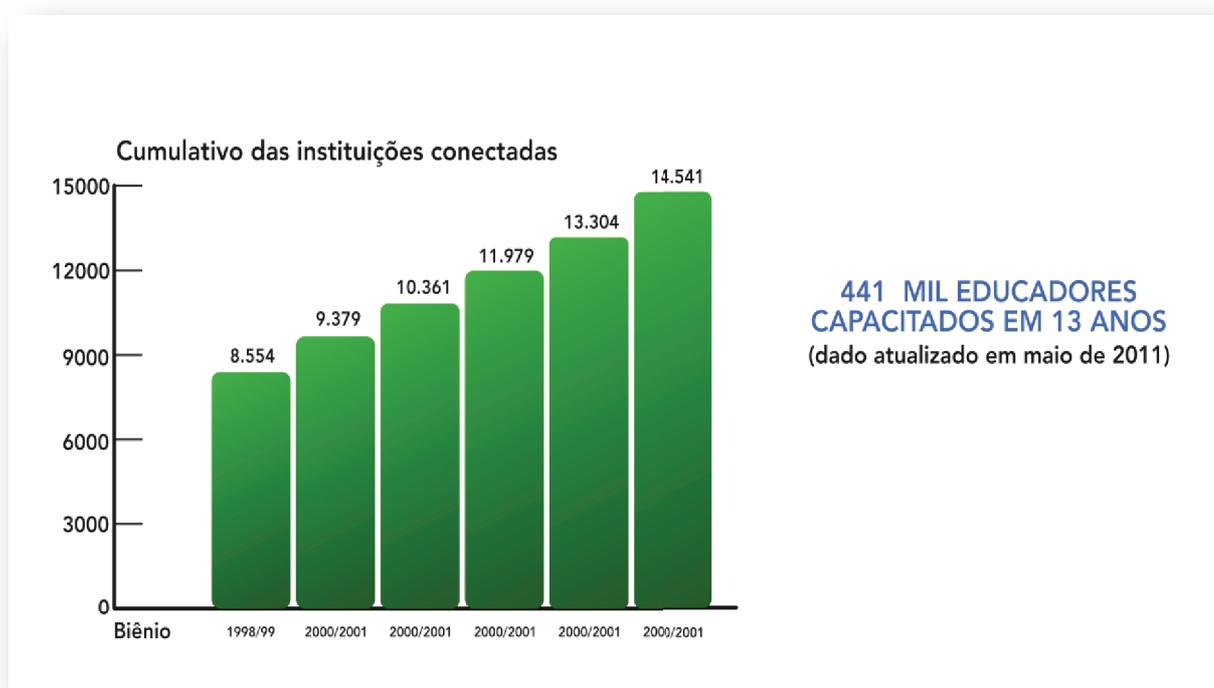
Figura 3



O fato de atuar desta forma permite ao canal disponibilizar o conteúdo da sua programação para ações diretas junto a ONGS, OSCIPS, Associações de Moradores e Movimentos Sociais, alterando sua ênfase inicial que era dirigir-se às instituições como escolas, presídios e hospitais em operações de formação para uso e difusão dos programas do CF.

O gráfico a seguir, com dados atualizados em 2011, aponta o número de instituições vinculadas ao canal pelo trabalho da mobilização.

Figura 4



Fonte: Mobilização e Articulação Comunitária, 2012

Para apreender esse contexto para além dos documentos oficiais e considerando-se fatores como a distância entre as regiões atendidas e o número pequeno nas equipes, fez-se contato com o conjunto dos mobilizadores através de questionário online⁶⁷. Buscou-se saber tanto sobre os processos comunicacionais internos entre as equipes e a sede, quanto sobre o trabalho nos territórios, apontando os aspectos de interação considerados bem sucedidos e as principais dificuldades e falhas percebidas.

⁶⁷Anexo I

O relato dos mobilizadores entrevistados aponta para a complexidade dessa interação, marcada por tensões, resistências ou “manobras”⁶⁸ entre forças desiguais. A atuação prioritária junto a grupos comunitários articulados predominantemente na sociedade civil, “*politicamente engajados e participantes dos mais diversos espaços de discussão sobre direitos*”⁶⁹ – e na qual estão organizações que atuam na defesa dos direitos humanos em áreas urbanas e rurais, movimentos que se voltam à educação, juventude, combate à corrupção, luta pela moradia entre outros movimentos sociais -, enfrenta oscilações não contempladas por outras instâncias do canal. A percepção dos mobilizadores sobre o próprio trabalho indica as limitações que as equipes enfrentam nesse processo.

“o que a gente mais faz, na real, é incentivar o uso de conteúdos do Futura. E que esse uso sirva para provocar reflexão sobre a realidade local e para incentivar iniciativas que busquem a transformação social. (...) Os projetos especiais – como o Diz Aí Fronteiras – que capacita para a produção de audiovisual são bem mais raros. Daí as maletas e kits.

(...) De um modo geral, são grupos pequenos que enfrentam dificuldades para se manterem funcionando. Falta gente para trabalhar, falta infraestrutura adequada, desde computadores até cadeiras boas, sala, etc...e falta dinheiro. Em razão disso há muita mudança de equipe, o que dificulta o trabalho (da mobilização). Também, de modo geral, as instituições fecham-se em si mesmas, não se abrem para interagir em rede, se somar a outras organizações. Então fica tudo no miudinho (...). Alinhamento dos grupos junto aos debates nacionais. Questões muito locais e organizações em outro nível de desenvolvimento (...). Falta de cultura em registrar, sistematizar resultados dos projetos (...) ausência de comunicação das organizações sobre o que fazem.

(...) a atuação era prevista para acontecer nos finais de semana, quando os líderes estavam disponíveis para os encontros e, geralmente, partíamos de uma diagnose e de um planejamento conjunto. Nesse caso, a considerar que, geralmente, eram pessoas com muita boa vontade e atuação voluntária e desprendida, mas com pouca visão do que estavam fazendo e, aonde queriam chegar. (...) Escassez de tempo, pois a maioria dos líderes só tem disponível os finais de semana. Com isso o trabalho tem que ser realizado de maneira fragmentada e, com uma duração muito maior do que a prevista inicialmente.

⁶⁸Entendida na perspectiva de Certeau em *A invenção do cotidiano*, maneiras de jogar e fazer de conta, jogar o jogo do outro (do sistema). Ou seja, como na vida cotidiana, os mais frágeis empreendem seus combates – muitas vezes de maneira silenciosa e aparentemente desarticulada – para mudar as regras de um contrato, não raro, coercível e favorável apenas aos mais fortes.

⁶⁹Respostas coletadas por questionário online junto aos mobilizadores do CF

(...) muitas lideranças são despreparadas para lidar com o novo. Há interferência política quando, algumas vezes, se sentia ameaçada no seu “poder” na comunidade.

(...) a burocracia toda a vez que envolve os órgãos públicos;⁷⁰

Nesse contexto, as respostas dos mobilizadores apontam que apesar do trabalho das equipes junto aos grupos comunitários e movimentos sociais ser bem sucedido no tocante do fortalecimento do CF, na medida em que efetivamente levam os conteúdos e articulam agendas, colocando em debates as pautas pertinentes, há “falhas” no processo para além das dificuldades acima sinalizadas. Segundo os mobilizadores, elas apontam que:

- a) “nem sempre as prioridades dos territórios são coincidentes com as prioridades do Canal Futura”;*
- b) “há uma aparente democracia no ambiente de trabalho do CF, o que, na realidade, não existe”;*
- c) em se tratando de uma empresa de comunicação há “irritações ideológicas que colocam em cheque o trabalho realizado na ponta com as organizações sociais” e, por conta delas, há “temas que não serão abordados”;*
- d) “(...) os limites do olhar “o todo” de possibilidades e não apenas “partes” para os grupos a serem focados. Digamos que trabalhamos com um mosaico e, muitas vezes um “pedacinho” é escolhido para o trabalho. (...) há um desperdício de potencialidade”;*
- e) “equipes reduzidas para um trabalho tão intenso e desafiador”.*
- f) há falta de “entendimento das pessoas da sede do tempo de atuação dos mobilizadores”; “prazos irrealistas para a execução efetiva das ações”;*
- g) “a limitação financeira para aportar os projetos o que, muitas vezes, impede um “plus” nos resultados”;*
- h) “a interação é bastante baixa, quase não existe (entre as equipes de mobilização das diferentes regiões) Ocorre mais com os mobilizadores da região (quando a região tem mais de um mobilizador)”.*
- i) “Falta de estímulo que, muitas vezes, vem da própria Coordenação Geral, e de crescimento profissional dos mobilizadores dentro do quadro de RH da FRM”⁷¹*

As respostas fazem, ainda, uma clara menção à falta de autonomia dos mobilizadores e ao seu distanciamento da produção de conteúdos.

⁷⁰ Respostas coletadas por questionário *online* junto aos mobilizadores do CF.

⁷¹ Idem ao anterior

“(...) o principal seria uma proximidade real entre o mobilizador e a produção de conteúdos, em que de fato fosse possível estabelecer o diálogo entre as organizações sociais e o que irá para a tela. Mais isso está muito distante de acontecer.

(...) o engessamento que projetos fechados impõem ao mobilizador dentro de uma comunidade.”⁷²

Tais discordâncias revelam que o setor de mobilização, ao operar num espaço intermediário, de mediação entre duas instâncias distintas, ora tendem para o institucional, ora para o comunitário num espaço de constante negociação.

Entre os resultados do trabalho de mobilização, os documentos do canal apontam a articulação em rede entre organizações, movimentos sociais e poder público na atuação em torno de causas e agendas. Referem também à implementação do que é denominado Conteúdos do Canal Futura junto a estas mesmas redes, e à produção de conteúdos audiovisuais para TV e web. Além disso, indicam públicos formados na produção audiovisual e a realização e disponibilização de tecnologias educacionais e sociais inovadoras. Ao mesmo tempo, o acompanhamento e a avaliação, muitas delas presenciais, por parte dos operadores do CF acerca das tentativas empreendidas, sugerem mudanças nas metodologias utilizadas e nos modelos de atuação.

5.3 Os agentes sociais: os grupos comunitários

Considerando os observáveis nesta pesquisa é necessário situar uma característica básica dos agentes sociais: os processos comunitários. Trabalhar com comunidades numa sociedade complexa significa lidar com muitas contradições e mesmo dilemas. Saber o que é comunidade na atualidade remete a distintos pontos de vista, ainda que a noção seja vital para entender as suas várias dinâmicas⁷³. Noção de comunitário também é frequente e multidimensional, o que torna o seu entendimento imprescindível para a compreensão dos processos de mobilização social contemporâneos num contexto de profundas afetações desencadeadas pelo processo de midiatização da sociedade.

O termo “comunitário” é correlato ao conceito de “comunidade” e, ainda, “mobilização”. Trata-se de termos polissêmicos que carregam em sua gênese processos naturalizados e cristalizados, o que influencia tanto os modos de apropriação conceitual,

⁷² Idem ao anterior

⁷³ A discussão sobre o conceito de comunidade na pesquisa em comunicação vem tomando proporções epistemológicas. A crítica interna e os próprios movimentos de pesquisa vêm forçando revisitações, tais como se encontra em Peruzzo (2006; 2008; 2009), Yamamoto (2010; 2011; 2012; 2013).

quanto os seus usos. De origem sociológica, o conceito e sua aplicabilidade no campo da comunicação tem ocorrência, em particular na comunicação comunitária e na cibercultura, e tem sua revisão epistemológica em andamento (PERUZZO, 2006; SODRÉ, 2007; HENRIQUES, 2010; YAMAMOTO, 2008a, 2013b). Usualmente, tais conceitos remetem ao lugar das interações consensuais, de ações ordinárias, da co-presencialidade, da coparticipação, ao sujeito comum em suas práticas cotidianas e da sua organização em torno de interesses e ações coletivas diante da possibilidade de testemunhar e compartilhar sentidos.

Ainda que se leve em conta o movimento de revisão conceitual, aqui ele é concebido enquanto representação de ações coletivas de interesse comum que marcam os cenários da vida cotidiana através de vínculos e laços de natureza diversificada e que sofre afetações também de ordem distinta. Enquanto espaço de relações sociais mais próximas e coloquiais, os processos comunitários são permeados por conhecimentos do senso comum, organizados em procedimentos que se caracterizam por esquemas de operações e manipulações técnicas capazes de assegurar o seu funcionamento (CERTEAU, 2012). Tais conhecimentos são organizadores e, em dadas ocasiões, assumem um caráter social, consensual e mobilizador. São também caracterizados pelo imediatismo espacial e o temporal, trazendo as marcas da oralidade e da conversação que se constitui em espaço essencial da comunidade (CERTEAU, 2011), ainda que se leve em consideração as profundas mudanças que o modo de viver em sociedade e em agrupamentos humanos tem enfrentado (BAUMANN, 2003). Entre elas, o desenho complexo das relações em espaços altamente urbanizados e onde os novos aparatos tecnológicos de informação alteram os processos de comunicação e criam condições efetivas de descentralização de um conjunto de relações até então estabelecidas, como discute Henriques em sua tese de doutoramento, e para quem: *“As características da vida moderna evidenciam e desafiam os elementos mais tradicionais da sociabilidade do tipo comunal”* (HENRIQUES, 2010, p.53).

Tal perspectiva parece sinalizar a fragmentação que o social enfrenta na atualidade e, no entanto, é também possível pensar que neste cenário, as organizações, hoje, resultam de uma composição complexa entre as formas de vida mais espontâneas do tipo comunal, e as formas institucionalizadas de agrupamento e de associação, fortemente marcadas pelas transformações tecnológicas.

Para além destas breves considerações, cabe ressaltar que o olhar nesta investigação se detém em outra angulação. Ele não percorre a totalidade das construções acerca destes conceitos, nem os seus problemas metodológicos e de aplicação. Optou-se pelo caminho inverso, isto é, o de buscar apreender o sentido de comunidade e de comunitário nas

construções emergentes dos grupos investigados que nasceram de um contexto favorável às ações coletivas de caráter social.

Interessa, portanto, perceber como são construídos a partir de tais lugares, os sentidos não lineares e variados acerca dos termos, bem como o quê faz com que se revistam de diferentes significados. Compreendidos como práticas sociais, os discursos produzidos nas esferas cotidianas ajudam a construir o pensamento médio, considerando-se o papel da mídia nesse processo.

Focalizando os agentes desta pesquisa, cabe referir que tais grupos surgiram num contexto de mobilização da sociedade brasileira em torno de ações coletivas que se distanciavam do Estado, movendo-se num universo variado de tematizações de caráter social com foco em processos de democratização e de construção da cidadania.

No final dos anos 80, uma série de ingerências no campo social se caracterizava pela emergência das TICs, de novos movimentos sociais, de novos direitos e contratos sociais, um novo exercício de construção de cidadania. Tal contexto histórico de fomento às intervenções sociais e o desenvolvimento do chamado Terceiro Setor envolve não apenas estes dois grupos na sua condição de ONGs, mas o próprio Canal Futura como projeto da Fundação Roberto Marinho (FRM), enquanto uma ONG criada e mantida pelas Organizações Globo, como já referido antes. Assim, observa-se que a utilização dos referidos conceitos se fez presente em suas trajetórias, como concepção, em distintas circunstâncias e momentos.

Nos documentos públicos do Canal Futura as evidências indicam a utilização do conceito de comunitário em diferentes momentos da trajetória da televisão, com aplicabilidades e sentidos distintos. Atualmente, o sentido de comunitário e de mobilização está vinculado às operações midiáticas e de inserção territorial⁷⁴ do canal, pautadas pelo deslocamento do foco do aperfeiçoamento do projeto educativo para o aperfeiçoamento dos processos que ampliam a polifonia social. E considerando a processualidade do setor de mobilização e articulação comunitária do CF, os grupos comunitários aqui estudados e apontados ao canal como “parceiros potenciais” à implementação do projeto Maleta Futura são identificados por essa concepção que vinha deslocando o foco das instituições para os movimentos sociais.

Em tais agentes sociais investigados pode-se dizer que o sentido de comunitário é acionado pela via da experiência, da vida cotidiana marcada predominantemente por práticas colaborativas e atitudes mobilizadoras, singulares, que remetem a distintos modos de

⁷⁴ A noção de territorialidade é empregada pelo canal para o gerenciamento das suas ações no campo social.

interação social, com fortes demarcações espaciais, territoriais. “É também uma questão de fé, de um conjunto de reivindicações cuja eficácia é percebida precisamente e apenas em nossa aceitação delas. Comunidades são vividas (...). As ideias de comunidade pairam entre a experiência e o desejo”, afirma Silverstone (2011, p.182) ao discutir a relação entre comunidade e a mídia.

Ainda que se leve em conta os efeitos, já mencionados, das transformações sociotécnicas, visualiza-se nos processos comunitários destes grupos, uma comunicação que se dá em torno de questões específicas de interesses comuns e propagadas, usualmente, através de contatos “boca a boca” em interações “face a face”. Elas são promovidas e promotoras de debates dos quais resultam negociações e decisões processadas de modo interpessoal e em apropriações e usos dirigidos de tecnologias que se sobrepõem, independentes de uma análise da sua eficácia. Em tais contextos é possível afirmar que a tecnologia e/ou a técnica não são consideradas pontos de partidas no fluxo das comunicações e a ênfase dos grupos se volta, prioritariamente, à dimensão relacional do convívio social com foco em ações de mobilização. Colocado a serviço de uma causa específica, o uso das técnicas e tecnologias da comunicação se evidencia tanto pela produção e emprego do simples e velho panfleto convocador de reuniões, quanto pelo acesso às ferramentas da internet em busca de visibilidade ou de ampliação do alcance convocatório/reivindicatório. São espaços de usos simultâneos, sobrepostos; de adesões circunstanciais e flexíveis em termos de continuidade; de ações voluntárias, na maioria das vezes consensuais e, em sua maior parte, não monitoradas nos seus resultados. É possível dizer, ainda, de ações politicamente dirigidas que também visam influenciar as formulações de políticas públicas.

Nessa linha de pensamento, é possível afirmar que tanto o GEGV quanto a TV OVO, percebidos enquanto espaços de singularização à medida que aproveitam os elementos que os circundam para construir condições de práticas de autonomia e inovações, desenvolvem uma percepção singular do que seja o comunitário. Tais percepções estão atreladas às circunstâncias das suas constituições e das operações que desencadeiam na direção dos objetivos a serem alcançados, cabendo ressaltar que não se tratam de práticas planejadas e projetadas, mas sim de “movimentos” capazes de agenciar processos múltiplos na articulação de um projeto coletivo. Desse modo, seus objetivos decorrem de uma dimensão simbólica que se desenvolve em torno de causas que remetem a vários eixos da ação social, apontando para temáticas como democracia, cidadania, bem comum, preservação ambiental, educação, identidade e memória coletiva, entre outras derivações de cunho social.

Esses grupos também empreendem cada um ao seu modo, a difusão pública de suas experiências comunitárias. Podem se apresentar como ativistas, como formadores, a depender do quanto estiverem motivados pelos interesses em jogo em diferentes momentos. Sua atuação é comumente balizada por conceitos teóricos de diversas procedências em torno das suas causas e tais concepções são refletidas nos conceitos de senso comum da linguagem usual, tornando-se mais inteligíveis e de fácil apreensão (GUSMÃO, 2012). É também possível observar a tendência crescente em dominar um determinado universo conceitual que fundamenta suas práticas, legitimando-as. Isto ocorre na medida em que os grupos e seus membros passam a circular em contextos outros com exigências comunicacionais e interacionais mais complexas, que passam a exigir e a provocar mudanças internas substanciais.

Tais grupos têm sua representação simbólica mediada pela cultura midiática e possuem a clara percepção de que o aparato da mídia pode potencializar suas ações e visibilizar sua causa, independente do posicionamento ideológico de cada parte. É desse modo que na interação com o Canal Futura, os grupos vislumbram também a possibilidade de experimentação e de reinvenção dos usos do audiovisual e do televisivo propriamente dito, num processo que sugere estar implícita uma perspectiva de empoderamento e busca de novas práticas interlocutivas. Carregam suas realidades e seus enquadramentos, inventando o seu modo de fazer, e não se limitando apenas àquilo que o canal oferece. Têm seus próprios projetos e as suas constituições comunicativas no uso do projeto em questão.

A seguir, situam-se os referidos grupos, buscando descrever seus contextos, protocolos específicos e operações singulares.

5.3.1 O Grupo Ecológico Guardiões da Vida (GEGV)

O Grupo Ecológico Guardiões da Vida (GEGV) é uma ONG, fundada em 25 de setembro de 1999, com sede na cidade de Passo Fundo⁷⁵, RS e que, através do trabalho de voluntários e estagiários, se volta à problemática ambiental no município e na região.

Sua principal característica é a forte atuação local, regional e nacional, através da participação em fóruns e mobilizações em instâncias decisórias das temáticas ambientais como a Comissão de Políticas de Desenvolvimento Sustentável (CPDS) e da Agenda 21 Nacional.

⁷⁵ A sede do grupo fica na Rua Teixeira Soares, nº625, no centro da cidade de Passo Fundo, no RS.

O grupo obteve o reconhecimento público pela sua atuação ao longo dos anos, parte de seus membros hoje ocupam cargos nas administrações públicas e ele se tornou uma das principais referências do CF enquanto modelo de ações bem sucedidas nos usos da Maleta Futura.

O contato do Canal Futura com o GEGV veio de uma parceria estabelecida no ano de 2005 entre a ONG, a Embrapa, a Coordenadoria Estadual de Educação e o canal para promoverem uma ação coletiva junto às escolas estaduais de Passo Fundo, sobre hortas comunitárias. Naquele ano o grupo já atuava junto à Emater em um projeto de implantação de hortas comunitárias em setes escolas públicas na região da cidade de Passo Fundo, denominado ‘Semeando o Caminho para o Futuro’⁷⁶. Na ocasião, também participavam do projeto a Embrapa e a 7ª Coordenadoria Regional de Educação. O Canal Futura fazia a cobertura jornalística, registrando a atividade de cada escola e a ação da comunidade.

Carlos Sanders, um dos coordenadores do GEGV e um dos principais ecologistas que atuam na Agenda 21 local, situa o contexto mobilizador que desencadeou o contato com o CF, em entrevista realizada pós-grupo focal na cidade de Passo Fundo.

“Começou com a Baronete⁷⁷ (...): o Comitê de Cidadania aqui tinha um monte de retalhos, e a gente estava discutindo a preocupação da água, né? Nós nos mobilizamos e criamos... lembra aquele ano que o Fórum Social Mundial foi descentralizado? Nós organizamos uma atividade (...) inter-religiosa, em que foram budistas, espíritas, católicos, sentaram e conversaram sobre o que é o mundo. E aí saiu a ideia de como ajudar o Comitê de Cidadania que tinha os retalhos. Foram lá na Rocinha do Rio, viu que fizeram uma grife, né... e aí a Escola Barone criou uma boneca para discutir a questão da água. Ela era feita de material reciclado e não podia tomar banho, tinha que economizar água e aí colocava a questão da água pra criança. E aí a Baronete foi vendida, comercializada. Foi aí que nós ficamos conhecendo o Futura, porque a gente apresentou isso (o projeto) para a Cleuza. Na época, o mote estava em hortas comunitárias que a Emater divulgou (...). A Emater escolheu sete escolas e o Canal registrou tudo isso. Emater, Embrapa, 7ª CRE, Grupo ecológico, o Canal também ia registrando a atividade de cada escola. Pegava a realidade da escola escolhia um cantinho, e aí a comunidade escolar e a comunidade do entorno vinha fazer horta. Então tem coisas bem

⁷⁶ Apontado também pelos mobilizadores do CEF como um dos projetos de melhores resultados, ele foi suspenso no ano seguinte em decorrência das mudanças na Coordenadoria Regional de Educação, alterada pós-eleições.

⁷⁷ A Baronete ‘nasceu’ em 2005 e é uma boneca fabricada no Centro Carlos Barone por pais, alunos, professores e voluntários com a intenção de promover uma atividade artística que servisse também para ajudar outra entidade, no caso, o Comitê da Cidadania. A boneca era vendida, e o lucro gerado, revertido ao Comitê da Cidadania. No início de 2008, esse projeto ganhou um nome, Costurando Cidadania, e um novo parceiro, o Curso de Produção do Vestuário da UPF. O projeto da Baronete foi apresentado à equipe de mobilização do CF que atentou para a capacidade de multiplicação instalada nele.

interessantes, né? Tinha escola que não tinha espaço e o morador emprestou o terreno. Outra escola lá, eles fizeram estufa com pet, outra mudou a merenda da escola, agora mesmo a escola que me ligou ... eles usam 50% da merenda escolar de agroecologia no Monte Castelo. As merendeiras fizeram curso, não vende refrigerante na cantina, não entra biscoitinho, chips (...)” (informação verbal)

Posteriormente, o grupo foi selecionado para um Seminário de Formação ministrado pelo canal. Assim, quando foi realizado o mapeamento dos parceiros potenciais para a implementação da Maleta Meio Ambiente, o GEGV já era candidato potencial e foi uma das referências indicada pela equipe de mobilizadores do canal no Sul do país. Levava-se em conta o perfil das ações do grupo, que incluía e mantinha o contato esporádico e estratégico com o CF através dos seus mobilizadores.

O fato da atuação do grupo se voltar para a educação ambiental através de atividades socioambientais, também sinalizava nele um parceiro potencial para as ações de mobilização do CF, na medida em que poderia fazer circular mais amplamente os conteúdos de uma temática estratégica no cenário nacional e cara aos propósitos do canal.

Entre outros motivos implícitos na escolha do CF pelo grupo está o próprio histórico de movimento ambientalista atuante e articulado regional e nacionalmente, com trânsito entre instituições públicas de referência como a Universidade de Passo Fundo, a Emater, a Embrapa Trigo e o poder público em uma região considerada o celeiro do Estado. Além disso, o fato dos militantes do movimento ocuparem postos de trabalho nestas e em outras instituições e empresas da cidade, reforça os vínculos locais de confiança. Também a forte marca territorial e a sua legitimidade pesaram na decisão. O GEGV é apontado pela credibilidade de seu trabalho em termos de coesão, mobilidade e articulação tanto no Rio Grande do Sul, quanto no país.

O GEGV define o seu trabalho como sendo dirigido para a educação ambiental, através de atividades sociais e socioambientais, mobilizando parceiros e a comunidade, *“priorizando proteção, preservação, conservação, recuperação e manejo sustentável do meio ambiente, do patrimônio paisagístico e dos bens e valores culturais, visando à melhoria da qualidade da vida.”*⁷⁸

Em torno da causa ambiental, o GEGV ao lado a Agenda 21 local mobiliza diferentes setores da sociedade de Passo Fundo e região, ampliando a potência das suas ações e seu espaço de negociação e reconhecimento público. Assim, além das ações no campo da

⁷⁸ Blog do GEGV

formação e da difusão da informação socioambiental, o GEGV atua no incentivo e elaboração de projetos para a criação de parques e unidades de preservação e projetos de cunho social, e denúncias de crimes ambientais. Nesse quesito, avalia as situações de áreas ambientais encaminhadas ao grupo pela população em forma de denúncia e, após, aciona os órgãos responsáveis, solicitando providências e acompanhando o caso até a sua solução. Tais atividades fazem com que o grupo também participe como conselheiro em distintas instâncias municipais, entre elas, o Fórum da Agenda 21 Local de Passo Fundo, criado em 2006 por decreto municipal⁷⁹.

Sua estratégia operacional se caracteriza por uma ampla capacidade de articulação, mobilização e associação em torno da problemática ambiental e suas ações, não raro, se confundem com as da Agenda 21 local, uma vez que os membros do grupo também atuam nela. Também por esta característica de articulação, o grupo é ágil no desencadear ações de mobilização e de negociar com instâncias heterogêneas, sendo reconhecido e procurado por diferentes instituições e entidades. Seu modo de operar se caracteriza por congregar diferentes setores de modo não hierárquico, negociando as diferenças, tendo em vista a questão ambiental como causa maior que atinge a todos.

Segundo Carlos Eduardo Sanders, na mesma entrevista pessoal à pesquisadora referida anteriormente, afirma que tal capacidade decorre do fato do grupo evitar gerar hierarquias ou centralismos na relação entre os parceiros, buscando preservar o sentido de pertencimento e da ação coletiva em prol da causa ambientalista. Diz tratar-se da *“forma de chegar, com um trabalho que desenvolve mais atenção aos pontos comuns do que para nossas diferenças, ainda que sejam reconhecidas, por serem fatores importantes, legítimas e uma realidade”* (informação verbal)⁸⁰.

Esse tangenciar se torna vital à rede multiforme que o GEGV constitui ao aproximar agentes sociais diversificados e de diferentes tipos de organizações e instituições, tantos nos níveis locais, como nos mais globais. O diálogo em torno da diversidade de interesses e valores é não isento de conflitos. No entanto, as decisões da rede são negociadas no coletivo e em resposta às demandas espontâneas vindas das comunidades. Muitas são representativas na rede de parceiros do GEGV e outras se fazem presentes pela forte articulação do grupo com os espaços de discussão das questões comunitárias e públicas.

⁷⁹ Criado pelo Decreto Municipal nº 131/2006, resulta dos debates da Rio 92. Conta com a participação de 27 entidades da sociedade civil e governo municipal, com reuniões mensais abertas à comunidade para debater e propor políticas públicas voltadas para o desenvolvimento sustentável.

⁸⁰ Entrevista com Carlos Eduardo Sanders (Preto) em janeiro 2012.

As atividades de formação do grupo ocorrem através da realização de palestras multidisciplinares em escolas, associações, instituições carcerárias, universidades e também em distintos espaços comunitários através de projetos que visam à preservação e à sustentabilidade. Para tanto, utiliza fortemente como recurso didático-pedagógico o material disponibilizado pelo Canal através do projeto da Maleta Futura, multiplicando-o e ampliando sua circulação. Nesse sentido, faz prevalecer dinâmicas próprias, caracterizadas por iniciativas inéditas e pouco formais na tocante aos usos e distribuição das maletas.

Durante entrevista da pesquisadora com os dirigentes do GEGV foi informado de que o movimento necessitava, naquele momento em que o Canal Futura os contactou, de materiais didáticos sistematizados para dar continuidade às suas ações de mobilização em prol da educação ambiental.

“Foi uma ferramenta, para nós, fantástica! Porque nós temos, ainda hoje, uma demanda grande de solicitações (...) só que a gente queria mostrar que tem como o próprio educador – utilizando ferramentas adequadas como é o material da maleta, poder ele fazer esse trabalho.” (informação verbal) ⁸¹.

O CF emerge nesse cenário como um elemento organizador das ações. Segundo as observações diretas, os workshops de formação para o uso da Maleta e as reuniões focais vieram a suprir um aspecto apontado pelo movimento como falha em seu *modus operandi* – a dificuldade de sistematização e registros. Ao mesmo tempo, o fato de ser uma televisão a encaminhar tal processo, se somava à percepção estratégica do grupo, mais particularmente das suas lideranças, sobre o uso dos meios de comunicação para atingir os fins a que se propunha. Isto, aliado ao conhecimento empírico sobre o claro fascínio que a televisão exerce no imaginário do cidadão comum.

Na mesma entrevista, Sanders ressalta que a proximidade com o CF se dá *“dentro de um processo colaborativo que executa (...) uma didática prática, para incluir nossas pautas na grade das programações do maior grupo de comunicação do país. E esta questão não nos assusta” (informação verbal) ⁸²*. O fato de o CF pertencer às Organizações Globo *“não é mais importante do que a disponibilidade do instrumento para fazer o que estamos fazendo” (informação verbal) ⁸³*.

⁸¹ Entrevista com Glauco Polita, membro do GEGV, em janeiro de 2012.

⁸² Idem ao anterior

⁸³ Idem ao anterior

Glauco Roberto Marins Polita, presidente do grupo, também argumenta em torno dos produtos da TV como ferramentas educativas e populares, capazes de difundir uma informação confiável e segura.

*“Quando utilizamos vídeos ou materiais que complementem aquilo que tentamos passar ao público, nosso trabalho é facilitado pelos produtos da Maleta. Vamos frisar um pouco isso, a história da confiabilidade. O Canal é uma marca, então você vir com o Futura... não são os ecologistas que estão falando, entende?” (informação verbal)*⁸⁴

*“(...) não são os ecologistas que tão falando. Dentro da universidade (UPF) a gente fez palestra num curso de formação ali... o pessoal terminando (a graduação). Se fossemos nós lá passar a realidade de Passo Fundo (...) mas é o Futura.” (informação verbal)*⁸⁵.

Por ocasião da implementação do projeto Maleta Futura, a ação do GEGV gerou uma rede com, inicialmente, 10 instituições parceiras que utilizaram os conteúdos em diferentes contextos e maneiras, com finalidade pedagógica.

Hoje, somam 14, e o grupo passou a indicar ao CF outras entidades no Estado do Rio Grande do Sul como parceiras potenciais. Entre eles, a Rede Bioma Pampa que reúne 85 instituições filiadas, abrangendo praticamente a metade do Rio Grande do Sul, parte do Uruguai e também da Argentina na defesa deste ecossistema.

A rede de parcerias do GEGV estava então constituída pela Associação Brasileira de Defesa e Construção da Cidadania (ABRACC); o Centro de Tecnologias Alternativas Populares; o Comitê da Bacia Hidrográfica do Alto Jacuí; o Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Passo Fundo; o Coletivo Educador do Planalto Médio Gaúcho; o Curso de Especialização em Educação Socioambiental da Universidade de Passo Fundo; o Diretório Central dos Estudantes desta Universidade; o Grupo Ecológico Sentinela dos Pampas; o Movimento Tradicionalista Gaúcho; a Rede Bioma Pampa 1; a Rede Bioma Pampa 2; a Reserva Natural Maragato; a Sala Verde vinculada ao Museu Augusto Ruschi, da UPF; e a Sala Verde Estação Ecológica, vinculada à Secretaria Municipal do Meio Ambiente.

Ela se reúne mediante convocação em torno de uma ação comum da causa ambiental, na maioria das vezes atendendo a uma demanda espontânea da comunidade. Nas reuniões são debatidas e definidas as estratégias centrais de ação, sendo que os grupos possuem autonomia na execução dos procedimentos em torno do tema em pauta junto aos seus pares. Uma vez

⁸⁴ Entrevista de Glauco Roberto Marins Polita à pesquisadora, em 18 outubro de 2010.

⁸⁵ Entrevista com Carlos Eduardo Sanders (Preto), um dos coordenadores do GEGV, 18 de outubro de 2010.

mobilizada, os circuitos se ampliam e os conteúdos colocados em circulação são reconfigurados a partir dos seus usos.

A longa parceria entre o GEGV e sua rede com o Canal Futura se mantém. No mês de janeiro de 2013 foi assinado um convênio para instalação da Sala Futura Meio Ambiente – inaugurada em junho daquele mesmo ano. A sala foi instalada na sede do Grupo Ecológico Sentinela dos Pampas (GESP), uma das ONGs integrante da rede do GEGV, que cedeu o espaço físico e o canal equipou com aparelhos para reprodução e um enorme acervo audiovisual do Canal Futura em DVDs e material informativo para estudantes, empresas e público em geral, disponibilizado para uso da comunidade.

O GEGV foi o grande articulador para instalação da Sala, que hoje tem na Agenda 21 Local e no GESP os principais parceiros. Tal decisão tomada pelo CF é justificada pelo resultado da experiência bem sucedida com o projeto Maleta Meio Ambiente junto ao GEGV e seus parceiros, e apontada como melhor projeto de mobilização social e ambiental entre 17 iniciativas do gênero em todo o Brasil. Tal fato tem sido capitalizado pelo grupo como forma de reconhecimento.

Como já citado, o GEGV recorre aos meios de comunicação para potencializar a mobilização e visibilidade em torno da causa ambiental. Nessa direção, o grupo mantém um programa radiofônico voltado ao debate das questões do meio ambiente -“Por Falar em Ecologia”-, veiculado nos sábados pela rádio Diário AM (Passo Fundo), e um dos principais elementos utilizado para a mobilização. Ao mesmo tempo, a parceria com a Universidade de Passo Fundo (UPF), através de acadêmicos do curso de Jornalismo daquela instituição, durante o ano de 2012, se voltou à utilização das ferramentas gratuitas da internet para se comunicar com a sociedade. Além de um blog⁸⁶ para a ONG foi criado um perfil nas redes sociais – Facebook⁸⁷ e Twitter.

A sustentabilidade do grupo depende de recursos oriundos de doações - algumas periódicas -, parte delas identificadas e outras anônimas - depositadas na conta bancária do GEGV-, além de recursos provenientes dos próprios voluntários. Cerca de 50 pessoas estão diretamente envolvidas com o grupo, sendo que 34 fazem parte da organização diretora. Pertencem a diferentes segmentos que, não raro, confrontam posições. Nesse aspecto, uma afirmação consensual manifestada durante um grupo focal resume a representação de uma

⁸⁶<http://grupoguardioesda vida.blogspot.com.br/>

⁸⁷<https://www.facebook.com/porfalarem.ecologia?fref=ts>

convivência em permanentes negociações: “*Não estamos sequer à direita ou à esquerda. Estamos lá na frente*” (informação verbal)⁸⁸.

Encontram-se atuando na condição de militantes da causa ambiental, professores do setor público e privado, tanto dos níveis fundamental e médio, quanto do superior, profissionais liberais de diferentes áreas, funcionários públicos, militares, políticos de carreira, associados em diferentes organizações e entidades civis e populares.

5.3.2. A Oficina de Vídeo Oeste - TV OVO

O contato da equipe de mobilização do CF com a TV OVO se deu nas reuniões dos Pontos de Cultura⁸⁹ no RS, a partir da descoberta de um vínculo comum com a comunidade dos índios Caingangues. Esse primeiro contato foi no evento de lançamento dos Pontos de Cultura do RS, ocorrido no Campo da Tuca, em Porto Alegre, tiveram início as ações de parceria entre o CF e a TV OVO. Paulo Tavares, um dos diretores da TV OVO, em entrevista para a pesquisadora, situa que,

“(...) quando a gente passou a ser Ponto de Cultura, houve um evento no Campo da Tuca em Porto Alegre, com o lançamento dos pontos de cultura do Estado através da implantação de um totem, e um artista veio fazer o totem e isso trouxe a comunidade. A gente foi... levou uma Van à POA com os nossos alunos do ponto de cultura na época. Marcos também foi. O Gilberto Gil também foi lá e aí a Cleuza Ramos que era da mobilização do Canal Cultura aqui no RS, nos procurou, pegou o nosso contato e deixou o dela, porque achou interessante o nosso trabalho e aí divulgou para nós, o programa Geração Futura. Em função desse contato, três jovens nossos foram para o Geração Futura no Rio. Ana Paula de Nonoai, o Pablo da Nova Santa Marta e o André da Fernando Ferrari (comunidades). E foi a partir daí que começaram as parcerias com o Canal.”
(Informação verbal)

TV OVO recebeu a Maleta Toda a Beleza e com ela teve a sua primeira experiência de parceria com o CF e, posteriormente, a Maleta Democracia.

⁸⁸ Entrevista com Carlos Eduardo Sanders (Preto), um dos coordenadores do GEGV, em janeiro 2012

⁸⁹ Pontos de Cultura é uma ação prioritária e elemento de articulação entre as demais atividades do Programa Cultura Viva do Ministério da Cultura (MinC). Consistem em projetos financiados e apoiados institucionalmente pelo MinC e implementados por entidades governamentais ou não-governamentais, com foco no desenvolvimento de ações de impacto sociocultural nas comunidades. Não possuem modelo único de instalações físicas, programação ou atividade e têm em comum a transversalidade da cultura e a gestão compartilhada entre poder público e comunidade.

A Oficina de Vídeo Oeste ou TV OVO, como é conhecida popularmente, é uma associação sem fins lucrativos, caracterizada como um meio de comunicação alternativo que trabalha simultaneamente com foco na formação profissional de jovens em situação de exclusão social e se volta à produção audiovisual com vistas na “*democratização do direito social à cultura*”⁹⁰. Ao longo de 16 anos ela se constituiu em espaço de atuação social de base empírica, voltado para a formação de jovens de baixa renda através de projetos de capacitação para a produção audiovisual.

Sua origem e organicidade evidenciam um forte vínculo comunitário que se explicita através de ações de comunicação comunitária dirigida às questões de cunho coletivo e de enfrentamento de adversidades decorrentes da exclusão social. Estas ações são referenciadas por meio das estratégias de produção audiovisual ao incorporar jovens da periferia⁹¹, tornando-os os próprios realizadores e estimulando-os a mostrarem as realidades das comunidades onde eles vivem. E, ainda, pela sua associação a grupos de cooperativismo local e/ou a projetos de caráter cultural e de memória coletiva na área do audiovisual.

Tal aspecto é apontado também por Missau (2012) ao investigar a representação de identidades juvenis oriundas das classes populares no audiovisual produzido pela TV OVO⁹². Ele a situa enquanto uma *TV de Rua*, utilizando a classificação de Peruzzo (2007) que assim denomina as realizações audiovisuais produzidas com a participação da população e exibidas em distintos espaços públicos para a recepção coletiva. No entanto, não interessa para este trabalho tal enquadramento e, sim, o reconhecimento de uma construção comunitária de comunicação, na qual os vínculos de natureza comunal são assegurados pelo modo de produção e também pelas estratégias de difusão das produções da TV OVO. Estas consistem em exposições públicas e gratuitas em espaços coletivos tais como praças, salas especiais, ônibus urbano, escolas, salões paroquiais e sindicais. E, recentemente, no espaço do

⁹⁰ Site da TV OVO.

⁹¹ “Naquela época, em 1996, eu tinha 16 anos e minha rotina era simplesmente estudar, dormir bastante e andar de bicicleta. Além de jogar futebol e conviver com todos os 'parceiros' da vila, estivessem eles envolvidos com o crime e a violência ou não. Nas comunidades de periferia, não se faz muita distinção nas parcerias. Quando iniciei na TV OVO, a minha participação na vida da comunidade foi mudando. Fomos, eu e os colegas, nos envolvendo nos problemas e, principalmente, na produção audiovisual. Sempre havia uma disputa entre os guris para ver quem seria o câmera nas gravações dos vídeos. Com isso, nunca mais saí do projeto e construí minha trajetória de cidadão santa-mariense pelo trabalho com a TV OVO.” Depoimento de Marcos Borba, coordenador de produção da TV OVO.

⁹² Além do referido trabalho de Missau, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM, foram defendidas as seguintes dissertações de mestrado com foco específico na TV OVO: *Santa Maria projetada: memória e identidade nos documentários da TV OVO* (2012), de Neli Mombelli; *Espaço e acesso à cultura: a experiência do projeto TV OVO no Ônibus*, de Marine Freudenberger (2013).

No curso de Jornalismo do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), constam as monografias de conclusão de curso de Marcos Borba, *Jovens e cidadania: o protagonismo social a partir das oficinas da TV OVO* (2011); e *Minha periferia e Ponto de Cultura: Espelho da Comunidade: um estudo das representações das identidades dos jovens de classe baixa*, de Dariane Carvalho (2006).

casarão⁹³ onde está sediada. O âmbito de circulação de suas produções, além destes espaços, inclui também as televisões locais transmitidas via cabo, tais como a TV Câmara, canal 16 (público); TV Unifra, canal 15 (universitário); e a TV Santa Maria, canal 19 (comunitário).

As entrevistas realizadas com os coordenadores da TV OVO revelam posicionamentos permeados por ideais democráticos e preocupações sociais, ainda que a TV OVO mantenha o compromisso com a sua autonomia frente aos movimentos organizados, partidos políticos, instituições e ao poder público. Nessa direção, o grupo se define e é reconhecido como um meio de comunicação comunitária, cuja singularidade passa pela preocupação em pautar questões não presentes na grande mídia. Os materiais audiovisuais aí produzidos são caracterizados pelo maior espaço temporal dado à questão das comunidades, às pautas reivindicatórias, à valorização dos espaços comunitários numa opção deliberada em contrapor o modo como são pautadas e abordadas pela mídia tradicional.

A TV OVO surgiu em 1996, com a proposta de ensinar técnicas audiovisuais para adolescentes da região Oeste de Santa Maria, mais especificamente na Vila Caramelo, região periférica da cidade. A iniciativa foi da Associação de Moradores da Vila e da Escola Estadual Irmão Quintino, em apoio à proposta articuladora idealizada por Paulo Roberto Tavares, então dirigente do Sindicato dos Bancários na área cultural. O bancário possuía em casa um equipamento amador adquirido de uma pequena produtora que encerrara as atividades, e uma preocupação com os rumos da adolescência nas periferias da cidade. Com tal equipamento, reuniu a primeira turma constituída por 12 adolescentes entre 13 e 17 anos, que começaram a aprender técnicas básicas de operação de câmera, edição, noções de telejornalismo, roteiro para TV e apresentação. A oficina tinha o suporte técnico da AssessoD, uma assessoria de comunicação constituída por ex-alunos de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria e que atuava junto ao Sindicato dos Bancários de Santa Maria.

Inicialmente, a TV OVO se apresenta como uma oficina de audiovisual para os adolescentes do bairro periférico. No ano seguinte, foi institucionalizada pelos próprios jovens participantes que se tornaram monitores das oficinas seguintes. A partir disso, assumiu um caráter de formadora, atuando na produção de peças audiovisuais voltadas para a realidade na qual estão inseridos os jovens que a integram, registrando aspectos das comunidades que compõem a cidade onde eles vivem. Instituiu-se como uma associação sem fins lucrativos,

⁹³ A TV OVO ocupa uma sede em construção a partir de uma parceria em regime de comodato para a criação de um centro cultural na cidade de Santa Maria, num antigo casarão adquirido pelo jornalista Marcelo Canelas. Até então, a organização ocupava um espaço público no centro cultural da cidade, que está para ser reformado pela prefeitura.

independente e autônoma, e é reconhecida como entidade cultural, pois visibiliza as manifestações culturais da periferia.

Uma característica central da TV OVO está em sua estratégia de formação, que foi se estruturando a partir da interação da prática audiovisual em contato da realidade das comunidades onde o projeto nasceu e nas quais, posteriormente, se inseriu. Em entrevista a Missau (2012), o fundador da TV OVO esclarece as bases que deram origem à TV OVO:

“Quando a gente começou a desenvolver o trabalho da TV OVO, três coisas que a gente colocou, (...) como um tripé: a realidade da comunidade, outra era a cultura da comunidade e a outra, as organizações da comunidade. [...] Essas três coisas eram a base para nós buscarmos fazer um vídeo, seja ele reportagem, documentário ou ficção. Na verdade, era fazer com que o jovem que estava ali tendo o conhecimento do audiovisual, (...) começasse a ver a sua comunidade e começasse a refletir sobre ela. E, a partir desse ver e refletir sobre a comunidade, ele vai propor o vídeo. (...) A nossa ideia é mostrar e trabalhar com as coisas da comunidade. É isso que nos move, que sempre nos moveu. Não uma questão de competir e dizer: - Ah, a mídia não presta, então nós vamos fazer a mídia que presta. Não é uma questão de ver que nós estamos certos, e eles estão errados. Não é por aí. A ideia é de fazer com que as pessoas de uma comunidade, tanto os jovens como os adultos, tenham a possibilidade de experimentar esse fazer comunicação”. (Paulo Tavares op.cit. apud MISSAU (2012, p.64)

Ainda que se observem os conhecimentos relativos à técnica de produção audiovisual como um dos elementos de reconhecimento do trabalho do grupo, ele utiliza uma metodologia de ensino para jovens que foi sendo construída com base na experimentação.

Ao longo dos anos, a TV OVO ampliou suas ações sem abrir mão das atividades de formação e manteve o foco na produção audiovisual. Até o ano de 2009, segundo dados da Organização⁹⁴, foram promovidas 21 oficinas de práticas de realização de vídeos, das quais já participaram aproximadamente 500 jovens.

O amadurecimento dos processos de formação desenvolvidos pela TV OVO, hoje o vincula aos estudos da Educomunicação, sendo enfatizada a opção pelo formato e denominação de “Oficina” ao invés de “Curso de Capacitação Técnica”⁹⁵. Nesse prisma, defende que a instrumentalização para o uso dos equipamentos de gravação e edição de vídeo, a popularização do uso do computador seja empregada como uma apropriação do modo de

⁹⁴ Dados do site da TV OVO – www.tvovo.org - disponíveis in <http://tvovo.org/2010/04/20/historicoda-oficina-d-e-video-tv-ovo>. Acessado em 09 abril de 2011.

⁹⁵ Grifos meus.

produção do conhecimento e do fazer comunicativo. Assim, o ensino das técnicas audiovisuais e a realização das práticas desses conteúdos nas comunidades onde os projetos são desenvolvidos possibilitam uma interação maior com o cotidiano desse lugar e também uma apropriação do modo de fazer comunicação.

Marcos Borba, coordenador de produção da TV OVO e um dos alunos formados na primeira oficina oferecida, afirma que o modo de ensinar da TV constitui um espaço de interrelação entre comunidade e alunos. Trata-se de um espaço de ensino em que,

“de um lado a comunidade 'ganha' espaço na comunicação; de outro, os alunos que produzem se apropriam desta troca (...) acontece a partir das técnicas de produção audiovisual, mas que carrega uma dimensão comunitária e cidadã” (Op.cit in BORBA, 2011, p. 16).

Apesar da designação como “TV” e de trabalhar com o audiovisual, a TV OVO não constitui um canal de televisão. Sua produção, em grande parte, decorre das oficinas de formação e a distribuição e exibição são realizadas em espaços alternativos, como mencionado anteriormente. Suas atividades têm foco na produção de vídeos comunitários e programas de TV produzidos para serem veiculados no interior de ônibus urbano, o projeto *TV OVO no Ônibus*, que lhe assegurou o prêmio de Mídia Livre concedido pelo governo federal. Veiculado em televisores instalados em ônibus de transporte urbano em Santa Maria-RS, o programa traz segmentos com matérias jornalísticas sobre ou de serviços para a comunidade (*Espelho da Comunidade*); o relato de profissional sobre o ofício que desempenha (*Profissão*); as atividades culturais de jovens (*Entre Tribus*); videoclipes de bandas locais (*Buzum*); e ainda enquetes dirigidas a populares nas paradas de ônibus (*No Ponto*). Além disso, promove a realização de oficinas de vídeo, manutenção de Núcleos de Vídeo Comunitário; organiza exposições públicas de vídeos através de telões; realiza atividades cineclubistas, além de se responsabilizar pela manutenção de uma biblioteca do audiovisual.

Sua história reúne diversos projetos de capacitação para o audiovisual que também acontecem em escolas, salões comunitários, igrejas, sindicatos. Realizou e realiza trabalhos de suporte à TVE, produções audiovisuais e, gradativamente, tem assegurado a sua participação em editais do Ministério da Cultura (MINC).

Tais movimentos, principalmente a partir de 2005, garantiram a profissionalização do grupo e a consolidação do seu modo de operar. Naquele ano, tornou-se “Ponto de Cultura” com o projeto *Espelho da Comunidade*, fomentado pelo *Programa Cultura Viva*, do MINC, o que lhe permite a realização de oficinas tais como Comunicação Comunitária, Inclusão

Digital, Produção Audiovisual, Técnicas de Vídeo e Técnicas de Representação. É, ainda, “Pontão de Cultura” com o projeto FOCU (Fomento Cultural), também do MINC, que visa programar uma rede de fomento e fruição de formação, produção, exibição, divulgação e distribuição audiovisual na região sul, promovendo o intercâmbio de metodologias e técnicas de ensino e produção audiovisual entre os diversos Pontos de Cultura. Como parte do projeto, a equipe da TV OVO ministrou oficinas de Direção, de Operação de Câmera e de Edição em oito cidades nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Em 2005 ela se torna também parceira do Canal Futura, e no ano seguinte três jovens da TV OVO participam das oficinas de formação do programa Geração Futura no Rio de Janeiro, na sede do canal.

Hoje, a TV OVO é formada por uma equipe fixa que assegura a sua continuidade e é constituída, na maior parte, de membros oriundos da primeira turma que deu origem ao grupo. Todos eles cursam universidade na área de Comunicação, na graduação e na pós-graduação. Além destes membros, há quatro outros jovens com formação universitária e em pós-graduação, que atuam coordenando, elaborando projetos, articulando trabalhos de produção e ministrando oficinas. Constam também como voluntários muitos ex-alunos das oficinas que optam por continuar na TV OVO, e acadêmicos dos cursos de Comunicação das universidades sediadas na cidade.

Sua operacionalidade interna se dá de modo colaborativo, sem o estabelecimento de hierarquias funcionais ou formalidades legais. Seus recursos são oriundos da captação de projetos e prestação de serviços às entidades de classe e/ou instituições universitárias, e é reconhecida pela alta qualidade técnica de seus trabalhos. Desde 2010 mantém um site/plataforma⁹⁶ que visibiliza a sua materialidade, divulgando a sua produção.

A TV OVO é considerada parceira de conteúdo do Canal Futura, para quem produziu matérias para o Jornal Futura e reportagem para o programa Geração Futura. Em 2009, a TV OVO e o CF assinaram um contrato para produção de doze (12) matérias jornalísticas mensais a serem exibidas no Jornal Futura, durante seis meses. Ao término do contrato, a parceria permaneceu em atividades de coberturas compartilhadas, em eventos como a Feira do Livro de Santa Maria, a Feira Estadual do Cooperativismo (Feicoop), o Fórum Internacional de Software Livre (FISL), o Fórum Social Mundial (FSM), Teia Sul e Nacional (encontro dos Pontinhos, Pontos e Pontões de Cultura).

A proximidade com a TV OVO através das equipes de mobilização do CF é uma constante. Marcos Borba, em entrevista, ressalta que:

⁹⁶<http://tvovo.org/>

“No tocante à mobilização, acho importante falar que nessa relação sempre tivemos um contato muito legal com a Cleuza e a Zilda então... nem se fala! Elas tinham uma parceria forte com os caigangues⁹⁷ também, e acho que por conta disso a gente se aproximou.(...)”

E elas (mobilização) sempre foram presentes. Sempre foi muito rico esse diálogo, principalmente no retorno em relação às coisas que a gente fazia e em mostrar as coisas do canal (...) ainda que a gente fizesse algumas ações que o canal pedia... a gente faz as exposições e tal... acho que até não tão bem como deveria ou precisaria...sempre foi uma relação interessante”.(informação verbal)

Tal proximidade implicou a entrega das Maletas *Toda Beleza e Democracia* para uso nas ações do grupo na cidade de Santa Maria. Assim, além da utilização nas oficinas de formação que promove, as ações desenvolvidas em torno das maletas ampliaram a zona de atuação da TV OVO, atingindo o sistema formal de ensino através da Coordenadoria Estadual de Educação (8ª DE) e da Secretaria Municipal de Educação.

Como se verá adiante, a parceria estabelecida reconduziu os conteúdos das maletas às instituições de ensino, mas por um processo agora mediado pelos agentes sociais. A TV OVO repassa os materiais das maletas às escolas da rede pública de ensino de Santa Maria, ficando a cargo dos professores a escolha e o modo de uso dos programas disponibilizados nas maletas, que serão utilizados conforme seus objetivos e necessidades.

O retorno acerca de tais usos é constituído por relatos parcialmente registrados em relatórios e de relatos orais sobre participação dos alunos, sobre a busca de mais informações sobre os assuntos abordados e percepções diversas sobre os conteúdos da maleta.

Atualmente, a parceria se estendeu para a realização de formação audiovisual em zona de fronteira dentro do projeto *Diz Aí Fronteiras*⁹⁸, uma iniciativa do setor de Articulação e Mobilização Comunitária do CF e financiamento do Banco de Desenvolvimento da América Latina (CAF).

A TV OVO fechou contrato com o canal para a realização de oficinas de criação, linguagem, produção e gravação, edição e postagem em blog para jovens nas cidades fronteiriças Santana do Livramento (BR) e Rivera (UR), Uruguiana (BR) e Passo de los Libres (AR).

⁹⁷ A TV OVO tem uma forte parceira com o grupo indígena Caigangues através dos trabalhos dos Pontos de Cultura.

⁹⁸ <http://www.dizai.org.br/projeto-diz-ai/>

A proposta era reunir jovens dessas cidades de fronteira para debaterem sobre suas identidades, cidadania, transformação social e audiovisual. Entre os assuntos abordados nos vídeos produzidos pelos jovens durante as oficinas, as temáticas vivenciadas nos seu dia-a-dia: contrabando, música, discriminação, inclusão, encontros e desencontros.

6. ESTUDO DE CASO: A CONSTITUIÇÃO DO DISPOSITIVO INTERACIONAL

Este capítulo aborda a constituição do dispositivo interacional em análise, tendo em vista a hipótese inicial de que ele emerge do encontro de duas lógicas, a televisual e a comunitária. É que as estratégias e operações de parte a parte que envolvem a implementação do Projeto Maleta Futura reconfiguram, de modo tentativo, tanto as práticas comunitárias como as midiáticas, gerando mudanças nas condições de produção de comunicação e na própria ação comunicativa.

Com base nessa premissa, buscou-se delinear as lógicas em interação com base no percurso das operações desencadeadas tanto na e pela instância midiática, quanto na e pela instância comunitária. Dessa maneira, situa-se primeiramente o projeto Maleta Futura enquanto ação da instância midiática, buscando explicitá-lo em sua totalidade, e evidenciando a sua gênese, as suas características, e os modos de operar do canal em vista da sua implementação. Na sequência, são observados os processos que envolvem a implementação de cada uma das maletas em análise no âmbito dos grupos comunitários, pontuando suas operacionalidades. Apresenta-se as ações e dinâmicas desencadeadas pela TV OVO em torno das maletas *Toda Beleza e Democracia*, e do GEGV com a maleta *Meio Ambiente*.

Planejamento, circulação, recepção, formação, produção, monitoramento integram tais processos na instância comunitária e na instância midiática, bem as percepções de parte a parte e como os resultados obtidos, são trazidas neste capítulo.

Também cabe ressaltar que ainda que se analise especificamente, os processos desencadeados em torno destas maletas a partir da relação do canal com os grupos comunitários em questão, as demais maletas serão situadas, ainda que brevemente, como elemento que facilite a visualização do desenho do projeto Maleta Futura na sua totalidade.

6.1. O projeto Maleta Futura

O projeto Maleta Futura foi gestado durante o ano de 2006, já no período de transição de foco do CF, numa parceria entre os setores de conteúdo e de articulação e mobilização comunitária, como proposta para solucionar o hiato que se gerou no espaço entre a produção /distribuição/redistribuição dos conteúdos do CF. Tal hiato era caracterizado pelo não acompanhamento do percurso dos programas e demais produtos midiáticos que saíam do canal pela via da articulação e da mobilização comunitária. Não havia como monitorar efetivamente a circulação dos conteúdos.

Relatos das equipes de mobilizadores confirmam a informação de que, desde a criação do canal, sempre houve uma demanda alta pelo acesso aos conteúdos do CF por instituições como escolas, presídios, creches e hospitais. Estas contatavam diretamente a Central de Atendimento ao Telespectador (CAT), ou chegavam através das equipes de mobilização que atuavam, entre outras frentes, no auxílio à criação de videotecas nas entidades parceiras. Desse modo, os programas eram copiados e distribuídos via correio ou pela via da mobilização (FRM, 2008), sem que houvesse qualquer registro sobre tal distribuição ou o alcance da circulação, como já referido anteriormente.

A proposta do projeto Maleta, além de organizar a distribuição, organizou o público do CF, estabelecendo canais de troca na medida em que se propõe, também, a articular a rede de parcerias do canal.

Desde o lançamento do projeto cinco maletas já foram implementadas – *Toda Beleza (2006)*, *Meio Ambiente (2008)*, *Democracia (2010)*, *Saúde (2011)*, *Infância (2013)*⁹⁹ e uma sexta, está sendo preparada dentro da parceria do CF com a ONG *Steps International*¹⁰⁰ que lançou globalmente, em 2012, o projeto transmídia *Why Poverty*¹⁰¹ visando mobilizar as pessoas no enfrentamento da questão da pobreza.

a) A proposta e o seu alcance

Enquanto parte das estratégias do CF para além da TV, o projeto Maleta Futura se caracteriza como uma ação transversal, de mobilização comunitária, com foco na implementação, distribuição e redistribuição de conteúdos do canal e de seus parceiros.

É considerado um projeto “guarda-chuva” porque reúne a seleção de parte da produção televisiva do Canal Futura de acordo com recortes temáticos e abrangentes, alinhado com as políticas internas do canal, e voltado para o trabalho junto das entidades que compõem as redes articuladas por ele em todo o Brasil.

Do ponto de vista midiático, ele integra tanto a proposta de desenvolvimento e circulação de conteúdos, quanto às estratégias das ações de mobilização comunitária do CF,

⁹⁹ As Maletas são projetadas e desenvolvidas em um ano e implementadas no ano seguinte. As datas em parênteses são referentes ao ano da implementação.

¹⁰⁰ A *Steps International* é uma organização sem fins lucrativos que reúne documentaristas do mundo todo unindo “novas mídias à velha mídia” para divulgar e debater globalmente questões mundiais, e atua em parceria com outras Organizações e Fundações internacionais. O projeto ‘*Por que Pobreza?*’ foi construído em continuidade ao projeto ‘*Por que Democracia?*’ lançado em 2007. Grifos da pesquisadora em versão livre do site da Organização.

¹⁰¹ O projeto pode ser acessado em <http://www.whypoverty.net/en/>

ao envolver diferentes grupos comunitários em torno de temáticas específicas e metodologias experimentais.

O site do projeto enuncia:

“(…) O projeto **Maleta Futura** nasceu com o objetivo de aproximar seu conteúdo audiovisual da sociedade, mas também da vontade de que a própria elaboração de conteúdo se transformasse com essa aproximação. Não se trata de manter uma lógica produtiva tradicional, tomando determinado segmento social como tema ou como público-alvo, mas sim de interagir efetivamente com a comunidade, buscando uma produção que se faça nesse contato com setores que costumam serem apenas audiências.”¹⁰²

Apesar de uma proposta de descentralização, o projeto é elaborado em parceria entre os setores de Conteúdo e de Mobilização e Articulação Comunitária, sem que essa interação necessariamente se concretize ou se materialize na produção de conteúdos diferenciados. Ele remete sim, de um lado, aos compromissos institucionais do canal com os parceiros que asseguram a sua sustentabilidade e, de outro, à perspectiva “comunitária” do próprio CF em sua proposta enunciada de ser um canal educativo que atua na horizontalidade do social.

É nesse sentido que se afirma ser a implementação do projeto Maleta Futura, enquanto sistema, uma processualidade aberta. Por um lado, ela é resultante das mudanças que implicaram reconfigurações nos modos de contato e interações com a comunidade através de operações múltiplas com foco na distribuição e circulação dos conteúdos do CF e dos seus parceiros na sociedade. Por outro, não tem como dimensionar ou controlar os resultados e empregos que os seus parceiros comunitários farão com elas em seus territórios.

Desse modo, o esforço do canal se traduz na tentativa de monitorar/avaliar os resultados decorrentes de suas estratégias operacionais em torno do projeto, contando para tanto com a participação dos parceiros envolvidos e de especialistas.

Sua estratégia de contato prevê o convite às ‘instituições de referência’¹⁰³, identificadas pelas equipes de Articulação e Mobilização, a fim de que a Maleta Futura seja agregada às ações já realizadas por aquelas em seu cotidiano. Em tal cenário, ela chega aos grupos como um elemento fortalecedor dos conceitos e das ações já trabalhadas pelas instituições/organizações e, segundo a perspectiva dos mobilizadores entrevistados, com a

¹⁰²<http://www.maletafutura.org.br/ui/O-que-e.aspx>

¹⁰³ Terminologia utilizada pelo CF para identificar seus parceiros. Percebeu-se que nos documentos do CF e na fala de suas equipes, o emprego do termo oscila conforme o seu contexto de origem, sendo correlato às expressões ‘parceiro principal’, ‘parceiro cabeça de rede’, ‘parceiro institucional’.

proposta de provocar reflexão sobre a realidade local e incentivar iniciativas que busquem a transformação social.

Seu modo de operar envolve diferentes etapas. Uma vez definido o tema e a pesquisa do material que irá compor o acervo de cada maleta, passa-se à produção, isto é, ao processo de pesquisa de materiais com parceiros nos territórios, escolha dos programas, elaboração de conteúdo do caderno de atividades e à confecção da maleta produto.

A maleta possui o formato de uma mala similar a dos caixeiros viajantes, customizada com o logotipo e imagens coloridas que remetem aos conteúdos temáticos do CF. Cada maleta é customizada conforme o tema da edição vigente. Tal formato foi escolhido por associar o projeto ao caráter itinerante do caixeiro viajante que vai a todos os lugares, mesmo aqueles inimagináveis, e também para sugerir a possibilidade dos usuários incluírem nela novos materiais. Trata-se de uma tentativa de estimular o que o canal denomina “articulações intercomunitárias” entre instituições com afinidade temática.

Figura 5



Fonte: Canal Futura

Cada maleta traz uma compilação temática dos programas mais recentes e abrangentes do canal, reunida a materiais impressos e inéditos elaborados por equipes próprias em parceria com consultores externos. Inclui, ainda, produtos pedagógicos, entre lúdicos e didáticos, bem como materiais temáticos de organizações e instituições parceiras.

Tal acervo constitui um kit que comporta uma maleta customizada conforme os temas abordados e na qual são inseridos os produtos selecionados. Além da maleta completa, há a “maletinha” (maleta básica), uma versão simplificada do kit e entregue ao parceiro comunitário denominado “cabeça de rede” para auxiliar no trabalho junto aos pares.

Paralelamente, as equipes de mobilização e articulação comunitária em cada região mapeiam instituições de referência que atuam como articuladoras de redes em seus territórios para levar até elas a proposta do projeto.

No momento em que aderem ao projeto, as instituições assinam um termo de cooperação técnica com o Canal e passam a contar durante dois anos, com o apoio das equipes de mobilização e articulação comunitária para a implementação das Maletas. Isto se dá através de visitas de acompanhamento aos parceiros envolvidos, da realização de grupos focais ou de reuniões de socialização das atividades com outras instituições participantes e consultores.

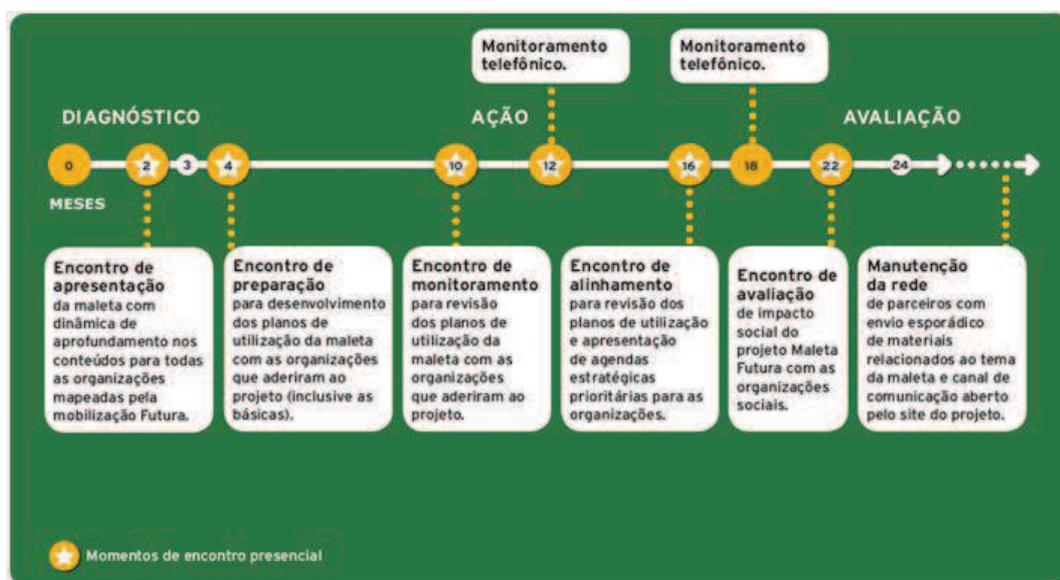
A instituição de referência, ou *cabeça de rede* no jargão televisivo, assume a responsabilidade de “replicar” a *Maleta*. Para tanto, recebe a *Maleta Futura* completa e indica seus parceiros para receberem as “*maletinhas*” ou *Maletas Básicas*. Trata-se de uma versão reduzida da maleta completa, e foi criada com o objetivo de garantir a circulação dos conteúdos a um maior número de envolvidos sem onerar o orçamento do projeto.

Uma vez fechada a parceria, durante os dois anos em que as equipes de mobilização e articulação comunitária do canal assessoram os grupos, elas também asseguram a participação do CF nas agendas estratégicas das organizações parceiras, e realizam atividades de formação sobre a utilização do acervo, sugestões metodológicas sobre como trabalhar temas e jogos disponíveis na maleta, monitoram os planos traçados para verificar se serão necessárias adequações, orientam sobre a alimentação *online* do sistema - este monitoramento também se dá por telefone – e, ainda, atuam na avaliação final, uma vez que o CF pretende “manter a rede de parceiros com ocasional envio de materiais relacionados e canal de comunicação aberto pelo site do projeto”¹⁰⁴.

¹⁰⁴ Site do CF.

O mapa abaixo, utilizado nas reuniões internas de planejamento e capacitação das equipes, explicita as etapas do trabalho da mobilização junto aos grupos comunitários e organizações nos territórios, e a tentativa de controle do fluxo que se estabelece entre a oferta do projeto e a sua apropriação na recepção.

Figura 6



Fonte: Mobilização e Articulação Comunitária, 2010

Assim, ainda que o projeto seja colocado em circulação com suas estratégias e normas já definidas na instância da produção, uma vez entregue aos grupos comunitários, a Maleta fica sujeita aos usos que estes fazem dos seus conteúdos. As iniciativas e os modos de utilização empregados pelos grupos comunitários, em particular os desta investigação, tendem a acentuar a autonomia das práticas sociais já desenvolvidas por estes, ainda que sob a influência dos processos tecnomidiáticos.

Uma vez no processo e de posse das maletas, os modos de uso e de circulação dos conteúdos, sua seleção e distribuição na rede de parceiros de cada grupo comunitário estão na dependência dos fluxos instituídos pelos interesses e estratégias destes, e não necessariamente na observância das metodologias sugeridas pelo CF.

Os relatos e retorno destes usos ao canal dependem da disponibilidade e da instituição de uma prática de registro em cada grupo.

Neste aspecto, foi observado que o monitoramento e a retroalimentação das informações se dão, na maior parte das vezes, através do contato direto com as equipes de

mobilização, seja presencial ou telefônico, apesar de o canal ter implantado um sistema de banco de dados *online* para o acompanhamento do emprego da *Maleta*. Nesse, as instituições *cabeças de rede*, mediante senha de acesso, são responsáveis pelo registro das ações dos parceiros no banco de dados do projeto. No entanto, observa-se que em tais operações não há garantias, o que permite pensar que a atuação do midiático, a partir da proposta do canal, torna-se altamente volátil e, ao mesmo tempo, exatamente por isto, se caracteriza por uma celeridade peculiar na busca da superação das supostas “falhas” que emergem destas tentativas.

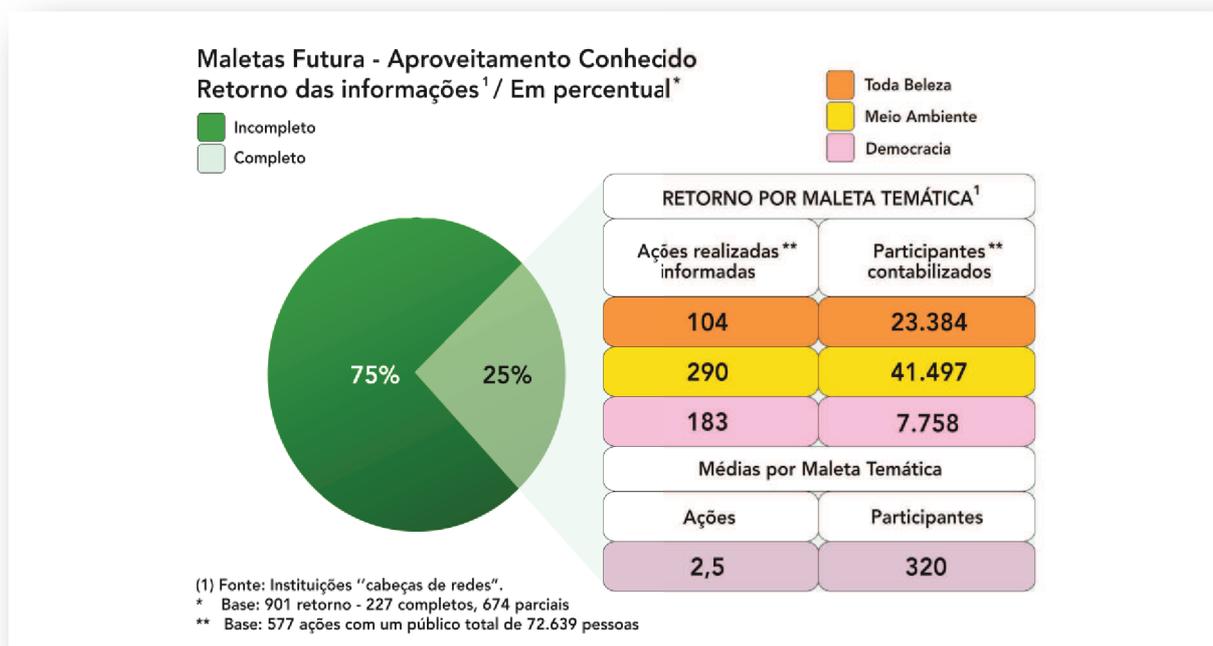
De fato, as informações orais concedidas de modo informal indicam um movimento maior do que o registrado no gráfico a seguir. Esse fluxo descontínuo remete a uma tarefa árdua e presencial dos mobilizadores, que consiste na tentativa de resgatar a memória dos grupos em torno das atividades executadas. Indicam também um descompasso entre o sistema de monitoramento do canal e o *modus operandi* dos grupos parceiros, pouco habituados ou com pouca disponibilidade de pessoal e conhecimento técnico para produzir relatórios. Mesmo em grupos mais articulados, a prática do relatório é vista como um *‘trabalho a mais’*¹⁰⁵ a ser produzido.

Conforme pesquisas do CF, apenas 25% das informações completas sobre as atividades desenvolvidas com o projeto *Maleta* retornam ao canal. Ao mesmo tempo, este não retorno e mesmo a lentidão da postagem dos dados têm gerado o aperfeiçoamento do sistema e a busca de novos modelos de avaliação. Isto fez com que também o banco de dados desenvolvido para o preenchimento dos relatórios das associações parceiras fosse reformulado, facilitando e ampliando o acesso para registros das atividades desenvolvidas. No sistema original, apenas o parceiro de rede tinha acesso ao banco de dados para registro. Uma nova atualização do mesmo permite que os demais participantes do projeto acessem a área para registro dos dados, permitindo assim mais dados a cerca das ações executadas.

O gráfico a seguir, também apresentado nas reuniões de trabalho do CF, indica o cenário do baixo retorno das informações, sinalizando as dificuldades que os grupos parceiros têm em relação aos relatórios das atividades executadas. Tais dados subsidiaram o trabalho interno de avaliação das ações do CF no ano de 2011.

¹⁰⁵Informações verbais tanto dos mobilizadores quanto dos membros dos grupos.

Figura 7



Fonte: Mobilização e Articulação Comunitária, 2011

Segundo a compilação dos dados informados pelos parceiros “cabeças de rede”, 75% das informações relativas às ações realizadas com a maleta estão incompletas. Do total das informações retornadas, somente 25% permitem uma visão global das ações realizadas e do número de participantes.

No entanto, tais dados mensuráveis não necessariamente são fidedignos. Nos relatos orais obtidos durante este estudo, há indicações de que os números podem ser “adequados” na instância dos parceiros comunitários de modo a atender as exigências do projeto¹⁰⁶. Tal atitude sinaliza, ao mesmo tempo, a dificuldade de parte dos parceiros comunitários em entender o preenchimento do formulário cedido pelo canal, como também a intencionalidade decorrente da compreensão do que realmente importa dentro da lógica de oferta da instância midiática.

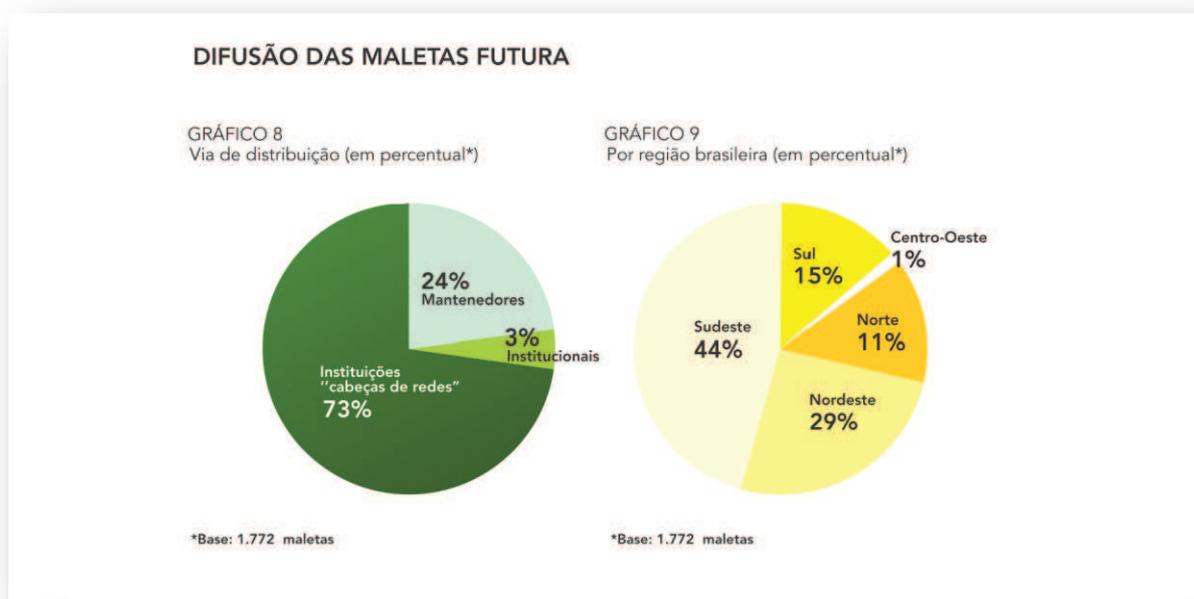
Por outro lado, é justamente a mensurabilidade do projeto que o visibiliza e faz com que atualmente esteja recebendo uma atenção especial do Departamento Institucional da Fundação Roberto Marinho. Uma nova pesquisa coordenada por esse departamento sobre o projeto Maleta foi encomendada a uma consultoria externa e está sendo executada desde

¹⁰⁶Informação verbal, obtida junto aos grupos comunitários analisados.

janeiro deste ano pelo Instituto Over Mundo, parceiro do CF, tendo também em vista o lançamento da nova maleta no ano de 2015.

Outra avaliação do CF corresponde ao mapeamento da difusão das maletas no território nacional pelos grupos comunitários parceiros que assumem a condição de ‘cabeças de rede’, pelos parceiros mantenedores; e nos espaços institucionais. Os números trazem também a sua distribuição por região, conforme indicado no gráfico abaixo.

Figura 8



Fonte: Mobilização e Articulação Comunitária, 2011

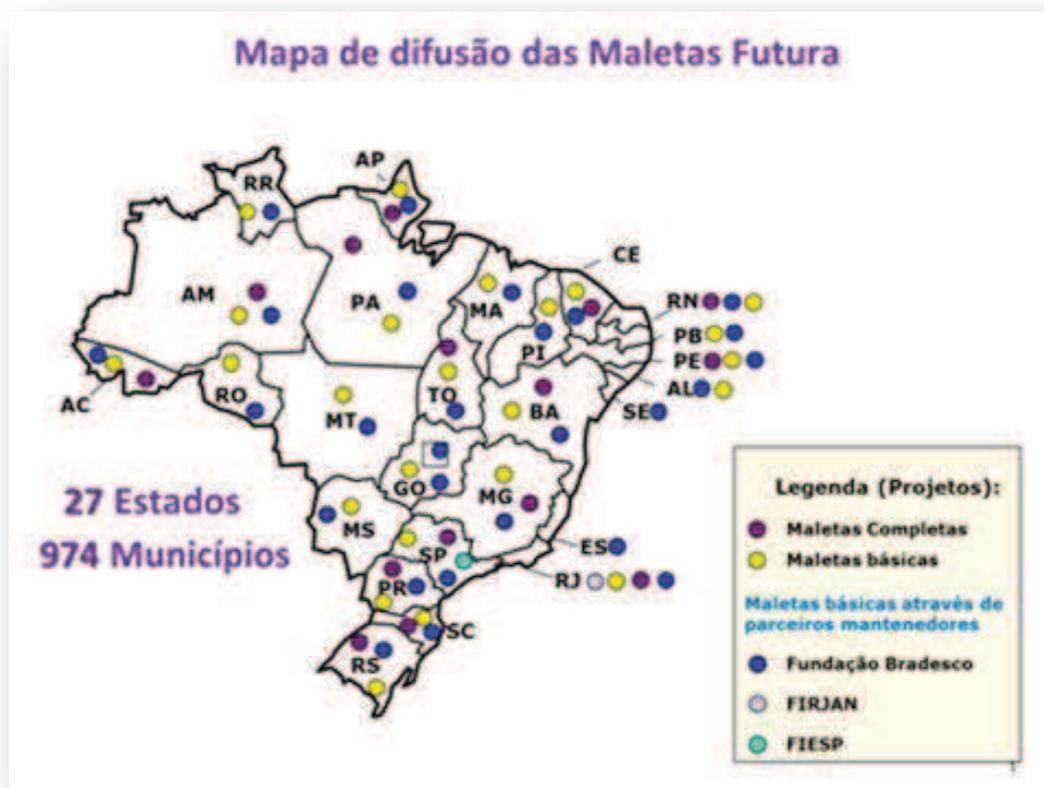
Segundo os dados, as ‘cabeças de rede’ são as responsáveis por 73% da distribuição das Maletas nos territórios, enquanto os parceiros mantenedores respondem por 24% delas e as instituições por 3%.

O gráfico também indica a distribuição por região. Até o ano de 2011, o sudeste centralizava 44% delas, seguido do nordeste, com 29%. Já o sul tem um percentual de 15%, o norte 11% e 1% do centro-oeste.

As maletas circulam em 974 municípios de 27 Estados, sendo que a Fundação Bradesco, a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) e a Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN) despontam como os maiores apoiadores do projeto.

Esse total de municípios contemplados e a distribuição conforme o tipo de maleta e parceiro mantenedor está atualizado e dimensiona, também, os limites do projeto dentro da sua capacidade financeira e do número das equipes de articulação e mobilização comunitária, restrita, hoje, a dez mobilizadores em territórios pelo país, como referido anteriormente.

Figura 9



Fonte: Canal Futura

Ainda em 2011, o CF fez uma pesquisa exploratória espontânea para avaliar a contribuição da Área de Mobilização e Articulação Comunitária junto a 1027 instituições parceiras.

Entre os resultados constam que 100% delas consideram o projeto Maleta ‘alinhado’ aos seus interesses. Os demais números indicam que 97,7% acreditam que o canal contribui com informações sobre causas sociais relevantes e 85,7% diz que ele disponibiliza informações de qualidade sobre essas causas; 78,4% que tais informações são plurais; 79% que ele auxilia no aprofundamento de temáticas e no uso de materiais audiovisuais; 73% disseram que o Canal Futura auxilia a formação de opiniões sobre temas não trabalhados pelas instituições; 71% acreditam que o canal contribui para a qualidade dos projetos que

desenvolvem; 64% acreditam que o Futura ajuda na ampliação do público atendido; 83% declararam que o canal auxilia a criação de novas metodologias; 69% na diversificação das linhas de atuação; 62% na elaboração de novos produtos e 56% na diversificação do público atendido. E ainda 88% consideram que o Canal auxilia o diálogo entre instituições e redes, 76% no estabelecimento de novas parcerias e 72% na inserção de novas redes.

b) Tematizações e conteúdos: as diferentes Maletas

Mesmo que a ênfase deste trabalho se detenha na análise do processo de implementação de três das maletas, abordadas em itens à parte na continuidade deste capítulo, se traz aqui o conjunto delas de modo a entender o projeto como um todo.

A versão piloto do projeto, primeira a ser lançada, foi a *Maleta Toda Beleza*, no ano de 2006. Ela inaugurou o sistema do projeto e seu conteúdo estava voltado para a percepção estética da diversidade brasileira. Conceitualmente, esta maleta foi preparada pela arte-educadora brasileira Ana Mae Barbosa, que também elaborou as sugestões de uso e abordagem da série Toda Beleza e dos interprogramas que compõem o kit entregue aos parceiros. Entre os pontos abordados com base em estudiosos da arte estão "arte e beleza", "arte como experiência", "critérios de julgamento da experiência estética", "erudito e popular" e "ensino da arte nas escolas do Brasil".¹⁰⁷ Foram preparadas trinta (30) maletas completas e trezentas (300) maletas básicas, segundo dados do CF.

Por se tratar de um piloto, sua implementação não contou com a etapa de monitoramento referente à coleta de indicadores e índices médios de resultados a partir do sistema de pesquisa junto aos parceiros. Os números dos resultados divulgados referente a ela aparecem como estimativas de impacto a partir de consulta ao banco de dados. Ela foi distribuída na edição completa a vinte e nove (29) instituições de oito (8) Estados, para onde também se destinou 199 maletas básicas para as redes locais, segundo dados do CF.

Em 2007 o canal preparou a *Maleta Meio Ambiente*, seguindo a tendência crescente dos debates sobre as questões ambientais, colocando-a em circulação no ano seguinte. Segundo dados do CF foram entregues quarenta e três (43) Maletas Futura Meio Ambiente para trinta e nove (39) instituições parceiras de dez (10) Estados brasileiros, e quatrocentos e sessenta e cinco (465) maletas básicas para instituições em todos os Estados através das redes

¹⁰⁷Caderno de atividades Maleta Toda Beleza.

articuladas, num total de quinhentas e oito (508) instituições. Os parceiros mantenedores¹⁰⁸ distribuíram noventa e sete (97) maletas.

O kit dessa maleta reúne material impresso, audiovisual e institucional produzido pelo Canal, além de mapa de desmatamento no Brasil e folders do Instituto Ecológica, do Grupo de Trabalho Amazônico (GTA) e da ONG Greenpeace, parceiros de conteúdo dessa temática. Também foram parceiros de conteúdo o Instituto Ecoar, a Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa (AS-PTA), a Fundação Bradesco, a Rede Brasileira de Permacultura (RBP) e o Pró-Várzea.

No ano de 2008 o canal elabora a *Maleta Democracia*, que é lançada em 2009. Essa maleta inclui as ações do ano temático sobre Democracia, no qual o Canal Futura se insere devido à parceria com o projeto “*Why Democracy?*”, liderado pela BBC (British Broadcasting Corporation) e envolvendo outras quarenta e cinco (45) emissoras no mundo.

A produção dessa maleta teve o apoio da Fundação Ford e foram parceiros de conteúdo: a FASE – Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional; IBASE – Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas; Instituto Pólis; IFCS/UFRJ; CENPEC; Escola de Gente; Editora Record; ANAMATRA; Rede Sou de Atitude e X Brasil.¹⁰⁹

Os registros apontam quarenta e nove (49) maletas completas distribuídas e quatrocentas e treze (413) maletas básicas, articulando quatrocentas e sessenta e duas (462) instituições. Já o total de maletas distribuídas para os parceiros mantenedores foi de trezentas e quatorze (314).

Já a *Maleta Saúde* entrou em circulação no período 2010/2011, com o foco na saúde coletiva e da família. Sua proposta discute as diferentes compreensões sobre o que seja “saúde” e o seu oposto “doença” com suas possíveis implicações. Como parceiros de conteúdo, o CF trabalhou junto com a Associação Baiana de Portadores de Doenças Falciformes (ABADFAL); a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA); a Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa (AS-PTA); Associação Viva e Deixe Viver; CEDAPS (Centro de Promoção da Saúde); Conectas Direitos Humanos; Grupo Gay da Bahia; Projeto Saúde e Alegria; e o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). Os materiais de conteúdo desses parceiros foram incluídos nas 45 unidades da versão “maleta completa” e em 424 unidades da versão “maleta básica”.

¹⁰⁸ A Fundação Bradesco, FIESP e FIRJAN distribuem as maletas básicas nas suas redes de trabalho social.

¹⁰⁹ Site do Canal Futura. <http://www.futura.org.br/o-futura/parceiros-mantenedores/modelos-de-parceria/apoio-a-projetos-especiais-2/acoes-do-futura-2/maleta-futura/> Acesso em 27 de maio de 2010

Cadernos de textos foram elaborados por consultores do canal e disponibilizados na versão completa da maleta, assim como livros¹¹⁰ e 46 programas do canal selecionados fizeram parte da maleta. Segundo avaliação de parte dos mobilizadores em conversas com a pesquisadora, essa maleta não teve a repercussão esperada pelo CF porque se deparou com as lógicas das campanhas do sistema de saúde, não tendo como fazer frente a elas.

A quinta, a *Maleta Infância*, ainda em fase de implementação, circula desde o início do ano de 2013 e vem recebendo redobrada atenção tanto no CF quanto na FRM, que alterou o modelo de avaliação do projeto, como se verá a seguir.

Essa maleta se volta para a educação integral na infância e se dirige a educadores e cuidadores, tanto em escolas formais quanto em espaços comunitários.

A proposta considera não apenas aquele que trabalha diretamente com as crianças, mas também com outros educadores, comunidades escolares e organizações voltadas à implementação de políticas públicas de educação integral. O CF enuncia esse contexto quando a apresenta como parte da iniciativa em prol da educação integral.

“O Canal Futura parte da constatação de que a educação integral pressupõe um conjunto de estratégias para a formação completa do ser humano, ampliando a concepção de que a educação é proporcionada pela escola e pela família ao abrir espaço para o envolvimento de toda a sociedade nesse processo. Mas, para que tal educação se dê de forma efetiva, é necessário garantir a relação entre aprendizagem e a vida em sociedade. Torna-se preciso estender o currículo escolar para além do saber acadêmico, por exemplo, com práticas, habilidades, costumes, crenças e valores que estão na base da vida cotidiana.”¹¹¹

O CF argumenta ainda que por “acreditar que a educação integral é fruto de debates entre o poder público, a comunidade escolar e a sociedade civil, é que o Futura encabeça esta iniciativa”¹¹². De fato, há indicativos de que com essa maleta o canal inicia um retorno ao modelo anterior de atendimento às instituições voltadas à educação, com uma ênfase gradual na mudança de foco do trabalho dos mobilizadores.

Foram produzidas 50 unidades da maleta completa e 500 da maletinha, com um trabalho de distribuição visivelmente concentrado nas regiões nordeste e norte.

¹¹⁰ “Onde não há médico” de David Wernerde e “Comunicação Saúde” de Inesita Araújo e Janine Miranda Cardoso

¹¹¹ Site da Maleta Futura - www.maletafutura.org.br

¹¹² Idem

Entre os materiais selecionados¹¹³ para a maleta, o CF inclui 22 programas. Entre eles, "Nota 10 – Primeira infância", "Nota 10 – A cor da cultura", "Globo Educação" e "Toda criança é única", destinando ao público infantil (de 0 a 11 anos) os programas: "Livros Animados", "Mundo da leitura" e "Teca na TV". Além disso, como as demais maletas, comporta os cadernos de texto com sugestões de usos pedagógicos e indicações de referências temáticas, recursos lúdicos para contação de histórias, revistas, livros de cortesia e materiais de parceiros.

c) As metodologias e os modos de avaliação

Uma vez determinado o tema de cada edição do projeto das maletas, a definição dos conteúdos que constituirão cada uma delas passa pela realização de fóruns temáticos com representantes das ONGs, das instituições sociais e de profissionais especializados na área específica do projeto. Tais fóruns são apontados como necessários ao estabelecimento dos pontos prioritários a serem abordados através dos conteúdos dos vídeos que serão incluídos em cada maleta, bem como os materiais vindos dos parceiros referência na temática em questão.

As equipes de mobilização do CF se responsabilizam pelas parcerias com instituições e organizações de referência em cada região, como já foi mencionado anteriormente. Os critérios utilizados para selecionar estes parceiros apontam para as organizações de referência na temática eleita, para a atuação em rede de cada um deles, e para sua capacidade de capilarizar ações para outras regiões.

¹¹³ Relação dos demais conteúdos da maleta infância: *CD Cancioneiro do Brasil* (Hospital Pequeno Príncipe); Série em vídeo "*Direito de Brincar*" (Rede Marista de Solidariedade); Caderno e e-book "*Causos do ECA 7*" (Fundação Telefônica); *Revistas Florisbela* (Cendhec); Livros cortesia: "*Memória das palavras afro-brasileiras*", de Rogério Andrade Barbosa, "*Memória das palavras indígenas*", de Luís Donisete Benzi Grupioni, "*Sociologia da infância no Brasil*", "*Caderno "S@ferdicas"*" (Safernet Brasil), "*Os direitos fundamentais da criança e do adolescente*" (Consec/RN), "*Guia para a elaboração de planos municipais pela primeira infância*" (Rede Nacional Primeira Infância), "*Plano nacional da primeira infância*" (Rede Nacional Primeira Infância), Caderno "*Ecos da Participação infantil e juvenil*" (Rede Marista de Solidariedade), Caderno "*Começo de conversa*" (Iepê), Caderno "*Cisternas nas escolas*" (Articulação no Semi-Árido Brasileiro), *Histórias, lendas e mitos Sateré-Mawé* (Governo do Amazonas), *Revista Avisa Lá* (Instituto Avisa Lá), Caderno "*Bichionário*" (Hospital Pequeno Príncipe), Caderno "*Brincar, estudar, viver... Trabalhar, só quando crescer*" (Ministério Público do Trabalho), Guia de referência "*Construindo uma cultura de prevenção à violência sexual*" (Childhood), Coletânea sobre textos e legislações sobre o trabalho infantil (Cendhec); folder institucional da Maleta Infância e os folders "*Pequenos pedestres, grandes cidadãos*" (Criança Segura), "*Dicas para ser um bom pedestre*" (Criança Segura), "*S@ferDicas para navegar com segurança em redes móveis e Wi-fi*" (Safernet Brasil), "*Segurança é coisa séria*" (Criança Segura), "*S@ferDicas para navegar com segurança na lanhouse*" (Safernet Brasil) e "*Dicas de prevenção*" (Criança Segura).

Cada organização de referência ou “cabeça de rede” assume a responsabilidade de identificar instituições ou organizações que trabalhem direta ou indiretamente com ações em torno da temática específica de cada maleta. As cabeças de rede recebem a maleta completa e os parceiros indicados por elas recebem a maleta básica para uso em ações pedagógicas.

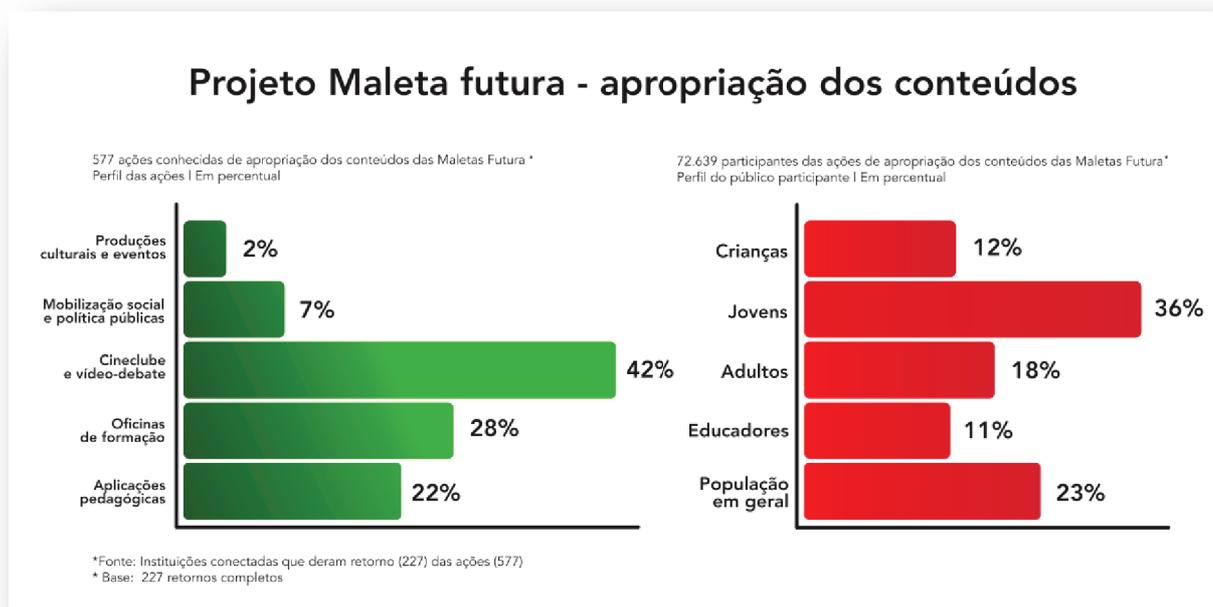
Ao aderir ao projeto, os parceiros firmam um acordo de cooperação técnica e passam a receber o suporte das equipes de mobilização do canal para a implementação da maleta, como explicado anteriormente.

A cada edição, o projeto é avaliado em seus processos e resultados através da análise das informações do banco de dados, da realização de grupos focais e da observação participante, além de pesquisa espontânea realizada por consultores contratados para tal. As avaliações anuais focam no perfil do público e da audiência, e na realização de grupos focais sobre os programas e projetos especiais.

A última pesquisa exploratória encomendada pela FRM para avaliar os indicadores das quatro edições anteriores da maleta, cujos dados foram referidos no item imediatamente anterior, se deu por amostragem regional junto às instituições cabeça de rede. Foram consideradas as dimensões relacionadas ao uso e finalidades das maletas, ao papel dos mobilizadores para as ações e à relevância dos materiais para os parceiros. A pesquisa “espontânea” era feita por telefone com os parceiros do canal em diferentes territórios e as questões a serem respondidas eram as mesmas entregues por ocasião do recebimento da maleta, com variações dependendo do diálogo estabelecido. As questões discorriam então sobre os modos de usar, a ação desenvolvida e a sua natureza, o perfil e o número de participantes, os programas utilizados, sobre os materiais complementares, trabalhos em parceria com outras instituições, objetivos atingidos e resultados obtidos com a atividade.

O gráfico a seguir indica os resultados da implementação de conteúdos com as maletas. Ele se baseou no retorno completo de 227 das instituições parceiras que sinalizaram 577 ações realizadas junto a um total de 72.632 participantes na apropriação dos conteúdos da Maleta Futura. Indica que a atividade mais frequente em relação aos conteúdos da maleta é o cineclubismo com a exibição dos vídeos, seguidas das oficinas de formação e aplicações pedagógicas, sendo que os jovens são os maiores participantes nas atividades propostas.

Figura 10



Fonte: Mobilização e Articulação Comunitária, 2012

Ainda que o acompanhamento feito pelo CF tenha apontado que os resultados divulgados são favoráveis à mobilização, conforme apontado anteriormente, o Departamento Institucional da FRM (DI) considerou os indicadores “não suficientemente sensíveis para identificar as contribuições do projeto para possíveis mudanças produzidas” (FRM, 2013, p.120), e está estabelecendo um novo modelo de avaliação a partir da Maleta Infância.

Há indicativos de que este movimento foi provocado pela pressão dos parceiros mantenedores tomados de certa insegurança quanto aos rumos dos projetos face às ações das equipes da mobilização.

Com uma autonomia crescente conquistada por sua atuação junto aos territórios, as equipes de mobilizadores vinham fomentando efetivamente o trabalho do CF com os movimentos sociais que passaram a definir de modo mais incisivo as agendas na programação jornalística do canal. A cobertura do episódio da remoção dos moradores de Pinheirinhos em SP, no ano de 2012, produzida e editada por um grupo parceiro do CF e vinculado ao Movimento Nacional pela Moradia foi veiculada no programa jornalístico Conexão Futura, o que desagradou os parceiros mantenedores e criou um mal-estar interno no CF. Com a crise instalada, houve demissões de pessoas estratégicas nas equipes de articulação e mobilização comunitária que passou a sentir uma gradual guinada e pressão para que voltassem a atuar

dentro do modelo anterior, ou seja, reduzir as ações junto aos grupos comunitários e dos movimentos sociais, e voltar a focar as instituições e organizações que integrem programas institucionalizados de assistência.

Segundo documentos divulgados recentemente, o novo modelo de avaliação teve início em janeiro último e o primeiro passo foi a definição dos propósitos da mesma a partir da realização de um processo participativo que identificou interessados estratégicos (*stakeholders*), e a formulação de perguntas avaliativas. Dentro desse modelo, cabe saber quais as necessidades de informação desses grupos, por que tais informações são importantes e quando estes dados precisam estar disponíveis.

Esse novo método reforça o poder do Departamento Institucional da FRM que: (1) passou a integrar de modo efetivo a equipe avaliativa ao lado da equipe de mobilização comunitária (2), das organizações parceiras (3), da equipe gestora do canal (4), da Secretaria Geral da FRM (5), dos parceiros mantenedores (6) e de consultores especialistas (7), ainda que a intensidade e o envolvimento de cada ator no processo sejam variáveis, conforme indica o quadro a seguir.

Quadro 1

FORMAS DE ENVOLVIMENTO DOS PRINCIPAIS INTERESSADOS NA AVALIAÇÃO		
Etapas	Quem envolver?	Como envolver?
Perguntas avaliativas	(1); (2); (3); (4); (5)	(1) e (2) reuniões presenciais; (3) consulta à distância (Skype/telefone/e-mail); (4) e (5) consulta (reunião de apresentação e discussão do documento final).
Definição de qualidade e valor (rubricas)	(1); (2); (4); (7)	(1), (2) e (7) reuniões presenciais; (4) consulta (reunião de apresentação e discussão do documento final).
Coleta de evidências	(1); (2); (3)	(1), (2) e (3) apoio logístico.
Interpretação e discussão de resultados	(1); (2); (3); (4); (5); (6)	Reuniões presenciais para discussão dos resultados da avaliação.
Planejamento para ação	(1); (2); (3); (4)	Reuniões presenciais para discutir o uso dos resultados da avaliação.

Fonte: FRM

Conforme Thomas Chianca (2013), consultor do CF, o novo modelo de avaliação atribui dimensões diferenciadas para o papel dos atores envolvidos. Os gestores da fundação precisam aprender a relevância do projeto para o público alvo, visando à prestação de contas aos parceiros mantenedores, bem como o aprimoramento dos modelos de intervenção e da prospecção de novos parceiros. A equipe coordenadora e ou implementadora necessita aprender a analisar se as metodologias empregadas são eficazes e eficientes, aprender a relevância dos resultados do projeto para o público alvo, saber verificar as lacunas de conteúdo no projeto e saber, também, em que medida ele fortalece as organizações parceiras. Essas, por sua vez, precisariam saber em que medida o projeto as fortalece e qual a relevância dos resultados obtidos.

Para além de um novo modelo, segundo entrevista com Priscila Pereira, coordenadora de projetos de Mobilização e Articulação Comunitária do CF, o desafio deste momento está na questão dialógica entre setores diferenciados hierarquicamente. Já para os integrantes das equipes da mobilização, as novas avaliações não resultam apenas de uma mudança de estratégias, mas de foco no eixo do trabalho da mobilização. E isto seria resultado “*de uma incompreensão. A Globo e a Fundação não sabem o que a mobilização faz, nem a mobilização sabe explicar. Eles (FRM) só enxergam a maleta porque ela é o projeto mensurável*”, afirma um dos mobilizadores ao dizer também da dificuldade da sede do canal em dimensionar o trabalho destas equipes e do próprio setor.

6.2. A Maleta Toda Beleza

A maleta Toda Beleza é a edição piloto do projeto Maleta Futura, como já referido anteriormente. Ela foi lançada para execução no período entre 2007 e 2008, como uma ação transversal, dentro de outro projeto denominado também *Toda Beleza*, cujo objetivo era trazer para a mídia televisiva a discussão sobre o belo a partir de uma concepção mais ampla de estética. Em tal contexto de origem está outro projeto de grande repercussão lançado em 2004, *A Cor da Cultura*, voltado para a valorização da cultura afro-brasileira e que, entre outros elementos de reconhecimento, revisão e resgate da história do negro no país, aborda a questão da diferença estética e identitária. As marcas dessas transversalidades estão evidenciadas nos conteúdos da maleta Toda Beleza.

Conforme os documentos localizados, a proposta do *Projeto Toda Beleza*, lançado em 2006, era flexibilizar paradigmas culturais, traduzindo-os em conteúdos, e levar ao ar

programas, interprogramas (ou programetes, na linguagem do canal) ¹¹⁴, chamadas e vinhetas em torno dessa temática. Seu formato era o de programetes de conteúdos curtos, entre um e dois minutos, e exibidos nos intervalos, uma vez que o canal não exibe comerciais. Ele foi levado às telas do CF sob a denominação *Geração Beleza*, e seus conteúdos assumiam uma perspectiva formativa com tematizações sobre o sentido do belo na perspectiva de artistas; a beleza inscrita no cotidiano e nas coisas simples do dia-a-dia, e o sentido estético que cada um cria para si.

Segundo os registros disponíveis – o *Geração Beleza* não consta mais na programação do CF e as referências sobre ele são encontradas em sites de parceiros do CF¹¹⁵ - tratava-se de mostrar e argumentar sobre modos de ver, entender e expressar o belo a partir de distintos e múltiplos universos de produção. A proposta da maleta *Toda Beleza* veio na mesma direção. O texto introdutório que apresenta os marcos conceituais dessa maleta no caderno de atividades, refere à amplitude da perspectiva proposta:

“A beleza imperfeita no olhar de quem vê e elege o seu objeto inventando, assim, sua própria perfeição.

A beleza inusitada, fora dos padrões e do comércio oficial.

A beleza que não é apenas mero símbolo de status.

A beleza imperfeita das coisas simples vista também por artistas consagrados e pensadores.

A beleza, impura e moderna, viva no cotidiano de milhares de brasileiros.

A beleza dos dias comuns e dos dias de festa.

A beleza fortalecedora da autoestima e da construção de uma identidade social.” (FUTURA, 2006, pág.3).

Em tal contexto, o lançamento da maleta *Toda Beleza* veio complementar a proposta do projeto. Ela foi apresentada como o aporte necessário para que os parceiros comunitários pudessem desenvolver novas leituras a partir do audiovisual, através de experiências individuais e coletivas, e, ao mesmo tempo, refletissem sobre a arte, o sensível e suas múltiplas dimensões – do erudito ao popular, historicamente situados.

¹¹⁴ A definição do que são os interprogramas pode ser sintetizada na opinião de Marcio Motokane, coordenador artístico do CF: “*Como não temos comerciais, os inters no Futura vão além de preencher um tempo: representam mais um conteúdo. É entretenimento e educação, mas em um ritmo diferente dos programas convencionais, mais longos*” Disponível in[<http://www.futura.org.br/blog/2014/02/03/novos-interprogramas-do-futura-trazem-dicas-de-portugues-e-ciencias-exatas/>]. Acessado em 12/04/2013

¹¹⁵ <http://www.kinooikos.com/mapa-projetos/entidade/30/projeto/120/>;
http://www.sMvc.org.br/index.php?secao=noticias¬icia_id=263;
<http://blogs.cultura.gov.br/culturadigital/category/movimentos/page/5/>

E ainda que esta maleta tenha sido implementada já num período que sinalizava a transição do CF em relação ao trabalho da mobilização, ela traz, fortemente, as marcas da produção voltada para o trabalho de formação ao sugerir que os conteúdos fossem levados às instituições e escolas. Ao mesmo tempo, as ações e articulações que foram empreendidas em torno da sua implementação, não raro, sinalizam a atuação da mobilização junto dos grupos comunitários e uma justaposição às demais atividades desenvolvidas em torno do projeto Toda Beleza, tanto na instância midiática quanto na comunitária. Deste modo, os grupos parceiros que recebessem a maleta foram também preparados para produzir novos conteúdos televisuais nas oficinas de audiovisual que viessem a realizar.

Segundo o CF, o caráter piloto da maleta fez com que não houvesse monitoramento referente à coleta de indicadores e índices médios de resultados a partir de pesquisas junto às instituições. Desse modo, os únicos registros que o canal possui da implementação desta maleta são os que foram preenchidos pelos parceiros no banco de dados disponibilizado e cuja totalidade é insuficiente para uma avaliação mais completa da sua circulação e usos.

a) Ações e articulações na instância midiática

As equipes do CF realizaram um trabalho de mapeamento das produções em torno dos diferentes sentidos atribuídos à beleza. Foram reunidos 154 produções, entre programas, interprogramas e documentários, e com a consultoria da especialista em arte-educação, Ana Mae Barbosa¹¹⁶, o canal preparou a maleta Toda Beleza, definindo um marco conceitual e sugestões de usos e abordagens das Séries de TV por ela indicadas dentro desse universo selecionado.

Como mencionado anteriormente, a discussão do tema da beleza proposta pela arte-educadora e que permeia os objetivos do projeto, apresentada no caderno de atividades que acompanha o kit desta maleta, enfatiza, especialmente, os caminhos da cultura, mais especificamente, das manifestações artísticas. Ao estabelecer a conexão entre cultura, arte, beleza e educação, a proposta da maleta sugere cinco abordagens temáticas para reflexão: a ‘arte e beleza’, a ‘arte como experiência’, os ‘critérios de julgamento da experiência estética’, o ‘erudito e popular’ e o ‘ensino da arte nas escolas do Brasil’. Além disso, discute a

¹¹⁶Pioneira em arte-educação no Brasil, Ana Mae Barbosa foi a primeira doutora na área (Boston University), no Brasil. É pós-doutora pela Columbia University e pela University of Central England, e livre-docente pela USP, universidade onde se aposentou.

preparação para a compreensão da arte enquanto papel dos centros de cultura e comunitários, dos museus e da escola, com sugestões de como desenvolver esses processos.

O kit completo desta maleta foi integrado, além do caderno de atividades que explicita o marco conceitual e traz sugestões de metodologias pedagógicas para o uso dos programas e indicações de outras fontes - filmes, livros e sites -, pelos cinco DVDs com programas e interprogramas selecionados, um roteiro instrumental para utilização do banco de dados; folder e anuário de programação 2006 do Canal Futura; a “lata de inventar”, baseada na técnica fotográfica *Pinhole*¹¹⁷, além do livro de Umberto Eco, *A História da Beleza* e do termo de responsabilidade sobre direitos autorais e reprodução dos itens da Maleta.

Há quatro séries de interprogramas, a saber:

- a) *Foto–Grafias*, duas séries de dez episódios, com 30 segundos de duração, e constituídas de composições visuais e trilhas sonoras que evidenciam ensaios produzidos por fotógrafos brasileiros cujo trabalho é reconhecido no Brasil e no exterior.
- b) *A beleza do meu lugar*, série em dez episódios de um minuto, faz a animação sobre o traço e texto de crianças que participaram do prêmio *Escrevendo o Futuro*¹¹⁸ instituído pelos parceiros do CF, a Fundação Itaú Social (mantenedor) e o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação (CENPEC). Nessa edição de 2004, o tema foi o *lugar onde vivo*.
- c) *A coisa mais bonita que eu sei fazer*, série com duração de um minuto e 30 segundos, foi produzida por universidades parceiras do canal, abordando ofícios e fazeres tradicionais que marcam o dia-a-dia de famílias, indivíduos ou grupos.
- d) *Objetivos do milênio*. Essa série tem oito episódios de um minuto que divulgam a campanha mundial encabeçada pela ONU que em 2000 lançou e estabeleceu Oito Objetivos do Milênio¹¹⁹ (no Brasil são chamados de 8

¹¹⁷Pinhole (do inglês pin-hole, buraco de agulha) é um processo alternativo e artesanal de se fazer fotografia que dispensa o uso de equipamentos convencionais. Utilizando-se materiais simples e de poucos elementos, como uma lata ou caixa de papelão, é possível construir uma câmera. Também conhecida como câmera estenopeica, a pinhole é basicamente um compartimento todo fechado sem luz, ou seja, uma câmara escura com um pequeno orifício feito por uma agulha. A imagem produzida em uma pinhole apresenta uma profundidade de campo quase infinita, numa dimensão ótica que a diferencia basicamente da fotográfica convencional.

¹¹⁸O prêmio integra o programa ‘Escrevendo o Futuro’ que é desenvolvido pela Fundação Itaú Social desde 2002 e conta com a coordenação técnica do CENPEC. O programa se foca na melhoria do ensino da leitura e da escrita dos estudantes das escolas públicas brasileiras.

¹¹⁹<http://www.objetivosdomilenio.org.br/>

Jeitos de Mudar o Mundo) a serem atingidos por todos os países até o ano de 2015.

Já a série *Toda Beleza*, reúne seis documentários de 30 minutos, divididos em quatro capítulos assinados, cada um deles, por quatro diretores¹²⁰ que trazem diferentes olhares sobre um mesmo tema.

- a) *Um mundo íntimo*, voltada para as relações dos indivíduos com suas habitações;
- b) *Um mundo de fé*, que reúne manifestações populares que celebram a fé católica;
- c) *Episódio: um mundo com alguém* aborda a beleza nas relações humanas, encontros e desencontros que marcam a construção e a reinvenção de pessoas e vidas;
- d) *Episódio: um mundo de gestos e movimentos* voltado para o registro das belezas que integram o dia-a-dia da vida comum;

A equipe de conteúdo do CF organizou, ainda, referências complementares ao tema, reunindo indicações de revistas impressas, comerciais e acadêmicas, que também disponibilizavam suas edições virtuais, tais como a Colors, Bravo, Piauí, Nave da Palavra, Orpheu Digital, Mundo Cultural, Paralelos, *Seixoreview* e Agora. E também a indicação de livros voltados à arte e ao estudo da estética, bem como a sinopse de 19 filmes nacionais e 35 filmes internacionais exibidos na programação do canal.

A implementação dessa maleta exigiu um esforço redobrado das equipes de mobilização comunitária, uma vez que o mapeamento dos parceiros junto aos movimentos sociais e comunitários, para além do tradicional circuito do CF nos territórios.

Durante o processo de pesquisa ficou evidenciada a efetiva participação da equipe da mobilização da região sul junto ao grupo da TV OVO, intensificada por conta também da produção dos programetes para o programa Geração Beleza. Reuniões de implementação, visitas de suporte e acompanhamentos das atividades foram frequentes, considerando-se também ser a primeira experiência entre o CF e a TV OVO.

A equipe de mobilização entregou a maleta Toda Beleza a cerca de dezoito (18) instituições parceiras do canal no Rio Grande do Sul, entre ONGS e Pontos de Cultura. No

¹²⁰Lula Queiroga, Belisário Franca, Carlos Nader e Eders Santos dirigem os documentários.

entanto, somente a TV OVO e a Central Única das Favelas (Cufa), em Porto Alegre, foram chamadas para participar do projeto Toda Beleza. Apenas a TV OVO levou adiante a proposta de produção dos interprogramas.

b) Ações e articulações na instância comunitária

Os processos que envolveram a maleta Toda Beleza foram marcados pelo fato de ser a primeira experiência de trabalho colaborativo da TV OVO com o Canal Futura, conforme já mencionado. Ela se desdobrou em duas Oficinas de Produção Audiovisual. Uma relacionada à TV como Ponto de Cultura numa oficina ordinária de formação audiovisual cujos registros não foram encontrados pela equipe da TV OVO e, outra, com a Cia. Independente de Cinema Jayme Filho, grupo local que atua com adolescentes através de oficinas de interpretação e criação de roteiros e argumentos para o cinema.

Segundo Paulo Tavares e Jayme Filho, entrevistados em momentos diferentes dessa investigação, foi durante o andamento dessa oficina que surgiu a proposta de vincular a produção da mesma ao interprograma Geração Beleza. Na ocasião, o grupo da Cia de Cinema aceitou a proposta da equipe da TV OVO que fora contatada pelos mobilizadores do Canal sobre a possibilidade de participarem na produção dos interprogramas. Em consequência, as atividades da oficina se voltaram todas para o trabalho de produção. Toda a formação foi dedicada para a seleção de temas, produção e gravação, edição do material para produzir programetes de dois minutos a serem exibidos no canal dentro do programa Geração Beleza em outubro daquele ano de 2007.

A experiência provocou afetações no grupo todo. A equipe da TV OVO foi tensionada pelas exigências, para eles pouco claras, dos modos de produção do CF, além da necessidade de manejar as normas e preencher os formulários, fatores alheios às suas rotinas.

Segundo os depoimentos, para enquadrar o grupo no projeto era necessário o preenchimento de formulários extensos, mais de 30 páginas, que exigiam, entre outros fatores, também a prospecção do público que iria assistir as produções. Isso se apresentou para os grupos como outro problema, uma vez que os índices habituais da recepção na instância comunitária não correspondiam às exigências do CF para o enquadramento nos projetos.

“Como tu vai prever? Às vezes enche, às vezes não. Não tem como saber. Aí eu pensei como vou botar? Botei 500 pessoas. Aí a Cleuza disse assim: - não, isso aí é muito pouco. Aí colocamos mil, mas não tinha como ter tantos. Não tinha! Eu não sei se lá eles achavam que era muito pouco, mas para o nosso grupo aqui aquilo era demais.

Acostumados a ter no máximo 200 com os parentes das crianças. Aí sei que a gente preencheu conforme rezava a cartilha, conforme eles queriam.” (JAYME FILHO, informação verbal)

O CF disponibilizou um montante para as despesas com o projeto que teve início em maio daquele ano, com a realização de reuniões semanais de planejamento e pré-produção. Reunidas, as equipes da TV OVO e da Cia de Cinema, passaram a buscar grupos que tivessem uma proposta diferenciada de trabalho social com jovens e que contemplassem às dimensões propostas pelo programa e reunidas nos conteúdos da maleta.

A eleita foi a Associação Comunitária Cuíca (Cultura, Inclusão, Cidadania e Arte), uma oficina de percussão que se dedica ao ensino da música para crianças e adolescentes de sete a dezessete (17) anos, provenientes das escolas públicas do bairro Camobi, em Santa Maria. À época, a Cuíca contava onze (11) anos de existência, e era reconhecida enquanto espaço alternativo de inclusão e educação musical. Todas as atividades realizadas por ela eram caracterizadas pela busca da valorização do trabalho coletivo, vivência essa possível de ser observada ainda hoje nas ações da oficina de música, e o que a singulariza no contexto da cidade. É desse modo que ela atendia os requisitos que a enquadrava na perspectiva desenhada para os programetes do Canal.

Segundo Jayme Filho, em entrevista à pesquisadora, a experiência junto à TV OVO e à Cuíca foi de aprendizado intenso. Após um planejamento de como abordar o tema e encaminhar a produção, no mês de junho, o grupo trabalhou na sede da associação Cuíca, fazendo a pré-produção e entrevistas com todos os alunos em busca de personagens.

(...) Foi legal porque na Cuíca a gente foi fazer a pré-produção e cada um dos nossos alunos sentou com um ou dois deles. A gente caminhou pela comunidade e fez a discussão, e as partes do que eles recolheram, eles propuseram os roteiros. Foi bem interessante.”(MARCOS BORBA, informação verbal)

Essa metodologia de trabalho fez com que fossem construídas quatro propostas de roteiros, apresentadas pelos alunos participantes da oficina, para serem produzidos, filmados e editados. Desses, dois foram enviados ao CF que os editou, transformando-os em um interprograma de dois minutos, depois de uma série de ajustes e negociações: *Do Lixo ao Luxo*, inspirado na música composta pelos percussionistas que a executam usando instrumentos feitos de material reciclável, como bombonas de óleo e, *Beleza Oculta* que narra a história de vida de três dos meninos integrantes da Cuíca, com ênfase na exploração da linguagem cênica que priorizou os detalhes.

O processo de produção implicou idas e vindas de pessoal e do material entre as equipes e o canal Futura para ajustes nos materiais. Além da equipe de mobilização da região sul, o canal deslocou da sede no RJ a coordenadora do projeto nas áreas, Priscila Pereira, que fora encarregada de orientar o grupo sobre como roteirizar dentro dos padrões do canal.

“Ela veio nos dar orientação sobre como roteirizar. Porque ela disse que nós estávamos acostumados a fazer de um modo, que talvez foi como nós tínhamos aprendido (...) O Canal Futura é muito rigoroso. Ela nos deu um cd para seguir à risca ...na verdade foram dois...normas para seguir, um roteiro para trabalhar, e tem todos os formulários para preencher.

(...) A gente trabalhava de uma maneira e teve que mudar por causa disso. Não que a gente fosse adotar aquilo ali, porque não se aplicava aos nossos filmes. Aí a Priscila veio duas vezes aí, mas a Zilda e a Cleuza estavam sempre por aqui.”(JAYME FILHO, informação verbal)

A exigência do padrão Futura foi o desafio e o balizamento para os trabalhos do grupo até então voltado para produção amadora. O suporte veio da equipe de mobilização que fez inúmeras reuniões com eles, monitorando os processos.

(...) O pessoal do Futura veio muito aqui nos assessorar – a Zilda, a Cleuza foram pessoas muito acessíveis, abertas, a gente tinha total liberdade. Porque eu estava com medo, eu e o meu grupo pequeno, tudo amador, e eu me vejo direto com as responsáveis do CF. Disse ao Paulo Tavares que se elas começarem a falar termos técnicos eu não vou saber nada, eu não vou entender nada (...) Mas quando eu as conheci, elas me deixaram tão à vontade que parecia conhecê-las há tempos. (JAYME FILHO, informação verbal)

Os entrevistados salientam que o material foi devolvido quatro vezes para ajustes, o que desestabilizou o grupo diversas vezes e, ainda hoje, é apontado como ‘preciosismo’ do setor de produção do canal.

(...) a Zilda dizia: ‘- Olha pessoal, é muito rigoroso. Se não ficar bom, o trabalho vai ser devolvido.’ E quando elas olharam pela terceira vez e gostaram...tá! Tá pronto. Uma semana depois me voltam as duas de mala e cuia: ‘- Tem que arrumar.’ Já vieram com a cartilha ali. O cara lá que revisava os materiais. Não tenho lembrança de quem era (João Alegria) (...) Mas pelo que a gente tinha feito, tinha seguido milimetricamente o cd... mas não...alguma coisa tinha passado. Não lembro se era a ordem dos créditos. Lembro que a

última vez em que foi devolvido, o Futura tinha que aparecer acima de tudo e no final – a marca.”(JAYME FILHO, informação verbal)

Por outro lado, a metodologia usada com a equipe de alunos das oficinas e que envolveu também o grupo da Cuíca, associada às exigências do canal, reforçou o aspecto ‘profissional’ do processo. Os que trabalharam na produção, ainda que possuíssem experiência com filmagens, admitiram que as gravações exigiam mais, com a realização de diversas tomadas para que só as melhores fossem selecionadas. Já os que foram ‘personagens’ referiram o nervosismo ao protagonizarem suas próprias histórias. A perspectiva da exposição midiática permeou as expectativas e as produções.

O interprograma foi ao ar em 2008, dentro da série *A beleza do meu lugar*. Após esse período, a maleta Toda Beleza ficou em posse da TV OVO que colocou em circulação a versão da maleta básica em parte das escolas públicas de Santa Maria e região, no ano de 2010 quando da implementação da maleta Democracia, discutida no item seguinte.

Segundo Paulo Tavares, o momento foi propício para retomar a maleta Toda Beleza, cuja circulação ficara restrita à sua condição experimental. Desse modo, o CF encaminhou seis maletas básicas adicionais para essa finalidade.

Os relatórios disponíveis sinalizaram serem quatro as escolas estaduais ligadas à 8ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE) que receberam a maleta Toda Beleza, dentro de um sistema de rodízio e com um calendário de períodos alternados para a entrega e o uso das maletas nas diferentes escolas. As maletas ficavam uma semana em cada escola, tempo considerado restrito por muitos dos professores, segundo constam nos relatórios.

No kit da maleta básica Toda Beleza, cinco DVDs, os quatro da série interprogramas e o vídeo produzido pela TV OVO sobre o Cuíca; o livro Toda Beleza e o caderno de atividades.

Destas, duas escolas retornaram os formulários. Na **Escola 1**, os conteúdos foram utilizados na sensibilização dos jovens e adolescentes, a partir da exibição o vídeo “*A coisa mais bonita que eu sei fazer*”, seguido da formação de grupos de discussão e conclusões levadas ao grande grupo.

Na **Escola 2**¹²¹ num primeiro momento, o trabalho ocorreu junto ao corpo docente da escola para estudos e conhecimento da *Maleta Futura para escolas*, quando foram selecionados e adaptados os temas para a realidade escolar do distrito a partir da série *A beleza do meu lugar*.

¹²¹A **Escola 2** corresponde à **Escola C** no item sobre a Maleta Democracia.

Num segundo momento, o grupo empreendeu viagem de estudo às comunidades para, posteriormente, fazer a confecção do mapa do distrito. A proposta foi retratar a realidade vivida pelos alunos, como ferramenta de preservação da história da comunidade de São Valentim, onde a escola está situada.

Os dados disponíveis não remetem à totalidade do processo desenvolvido. Também a memória dos professores localizados a cerca da experiência evidenciaram que ela se perdera ao longo dos anos.

Ao mesmo tempo, segundo Denise Copetti, coordenadora da TV OVO, a circulação das maletas nas escolas de Santa Maria deram maior visibilidade às atividades do grupo, até então restrita às ações em bairros e associações comunitárias. A partir da experiência, a equipe passou a realizar oficinas outras também nos espaços escolares a convite das escolas. Assim, conforme a tematização, os conteúdos da maleta continuam sendo eventualmente utilizados pela TV OVO nas atividades de formação para o audiovisual.

A parceria aí estabelecida tem que feito com que, além das maletas, a TV OVO receba também materiais complementares que remetem às novas séries e kits, como é o caso do “Que exploração é essa?!”, que através da animação, aborda a sexualidade e a exploração sexual, e também “O coletivo consciente” que tem exibido em oficinas de formação.

6.3. A Maleta Democracia

Este item aborda as articulações e ações desenvolvidas em torno e com a Maleta Democracia nos anos 2009 e 2010, que corresponderam ao período da sua implementação, tanto pela instância midiática quanto pela equipe da TV OVO.

No período que antecede o lançamento da Maleta Democracia, o ano de 2008, período de eleições no Brasil, o CF completava 10 anos. Aquele ano foi denominado o *Ano da Democracia no Futuro*.¹²² O canal aludia também a um ano de comemorações das conquistas civis: 20 anos da Constituinte, 40 anos das manifestações por democracia no Brasil e, ainda, 40 anos da revolta estudantil na Europa, da Revolta de Praga e da luta dos direitos civis nos EUA.

Nesse contexto comemorativo, diferentes equipes do Canal Futura participaram de dois eventos problematizadores da reflexão sobre a democracia e a participação política

¹²² CANAL FUTURA, **Maleta Democracia**, Caderno de textos, 2008.

qualificada: o Fórum Democracia, realizado no Polo de Pensamento Contemporâneo (POP), em fevereiro, no Rio de Janeiro; e em junho, no *Why democracy*¹²³ (Por que democracia?), um projeto multimídia mundial coordenado pela BBC e pelas TVs públicas dos países nórdicos, Finlândia e Dinamarca, e pela ONG *Steps International*, da África do Sul, que reuniu documentaristas com a proposição de discutir globalmente a questão.

Este projeto reuniu dez documentários produzidos e rodados por cineastas locais em dez diferentes países, para veiculação em 45 emissoras de TV no mundo e também na internet, visando atingir um público potencial de 300 milhões de pessoas. Além destes, 17 curtas-metragens foram produzidos e estão disponibilizados na internet, na página do projeto.

A estratégia de divulgação do *Why democracy* era fornecer uma ferramenta de aprendizagem bastante abrangente e de fácil manuseio para escolas, universidades e organizações, a partir dos filmes. “Ao usar filme como uma ferramenta educacional, a estratégia de divulgação incorpora mecanismos de aprendizagem tradicionais com atividades multimídia inovadores”¹²⁴, conforme consta na página *online* do projeto. Assim, traz um kit onde estão os 10 documentários, 13 curta-metragens, um Guia Facilitador, com sugestões de temas e metodologias para uso e ampliação do debate acerca dos conteúdos e, ainda, a posição de intelectuais, atletas, celebridades e pessoas comuns que responderam questões sobre democracia.

É importante referir tais aspectos porque a Maleta Democracia foi produzida dentro desse modelo e conjuntura, uma vez que o CF tornou-se um parceiro de divulgação do projeto.

Lúcia Araujo, gerente geral do CF, ao apresentar a Maleta no caderno de textos, atribui ao *Why democracy* a percepção que faltava à equipe do canal para trabalhar a temática de forma mais abrangente.¹²⁵ Assim, foi dentro da perspectiva referida e com o compromisso assumido de desdobrar a discussão, que o CF colocou em circulação os conteúdos deste projeto, incluindo na sua programação os 10 documentários na forma de série denominada Por que Democracia? e, ainda, tornando-os parte dos conteúdos da Maleta Democracia, lançada no ano seguinte.

A Maleta Democracia foi distribuída predominantemente entre ONGS e OSCIPS, seguida das Associações, Escolas e universidades, Agências e projetos do governo, Pontos de

¹²³ O projeto pode ser acessado na internet, no link: <http://www.whymocracy.net/>. Na última data de produção consta o ano de 2011 e a equipe atualiza uma nova versão do projeto voltado agora para a pobreza no mundo – WhyPoverty?

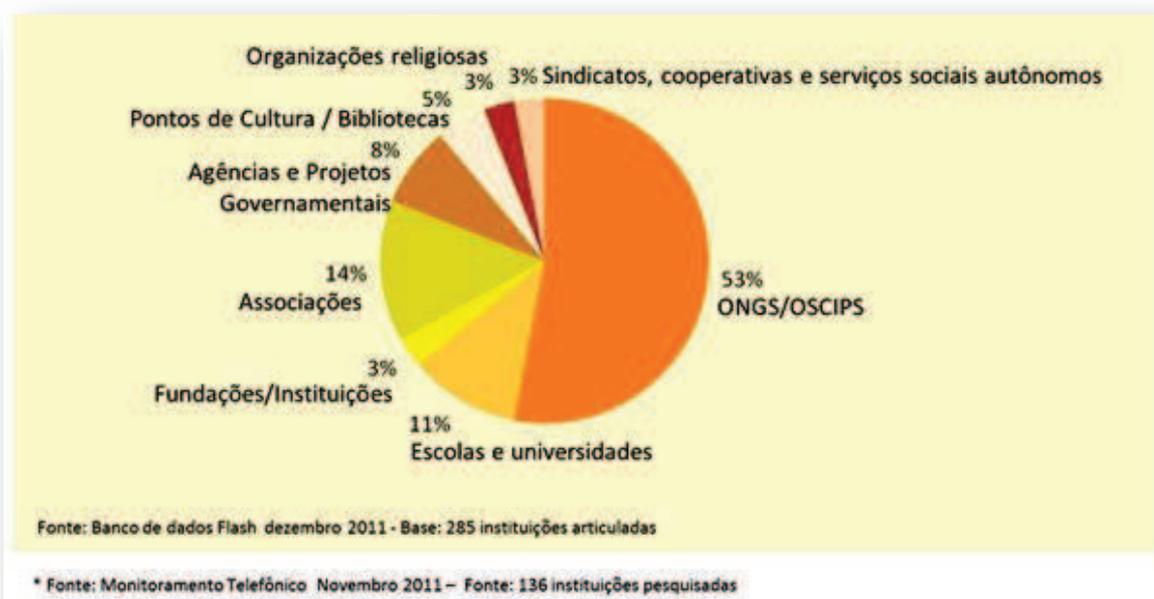
¹²⁴ Informações no site do projeto. Versão livre do original em inglês.

¹²⁵ CANAL FUTURA, **Maleta Democracia**, Caderno de textos, 2008, pág.53

Cultura, Sindicatos e Cooperativas, Fundações e Organizações religiosas, conforme pode ser constatado no gráfico a seguir, que traz o perfil das instituições parceiras.

Os dados do CF indicam também que a sua difusão regional foi maior no Nordeste e no Sudeste, seguidas pela região Sul e Norte, sem ter circulado no Centro-oeste naquele período.

Figura 11



As atividades mais empreendidas com os conteúdos da Maleta se voltaram a um público predominantemente jovem – 76% dos participantes estavam na faixa etária entre 12 e 24 anos-, e implicaram em debates e oficinas, capacitação de educadores, cineclubismo, e reuniões de apresentação da maleta.

a) Ações e articulações na instância midiática

A temática democracia foi apontada pela equipe do canal como sendo “demasiado ampla”, o que os levou a definir uma “coletânea que fosse igualmente plural” (FRM, 2008, p.7). Assim, a partir da temática central, foram estabelecidas diversas outras questões

transversais: política, cidadania, direitos, diálogo, diversidade, preconceito, discriminação, além dos temas que fizeram parte do Fórum Democracia¹²⁶.

Esse trabalho envolveu não apenas a equipe do CF, mas também parceiros de conteúdos¹²⁷ e a consultoria de especialistas como a equipe de pesquisadores do Laboratório de Estudos do Tempo Presente, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O historiador Francisco Carlos Teixeira da Silva, coordenador de pesquisa do laboratório, e os pesquisadores Aline Martins Martello e Daniel Santiago, se responsabilizaram pela análise dos documentários, estabelecendo a conexão com os movimentos mundiais pela democracia e a liberdade numa perspectiva histórica. O texto desses pesquisadores marca a contextualização da série ‘Por que Democracia?’ integra o caderno de textos desta maleta sugerindo o episódio ‘Por favor, vote em mim’, marcado no DVD5.

Vanessa Castro, comunicadora e educadora, especialista em mobilização social, elaborou as sugestões de atividades que combinassem o conteúdo dos vídeos com jogos educativos capazes de suscitar reflexões e debates.

Desse modo, o kit maleta foi composto por 11 DVDs que traziam os 10 documentários da série Por que democracia? e mais 22 interprogramas¹²⁸. Compunham a coletânea dessa maleta: *Ética*, apresentada pelo filósofo Renato Janine Ribeiro; o programa *Passagem Para...* com as viagens do jornalista Luis Nachbin pela América; *Comércio Justo* desenvolvido em parceria com o SEBRAE; *Ao ponto*, apresentado pelo psicanalista Jairo Bauer e voltados para o público jovem; *Não é o que parece* produzido em parceria com o Conselho Federal de Psicologia; *Afiando a língua* apresentado pelo cantor Toni Belloto; *Sala de notícias – entrevista*, com o filósofo francês Jacques Rancière; *Que trabalho é esse* animação que discute o trabalho escravo; o *Diz aí* sobre a participação política da juventude brasileira; a série *Terra Paulista; histórias, arte e costumes* e o DVDs da série *Marco Universal – a exceção e a regra* que traz nove documentários sobre diferentes e complexas situações do cotidiano. E ainda, o caderno de textos que reúne as sugestões do canal sobre como utilizar os programas em ações de mobilização, formação, em atividades educativas, culturais ou lúdicas; os materiais impressos: um exemplar da Constituição Federal; o livro Cidadania no

3. Foram palestrantes no Fórum Democracia, o sociólogo Francisco de Oliveira (USP/ A democracia no Brasil); o filósofo Renato Janine Ribeiro (Democracia é o regime em que o poder é do povo); Lena Lavinias, economista e professora na UFRJ (Qual a relação de desigualdade e democracia?), Itamar Silva (Ibase), Ronaldo Lemos (FGV), Patrícia Lanes (Ibase), o psicanalista Jurandir Freire (UERJ), José Murilo de Carvalho, historiador (UFRJ) e Sergio Haddad, educador e economista.

¹²⁷FASE - Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional; IBASE - Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas, com a participação da antropóloga Moema Miranda como consultora do CF; Instituto Polis; IFCS/UFRJ; CENPEC; Escola de Gente; Editora Record; ANAMATRA; Rede Sou de Atitude; X Brasil.

¹²⁸ Relação dos documentários e interprogramas no anexo.

Brasil: o longo caminho, de José Murilo Carvalho; a edição de fevereiro de 2008 do *Le Monde Diplomatique*, dedicada ao tema; o Manual da Mídia Legal, que discute o papel da mídia nos movimentos da atualidade; a Cartilha do Trabalhador, editada em quadrinhos e que discute os direitos trabalhistas; o Guia de Atitude, que se volta para a discussão das políticas públicas; os cadernos bilíngues *Democracia Viva* e *Democracia, Desenvolvimento e Direitos*, editados pelo Ibase; e o jogo *Ágora Futura*, que consiste na montagem de uma cidade e das regras de convivência social para os seus habitantes.

O caderno de textos, como instrumentalizador, reúne o conjunto de referências e sugestões de atividades que, em tese, devem balizar as ações dos parceiros. Traz a lista e a sinopse dos programas, a sugestão de atividades a partir dos mesmos, textos que correspondem à transcrição das palestras ou fragmentos delas, do Fórum Democracia, a contextualização da série ‘Por que Democracia?’, o artigo ‘Democracia e Liberdade: uma luta no tempo’, e uma indicação de filmes, livros, sites, revistas e jogos eletrônicos que abordam a temática, sob a denominação ‘Para Saber Mais’.

Além das sinopses dos documentários e interprogramas, tais conteúdos são didaticamente distribuídos em sugestões de atividades, leituras, propostas de atividades didáticas para dinâmicas de grupos e, ainda, ‘possibilidades de produção de comunicação’, conforme os tópicos correspondentes. No tocante a essa última, as sugestões remetem a uma série de atividades didáticas que envolvem diferentes fazeres e uso das ferramentas de produção midiática. Entre elas, a realização de entrevistas, análise de materiais impressos como fontes para pesquisa documental, análise da diagramação dos impressos, produção de jornal mural com recorte de matérias e textos complementares, produção de livretos e uso das ferramentas da internet:

“Você já ouviu falar em *scrapbook*? É um caderninho no qual você anota como foi o seu dia, que conta um pouco quem você é e como você gosta de levar a vida. Por meio de imagens e textos, ele traduz um pouco a sua visão de mundo. (...) O uso do computador ampliou as possibilidades de produção de imagens e sons e a internet expandiu a difusão e troca de informações. **Que cara teria o seu scrapbook?** Crie um, em meio impresso ou eletrônico, e apresente-o ao seu grupo”.

Ao propor o kit, o CF interliga conteúdo e produto, colocando em circulação a sua produção. Na maleta Democracia, a cada tópico proposto, um subtema ganha forma na

sugestão de uso dos vídeos com os documentários e as séries. Desse modo, subdividem-se em 14 sugestões de atividades:

- a) Política e cidadania discutida com base na série ‘Afinando a Língua’, DVD4;
- b) A ética em nosso dia-a-dia corresponde à série ‘Ética’ – DVD2;
- c) A importância do diálogo propõe o episódio ‘Liberdade de expressão’ – DVD2;
- d) A diversidade é rica se apoia na série ‘Não é o que parece’ sugerindo o DVD3 ‘Viva a Diferença’;
- e) Sexualidade e preconceito corresponde à série ‘Ao ponto’, episódio ‘Total flex’ – DVD3;
- f) Direito de todos, à série ‘Terra Paulista’ – Episódio 1- ‘Nada nos deterá’, DVD1
- g) A força da união é debatida com base no Episódio 2: ‘Na beira da ribeira’- DVD1;
- h) Desenvolvimento e preservação ambiental corresponde o Episódio 3, ‘Longe do Mar, fora dos parques’, DVD1;
- i) O direito à terra o Episódio4, ‘No fio do podão’- DVD1
- j) Trabalho escravo é proposto com base nos oito episódios da série ‘Que trabalho é esse?’
- l) O valor do trabalho é debatido no documentário sobre ‘Comércio justo e solidário – artesanato mato-grossense’, DVD4
- m) O veneno da discriminação corresponde à série ‘Passagem para...’ Episódio, ‘Os haitianos entram –república Dominicana’ – DVD2
- n) A busca da conciliação no episódio que registra a ‘Comunidades da paz – Colômbia’, DVD2, e por fim,
- o) O que é democracia? debatido no jornalismo do ‘Sala de notícias’ - entrevista com Jacques Rancière, DVD 4

A equipe de mobilizadores foi preparada para atuar na formação dos grupos. Nessa etapa ela não opera no tocante aos conteúdos propostos pela Maleta, mas sim no modo de seu uso. Há um acordo tácito quanto ao parceiro e o conteúdo decidido previamente na seleção dos mesmos.

Com experiência anterior junto à TV OVO, o contato da equipe de mobilização da região sul aconteceu durante o Festival de Vídeo e Cinema realizado anualmente em Santa

Maria. Posteriormente, as mobilizadoras vieram a Santa Maria e trabalharam durante uma semana com as equipes da TV OVO e da Cooperativa dos Estudantes de Santa Maria (CESMA) que também recebeu a maleta Democracia, mas não fez uso dos conteúdos. Na ocasião foram apresentados e exibidos os vídeos, discutidos os conteúdos da Maleta Democracia completa bem como as sugestões sobre os modos de uso. E como dentro da proposta do canal, os parceiros ficam livres para utilização dos materiais conforme queiram, mais uma vez, apenas a TV OVO deu continuidade ao processo.

O período de acompanhamento da Maleta Democracia pela equipe do canal junto à equipe da TV OVO encerrou em 2011.

b) Ações e articulações na instância comunitária

A experiência com a Maleta Democracia tanto pela a equipe da TV OVO em sua condição de parceiro do CF, quanto das escolas e professores envolvidos no processo, evidenciam movimentos e percepções que passam pela tentativa de estabelecer um circuito que viabilizasse a utilização dos conteúdos. De um lado, situa-se o movimento da TV OVO ao definir o modo de redistribuição da Maleta Democracia e a experiência interna da sua equipe com a utilização dos conteúdos da mesma em seus cursos de formação. E de outro, a partir da estratégia definida, estão os agentes da educação, parceiros da TV OVO, com suas dinâmicas e interesses específicos.

Como já situado anteriormente, a parceria entre a TV OVO e o Canal Futura para utilização da Maleta Futura implicava um acordo no qual o primeiro estabelecia modos de divulgar os conteúdos disponibilizados, ainda que isto não fosse uma exigência explícita do canal. No caso específico dessa parceria, o vínculo com a equipe de mobilização do canal e a perspectiva de novos projetos na área do audiovisual foram fatores determinantes à continuidade do processo.

Segundo a equipe da TV OVO responsável pela distribuição e acompanhamento da Maleta, após reuniões e conversas com a equipe de mobilização do CF, a definição pelas redes de ensino local se deu a partir dos contatos que a entidade já mantinha com tais setores através das oficinas de audiovisuais e pela análise feita dos conteúdos da maleta. Perpassou por entre o grupo a concepção de que os professores seriam os agentes com maior competência técnica para lidar com os conteúdos das Maletas¹²⁹ e fazer uso das mídias.

¹²⁹ A TV OVO decidiu pela inclusão da Maleta Toda Beleza no processo, como mencionado no item anterior.

Pressupunham também que a qualidade e a diversidade dos materiais disponibilizados seria um fator estimulante às demandas pedagógicas da sala de aula e um incentivo às escolas que já possuíam um determinado aporte tecnológico para utilização das mídias.

Assim, em Santa Maria, a distribuição das Maletas Futura pela TV OVO se estabeleceu na forma de parceria entre a 8ª Coordenadoria Regional de Educação no ano de 2009, com a versão completa da Maleta Democracia; e com a Secretaria de Município da Educação no ano seguinte, 2010, apenas com as maletas básicas.

Após as tratativas com as direções de ambas, a logística estabelecida pela equipe da TV OVO consistia em visitas às escolas para sensibilização e a entrega das Maletas às direções e coordenações pedagógicas das escolas. A proposta se centrava num sistema de rodízio que permitia a circulação da maleta em cada uma delas, pelo período de uma semana, conforme um calendário pré-estabelecido. Assim, cada escola envolvida recebeu das equipes da TV OVO em momentos distintos, o kit completo da Maleta Democracia, junto com um questionário de avaliação das atividades desenvolvidas e dos conteúdos utilizados. As escolas assinavam também um termo, assumindo o compromisso de não fazer cópias dos materiais audiovisuais em DVD e de, ao devolver o material, anexar o relatório das atividades realizadas.

Tal relatório elaborado pela equipe de conteúdo do CF integrava o sistema de acompanhamento e avaliação dos percursos da maleta e foi entregue à TV OVO junto com as maletas. Eram 11 as questões através das quais o Canal procurava saber sobre as ações desenvolvidas, a natureza das mesmas, o perfil dos participantes, os programas utilizados nas atividades, os materiais complementares, se houve ou não parceria com outras instituições, a descrição das ações desenvolvidas, os objetivos em realizá-las e se eles foram alcançados.¹³⁰

No caso da Maleta Democracia, o kit que as escolas receberam trazia onze (11) DVDs com programas e interprogramas do Canal Futura cujas temáticas se voltavam à democracia; os materiais da série Terra Paulista: os documentários em DVD sobre o Vale do Ribeira, Litoral e Oeste Paulista/Vale do Médio Tietê, Vale do Paraíba/Oeste Paulista; o documentário Marco Universal e a Declaração dos Direitos Humanos, com o DVD Direitos Humanos, a exceção e a regra; e o CD-ROM: Reinventando os imaginários.

O kit também disponibilizava os seguintes materiais impressos: a Revista Democracia Viva; o caderno de textos da Maleta Democracia; o livro Vivências caipiras (pluralidade cultural e diferentes temporalidades na terra paulista); o Guia de Atitude (reflexões práticas

¹³⁰ Questionário de avaliação no anexo 3.

para o monitoramento e a ação política); o livro Democracia, desenvolvimento e direitos (um debate sobre desafios e alternativas); o Manual da Mídia Legal 5; a Cartilha do Trabalhador em Quadrinhos; o livro Cidadania no Brasil, o Longo Caminho; a Constituição Federal (2ª edição- 2008 – atualizado até a emenda 56); a Declaração dos Direitos Humanos; e a Cartilha SaferDIC@as, também disponível na internet.

Todas as escolas da rede estadual de ensino foram chamadas a participarem da ação que assinava o nome do Canal Futura, a realização da TV OVO enquanto Ponto de Cultura e o apoio da 8ª Coordenadoria Regional de Educação.

Segundo os registros acessados e os depoimentos da equipe da TV OVO, num universo de 42 escolas¹³¹, a Maleta Democracia circulou em apenas dez (10) delas. E destas, apenas seis (6) entregaram os relatórios de avaliação preenchidos, sendo que parte deles, incompleto. Esta fragilidade no processo é apontada pela equipe da TV OVO que tinha o controle do rodízio através do calendário de agendamento combinado com as secretarias.

“A Maleta Democracia é a que mais circulou aqui com a 8ª CRE. Ela foi para várias escolas, mas não foi necessariamente utilizada. A gente chegava assim com ela, mas poucas professoras usavam na sala de aula. Tiravam alguma coisa da Maleta, olhavam, mas não usavam.” (BORBA, 2012, informação verbal).

“Era difícil sensibilizar os professores. A gente chegava nas escolas com aquela maleta, chegava animada e era um balde de água fria. Algumas nem abriam a maleta. Em outras, não quiseram receber. A maleta ficava na escola e a gente apanhava na semana seguinte. E, voltou faltando materiais, em algumas das escolas. (...) Então, aí depende do professor, ele vai utilizar conforme as aulas. Daí a gente não acompanhava, a gente pegava só os relatórios do que eles colocavam de como foi usado, da Maleta, ou de algum filme que eles assistiam, eles trabalhavam algum tema específico de outro colégio, daí faziam desenho, faziam, dependia da turma, e da professora se estava interessada em trabalhar ou não. Mas a gente deixou meio livre (...) Eu acho que, talvez, faltou isso de acompanhar mais de perto também. A gente não tem pessoal, não tem muita estrutura para ir acompanhar, então deixou a cargo da 8ª CRE, que deu um auxílio nas escolas, falou da maleta e tal da educação” (COPETTI, 2011, informação verbal)

Os relatos tanto dos professores como da equipe da TV OVO convergem para a visão de que não houve um trabalho efetivo da rede escolar em relação ao potencial uso dos conteúdos da maleta, ficando a critério dos coordenadores e professores a sua utilização.

¹³¹ Optou-se pela não nominação das escolas, identificando-as por números e letras.

“Não houve nenhuma reunião na escola para nos apresentarem o material ou sugerir como usá-los. Ficou lá. Eu usei porque sou curiosa e sempre que tem algo novo, eu vou atrás. Vi a maleta na biblioteca e fui mexer para ver o que tinha dentro. Um conteúdo rico e atual, bem acabado. Peguei a programação das séries em vídeos e fui vendo os filmes. Escolhi aqueles que seriam úteis para dinamizar as minhas aulas. Os alunos adoram as imagens.” (SILVA, 2013, professora de Geografia, informação verbal).

Segundo os dados levantados, os produtos reunidos na maleta foram utilizados em atividades escolares, na sua maioria propostas pelos próprios professores, que adaptaram as sugestões de modos de uso feitas pelo CF, com objetivo de “alcançar a aprendizagem de determinados conhecimentos, valores e comportamentos”¹³².

Os relatórios da 8ª CRE indicam que na **Escola 1** a maleta circulou no período de 07 a 15 de maio de 2009, sendo utilizada na formação dos educadores, sob a responsabilidade da coordenação pedagógica que focou as atividades interativas dos quinze (15) professores participantes em torno do documentário Marco Universal. Conforme os objetivos apontados no relatório da escola, estava o propósito de *“refletir sobre temas relevantes para a vida de todos, através da compreensão de conceitos e práticas, procurando-se contextualizar na vivência de cada um”*.

Além da atividade de formação dos educadores, a escola afirma ter utilizado os materiais da Maleta para desenvolvimento de atividades interativas com os alunos das 5ª, 6ª e 7ª séries. Elas consistiram em debates abertos, produção de materiais didáticos como cartazes e construção de textos com os alunos, e sessões de cineclubismo, utilizando os DVDs da série Ética e da série sobre Trabalho Escravo – DVD 10. Após cada exibição de vídeo, a professora responsável por cada série coordenava os debates e a produção textual dos alunos.

A equipe docente utilizou ainda o “Guia de Atitude”, além da Cartilha do Trabalhador e o Marco Universal. E na avaliação dos resultados consta uma “Maior conscientização e esperança de continuar o trabalho, fazendo um novo agendamento da Maleta na Escola”.

Tal observação remete ao fato de que a maleta permanecia apenas uma semana em cada escola, o que foi apontado por todas elas como insuficiente para o manejo da totalidade dos materiais, bem como para os processos de aprendizagem. No entanto, a escola não guarda registros sobre o período para além deste relatório.

¹³²Relatórios escolares.

Na **Escola 2**, o kit da Maleta Democracia permaneceu no período de 21 a 29/05, e as atividades desenvolvidas, segundo o relatório apresentado, se limitaram à exibição dos vídeos com o programa *Afinando a Língua* do DVD 4; e os documentários da série Por que Democracia - *Vote em Mim* do DVD 5; *Campanha* do DVD 6; *À procura de Gandhi* do DVD 7; *Egito: estamos vigiando você* do DVD 8 e *Procurando pela revolução* do DVD 9. Tais atividades foram realizadas em sala de aula, em turmas específicas, seguidas de debates. Não há outros registros na escola.

A **Escola 3** ficou com a maleta no período de 04 a 12/06 e ela foi analisada por parte dos docentes do ensino médio e do EJA. Além da leitura e visualização dos materiais, alguns docentes levaram os vídeos para assistir em casa. Segundo o relatório, o grupo que acessou a maleta sinalizou ser o material disponível de excelente qualidade, mas considerando o tempo restrito e já reduzido pelo calendário que previa um feriado, ele não foi aplicado em atividades junto aos alunos.

Na **Escola 4**, os relatórios indicam que os conteúdos da Maleta foram trabalhados no período de 18 a 26/6. As atividades se concentraram em sessões de cineclubismo, onde os presentes foram estimulados a fazerem anotações sobre os vídeos exibidos, seguidas da formação de grupos de discussão e de debates, e envolveu 40 participantes. Foram exibidos os documentários do DVD I sobre a Terra Paulista; a série com os episódios sobre Ética do DVD 2 e a discussão sobre a Declaração Universal dos Direitos Humanos. A equipe utilizou também os livros Democracia Viva e Desenvolvimentos e Direitos Humanos. Não há outros registros na escola e os professores contatados alegaram que naquele período não estavam atuando nela e nem sabiam informam quem eram os colegas da época.

Na **Escola 5** a maleta foi entregue no dia 02/07 para circular até 10/07. No entanto, não há registros quanto à sua utilização. O mesmo ocorreu na **Escola 6** com a maleta entregue na data de 16/07 para devolução em 24/07. Na **Escola 7**, que recebeu a maleta no dia 30/7 para uso até o dia 07/08 e na **Escola 8**, para o período de 13 a 21/8 também não foram encontrados registros.

A **Escola 9** recebeu a maleta para o período de 27/08 a 04/9 e informa que não fez uso dos conteúdos.

Na **Escola 10** a maleta circulou no período de 12/8 a 16/9 e entre as atividades pedagógicas registradas está o cineclubismo, concentrando a atividade nos episódios do DVD 2 sobre Ética, com ênfase na questão da Liberdade de Expressão manifestada nos meios de comunicação de massa. Metodologicamente, a escola optou por uma atividade

interdisciplinar, envolvendo as disciplinas de filosofia, sociologia, história, língua portuguesa, literatura e biologia. Segundo o relato da escola, o objetivo foi de:

“despertar o senso crítico sobre os fundamentos da ética, quais sejam: noções de valores éticos, de senso moral, despertar a consciência moral diante dos dilemas e escolhas envolvidos na atividade, na vida pessoal e questionar qual a relação da ética e da liberdade de expressão e suas influências com os meios de comunicação de massa e perceber o ético ou o anti-ético no que recebemos da mídia”. (Relatório entregue à TV OVO)

Ainda segundo o relatório, a partir das exibições do episódio foram promovidos debates no grande grupo e discussões em classe, problematizando o tema, com a realização de trabalhos em grupo sobre o assunto. A atividade aconteceu no auditório da escola e reuniu 100 estudantes do EJA e do 2º ano do ensino médio e os professores das respectivas disciplinas. No entanto, não há outros registros e a diretora, quando contatada, informou que não era quem dirigia a escola naquele período e não sabia quem estava respondendo pelo projeto no período.

Mesmo com a baixa participação das escolas da rede estadual, a TV OVO manteve esse mesmo sistema de sensibilização/distribuição da maleta durante o ano de 2010 junto à rede municipal de ensino. Uma parceria com a Secretaria de Município de Educação (SMED) instituiu o projeto que levou a Maleta Democracia para as escolas municipais, dentro do mesmo modelo utilizado anteriormente.

Em agosto daquele mesmo ano, a secretaria utilizou o blog do Programa Municipal de Educação Fiscal¹³³ para divulgar a parceria e as ações com a Maleta Democracia e sugerir como fazer uso dos conteúdos nas práticas pedagógicas dos professores. Na ocasião, a assinatura do projeto remetia à parceria entre as instituições: *Realização: TV OVO, SMED e Canal Futura*¹³⁴.

No site, foram adicionadas informações sobre o material da Maleta Democracia para que as escolas e professores visualizassem e planejassem suas ações pedagógicas. Dentro do link ‘Educação Fiscal da Teoria à Prática’¹³⁵, a SMED faz um chamamento aos professores para o trabalho, com o que denomina ‘Maleta da Cidadania do Canal Futura’: *“Estamos vivendo em um período de grande agitação. Diante disso, pensando em você professor, o PMEF contribui com esse material como sugestão para auxiliar a sua atividade”* (2010/08).

¹³³ <http://educacaofiscalsm.blogspot.com.br/2010/08/maleta-da-cidadania.html>

¹³⁴ <http://educacaofiscalsm.blogspot.com.br/search?q=maleta+futura>

¹³⁵ idem

Com uma chamada intitulada *Quero ser Cidadão*, faz uma breve apresentação da Maleta Democracia, denominada *Síntese da Maleta Democrática*:

“Vivemos em uma sociedade, mas, muitas vezes, mistificamos políticas públicas, orçamento, comunicação e ações políticas e, principalmente, monitoramento. Precisamos divulgar e desmistificar, fazendo com que todo cidadão se aproprie desse conhecimento. Ao falarmos de política, lembra-se de escândalos noticiados na mídia, os políticos que trabalham pelos interesses pessoais. Política não é só exercida apenas pelos governantes, mas por toda a população. Política é muito mais que nossos representantes escolhidos por nós e pelo nosso voto, mas também um meio pelo qual nos relacionamos em sociedade. A relação familiar, a escola, o trabalho, onde nós dialogamos, fazemos escolhas, acordos ou até confrontos é a forma essencial de política. A política está presente no momento que nascemos e a toda instância como, por exemplo, uma compra no supermercado, ou quando dialogamos com os pais, amigos, irmãos e familiares. A participação é mais que votar e ter direito, é participar. Os políticos foram escolhidos para nos representar; entretanto, nem sempre levamos em conta o histórico de um candidato, mas criticamos aqueles que por nós foram escolhidos. Por isso, não nos exime do papel de controlar e acompanhar os nossos candidatos. A eleição é apenas um dos vários exercícios políticos do cidadão. O verdadeiro cidadão é ativo quando não espera por terceiros, ele se mobiliza, une e intervêm nas questões da comunidade, cidade e país. Muitos usam os serviços públicos – escolas, hospitais, universidade, creches, delegacias, setor da Prefeitura, Estado e Federal. É o cidadão que acompanha seu governante na tomada de decisões e fiscaliza para que sua decisão seja em beneficiar de todos. A constituição de 1988 garantiu diversos mecanismos para a participação. Existe uma mídia mostrando a toda a comunidade os escândalos que levam a população a não quer saber de política. Portanto, é necessário um trabalho de resgate sobre o que são política e participação.”¹³⁶

O conjunto de atividades sugeridas a seguir tende a observar as metodologias apresentadas no caderno de textos da Maleta, mas com adaptações para a realidade educacional local, considerando também que 2010 era um ano eleitoral, com uma candidata mulher à Presidência da República.

É possível perceber, ainda, a ausência de uma acuidade na elaboração das sugestões apresentadas, na redação das mesmas, e a inexistência de *feedback* em relação a alcançar a aprendizagem de determinados conhecimentos, valores e comportamentos.

¹³⁶ Idem. Foram mantidos os equívocos de concordância verbo-nominal e de pontuação do texto original.

O post propõe ainda a atividade de reflexão sobre a política nacional a partir de uma leitura da perspectiva histórica da escravidão.

“Imagine você participar de um lugar com escravidão pela sua maioria? Que movimento social surgiu no Brasil na década de 1970 e início de 1980 tendo como consequência a ampliação sobre o direito às diferenças (mulheres, negros, homossexuais, portadores de necessidade especial.). Ainda nossos políticos carregam valores, não raro, vão de encontro à constituição. Quais os tipos de escravidão que conhece na atualidade?”¹³⁷

E indica a exibição do documentário “Damas de Ferro da Libéria”, DVD 7 da Maleta da Democracia, e traz uma sinopse retirada de uma página da Internet sem fazer a referência. Indica também a série “Que trabalho é esse?” - DVD 10, além dos filmes: “Diamante de Sangue (Blood Diamond)” e “O senhor das armas (Lordofwar)”, como complementares àquela linha de pensamento. Por fim, apresenta a letra da música de Paulinho da Viola, *Que trabalho é esse?*¹³⁸, recomendando uma série de atividades didáticas listadas em tópicos, a serem realizadas com os alunos:

- ✓ “Elaborar poesia, redações, desenhos.
- ✓ Apresentar todos os textos produzidos e selecionar.
- ✓ Criar um mural com os textos selecionados pelos colegas.
- ✓ Adaptar textos para o teatro.
- ✓ Dialogar com os alunos sobre o custo do cenário, profissional para executar a peça, vestuário, encargos sociais.
- ✓ Dialogar sobre cidadania e ética.
- ✓ Comparar notas com o preço dos materiais para realizar um teatro.
- ✓ Discutir sobre o preço dos materiais e as possibilidades de economizar o material escolar.
- ✓ Visitar um bem público, sensibilizar para a conservação e a utilidade. (Mostrando ao aluno a importância de preservar a história para não cometermos os mesmos erros).
- ✓ Analisar com os alunos o papel do tributo.
- ✓ Onde devem ser aplicados os impostos que pagamos e qual o setor mais importante para eles.
- ✓ Explicar o que é sonegação e corrupção e o porquê da ênfase em educação e saúde.”¹³⁹

¹³⁷ Foram mantidos os equívocos de concordância verbo-nominal e de pontuação do texto original.

¹³⁸ A letra da música pode ser acessada em <http://letras.mus.br/paulinho-da-viola/507250/>

¹³⁹ <http://educacaofiscalsm.blogspot.com.br/search?q=maleta+futura>

Durante o primeiro semestre de 2010, os relatórios indicam que cinco escolas da rede municipal de ensino tiveram contato com a maleta, num agendamento que teve início em abril, atravessado por feriados, festividades escolares e prioridades específicas no calendário escolar.

Conforme o registro da SMED se constatou que:

Na **Escola A** a maleta foi entregue para o período de 17/04 a 30/04 e “*os professores olharam o material, mas não realizaram nenhuma atividade com os alunos, pois a Maleta Democracia já estava agendada para 01/05 a outra escola*”¹⁴⁰.

Na **Escola B** as atividades foram concentradas entre os 26 professores que analisaram os materiais impressos e fizeram discussões sobre os conteúdos, no período de 01 a 14 /05. Não há indicações de uso dos conteúdos.

A **Escola C** teve a maleta no período de 17 a 28/05 e, a partir dos conteúdos encontrados desenvolveu uma proposta de trabalho que se estendeu de 25/05/2010 a 30/06/2010, envolvendo os professores e 141 alunos dos anos iniciais e finais do ensino fundamental. É a mesma escola que utilizou a Maleta Toda Beleza, e nela a série “A beleza do meu lugar”.

Já na **Escola D**, que recebeu a maleta no período de 14 a 25 de junho, houve a análise dos materiais pelos professores, mas não a utilização dos mesmos sob a alegação de que no período já estava agendada a festa junina e todos se envolveram com a decoração, ensaio do casamento caipira e quadrilha.

A **Escola E** remanejou o período de uso para novembro após os professores analisarem o material, porque a escola entrou no recesso de julho. No entanto, nos relatórios não constam que tenham efetivamente feito uso do material no tempo previsto.

Já no segundo semestre desse mesmo ano, e considerando o chamamento da SMED, outras sete escolas receberam a Maleta Democracia. No entanto, apenas quatro delas relataram as dinâmicas, envolvendo os conteúdos da mesma.

A **Escola F** recebeu a maleta para o período de 30/8 a 10/9 e registrou que “*apenas cinco professores leram e analisaram os livros e cadernos da Maleta*”¹⁴¹, mas que não houve desdobramentos pedagógicos com tais materiais.

No período de 13 a 24/09, a **Escola G** ficou de posse da maleta e “*os professores olharam o material e chegaram à conclusão que não condizia com os conteúdos que estavam*

¹⁴⁰Relatório SMED.

¹⁴¹Relatório SMED.

*desenvolvendo com os alunos”*¹⁴². Na mesma época estava acontecendo o Festival Literário na Escola.

Na **Escola H** a maleta esteve disponível no período de 25/10 a 05/11 e atingiu 110 alunos do 6º ao 9º ano. Os conteúdos e atividades desenvolvidas concentraram-se na exibição dos vídeos disponibilizados na Maleta. A professora do 6º anos exibiu o documentário Vale do Ribeira Litoral e Oeste Paulista. No entanto, afirma que *“não foi muito proveitoso devido à falta de situações semelhantes. Apenas para mostrar a diversidade”*.¹⁴³

Já no 7º ano, o tema bastante trabalhado foi democracia, com exibição da série Por que Democracia? No 8º ano a concentração temática se deu no volume 6 da Maleta, trazendo para a pauta o “Charges Sangrentas – comentários e discussões”. No 9º ano, a série sobre os haitianos trouxe à tona o relatório comparativo entre a realidade brasileira e o Haiti, acrescido do documentário “Não é o que parece – Viva a diferença”.

A exibição desse documentário balizou debates sobre assuntos como preconceito e discriminação.

“Tendo em vista a faixa etária (pré-adolescente, adolescente) dos nossos alunos, sendo que alguns são inclusos, os termos abordados como homossexualismo, problemas físicos, raça, cor, aids, foram muito propícios para o momento. A professora salientou o respeito que se deve ter com as pessoas com as quais convivemos e, principalmente, se elas tiverem algum tipo de problema. Deixando claro que são situações em que ninguém escolhe... elas simplesmente acontecem e nós precisamos aceitar e respeitar.” (VENDRÚSCULO, op. cit. 2010)

A **Escola I** foi a última a receber a maleta para o período de 22/11 a 03/12. Disponibilizada pela direção, ela foi utilizada por três professores que fizeram o uso didático dos conteúdos nas disciplinas de Português e Geografia em atividades interdisciplinares e individuais, com a participação da coordenadora da educação especial.

Os professores utilizaram parte dos vídeos da série Por que Democracia? e de fragmentos da Cartilha do Trabalhador, da Constituição Federal, do Livro Democracia, do Viva Cidadania no Brasil, Desenvolvimento e Direitos Humanos, em dinâmicas que envolveram a realização de mesas-redondas e debates em sala de aula.

O documentário sobre Gandhi foi explorado na disciplina de Geografia e incorporado ao projeto Criando Cidadania, criado e desenvolvido pela professora junto aos alunos. Por

¹⁴²Relatório SMED.

¹⁴³Idem.

meio do audiovisual e do livro, a professora trabalhou a questão da ética, da não violência, das diferenças culturais e sociais entre os países, buscando “*ampliar a visão de mundo deles*”. Segundo ela, eles puderam verificar que o documentário confirmava a história dos livros, assegurando a “veracidade” do que estava escrito e permitindo estabelecer transversalidades com a realidade do grupo de estudantes, na sua maioria, crianças e adolescentes em situação de risco.

Para os professores ouvidos, a grande contribuição da Maleta foi disponibilizar os conteúdos principalmente em vídeo, uma vez que a imagem dinamiza o processo de aprendizagem no momento em que “*prende a atenção dos alunos*”. Os alunos se sentem atraídos pelo formato e a linguagem do audiovisual tende a facilitar a apreensão dos conteúdos e a reflexão sobre eles.

Também nessa rede de ensino, segundo a equipe da TV OVO, nem todos os materiais da maleta retornaram de algumas das escolas, nem as mesmas sabiam responder onde eles foram parar ou com quem.

Internamente, a equipe da TV OVO utilizou e ainda utiliza os vídeos das maletas para estudos da linguagem audiovisual num sistema de observação.

“A gente usou também para linguagem de criação para TV. Lembro de que a gente mexia nessa maleta para assistir alguma coisa, pegar de referência para nós, ver como era produzido e tal. O pessoal gostava muito de assistir os episódios do ‘Passagem para...’ Tem coisa muito boa ali.” (MOMBELLI, 2012, informação oral).

Em tais ocasiões são analisados aspectos técnicos como planos, cores, detalhes, efeitos, movimentos de câmera, áudio, som, o processo de criação, os enquadramentos e a tematização, que serviam de parâmetro para pensar sobre a própria produção da TV OVO.

Os materiais audiovisuais também foram utilizados em oficinas ministradas pela equipe. Estas oficinas se dividem numa parte teórica, que aborda as questões de ordem técnica e nas quais os vídeos serviam de modelo, para explicar os conceitos de formação de imagens, classificação de planos de gravação, regulagens específicas para as câmeras, movimentos, enquadramentos, técnicas de edição e roteiro.

A aplicabilidade de tais conceitos se materializava em exercícios práticos nos locais onde moram os jovens participantes, focando em problemas da sua rua, da sua comunidade, num movimento de reconhecimento do real.

“Depois que os jovens se apropriam dos conceitos técnicos, a metodologia empregada nas oficinas trabalha com produções de reportagens, vídeos de ficção e pequenos documentários que geram um programa em vídeo. É um resultado prático exibido para a comunidade. Esta produção é balizada no aspecto subjetivo em três pontos fundamentais: o registro da cultura, da realidade e da organização das comunidades.” (BORBA, 2011, p.35)

As oficinas de formação da TV OVO gradativamente passaram a gerar um tipo de produção de caráter documental e o tripé conceitual mencionado acima também encontra eco nos conteúdos disponibilizados na maleta democracia. No entanto, não foram encontrados registros sistematizados sobre os conteúdos selecionados e utilizados, o que sugere ser um elemento didático adicionado a dados momentos das atividades da equipe. O mesmo é válido para a seleção dos vídeos exibidos em sessões de cineclubismo.

“A gente exibiu também alguma coisa dessa maleta também no FOCU. A gente fazia uma oficina e fazia uma sessão. Ai lembro que na primeira, quando a gente estava produzindo o FOCU¹⁴⁴, a gente exibiu um vídeo desses no cineclube. O FOCU é um pontão de cultura – Paraná, Curitiba e Londrina. SC em Rio do Sul, Florianópolis, São Francisco do Sul; RS: Porto Alegre, Santa Maria e Rio Grande. A gente ficava uma semana em cada lugar e fazia uma sessão de cineclube. Levava o material que tinha.” (TAVARES, 2012, informação verbal).

A equipe da TV OVO faz uma avaliação crítica dos processos com projeto Maleta por conta tanto do próprio contexto, quanto dos limites do projeto ao ignorar a diversidade dos usuários e a realidade dos múltiplos parceiros.

“Olhando de fora, a minha opinião sobre a maleta... acho que é uma iniciativa legal trazer conteúdos para outros locais à produção do canal. Mas acho que a forma não funciona, porque os parceiros – e já fazendo uma autocrítica – os parceiros já têm suas atividades locais e os materiais do canal... Por exemplo, na maleta tinha muito programa do canal. Tinha o “Afiando a língua sobre política”. Então, como usar isso numa sessão de cineclube? Tem umas coisas que não tinha muito uso. Tinha os mais legais que são esses documentários bons. Eram os filmes que passávamos. Acho que tinha também o “Vote em mim”. É um bom material, mas não condiz com a realidade do parceiro. Não tem muito a ver. Talvez seja melhor o canal trabalhar com as escolas e dar a eles a formação. Eles contam com os parceiros como se fossem multiplicar isso aí, né? Se apropriar e multiplicar. Só que no nosso caso a gente já estava com mais 10 projetos aí,

¹⁴⁴Focu – Pontão Fomento Cultural.

andando. Não tem como pegar e multiplicar.” (BORBA, 2012, informação verbal)

As dificuldades da equipe esbarravam também, como se constatou, na realidade das escolas, cujas rotinas cristalizadas tendem a resistir às novas propostas, principalmente se elas representam ações imediatas.

“E escola também. Às vezes a gente tem escolas em que a direção é aberta, mas os professores não são. Lá na Escola X os professores não sabiam nem ligar o computador, que dirá fazer sessão de cineclube! A gente encontra isso aí e fica muito pesado, muito árduo para o parceiro, no nosso caso, claro.” (TAVARES, 2012, informação verbal).

Apesar dos percalços, a circulação da Maleta Democracia continuou no ano seguinte (2011) em episódios pontuais, acionados por participantes do processo. Nesse ano, o setor pedagógico da 8ª Coordenadoria Regional de Educação (8ª CRE), fez uma parceria com a Cooperativa dos Estudantes de Santa Maria (CESMA), Cineclube Lanterninha Aurélio e Santa Maria Vídeo e Cinema (SMVC), associação da qual a TV OVO faz parte, para a realização do projeto “A Democracia vai à escola”.

O projeto consistia na discussão e fruição de temas importantes através da exibição gratuita de curtas-metragens e debates entre estudantes das escolas estaduais de Santa Maria e também convidados, a partir do material da Maleta Democracia.

Apesar de prever uma programação continuada, os registros mostram que foi realizada apenas uma sessão de cineclubismo. Na ocasião foi exibido o curta-metragem “Nada nos deterá” que traz o detalhamento da história da ferrovia no Brasil, articulando na linha de tempo o auge e a decadência, o ponto de vista de vários segmentos sociais sobre as questões do progresso: os ganhos e as perdas. Tal temática é sempre relevante para a cultura local, uma vez que Santa Maria foi um importante centro ferroviário.

6.4. A Maleta Meio Ambiente

A Fundação Roberto Marinho sempre esteve envolvida no contexto de debates e deliberações em torno das questões ambientais que se seguiram à Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, a Eco/Rio 92. Desde então começaram a surgir discussões sobre a contribuição das práticas de consumo sustentável para os problemas

ambientais globais e a construção da Agenda 21. Temas como a biodiversidade do Brasil e a sua importância para o desenvolvimento, os problemas de desmatamento, de má qualidade de vida urbana, da ausência de saneamento básico, o desperdício e o descaso com o patrimônio natural ganharam destaque na mídia. Foi ela quem publicizou o trabalho dos movimentos sociais ambientais e seus horizontes de crítica contracultural, das organizações governamentais, bem como de parte do setor empresarial afetado pelo paradigma do desenvolvimento sustentável¹⁴⁵, o que tornou o atributo ambiental uma função substantiva e um traço identitário de um dado universo de valores, práticas e agentes sociais. Pode-se dizer que do ponto de vista político, a problemática ambiental sempre envolveu uma pluralidade de ações estruturada por diferentes práticas de agentes sociais e institucionais de distintos campos, enquanto que do ponto de vista simbólico é um significante, resultado de diferentes construções de sentidos advindas das estratégias desses mesmos campos.

O projeto Maleta Meio Ambiente se constituiu dentro desse cenário potencializado, naquele momento, pelas políticas do governo federal que efetivamente passava a implementar e mediatizar seus programas de proteção e preservação ambiental¹⁴⁶.

Assim, o projeto Maleta Meio Ambiente aproveitou parte produção do CF e da FRM na área ambiental, considerando-se o fato de ser a área um dos seus principais focos de atuação da fundação, e em torno da qual foram constituídas parcerias para a produção de conteúdos televisivos. Entre eles, os programas Globo Ecologia, desenvolvido em parceria com várias instituições governamentais e não-governamentais¹⁴⁷ e o Globo Ciência também produzido em parceria, agora com o Instituto Ciência Hoje, vinculado à Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), o Ministério de Ciência e Tecnologia e o projeto Ver Ciência¹⁴⁸. Em tal perspectiva, a maleta é enunciada como uma “aposta na transversalidade como uma forma mais completa de apreensão e compreensão dessa temática”¹⁴⁹ de modo a ressaltar também outros programas do Canal Futura como o *Ao Ponto* e o *Afinando a Língua*,

¹⁴⁵No ano de 1992, foi criado o WBCSD – World Business Council for Sustainable Development; em 1997, surgiu o CEBDS – Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável e, no ano de 1998 foi fundado o Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social.

¹⁴⁶Em maio de 2008 o Ministério do Meio Ambiente realizou a 3ª Conferência Nacional do Meio Ambiente que mobilizou 115 mil pessoas para falar de Mudanças Climáticas, quando foi lançado o Plano Amazônia Sustentável, PAS, que estabelecia as diretrizes para o desenvolvimento sustentável da Amazônia Brasileira e o Fundo Amazônia gerido pelo BNDES (<http://www.fundoamazonia.gov.br/>).

¹⁴⁷ Segundo o site da Rede Globo, são parceiros do programa a Conservação Internacional, organização privada e sem fins lucrativos que se volta à conservação e utilização sustentada da biodiversidade; a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), o Instituto Nacional de Pesquisa Espaciais (INPE), a Secretaria de Biodiversidade de Ministério do Meio Ambiente, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma), a ONG S.O.S Mata Atlântica, o projeto TAMAR e a ONG WWF Brasil.

¹⁴⁸Dados do site da Rede Globo. <http://redeglobo.globo.com/globociencia/>

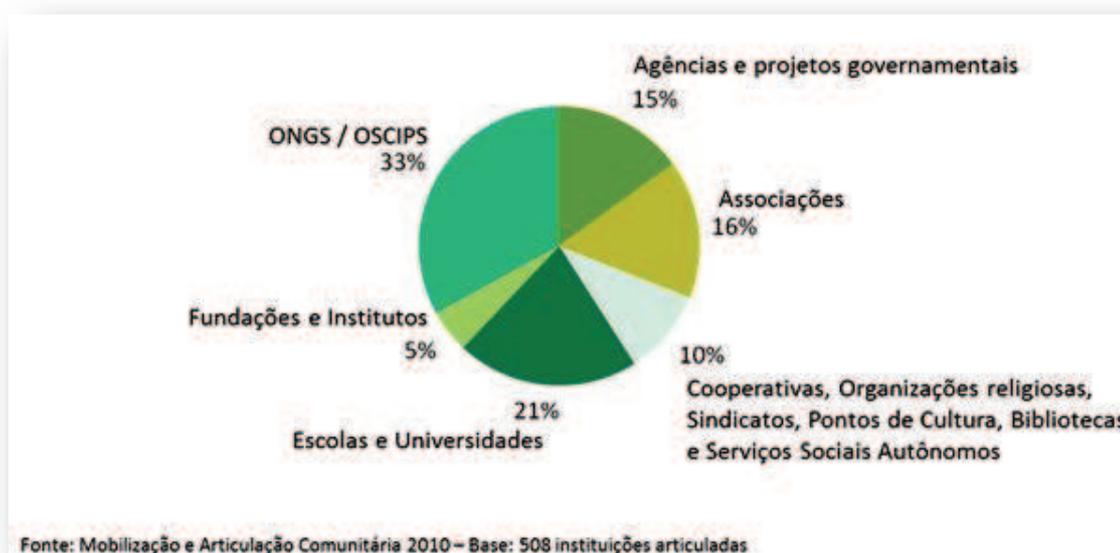
¹⁴⁹ CANAL FUTURA. Maleta Futura Meio Ambiente, Cadernos de textos, pág.6, s.d.

“afinal, o tema está presente direta e indiretamente, em outros programas do canal e (...) o meio ambiente permeia todas as nossas relações cotidianas, nos mínimos detalhes, e até naqueles que não são percebidos num primeiro momento”¹⁵⁰.

A Maleta Meio Ambiente é considerada pelo CF uma das experiências mais exitosas do projeto. Ela não apenas colocou em circulação uma temática com forte impacto no espaço social, como também teve uma efetiva aceitação junto aos movimentos sociais e grupos ambientalistas de diferentes origens.

No quadro de difusão regional, considerando os anos de 2009 e 2010, depois do Nordeste, a região Sul foi a que mais utilizou a maleta, seguida das regiões Norte, Sudeste e Centro-Oeste. O gráfico abaixo evidencia a natureza das instituições que receberam e utilizaram a maleta, evidenciando a predominância do terceiro setor.

Figura 12



Os indicadores do CF mostram que a versão completa da maleta foi amplamente utilizada por grupos e instituições ambientalistas, seguida por aquelas que se voltam ao trabalho com geração de renda; arte e cultura; gênero, juventude e direitos humanos; infância e políticas públicas, respectivamente. Já a versão maleta básica circulou em primeiro lugar também dentro dos coletivos ambientalistas, seguidos pelo setor da educação formal, pelos coletivos que atuam com arte e cultura e educação complementar, agricultura e geração de renda, nessa ordem.

¹⁵⁰ Idem ao anterior.

Os dados indicam também que no período de vigência projeto, os programas mais utilizados foram por ordem de prioridade: Globo Ecologia; Nota 10: consumo sustentável; Um pé de quê?; Globo Ciência; Cidades e Soluções; Bicho Solto; Danças Brasileiras; o Bom Jeitinho Brasileiro. Já entre os demais materiais que complementam a maleta também por ordem de prioridades no uso, estão: o DVD sobre mudanças climáticas; os cadernos de atividades; Articulação Nacional de Agroecologia; os DVDs Feito à Mão e A pesca na Várzea Amazônica; a Cartilha das mudanças climáticas; Mudanças no clima; o Mapa do Desmatamento; a Cartilha de Cultivos Ecológicos; o Associativismo e Cooperativismo.

a) Ações e articulações na instância midiática

Ao optar pela concepção aberta em torno da temática ambiental, o canal pode trazer para o planejamento desta maleta grupos e instituições que trabalham diretamente com o tema a partir de diferentes abordagens e estratégias. Entre elas, o Greenpeace, o Grupo de Trabalho Amazônico (GTA), o Instituto Ecoar, a Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa (AS-PTA), o Instituto Ecológica, a Rede Brasileira de Permacultura e o Pró-Várzea.

O convite ao Greenpeace trouxe para a maleta o material da Organização com as *Green Dicas* sobre como mudanças pequenas nos hábitos cotidianos podem ajudar a equilibrar as relações com o ambiente. Também incluiu a publicação *Mudança do Clima, Mudanças de Vida* que traz os dados sobre o aquecimento global e seus efeitos no Brasil, além de um mapa com as áreas de desmatamento e as protegidas na região da Amazônia.

O Pró-Várzea incluiu o livreto editado em conjunto com a WWF sobre *Acordos de Pesca* e o DVD *A pesca na Várzea Amazônica*. Eles situam, respectivamente, a exploração racional da pesca enquanto atividade econômica e a o manejo participativo do Ibama.

O Instituto Ecológica incluiu as *Cartilhas de Formação de Liderança e Associativismo* e a Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), o DVD *Expressões de Agroecologia*.

A Rede Brasileira de Permacultura disponibilizou a edição da revista *Permacultura Latina* que trata da bioconstrução, e o polo Sindical de Borborema incluiu o livreto sobre *Cultivos Ecológicos* e o *Impresso de Fabricação de Remédios Caseiros*.

Compunha também a maleta o livro “*Colapso – Como as sociedades escolhem o fracasso ou o sucesso*” do geógrafo Jared Diamond; uma caixa de inventar (um móbil ecológico); o caderno de atividades didáticas que traz também um glossário da área, indicações de outras fontes, como sites, livros, documentários, curtas e filmes que abordam a

temática, preparados pela pesquisadora Teresa de Melo¹⁵¹ e pela consultora em Educomunicação, Grácia Lopes Lima¹⁵², além da discussão sobre o aquecimento global apresentada pelo economista e ambientalista Sergio Besserman Vianna¹⁵³.

No tocante à programação, o Canal incluiu o DVD com a edição do Globo Ciência voltada para a relação entre a ciência e a floresta Amazônica, com sugestões de temas a serem trabalhados, atividades a serem desenvolvidas e sobre “possibilidades de produção de comunicação”¹⁵⁴ para moradores e para não moradores da região amazônica.

Já o Globo Ecologia foi levado em duas edições: *Governança Global* que aborda as ações planetárias em busca de uma solução para os problemas ambientais, apresentando os acordos internacionais e a ação local, tendo como foco as áreas protegidas da Amazônia; e o programa sobre o *Aquecimento Global – a descoberta do problema* que traça a linha do tempo sobre a questão e sugere ações voltadas para a elaboração da Agenda 21 nos locais de circulação da maleta.

Além destes, foram incluídos nove edições de programas e interprogramas do CF: *Bicho solto - O Mangue* analisa esse ecossistema evidenciando a sua importância para a preservação da vida marinha; *De olho no ambiente: Jornal Fluvial* um programete de dois minutos, com animação, sugerindo o trabalho interdisciplinar em torno da temática água; *Passagem para... Bolívia* programa ressaltando os contrastes que marcam em todos os setores do país, com destaque para o plantio e o consumo da planta da coca, além da presença de brasileiros que lá vivem; *Linha de Montagem* programete que aborda o consumo e a biodiversidade; *Tom da mata* traz a produção musical de Tom Jobim e a sua relação com a Mata Atlântica; *Trilheiros* na edição sobre Jorge Amado e sua terra marcada pela cultura do cacau; *Taru André – o encontro do Céu com a Terra* aborda os saberes dos povos da floresta, sua relação com a natureza e cosmologia; *Um pé de quê?*, um dos programas mais populares do CF há dez anos no ar, apresenta espécies de árvores de todos os biomas brasileiros. Mais de 100 já foram registradas. Por fim, traz o programa *Danças Brasileiras: batuque paulista e Jongo* que aborda a dança como manifestação cultural e o corpo como expressão e ambiente.

¹⁵¹Doutora em Comunicação pela ECA/USP, consultora do MEC na área de educação ambiental e pesquisadora do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC).

¹⁵²Doutora em Educação pela USP e Coordenadora do Instituto Gens de Educação e Cultura e do Projeto Calaboca já morreu- porque nós também temos o que dizer.

¹⁵³ Professor de economia brasileira na PUCRJ, é comentarista de sustentabilidade na Globo News e da cidade na rádio CBN. Integra o conselho diretor da WWF-Brasil e trabalha no tema Mudanças Climáticas desde 1992, tendo sido membro da missão diplomática brasileira em duas Conferências das Partes da ONU. Foi presidente do Instituto Pereira Passos da cidade do Rio de Janeiro e preside a Câmara Técnica de Desenvolvimento Sustentável e de Governança Metropolitana da cidade.

¹⁵⁴CANAL FUTURA. Maleta Futura Meio Ambiente, Cadernos de textos, pág.41, s.d.

O predomínio das temáticas em torno da região amazônica gerou críticas em vários territórios, provocando novas produções e inserções. É o caso relatado no Almanaque das Redes Sociais do CF,

“No trabalho com a Maleta Meio Ambiente organizações locais registraram algumas críticas sobre a ausência de conteúdos específicos sobre temáticas relacionadas ao semiárido. Nessa direção uma parceria com a ASA Brasil (Articulação do Semiárido Brasileiro) resultou na realização da série: Água: alegria e vida no semiárido, que reúne oito animações construídas em conjunto com educadores e alunos das escolas daquela região.”

No Rio Grande do Sul essa crítica se voltou à ausência de programas voltados para a realidade regional como os biomas da Mata Atlântica e Pampa. A devastação das florestas de Araucária é uma das temáticas fortemente mobilizadoras nos movimentos ambientalistas e frequentes nas reivindicações junto às equipes de mobilização do CF que tentam negociar espaços junto à sede do CF. Parte delas se traduziu na inclusão de algumas árvores desses biomas no programa *Um Pé de quê?*, como o Guapuruvu, o Ipê Verde, Pitanga, Erva-Mate e a Araucária já fazem parte da coleção de vídeos do programa, também disponível no Futuratec para download e em site próprio na internet.¹⁵⁵

Em entrevista a esta pesquisadora, Alcindo Neckel, professor universitário e doutorando em Geografia pela UFRGS, membro do GEGV, destaca que:

“Nós temos aqui uma necessidade local. Bom, temas que tratem mais, por exemplo, o nosso bioma, o nosso bioma Pampa. Porque, às vezes, tu passas o manguezal, a caatinga, e a Amazônia e falta muito...que nem a nossa Araucária aqui, a nossa árvore principal aqui no RS, PR, SC e um pedaço de SP, né? Então o pessoal conhece muito a vegetação, a mata de Araucárias, a mata Atlântica. Então são coisas assim, que eu vejo que são fundamentais. No momento que essas ferramentas começarem a existir, elas vão ser mais utilizadas ainda”.(informação verbal)

A questão permeia a rede do GEGV como um elemento consensual e também emergiu por ocasião da realização de grupo focal na cidade de Passo Fundo realizada pelo CF, quando estiveram presentes a então mobilizadora da região sul Cleuza Ramos e Kitta Eitler, coordenadora de conteúdo do canal, vinda do Rio de Janeiro, além da pesquisadora na

¹⁵⁵http://www.umpedeque.com.br/bkp/site_umpedeque/

condição de observadora. Naquele momento, a equipe do CF foi fortemente interpelada no sentido de que os conteúdos da maleta contemplassem as diferenças regionais.

Na mesma direção, outra demanda emergiu durante o grupo focal como proposta do grupo: a sugestão de que a próxima maleta se voltasse à questão das florestas, uma vez que o ano de 2012 seria o Ano Internacional das Florestas. E que nela fosse incluído o debate sobre a devastação das florestas das Araucárias.

Kitta Eitler esclareceu que a definição temática da próxima maleta dependeria de decisões internas no CF e das articulações do canal em torno do financiamento dos projetos. E ainda, que levaria a sugestão. Salientou também que o encerramento do ciclo da Maleta Meio Ambiente impedia novas produções em torno dela, uma vez que os recursos para tanto dependiam do financiamento do projeto e eles estavam esgotados. No entanto, afirmou que o canal estava aberto às produções locais dos parceiros e que se o coletivo buscasse articulações com seus parceiros de rede (referia-se à TV UPF que é também parceira do canal) para produções televisivas, elas poderiam ser inseridas na programação do CF e veiculadas na tela do canal, além de fazerem parte do material do kit da maleta.

A realização do grupo focal fez parte do sistema de avaliação da maleta Meio Ambiente, prevendo também uma escuta especializada sobre o processo e a sugestão de temas para o planejamento da próxima maleta.

O clima do encontro foi marcado pelo tom colaborativo, com escutas de parte a parte. Os relatos sobre as ações empreendidas pelos grupos evidenciaram um conjunto de realizações para além dos registros feitos no sistema *online* sob a responsabilidade dos parceiros cabeça de rede. A constatação de que o sistema *online* do canal para o relatório dos parceiros não dava conta da totalidade¹⁵⁶ das realizações tornou visível a realidade cotidiana dos grupos ambientalistas que pouco ou nada tinha a ver com as práticas de sistematização exigidas pelo CF. Nesse sentido, ainda que a equipe do CF percebesse tal hiato e sinalizasse a revisão do próprio sistema, houve uma ênfase para que o formulário *online* fosse devidamente preenchido, o que soou para muitos como uma cobrança.

Em entrevista com os dirigentes do GEGV, posterior ao grupo focal, os efeitos decorrentes dessa demanda vieram à tona, revelando não apenas as dificuldades enfrentadas, mas o lugar que a mídia ocupa dentro do processo.

¹⁵⁶ Como já mencionado, os relatos durante o grupo focal evidenciaram iniciativas e ações desenvolvidas pelos parceiros no uso das maletas que não constavam no relatório do canal e que constituíram circuitos outros de comunicação e educação para além da escola. Tais relatos refletiam a natureza das participações no projeto, assim como a percepção do lugar de cada um na rede do GEGV. Também emergiram os posicionamentos e avaliação do sistema *online* disponibilizado pelo canal para as entidades parceiras “cabeças de rede” fazerem os registros das ações desenvolvidas pelos pares.

“O Canal deu a ferramenta, entende..., um material maravilhoso. O que falta nas Organizações é isso, capacidade e competência... profissionalismo. E não é o que se vê. A gente não consegue acompanhar essa dinâmica. A demanda é muito grande. A gente não foi educado dentro de uma ONG, para responder isso. O Comitê de Bacia que é uma coisa institucional, não usou senão o cara podia vir aqui narrar. O que faltou para ele não usar? Nós que recebemos também tínhamos que estar lá cobrando? Não. A gente confiou nele, botou na mão dele. Pô, é um material maravilhoso...numa reunião de comitê ele se comprometeu “nós vamos usar”, mas eu acho que não usou. Então, nessa avaliação é que eu digo: como é que o Canal poderia ajudar mais uma vez, tutelando, não sei se é o nome certo, mas trazer esse senso de organização. Não só preparar a Maleta como produto, mas dizer : ‘- Olha, isso aqui para funcionar precisa um monitor’. O que eu quero dizer é assim, vocês colocaram o material na nossa mão. A gente teve a capacidade de replicar porque é uma efervescência.”(SANDERS, informação verbal)

Outro elemento recorrente durante o grupo focal foi tocante ao sinal do canal que não funciona no aberto. Embora o canal disponibilize uma antena parabólica para as instituições cabeças de rede, a reivindicação do grupo girava em torno do sinal ruim.

“Aqui em Passo Fundo nós temos no canal 4. Quem não tem parabólica ou cabo, pega, muito mal, mas pega e não toda a programação. Não todo esse acervo maravilhoso. Então eu vejo que o CF é uma ferramenta que deveria estar...ele é social, é sócio-educativo, sócio-ambiental, ele empodera, ele acrescenta. Ele acrescenta à educação. Sabe? Ele é instrutivo, leva coisas de relevância para a sociedade. Coisas que não se vê nos canais abertos. Então, se a sociedade tivesse mais oportunidade de ver a beleza que é, seria muito interessante para o público em geral.” (PINHEIRO, informação verbal)

O vínculo do CF através da equipe de mobilização em Passo Fundo permanece, principalmente em torno das atividades da Agenda 21 local e materializada na implantação da Sala Futura, já em atividade.

b) Ações e articulações na instância comunitária

O trabalho do Grupo Guardiões da Vida (GEGV) com a Maleta Meio Ambiente pode ser analisado em duas direções que se interligam: a dos circuitos constituídos pelas ações de mobilização desencadeadas em rede pelo grupo, e a dos usos dos conteúdos em ações voltadas

à educação e ao desenvolvimento ambiental na região. E ambas as direções são nitidamente marcadas por uma confiança moldada pela experiência com o Canal Futura, e apontada como “agregadora”.

Habituada às estratégias de mobilização, o GEGV articulou o trabalho em redes de abrangência estadual, através de dez entidades indicadas para receberem a maleta básica. *"Buscamos contemplar redes que tenham potencial multiplicador para que outros grupos possam ter acesso ao conteúdo".*¹⁵⁷

Envolveram-se diretamente no processo os Comitês de Gerenciamento das Bacias Hidrográficas do Rio Passo Fundo e do Rio Jacuí; o Movimento Tradicionalista Gaúcho; o Diretório Central de Estudantes da Universidade de Passo Fundo (UPF); a Rede Bioma Pampa; o Coletivo Educador; as organizações Sentinela dos Pampas, Reserva Maragato, Sala Verde, Associação Brasileira de Defesa e Construção da Cidadania e CETAP Agricultura e Ecologia, além da Brigada Militar.

“Acho que a gente falou na Maleta e todo mundo veio porque era na hora que estavam precisando... porque era um material, era uma ferramenta que vinha pra todos utilizarem. Então é uma coisa assim independente, né? Por exemplo, seria diferente se viesse só pro Guardiões da Vida, e aí todo mundo... e a gente dissesse, óh gente, isso aqui é da sociedade, quem quiser vir fazer o uso... mas está só com o Guardiões. Como disponibiliza isso para outros, ficou legal. É de todos.”(SANDERS, informação verbal)¹⁵⁸

As estratégias de articulação do GEGV rapidamente espalharam a maleta pelo estado do Rio Grande do Sul, em redes de segmentos diferentes. Numa ação inédita que ignorou as normas estabelecidas pelo CF de não reproduzir o material recebido e, mesmo, infringindo a legislação, o grupo multiplicou os conteúdos dos vídeos disponibilizados na maleta completa, potencializando a sua circulação. Na ocasião, o GEGV recebera um lote de mil e 500 DVDs virgens, apreendidos pela polícia federal durante uma ação de combate ao contrabando na região, e que seriam destinados para uso em atividades de formação e educação ambiental. O grupo, então, através da Agenda 21 local providenciou a reprodução (cópias piratas) dos DVDs com os programas e documentários ofertados na maleta e os distribuiu na rede para uso dos múltiplos parceiros.

O resultado foi uma pulverização dos conteúdos do canal que ignorou e consentiu, ainda que veladamente, a estratégia a partir dos resultados obtidos. Tanto as entrevistas com

¹⁵⁷ Idem ao anterior

¹⁵⁸ Entrevista com Carlos Eduardo Sanders (Preto), um dos coordenadores do GEGV, 18 de outubro de 2010.

os mobilizadores do CF e com outros membros da rede do GEGV, quanto o relatório anual do grupo no ano de 2009 evidenciam os efeitos da ação considerada positiva.

“A parceria com a TV Futura, com projeto “Maleta Futura Meio Ambiente, ganhou a confiança e a credibilidade da equipe da TV Futura, onde o formato proposto pelo GEGV de parceria com outras entidades, na divulgação e utilização do material da Maleta, foi citado como exemplo a nível nacional de organização e resultado. Depois de uma reunião com a Sra. Cleuza Ramos (mobilizadora), que representou a TV Futura, ficou acertado que iremos manter os trabalhos com os vídeos educativos e propormos um projeto de documentário sobre a Araucária (Pinheiro Brasileiro), onde o pessoal do CETAP, SMAM e Reserva maragato irão elaborar uma proposta.”¹⁵⁹

Segundo os mobilizadores da região Sul, a estratégia do grupo de fato surpreendeu as equipes na sede do canal, que considerou a iniciativa singular, tornando-o uma referência de mobilização e multiplicação dos conteúdos. Na ocasião, o relatório do grupo ao CF indicava que as ações desenvolvidas em torno da Maleta atingiram 10.000 pessoas entre crianças, jovens e adolescentes, público em geral, comunidade local e regional. No entanto, tais números indicavam uma estimativa gerada pela prospecção de circulação das maletas, mas sem que houvesse a preocupação ou mesmos mecanismos para mensurar numericamente com exatidão o público atingido.

Lucinda Pinheiro, coordenadora adjunta na 7ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE) e integrante do Grupo Ecológico Sentinela dos Pampas, em entrevista para esta pesquisa, ressalta que a principal maneira de fazer circular os conteúdos do canal foi justamente o boca-a-boca que se desencadeou a partir dos movimentos dos coletivos em torno da maleta.¹⁶⁰ A rede escolar pública foi uma das maiores beneficiadas pela ação de reprodução e redistribuição dos vídeos, e recebeu os materiais mediante solicitação.

“A coordenadoria sempre teve representante na Agenda 21 do município. E a Maleta foi para a Agenda 21 (...) E ela multiplicou o material da Maleta para as Escolas que desejassem fazer uso. Então, as nossas escolas tinham as cópias dos vídeos e aí, através das páginas do canal, começaram a acessar também (...) E um passa para o outro. Então, isso é algo que se multiplicou pelo boca-a-boca. Temos pessoas bem atuantes nas escolas que fazem uso disso.”
(PINHEIRO, informação verbal)

¹⁵⁹GEGV, relatório anual, 2009, pág.13.

¹⁶⁰ Entrevista realizada na cidade de Passo Fundo, em dezembro 2012.

Segundo Pinheiro, o que garantiu e, ainda garante, a adesão dos professores da rede escolar à utilização da Maleta é o fato dela ser usada apenas se o professor quiser e, no caso dos vídeos, deles fazerem parte do acervo das escolas. E agora, a existência da Sala Futura local que disponibiliza um amplo acervo de materiais do canal e de seus parceiros, facilita o acesso aos conteúdos e a ação da Coordenadoria junto aos professores.

“O que acontece é que você usa se quer, nada é imposto. Então os professores que fizeram o uso, que se disponibilizaram a participar, a utilizar essas metodologias tiveram resultados incríveis e, gradativamente, a gente está inserindo outros conteúdos em outras escolas, com outros professores, porque... a sala futura tem uma programação para receber alunos.

O que nós da 7ª CRE fizemos? (...) no pedagógico há 30 assessores de pastas diferentes. Tem a questão indígena, a questão da saúde escolar, o ensino fundamental, o médio, as séries iniciais, do ensino no meio rural (...) então, nós fazemos a formação de professores. Essas assessorias trabalham com esses grupos. Então, elas vão lá (na Sala Futura) e trabalham, por exemplo, a questão da sexualidade e da juventude...” (PINHEIRO, informação verbal)

No entanto, a entrevistada admite não existir um monitoramento das utilizações de tais conteúdos nas escolas, ficando tal medida restrita aos relatos orais e ou, no caso de uso da Sala Futura, nos relatórios que ela realiza para o canal. Constatou-se desse modo, que nas redes locais de ensino a utilização dos conteúdos das maletas, pós-fechamento do ciclo estabelecido pelo canal, prossegue e depende das gestões político-administrativas. Ainda assim, como muitas escolas possuem os vídeos da maleta, parece não haver a necessidade de um controle efetivo dos movimentos desenvolvidos com eles.

Do ponto de vista pedagógico e de ferramentas de aprendizagem, Pinheiro ressalta que a Maleta atrai tanto os professores quanto os alunos pela sua ludicidade e pela fácil assimilação de suas propostas. Além disso, o protagonismo juvenil que é apresentado em parte dos vídeos tem um apelo especial junto aos estudantes.

“Eu vejo que é uma metodologia bem diferenciada porque é vídeo, é imagem. É diferente de você trabalhar com livro didático, de textos. O material, a metodologia te possibilita fazer o aluno ser protagonista, ser um questionador.” (PINHEIRO, informação verbal)

A entrevistada, que utilizou os conteúdos da maleta relativos ao clima e à mobilidade urbana durante o seu estágio do mestrado, refere ao fato da Maleta possibilitar que se veja de

outra forma os conteúdos. Para ela trata-se de uma proposta diferente de aprender e interagir, percebendo que os problemas não acontecem isoladamente, e ao permitir que se visualize o modo como ele foi resolvido em outro lugar, leva à reflexão sobre aquela metodologia utilizada e se ela pode ser aplicada à realidade local.

Já a atuação do GEGV, em particular, no tocante aos conteúdos da maleta, esteve voltada para subsidiar as atividades de educação ambiental e desenvolvimento sustentável. Na sua maioria, tais atividades se constituíam em palestras ou oficinas sobre práticas sustentáveis para o desenvolvimento econômico; atividades de educação inclusiva; à atenção aos catadores de resíduos sólidos urbanos; ao fortalecimento das ONGs e movimentos sociais, na justiça e promoção de direitos; à juventude e ao meio ambiente.

O projeto *Plantando Cidadania* foi realizado pelo grupo em parceria com o Centro de Atendimento Sócio Educativo de Passo Fundo (CASE-PF), e era voltado para ressocialização de adolescentes infratores que aprenderam sobre como preparar hortas, jardins, plantar e cultivar ervas medicinais, realizaram atividades de reflorestamento, trilhas ecológicas e ações práticas de educação ambiental tanto internamente, como nas comunidades. Na ocasião, a Secretaria de Meio Ambiente doou mudas de árvores frutíferas para a criação de um pomar dentro da área do Case, que foram plantadas em conjunto.

Os materiais da maleta foram utilizados em sessões de vídeo para sensibilização do grupo. Os DVDS com os programas *Um pé de quê?*, *De olho no ambiente* e *Nota 10 Consumo Sustentável*, com episódios sobre lixo e consumo responsável fizeram parte das ações desse projeto.

O GEGV também utilizou os conteúdos dessa maleta na oficina de educação ambiental dentro do projeto *Cara a cara com a liberdade* desenvolvido em parceria com a direção do Presídio Regional de Passo Fundo, Secretaria do Meio Ambiente, Ministério Público Estadual e o Poder Judiciário. O projeto era voltado à ressocialização e reintegração do apenado ao mercado de trabalho, e visava prevenir o preconceito e a discriminação da comunidade para com eles. Novamente a exibição de vídeos foi o aporte no processo que buscou gerar uma sensibilização do grupo em torno da sua condição e do seu ambiente. Entre elas, a proposta de que os apenados desenhassem a logomarca do projeto. O GEGV premiou o desenho escolhido.

A maleta Meio Ambiente através do GEGV também circulou na Universidade de Passo Fundo junto aos mestrados do curso de Engenharia Civil, como parte dos conteúdos discutidos durante a elaboração do projeto de criação de um parque ambiental na antiga pedreira da ERGO, área estatal localizada no bairro São José. O grupo monitora a ocupação

do local, com fotos e filmagens, além de ações de limpeza no local. A proposta do chamado *Parque da Pedreira* continua ativa na cidade.

Outra ação desencadeada pelo grupo foi a inclusão de Passo Fundo no projeto *SOS Mata Atlântica*, trazendo até a cidade o Caminhão da Educação Ambiental com a exposição itinerante *A Mata Atlântica é aqui*. Parte do projeto, a exposição se desloca pelas cidades onde há ações de parceiros e traz entre os seus materiais, conteúdos da maleta meio ambiente. Segundo os registros encontrados, tal iniciativa também potencializou as demandas pelos conteúdos da maleta junto à rede do GEGV.

A rede do GEGV, através da Agenda 21, também desenvolveu ações coletivas apontadas como resultantes das potencialidades despertadas pela maleta e seus conteúdos. Entre elas está o Fórum Caminho das Águas que reúne diversas instituições e teve origem na antiga Romaria das Águas promovida pelo projeto Pró-Guaíba. A proposta do Fórum era sensibilizar pessoas para ações de preservação e conservação da água na região do Planalto Médio Gaúcho, onde nascem os principais rios formadores das bacias hidrográficas do Rio Guaíba e do Rio Uruguai que banham 70% do RS.

O Muzar assumiu a responsabilidade de organizar as cartilhas nos mesmos moldes do caderno de atividades que acompanha a Maleta. Assim, a cartilha denominada *Caminho das Águas – aprendendo e ensinando* foi editada trazendo informações sobre o sentido da água dentro das diferentes religiões, o debate sobre a água, lendas, diálogos e histórias sobre a água, além de atividades e exercícios didáticos, além da proposta do desenho-símbolo da água. Ela foi incorporada posteriormente à maleta Meio Ambiente, e circulou (e ainda circula) na região.

Tal ação envolveu também o CF que integrou o processo como parceiro; selecionou e premiou os autores dos dez desenhos escolhidos e que representavam dez religiões, entregando a cada um deles um kit de livros. Participaram 230 crianças das escolas do município na criação do desenho- símbolo referente à representação da água para as religiões que integravam o Fórum.

As observações diretas da pesquisadora das ações de mobilização na cidade de Passo Fundo permitiram verificar não apenas o envolvimento dos membros das entidades, instituições e da comunidade local em ação socioambiental, como a da visita à nascente do rio Passo Fundo, mas constatar que efetivamente os conteúdos disponibilizados na maleta se constituíam em materiais de apoio. Esta atividade, definida como *Dia de Campo no Berço das Águas*, no distrito de Povinho Velho, foi convocada e preparada pelo GEGV e pela rede da Agenda 21 em reuniões que aconteceram na sede da Emater. A proposta era sensibilizar

crianças e adolescentes das escolas públicas da cidade com foco na preservação e desenvolvimento de estratégias ambientalistas. Participantes da rede se dividiram e responsabilizaram por reunir mapas e banners, dados técnicos sobre a área e informações para construir as atividades do Dia de Campo (CORSAN, Comitê de Bacias, Portal e Agenda 21). Além destes, na data marcada para o evento que ocorreu um dia após a realização do grupo focal, a Emater, Muzar, UPF, Embrapa, Secretaria do Meio Ambiente, Secretaria da Educação, e grupos ambientalistas atuaram em atividades de recepção, palestras, exibição de vídeos, dinâmicas com os alunos. Os vídeos da Maleta foram utilizados em sessões de cineclube como o Globo Ecologia – Governança Global, Mudanças Climáticas, Linha de Montagem e seguidos por debates. Os alunos foram estimulados a entrevistarem as autoridades presentes e pedirem esclarecimentos sobre as ações previstas para aquela área.

Outras ações coletivas implicaram a limpeza das margens ciliares dos rios da região, das ruas e praças dos bairros São José e Leonardo Ilha.

Ainda no tocante aos efeitos das mobilizações em torno da Maleta, outra ação significativa referida frequentemente por todos os entrevistados como decorrente da circulação dos conteúdos da maleta foi a que deu origem ao projeto do *Parque Municipal Independente II* desenvolvido pelo GEGV, pela Faculdade Portal, pela Secretaria do Meio Ambiente e pela Associação de Moradores do Loteamento Independente II.

Na ocasião, uma aluna do professor universitário e ambientalista, Alcindo Nieckel, moradora daquele bairro e membro da diretoria da Associação de Moradores, após assistir um dos vídeos exibidos em aula, propôs que a comunidade elaborasse um projeto de recuperação do parque aproveitando uma área verde disponível.

“Mas uma coisa (...) sensacional que encadeou, foi quando foi assistido um vídeo e uma aluna nossa propôs o projeto de recuperação do parque. E aí começou a desenvolver toda a ação, e hoje o projeto está na mão do poder público para execução! E é uma área verde no Loteamento Independente II aqui na cidade. Então esse foi o processo que a Maleta Futura impulsionou. Ela deu engajamento, proporcionou a gente começar a proporcionar a conscientização de uma aluna. Então, pra nós, isso foi necessário, foi incrível! Tanto que a nossa própria faculdade ganhou também um grande respaldo municipal, aí, a Faculdade Portal. É que lá nós temos o curso superior de tecnologia e gestão ambiental. A gente forma tecnólogos pra trabalhar com a gestão ambiental.” (NECKEL, informação verbal)

Também o relatório do GEGV indica a mobilização dos moradores em torno da idéia e em busca do apoio para elaboração de um projeto arquitetônico para o parque, buscando preservar o espaço verde. O projeto foi elaborado em conjunto para ser levado ao Conselho Municipal do Meio Ambiente no ano de 2010.

Outro desdobramento das ações da rede ficou por conta do Coletivo Educador¹⁶¹, integrante do coletivo do GEGV e formado, em grande parte, por professores da UPF. Os participantes perceberam no processo que se instituía em torno dos conteúdos da maleta, a possibilidade de ampliar as ações e levaram para a universidade a proposta de instituir um curso de pós-graduação, nível de especialização, em Educação Socioambiental. O curso foi criado em conjunto com o Instituto de Línguas da Faculdade de Letras e o Instituto de Biologia, aproveitando que a UPF possui uma tradição na área ambiental e tem programas com o Ministério do Meio Ambiente como a Sala Verde instalada nas dependências do Museu Zoobotânico Augusto Ruschi, Muzar, vinculado ao Instituto de Ciências Biológicas desta universidade.

Até 2010, o curso teve duas edições, no entanto, não foram localizados os trabalhos finais que resultaram delas. Nas duas edições, os conteúdos da maleta foram incorporados como ferramentas pedagógicas numa dinâmica que exigia o uso dos conteúdos. A metodologia adotada no curso determinava que cada aluno tivesse acesso à maleta pelo período de 15 dias, quando então, deveria ser encaminhada ao colega. Nesse período, o aluno deveria usar os conteúdos tanto na sua formação, quanto nas escolas em que atuava ou, ainda, nas comunidades onde estava inserido, e trazer um resultado desse uso para o resto dos colegas. *“Cada aluno tinha que pegar a maleta e levar para a sua comunidade, e dali trazer para turma uma resposta. ‘Eu passei tal vídeo e a comunidade refletiu sobre tal aspecto’*”, relata Flavia Biondo, que também coordena o Muzar na UPF. Ela destaca que os vídeos tiveram a maior atenção dos estudantes pela facilidade com que remetem às temáticas em tratamento induzindo os debates de modo mais efetivo. O museu é outro local em que os conteúdos em vídeo da maleta estão disponibilizados.

“A gente disponibiliza vídeos no nosso site para nossos visitantes selecionarem o vídeo que querem assistir durante a visita. Também estamos incluindo toda quinta-feira, e esse mês, principalmente, no

¹⁶¹ Política pública de iniciativa do Departamento de Educação Ambiental (DEA), da Secretaria de Articulação Institucional e Cidadania Ambiental, do Ministério do Meio Ambiente (MMA) com objetivo de fortalecer e ampliar as ações de Educação Ambiental (EA). Tem a proposta de reunir pessoas e instituições que desenvolvam trabalhos nessa área em grandes grupos de educadoras/es organizados, atuando dentro da metodologia da pesquisa participante, visando a consolidação da EA em seu território de atuação.

circuito Tela Verde, a Maleta do Futura. Nós trabalhamos nesse circuito, que é um programa do Ministério do Meio Ambiente, com os vídeos que o ministério nos coloca e inserimos os da maleta também.”(informação verbal).

Apesar dessa proximidade com o material do canal, a proposta de realizar um documentário sobre a Araucária, os mobilizadores sinalizaram de que, de fato, ela foi elaborada dentro da rede do GEGV, mas se perdeu nos trâmites das instâncias internas do CF. Entre os membros do coletivo não foram encontrados registros sobre o projeto, além da breve alusão num dos relatórios do GEGV e da Agenda 21 sobre a construção de programas tendo em vista a Semana mundial do Meio Ambiente. O relatório da reunião da Agenda 21 local de Passo Fundo e do GEGV com data de 26 abril de 2010, previa três programas a serem articulados com o Canal Futura para a Semana Mundial do Meio Ambiente: o *Beira Trilho de Passo Fundo; Agricultura familiar – CETAP e Arborização de Praça*, e ressaltava que uma equipe do canal estaria na cidade dentro de alguns dias para estimular uma agenda de programas para aquela semana. De fato, em 28 de abril a mobilizadora Cleuza Ramos esteve reunida com os ambientalistas para realizar parceria com programações televisivas a serem veiculadas no canal.

A proposta da mobilização era levar ao CF experiências da Agenda 21 de Passo Fundo e para tanto, sugeria a adoção de ferramentas multimídias o que permitiria uma produção mais rápida e capaz de manter viva a rede. “Não precisa o vídeo estar pronto para divulgar na mídia”.¹⁶². Por outro lado, os ambientalistas solicitavam uma parceria com o canal na formação de grupos de trabalho para a preparação de ações que pudessem efetivamente ser levadas ao público do canal, sinalizando as cotas de parceria da UPF com o CF. No entanto, a mobilização ressaltou que isso só poderia se dar na forma de apoio, uma vez que não havia recursos financeiros no canal para deslocar consultores até Passo Fundo para realizar atividades.

Haveria um espaço na grade da programação do CF no período de 17 a 21 de maio daquele ano, nos horários entre as 14h30min e 17h30min para participações que poderiam ser feitas por fone quando as temáticas fossem sobre pedofilia, turismo sexual, exploração de meninos e uso da internet. Já na semana do Meio Ambiente, de 1 a 5 de junho, as temáticas poderiam envolver o cooperativismo, a economia solidária e a agricultura familiar.

Ainda nessa ocasião, a mobilização divulgou o trabalho do Instituto AKATU, uma ONG voltada para a mudança de comportamento do consumidor, desenvolvendo as suas

¹⁶² Relatório de atividades do GEGV e da Agenda 21 Local, reunião do dia 28 de abril de 2010.

ações em duas frentes: a educação e a comunicação, e que tem a Rede Globo entre os seus parceiros mantedores. Representantes estariam em Passo Fundo ainda no mês de junho e o canal foi enfático na recomendação de que fossem usados os materiais do Instituto para divulgar sobre o consumo consciente.

No trabalho da rede que se formou em torno da Maleta, os relatos do GEGV destacam, em especial, as iniciativas desenvolvidas pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho, (MTG)⁶⁵¹⁶³, constituído por 101 entidades tradicionalistas da região filiadas – Centros de Tradição Gaúcha (CTGs) – num contexto de forte organização hierárquica e constante mobilização em torno de eventos de carácter tradicionalista.

“É a primeira vez que uma entidade tradicionalista pega a maleta, né? E tá desenvolvendo bem, porque eles têm também um segmento fantástico e aí, tu escuta muito e tu sabe que essas maletas não estão paradas (...) E eles replicaram a maleta para 97 instituições...(...)”(NECKEL, informação verbal)

O contato feito durante observação de grupo focal com o representante (patrão) do CTG Fagundes dos Reis, Darci Jorge da Silva, e com o então presidente do MTG, Sebastião Carvalheiro, na cidade de Passo Fundo, evidenciou que o movimento institui modos próprios de operar com a edição da maleta básica. Em reunião posterior, ao encontro do grupo focal, mostrou-se à pesquisadora como o MTG gerou uma dinâmica singular de uso e de circulação dos conteúdos da maleta, de forma que ela pudesse atingir e ser usada em todas as entidades filiadas ao movimento.

A direção do CTG instituiu uma metodologia de uso que ficou conhecida como a “maleta itinerante”, e tornou-se modelo para demais parceiros da rede do GEGV¹⁶⁴. Nela, o CTG que solicitasse o material da maleta se comprometia a usá-la na questão específica da defesa e preservação do meio ambiente num período rotativo de 10 dias, mediante assinatura de um termo de compromisso. Este sistema fez com que a maleta circulasse em 97 entidades tradicionalistas localizadas em 42 municípios gaúchos, envolvendo 600 atores do MTG entre

¹⁶³ Movimento Tradicionalista Gaúcho, fundado em 1966 é presente, além do Rio Grande do Sul, nos estados do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Amazonas, São Paulo, nos estados do nordeste através da União Tradicionalista Gaúcha do Nordeste (UTGN) e no Planalto Central, com a FTG-PC. Reúne grupos tradicionalistas que constituem os CTGs – Centros de Tradição Gaúcha. Atualmente, são mais de 1400 entidades filiadas ao Movimento, distribuídas em 30 Regiões Tradicionalistas (RT), que abrangem a totalidade dos 500 municípios sul-rio-grandenses. Os Centros de Tradição Gaúcha reproduzem em sua estrutura a hierarquia do meio rural gaúcho. A figura principal e dirigente do CTG é o patrão, as mulheres são as prendas, organizadas por faixas etárias (mirim, juvenil) e os homens, os peões ou os gurus (crianças).

¹⁶⁴ É utilizada na Sala Verde, no Muzar, e entre algumas das escolas da rede pública, principalmente as de meio rural.

“prendas” e “peões” preparados para discutirem os seus conteúdos, segundo o relato dos dirigentes.

Não foram localizados os registros da totalidade destes circuitos. Mesmo a equipe do Canal se surpreendeu com o relato dos dirigentes do MTG durante a reunião de grupo focal. Segundo eles, a maleta básica foi levada para palestras que os membros dos CTGs realizaram em escolas dos municípios, aos seminários, cursos e encontros da juventude do MTG, além de ser incluída como referência sobre a questão ambiental incluída como critério eliminatório no concurso que elege a 1ª Prenda do RS. Além das habilidades exigidas de uma primeira prenda, a candidata teria que demonstrar que conhece, efetivamente, os diferentes ângulos da problemática ambientalista.

Além disso, o movimento atuou em ações articuladas como a que reuniu o GEGV, o CTG Fagundes dos Reis, a Associação de Moradores do Bairro São José e a Secretaria do Meio Ambiente de Passo Fundo na distribuição de 200 mudas de árvores nativas. A população dos bairros foi mobilizada e os membros da rede trabalharam em conjunto fazendo plantios em canteiros públicos, recolhendo o lixo espalhado pelas ruas e distribuindo material informativo sobre reciclagem. Também foi exibido aos moradores um vídeo sobre coleta seletiva de lixo.

O contato com os integrantes do MTG colocou a pesquisadora diante da percepção de um conjunto de normas bastante rígidas que regulam o próprio movimento¹⁶⁵. Constatou-se que a observância das mesmas é naturalizada no movimento e o que assegura o fluxo contínuo de uma comunicação hierarquizada, sendo um dos fatores reguladores que garante o êxito nos modos de uso da maleta.

O trabalho de pesquisa evidenciou também que parte das ações desenvolvidas para além do espaço regional está num limbo de difícil resgate pela ausência de registros e disponibilidade das fontes. Apesar das ações em rede do GEGV, através do Fórum Local da Agenda 21, terem levado a maleta para múltiplos ambientes de algum modo vinculados à rede Bioma Pampa - o “lado sul do estado”, como refere um dos dirigentes em entrevista¹⁶⁶, não há qualquer registro das atividades desenvolvidas com ela nesses espaços. Ficou apenas o relato dos membros do GEGV que sinalizaram a reprodução dos materiais por grupos que trabalham com a educação ambiental. Foi com base nesse indicativo que se fez inúmeras tentativas de contato na busca de um diálogo mais efetivo sobre como cada ator trabalhou com os materiais

¹⁶⁵Tais normas se traduzem em documentos como estatuto, carta de princípios, cerimonial e protocolo, certificado de adequação técnica, código de ética, diretrizes, instruções normativas, regulamentos e leis e decretos, cuja observância é cobrada de seus integrantes.

¹⁶⁶ Carlos Sanders, em entrevista à pesquisadora. Op. Cit.

nessa região, mas elas foram infrutíferas. Não houve retorno das solicitações de contato. Além de uma busca direta, a pesquisadora tentou contatar também através do Fórum que ressaltou ser a pesquisa “importante para a memória do processo local da Agenda 21, que hoje compartilha das ações que entidades, no caso o GEGV, desenvolvem com o Canal”.¹⁶⁷

Isto leva a considerar que o resgate desta dimensão dependeria de um esforço metodológico e de pesquisa em outra direção que este trabalho, no atual estágio e prazo, não comportaria.

¹⁶⁷ Trecho de um dos emails enviado pela secretaria executiva da Agenda 21 Passo Fundo. Anexo 5

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Como começar? Agora que terminei. Talvez relendo minha proposta inicial. Para lembrar o que me propus a fazer. E não fazer.” Roger Silverstone

A frase de Silverstone, na abertura do livro *Por que estudar a Mídia?*, parece sintetizar este momento de finalização do trabalho de tese. Finalizações não são fáceis. Não é um exercício simples concluir uma pesquisa acadêmica. Definir uma finitude vai além da retrospectiva do trabalho efetuado. Finalizar indica o limite. Mostra aonde o pesquisador chegou dentro de um processo com espaço de tempo pré-definido, normativamente, para ser encerrado. Concluir implica reunir as elaborações que evidenciam o resultado final de um percurso marcado por reflexões, erros e acertos, construções e desconstruções, sistematizações, análises, e superação de obstáculos. É quando se tem algo a dizer sobre o processo desenvolvido, mesmo que se saibam as complexidades, as simultaneidades e as incompletudes que o caracterizam.

Mas como começar? Talvez relendo a minha proposta inicial, para lembrar o que me propus a fazer.

Esse trabalho de tese teve início com base em observações diretas no espaço de atuação das equipes de mobilizadores do Canal Futura no Rio Grande do Sul junto aos grupos de natureza comunitária, em Santa Maria e Passo Fundo, em torno da implementação do projeto Maleta Futura.

Partiu-se da percepção inicial de um modo de produzir televisão que parecia constituir uma experiência singular ao alterar as mediações televisivas, pensadas como ponto de articulação entre sistemas de produção e de recepção; e também, capaz de romper o modelo televisivo generalista, consolidado historicamente com base em uma lógica de organização apoiada na transmissão em fluxo da programação.

O Canal Futura instituiu uma instância mediadora – o setor de Articulação e Mobilização Comunitária – para, através dela, operar diretamente no espaço social. Ao fazê-lo, apropriou-se de uma dinâmica de outro campo que não o televisual, interagindo com ele de forma quase experimental e buscando instituir novos circuitos e modos de circular seus produtos seriais.

Nessa direção, as pré-observações confirmaram que a ação do Canal Futura se desdobrava na produção de novas processualidades de contatos e interações com a

comunidade, através de duas operações que se traduziam na programação, ou no televisivo propriamente dito, e na produção de vídeos que saíam desse universo pela via da mobilização comunitária, concordando com a análise de Fausto Neto (2008). No entanto, as pré-observações evidenciaram também um movimento de fluxo no sentido inverso, decorrente desse contato e interação, e capaz de produzir afetações nas próprias dinâmicas do canal. Compunha-se, assim, um cenário complexo, instigante e mesmo desafiador, onde distintas lógicas em interação indicavam um fenômeno potencialmente problematizador das questões comunicacionais.

Tendo em vista a preocupação com o *desentranhamento* do comunicacional, e de que as interações são lugar de ocorrência da comunicação, como defende Braga, voltou-se o trabalho investigativo para o exame do encontro dessas lógicas, em particular, a televisual e a comunitária. Partiu-se da hipótese de que as múltiplas e distintas estratégias que envolvem o Projeto Maleta Futura constroem um dispositivo interacional que reconfigura, de modo tentativo, tanto as práticas comunitárias como as midiáticas, gerando mudanças nas condições de produção de comunicação e na própria ação comunicativa, com afetações numa terceira instância – a da educação.

Assim, a pesquisa empírica desenvolveu-se observando, principalmente, as premissas propostas por Braga (2011, pág.06):

- (a) A comunicação é sempre uma ação que se realiza probabilisticamente de modo tentativo. O modo pelo qual a sociedade produz suas interações viabiliza ambientes de articulação dando espaço para os participantes sociais exercerem as suas estratégias. O tentativo corresponde ao que essa mesma sociedade tenta viabilizar nas suas interações.
- (b) A sociedade gera, experimentalmente, padrões específicos que asseguram o seu funcionamento. As práticas sociais se organizam em dispositivos variados que de algum modo modelam o comunicacional que aí ocorre.
- (c) O episódio comunicacional ocorre no âmbito de “dispositivos interacionais”, produzidos nas circunstâncias históricas e acionáveis nos contextos específicos dos participantes; e lhes dá forma, sentido, substância e direcionamento.
- (d) Os dispositivos interacionais são gerados, desenvolvidos, mantidos e transformados pelos próprios episódios interacionais que põem em prática as suas matrizes, por suas táticas e inferências para ampliar a possibilidade de obtenção de resultados. Ao mesmo tempo, são modulados pelos contextos e processos institucionais específicos em cujo ambiente ou referência se desenvolvem.

Com base em tal horizonte, o trabalho de pesquisa permitiu evidenciar que o período analisado nesta tese corresponde no CF a um ciclo de alteração de eixo, estratégias e iniciativas, cujo “espírito” esteve marcado pela busca de uma maior abertura do canal a processos mais qualificados de interlocução com a pluralidade e diversidade dos grupos da sociedade civil organizada. Tratava-se da tentativa de interagir com setores invisibilizados no espaço da mídia tradicional e/ou comercial e, ao mesmo tempo, inovar o próprio processo produtivo. Assim, nesse ciclo de sete anos que esteve caracterizado pela forte influência do setor da Articulação e Mobilização Comunitária, o movimento do CF se fez mais “permeável” às causas sociais, rompendo os limites do circuito extra-televisão, até então centrado nas instituições e espaços de educação/reeducação formal e informal.

Através a equipe de articulação e mobilização comunitária, o Canal Futura produziu efetivamente um mapeamento detalhado das organizações, entidades e grupos que atuam na sociedade civil brasileira, sinalizando circuitos favoráveis e diversos à atuação conjunta e à constituição de redes. Em decorrência, outros olhares e perspectivas, temas emergentes e propostas de grupos raramente presentes na grande mídia passaram a fazer parte das diretrizes da articulação e mobilização comunitária, e foram incluídos ao processo produtivo do canal.

Nessa direção, temáticas que até então eram consideradas difíceis e complexas foram abordadas nas telas e ações do canal através de programas e projetos: racismo, exploração sexual infantil, violência doméstica, jovens rurais, jovens urbanos moradores das periferias, populações quilombolas, populações indígenas, populações camponesas, populações que moram nas periferias dos grandes centros e seus enfrentamentos. De fato, pode-se afirmar que até então, nenhum outro canal televisivo no país se dispusera a abrir a sua programação de modo sistemático e intencional às demandas e causas que emergem da sociedade civil, ainda que se concorde com Sarlo (2000) ao afirmar que, na sociedade que “vive em estado de televisão”, é necessário ir além desse estado de posicionamento.

Simultaneamente, observou-se que ao lado dessa busca/enunciação de posicionamento, há uma incômoda ambiguidade no contexto do CF, que apesar de repensar seus modos de fazer, suas propostas e estratégias, não pode se descolar da lógica que rege a sua condição de empresa midiática, pertencente a uma grande e poderosa rede. E, nesse contexto, a tematização do social, como bem alerta Gomes (2007), representa apenas potencialmente o aprofundamento dos temas em foco, sem garantias de que isso efetivamente ocorra.

O acompanhamento das atividades das equipes de mobilizadores e mesmo as entrevistas realizadas evidenciam que esta busca pela definição de quem ou o que é o Canal

Futura permeia de forma dúbia o próprio sistema televisivo. Enquanto as direções se esforçam em definir um marco conceitual acenando com teorias libertadoras e de crítica social, as equipes internamente se debatem, porque mesmo partilhando de uma concepção não instrumentalizadora da sua prática comunicativa, se veem imersas na institucionalização da televisão e nos vínculos pesadamente hierárquicos da Fundação Roberto Marinho e da Rede Globo. Tem-se, ainda, que considerar nesse cenário, a presença dos parceiros mantenedores do canal e membros do Conselho Consultivo, e cuja rede de influências vai além da mera presença como consultores.

Evidentemente tal processo não ocorre sem conflitos e negociações, numa proposta televisiva em que o canal de televisão trabalha com movimentos sociais sem ser a “TV dos movimentos sociais”; atua com uma equipe mobilizadora que articula o social, mas que não é um movimento social; e, ao mesmo tempo, é uma empresa de comunicação comprometida a prestar conta aos parceiros que asseguram a sua sustentabilidade.

Uma das constatações desse tensionamento institucional é justamente a guinada de retorno ao modelo anterior do setor de Articulação e Mobilização Comunitária, com a neutralização das atividades junto aos movimentos sociais, o afastamento dos seus atores-chave dos quadros do canal, e a forte retomada da presença do Departamento Institucional da FRM junto ao setor. As marcas dessa crise são percebidas no conflito de discursos que envolvem a direção do canal e os mobilizadores em torno das mudanças recentes nos modos de avaliação do projeto Maleta Futura, como se constatou anteriormente.

No entanto, há um silêncio tácito em torno do problema, o que faz com que se acredite serem tais conflitos muito mais específicos e significativos do que a sua simples constatação, e só podem ser apreendidos nas particularidades dos processos desencadeados. Por outro lado, tal cenário é indicador do fechamento de um ciclo dentro dos movimentos do canal e permite perceber que também na disputa de forças, todo o processo é tentativo.

Enquanto parte do sistema televisivo, é na atividade de mobilização comunitária que o canal se reconhece, enunciando os seus termos de referência e a sua identidade enquanto mídia televisiva. O setor de Articulação e Mobilização Comunitária tornou-se central à proposta de ser um “*projeto social de comunicação (...) capaz de transformar o social pela tela da televisão*”, como é enunciado no seu site e em documentos públicos anteriormente referidos. E, através desse setor, o Canal enuncia também, fortalecer “*a articulação, o diálogo e a cooperação entre as diferentes formas de organização, representação e participação da sociedade brasileira e a visibilidade /conhecimento de suas causas*”.

De fato, considerando a lógica da instância midiática, a Articulação e Mobilização Comunitária representa um componente diferencial e não habitual nas estruturas da grande mídia e corresponde à necessidade do canal de dispor, internamente, de equipes com competências interacionais para se relacionarem com comunidades de caráter popular, como já referido antes. São estas equipes que asseguram o contato entre a instância midiática e a comunitária, e cuja habilidade interacional pode gerar, manter ou reforçar a confiança no canal.

No terreno de operações do CF, a observação do setor da mobilização evidencia, talvez mais agudamente, que no fazer televisivo, as determinações das direções não são cumpridas de forma mecânica, mas sim negociadas em distintas ocasiões e situações. As reuniões de planejamento, que envolvem tanto o setor de articulação e mobilização como o de conteúdo, por exemplo, são circunstâncias em que os mobilizadores incluem enunciações a partir do seu próprio ponto de vista, que tanto podem reafirmar ou se contrapor ao de outras instâncias da produção. Também é quando trazem para o canal a percepção e a escuta dos grupos e movimentos que integram a rede do CF. Tal escuta realizada pelos mobilizadores é necessária para compor o quadro de expectativas *do* e *sobre* o conjunto de parceiros do canal, bem como dos resultados das operacionalidades empreendidas nos territórios.

Não raro, tais momentos fazem com que se abram espaços no contexto televisivo para a via da experiência, das experimentações produtoras de sentido e de identidades. Quando é preciso repensar ou criar, também são buscadas referências para o desenvolvimento de novas ideias junto ao que os mobilizadores carregam da interação nos territórios. E delas podem emergir novos produtos, como é o caso do programa *Diz Aí*, voltado para a juventude do meio rural e negociado pela instância da mobilização; ou, ainda, a inclusão de novos temas dentro de projetos, como foi o caso da Araucária, entre outras espécies do Bioma Pampa e da Mata Atlântica no programa *Um pé de quê?*, da Maleta Meio Ambiente, levado ao CF como sugestão do GEGV. Ou ainda, a própria reavaliação do sistema de monitoramento de resultados do projeto Maleta que necessitou levar em consideração as diferentes condições em que se encontram os grupos comunitários, sinalizada pelos mobilizadores.

Isto torna possível visualizar, na esfera de interação entre o CF e os grupos comunitários, o predomínio da experimentalidade, revelando que muitas das decisões tomadas em relação à produção ocorrem e decorrem do âmbito das negociações e experiências vividas pelos participantes da instância midiática junto àqueles grupos. Nessa direção pode-se inferir ser este um sistema em processualidade inicial, aberto, em que as tentativas implicam invenção por ensaio e erro.

O trabalho investigativo junto à implementação das Maletas Futura evidenciou que por meio delas e da ação das equipes de mobilização nos territórios, o canal coloca em circulação metodologias e conteúdos da sua programação e, também, de organizações da sociedade civil, seus parceiros. O fato das maletas serem organizadas em diferentes eixos temáticos permite ao canal articular uma ampla rede de parcerias, com base nas chamadas *instituições de referência* ou *cabeças de rede* que as utilizam em seus próprios projetos e a replicam entre outras organizações e públicos, potencializando ganhos de escala.

A maleta é *portátil*, atraente tanto pela estética quanto pelos produtos que oferta, quase uma biblioteca portátil, considerando-se que a produção entra como livro didático/audiovisual, é de altíssima rotatividade, e possibilita diferentes estratégias de uso conforme projetos e finalidades das instituições parceiras.

No entanto, ainda que permita a inclusão de novos produtos para a circulação, é a instância da produção quem determina os conteúdos na tentativa de assegurar o controle do processo de produção dos sentidos. Por conta disso, o projeto Maleta se mantém praticamente inalterado enquanto modelo, com poucas referências no tocante à inclusão das reivindicações dos parceiros comunitários. Seu formato tem se mantido e ele se apresenta como um dos projetos mais “estáveis” dentro da oferta do canal. Nesse sentido, opera como matriz organizativa, obedecendo regularidades ditadas pelo quadro de referências para a sua produção. Tal regularidade se faz presente nos materiais do canal e indica processos mistos de aprendizagem e socialização. Neles as tentativas bem sucedidas são incorporadas ao modelo viável, isto é, o que funciona bem se torna um modelo e gera um padrão. Ao mesmo tempo, significa que quem quiser entrar no sistema do canal, terá que operar dentro desse modelo.

Pode-se pensar que com as maletas, o canal reúne não só os produtos televisuais, mas assegura as articulações em torno do projeto e das temáticas. Nessa linha de percepções, observando a ênfase dada à mensurabilidade do projeto, verifica-se que no polo da produção, em consequência do seu alcance, o projeto é enunciado como um potencial multiplicador de usuários em rede. E representa, por conta disso, uma “moeda de troca” junto aos parceiros mantenedores que não só colocam em circulação seus produtos e asseguram o seu financiamento, mas atuam em outras instâncias e projetos do canal.

Já nos territórios onde elas circulam, efetivamente suprem os grupos e movimentos enquanto suporte e ferramentas didáticas às causas tematizadas. Na instância do comunitário é nítida a referência à qualidade dos materiais ofertados e ao suporte dado pelas equipes de mobilização, apontado como fundamental ao próprio aperfeiçoamento do trabalho dos grupos envolvidos.

E se através da maleta pode-se inferir que o CF busca “pedagogicamente” dar forma às práticas sociais, cabe referir também que os usuários em seu cotidiano *“produzem usos ou maneiras de fazer mais complexas do que o simples consumo. Essas táticas constituem as mil práticas pelas quais os usuários se reapropriam do espaço, organizados pelas técnicas da produção sociocultural”* (CERTEAU, 2000, p. 41). E é justamente essa possibilidade de diferentes estratégias de uso que estabelece uma sistemática de circulação que a desvincula da tentativa e mesmo da tendência de controles centralizados na produção/distribuição. Em outras palavras, a maleta pode funcionar como um objeto a ser acionado de modo relativamente independente tanto pelo polo produtor, quanto pelo polo usuário. Sobre ela enquanto produto, com tendência de diversificação e de modularização, os usuários podem (e o fazem) desenvolver crescentemente reivindicações, levando o polo produtor a um atendimento pelo menos parcial destas, tendo em vista a sua busca de agregar usuários.

Do ponto de vista do dispositivo interacional, considera-se que isto pode reforçar o aspecto “escuta”, de parte a parte, implicando o aperfeiçoamento possível da comunicação. Concorde-se com Braga (2011, p. 7) ao afirmar que através da escuta *“pelos delicadezas de ajuste de endereçamento (...) alguma coisa retroage, “modificando” a produção a partir das expectativas sobre sua recepção e pela repercussão destas expectativas na configuração das falas”*. Isso é constatável quando nos grupos comunitários analisados, não raro as práticas subverteram as normativas do canal, conforme os interesses dos mesmos.

Cabe considerar a Maleta Futura e os seus conteúdos como parte das estratégias de comunicabilidade do CF, sendo preciso reconhecer nessa processualidade um conjunto de regras referidas, explicitamente ou não, para que se realizem processos comunicacionais do ponto de vista da recepção/produção. No entanto, enquanto as operações do CF, mediadas pelos mobilizadores, evidenciavam que as regularidades da chamada televisão educativa implicam lentidão quando ela busca ser pedagógica, porque aposta na linearidade da aprendizagem e no regramento hierárquico dos usos, os movimentos comunitários se mostraram ágeis na reelaboração da proposta e das estratégias, movidos pelas urgências de suas práticas. Nessa operacionalidade, criam-se circuitos comunicacionais outros, não previstos pelo polo da produção. E na medida em que retornam ao canal na forma de relatos de experiências, pode efetivamente, modificar, em parte, a produção. Claro que há graus de escuta, bem como variações complexas no acolhimento da mesma. Nesse sentido, o potencial propriamente pedagógico da maleta está exatamente nas múltiplas possibilidades de relações que se estabelecem a partir do seu uso.

Outro aspecto observado em torno dos processos de escuta refere-se à percepção dos grupos comunitários quanto às diferentes instâncias do canal e suas ações. Tal percepção dessas dinâmicas produtoras de sentidos, evidencia, pensando com Braga (2012), que *“é da reverberação mútua entre “falas” e “escutas”, de parte a parte, que se alimentam os processos interacionais em sua produção de sentido”*. Tais observações resultam de episódios distintos nas dinâmicas interacionais em tentativas de acertos e produção.

É evidente que ao se analisar o processo produtivo do produto televisual, verifica-se que o efeito de agendamento midiático implica valoração estética, ou seja, implica fazer e refazer até que se atinja um determinado padrão de exigência. Tal padrão é determinado no e pelo polo da produção, sem espaços para negociações. Isto não é diferente no CF, e implicou num conflito entre a equipe da TV OVO e o setor de produção de jornalismo do canal na produção audiovisual, quando os vídeos realizados pelo grupo necessitaram ser editados diversas vezes antes de serem exibido nas telas do canal.

Para além do conflito, o episódio remete à evidência do lugar e do fazer de cada equipe. E isto levou à percepção consensual do grupo da TV OVO sobre a interação com as diferentes equipes do canal. Para eles há um diferencial significativo nas dinâmicas interacionais quando o trabalho envolve a equipe de mobilização ou as equipes da sede. Na esfera da mobilização a interação é direta e as escutas acontecem de parte a parte em trocas muito mais produtivas e significativas. O mesmo não ocorre quando se trata do contato com as equipes na sede do canal. Enquanto as relações com as equipes de mobilização tornam-se pessoalizadas, não há possibilidade de uma escuta direta e não mediada por parte da sede.

Somado a outros episódios que confirmaram tal evidência, pode-se inferir que para a TV OVO, a possibilidades de parceria com o CF dependerá sempre da interação com as equipes de mobilização. A própria natureza das atividades desenvolvidas pela TV OVO a faz perceber as contradições que emanam do CF e do próprio projeto Maleta Futura, e o fato de que, para o grupo, a confiabilidade do canal se concentra nas equipes de mobilização e na sua capacidade de desenvolver uma escuta produtiva.

Tal escuta inerente à natureza do trabalho dessas equipes de mobilização também é apontada pela rede do GEGV, que situa a relação com o CF numa outra perspectiva. Para estes, considerando a atuação como a de um movimento ambientalista, o canal é uma referência midiática que representa a possibilidade de maior visibilidade e aporte ao trabalho desenvolvido. O CF é uma referência que lhes aumenta a legitimidade junto à comunidade e instituições locais. Para alguns integrantes da rede, essa percepção vai um pouco mais além e o canal assume o papel de articulador do próprio movimento, na medida em que parte de suas

operações também instrumentalizam as ações dos grupos. Nesse sentido, o CF passa a ser requisitado como um consultor capaz de qualificar as ações desenvolvidas pelos grupos do movimento.

No caso investigado, as processualidades analisadas indicam uma mobilidade tal, de parte a parte, que as estratégias evidenciam na circulação social dos sentidos, um espaço de reconhecimento e de desvios produzidos pelas dinâmicas de apropriação. Nesse cenário se configuram processos tentativos cuja continuidade permite que sejam montados padrões e regras que são geradas a partir das estratégias em ação.

Assim, o caso investigado se constitui numa experiência singular ao sinalizar novos modos de produzir televisão, evidenciando que as demandas interacionais da atualidade, caracterizada pelos processos de mediação, geram formas inéditas de experimentação e vinculação social.

Ainda que não se possa, a partir do estudo de caso, fazer generalizações, a pesquisa desenvolvida permite sinalizar possíveis direcionamentos para outras investigações similares, e nas quais o foco principal esteja na interação mediada e na constituição de dispositivos e circuitos. Assim, pode-se inferir que (a) o espaço de experimentações que envolve a atuação do Canal Futura junto aos grupos de natureza comunitária na tentativa de organização das práticas sociais se constitui num campo aberto à novas pesquisas; (b) foram identificados condicionantes a serem levados em conta em novas investigações, tais como: contexto investigativo, políticas midiáticas para inserção de temáticas sociais e eventuais oscilações no decorrer dos processos interacionais, realidades dos grupos e movimentos sociais em suas práticas comunicacionais, e cruzamento de agendas heterogêneas; (c) os resultados de tal processo interacional, ressalvados os limites já referidos, revelam-se potencialmente transformadores dos modos de ação nos diferentes ângulos da vida social, indicando a importância da continuidade dessas investigações.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Elisa D. A. **Etnografia na prática escolar**. Campinas, Papirus, 2005.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participantes**. Trad. José Fonseca. Porto Alegre, Artmed, 2009.

APRENDE BRASIL. **Entrevista** com Renato Mattarelli Carli. Disponível in: [<http://www.aprendebrasil.com.br/entrevistas/entrevista0017.asp?PortalAZ=Menu+de+A+a+Z>]. Acessado em 10/12/2013.

ARAÚJO, Inesita. **Mediações e poder**. Niterói, 2000. Disponível em [<http://www.eca.usp.br/alaic/chile2000/5%20GT%202000Recepci%C3%B3n/InesitaAraujo.doc>]. Acesso em 14/09/2009.

ARAÚJO, Lúcia. Apresentação. In: GARCIA & BRANDÃO (orgs). **Comunicação e Transformação Social – a trajetória do canal Futura**. São Leopoldo, Unisinos, 2008.

AZEVEDO, João Pedro. “Mensurando o valor social do Canal Futura: uma aplicação do método de valoração contingente.” In: GARCIA & BRANDÃO (orgs). **Comunicação e Transformação Social – a trajetória do canal Futura**. São Leopoldo, Unisinos, 2008.

_____. *What is the Value of Educational Broadcast?* (February 2009). Available at SSRN. Disponível in [<http://ssrn.com/abstract=1332786> or <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.1332786>]

BARBERO, Jesús Martín. **Heredando el futuro. Pensar la educación desde la comunicación**. Revista Nómadas, Nº 5, Santafé de Bogotá (Colombia), Univ. Central, 1997.

_____. **Uma Aventura Epistemológica**. Entrevistador: Maria Immacolata Vassallo de Lopes. MATRIZES. Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. São Paulo, v. 2, n. 2, jan./jun. 2009, p. 143-162.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BECKER. Howard S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo, Hucitec, 1993.

BELLONI, M.L. **O que é mídia-educação**. Campinas, Autores Associados, 2001 (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, 78)

_____. Integração das tecnologias de informação e comunicação aos processos educacionais. In: BARRETO, R. G. (org) **Tecnologias educacionais e educação à distância: avaliando políticas e práticas**. Rio de Janeiro, Quartet, 2001.

_____. **Ensaio sobre a educação à distância no Brasil.** Educação & Sociedade, ano XXIII, nº78, abril/2002. (117-142)

BERGER, P. & LUCKMANN, T. **A construção social da realidade.** 28ª edição. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis, Vozes, 2008. (28ª ed.).

BORELLI, Viviane. **Da festa ao cerimonial midiático: as estratégias de mobilização da teleromaria da Medianeira pela Rede Vida.** Tese de doutorado. São Leopoldo, Unisinos, 2007.

BRAGA, José Luiz & CALAZANS, Regina. **Comunicação e educação. Questões delicadas na interface.** São Paulo, Hacker, 2001.

BRAGA, José Luiz. “Constituição do Campo da Comunicação”, in Antonio Fausto Neto et al. (orgs) **Práticas Midiáticas e Espaço Público,** Porto Alegre, Edipucrs, 2000a, p. 23-50.

_____. “Interatividade & Recepção”. In. NETO, Antonio Fausto et al. (org.). **Interação e Sentidos no Ciberespaço e na Sociedade.** Porto Alegre, Edipucrs, 2000b.

_____. **Sobre mediatização como processo interacional de referência.** Artigo apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação e Sociabilidade, do XV Encontro da Compós, na UNESP, Bauru, São Paulo, em junho de 2006a.

_____. **A sociedade enfrenta sua mídia – dispositivos sociais de crítica mediática.** São Paulo, Editora Paulus, 2006b.

_____. *Processos de aprendizagem para uma sociedade de interação mediatizada.* **Mediatização, Sociedade e Sentido** - Anais do Seminário Prosul de Comunicação 2007. São Leopoldo: Projeto Prosul de Comunicação, 2007. v. 1. p. 1-14.

_____. **Comunicação, disciplina indiciária.** Matrizes, da Eca/USP - vol. 1, série 2, 2008 - p. 73 a 78.

_____. **Expertise universitária - um conceito prospectivo.** RBPG. Revista Brasileira de Pós-Graduação, v. 5, p. 250-270, 2009

_____. **Nem rara, nem ausente. Tentativa.** Matrizes, da Eca/USP – vol. 4, nº1, 2010a – p.65 a 81.

_____. **Comunicação é aquilo que transforma linguagens.** Revista ALCEU - v. 10 - n.20 - p. 41 a 54 - jan./jun. PUC Rio, 2010b.

_____. **Dispositivos interacionais.** GT Epistemologia da Comunicação. XX Compós, UFRGS, Porto Alegre, 2011a.

_____. **Qual teoria – qual problema.** Seminário PROCAD “Crítica Epistemológica”, reunião de Goiânia, 2011b.

_____. **A prática da pesquisa em Comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões.** Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós, Brasília, v.14, n.1, jan./abr. 2011c(1-33) .

_____. *Circuitos versus campos sociais.* In: **Mediações e Mdiatização**, Livro Compós, 2012.

BRUCK, Mohazir S. *Palavra: Dispositivo.* In **Dispositiva.** Programa de pós-graduação em Comunicação Social da Faculdade de Artes e Comunicação da PUC Minas. v.1- n1 - jan./jul 2012 - Belo Horizonte(36-41)

CANAL FUTURA. **Maleta Democracia.** Cadernos de Textos. Rio de Janeiro, Fundação Roberto Marinho, s.d.

_____. **Maleta Futura Meio Ambiente.** Cadernos de Textos. Rio de Janeiro, Fundação Roberto Marinho, s.d.

_____. **Toda Beleza.** Rio de Janeiro, Fundação Roberto Marinho, s.d.

CERTEAU, Michel et. All. **A invenção do cotidiano. 2. Morar, Cozinhar.** 10ªed. Petrópolis, Vozes, 2011.

_____. **A invenção do cotidiano. A arte de fazer.** Petrópolis, Vozes, 2012.

CHIANCA, Thomaz K. *Avaliações válidas, relevantes e úteis.* In: FUNDAÇÃO ITAÚ CULTURAL et all. **Avaliação para o investimento social privado: metodologias.** RJ, Fundação Santillana/ Ed. Moderna, 2013. (93-116).

CITELLI, Adilson. **Inflexões educacionais.** Revista Comunicação & Educação, Ano XVII, número 1, São Paulo, (7-12), jan/jun 2012.

_____. **Comunicação e educação: implicações contemporâneas.** Revista Comunicação & Educação, Ano XV, número 2, São Paulo, (13-27), mai/ago 2010.

D'ALMEIDA, Alfredo D. **Ensino supletivo pela TV: um potencial mal aproveitado.** Cadernos de Pesquisa, São Paulo, (65):66 -71, maio de 1987.

DRAIBE, Sonia M. & PEREZ, José Roberto Rus. **O programa TV Escola: desafios à introdução de novas tecnologias.** In. Caderno de Pesquisa, nº106, São Paulo, março 1999. Disponível in [\[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15741999000100003#1\]](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15741999000100003#1). Acessado em dezembro, 2013.

DUARTE, Jorge & BARROS, Antônio (orgs). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo, Atlas, 2008.

ESCOSTEGUY, Ana C. D. **Estudos de recepção versus etnografia de audiência**. InterCom: revista brasileira de ciencias da comunicacao, São Paulo - SP, v. XX, n.1, p. 177-180, 1997

EITLER, K.; LOUSAO, A.; GARCIA, D. Relatório Pesquisa Formativa - **Encontro preparatório para a realização de 20 interprogramas sobre “dicas práticas de cidadania”**. Rio de Janeiro, Canal Futura/Núcleo de Inclusão Social-NIS/ UFRJ, 2010.

ESTEVES, André Libonatti et all(coord.) **Almanaque das redes sociais do Futura II**. Rio de Janeiro : Fundação Roberto Marinho, 2013.

FAUSTO NETO, Antonio. **Ensinando à televisão: estratégias de recepção da TV Escola**. João Pessoa, Editora Universitária, 2001.

_____. **Midiatização, prática social- prática de sentido**. Encontro da Rede Prosul- Comunicação, sociedade e sentido. Seminário sobre midiatização, São Leopoldo, Unisinos, 2005.

_____. **Observações sobre a midiatização da campanha eleitoral de 2006**. Revista Galáxia. São Paulo, v. 1, p.13-27, 2006.

_____. **Enunciação, auto-referencialidade e incompletude**. Revista Famecos. Porto Alegre, n.34, p.78-85, 2007.

_____. Enunciação midiática: das gramáticas às zonas de pregnâncias. In: SEMINÁRIO MUDIATIZAÇÃO E PROCESSOS SOCIAIS: Aspectos Metodológicos, 1, 2008, São Leopoldo. Anais. São Leopoldo: Unisinos, 2008a.

_____. “A televisão dos invisibilizados?” In: GARCIA & BRANDÃO. (orgs) **Comunicação e Transformação Social – a trajetória do canal Futura**. São Leopoldo, Unisinos, 2008b.

_____. **Fragmentos de uma “analítica” da midiatização**. *Matrizes*. Vol.1, nº 2, abril 2008c. P(89-105).

_____. **“A midiatização produz mais incompletudes do que as completudes pretendidas, e é bom que seja assim!”** *IHU online*. Revista do Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo, 13 de abril de 2009. Edição 289. Disponível in [http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2479&secao=289]. Acessado em janeiro de 2013.

FERREIRA, Jairo. **Dispositivos midiáticos**. In: Intercom - XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006, Brasília.

FINGUERUT, S. & SUKMAN, H.(orgs). **Fundação Roberto Marinho, 30 anos**. Rio de Janeiro, Fundação Roberto Marinho, 2008.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Org. e trad. Roberto Machado. 17 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **Vigiar e punir. (1970-1975)**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987

_____. **História da sexualidade 1: vontade de saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. **Ditos e escritos IV: estratégia, poder-saber**. Org. Manoel Barros da Mota. Trad. Vera Lúcia A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FORESTI, Joadir A. **A complexidade da teleducação no Canal Futura**. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2001.

FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO. **20 anos que valeram a pena**. (Catálogo Comemorativo.) Rio de Janeiro, GTM editores, 1998.

FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, CANAL FUTURA. *O uso da abordagem participativa na avaliação do Projeto Maleta Infância*. In: FUNDAÇÃO ITAÚ CULTURAL etall. **Avaliação para o investimento social privado: metodologias**. RJ, Fundação Santillana/ Ed. Moderna, 2013. (117 -124).

FRANÇA, Vera V. **Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê?** In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 10. Brasília: Universidade de Brasília, 2001. **Anais**. Brasília: Compós, 2000.

FRANÇA, Vera & MAIA, Rousiley. A comunidade e a conformação de uma abordagem comunicacional dos fenômenos. In: LOPES, Maria Immacolata V.(org). **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo, Loyola,2003.

GARCIA, Débora, BRANDÃO, Ana Paula. **Comunicação e Transformação Social: a trajetória do canal Futura**. São Leopoldo, Unisinos, 2008.

GARCIA, Débora. **Canal Futura, we discussed the war in a diferente way** .**Journal Televisión**, 17/2004/E, S. (12_13). Disponível in [http://www.br-online.de/jugend/izi/english/publication/television/17_2004_E/brasilien.pdf]. Acessado em 12/10/2011.

GOMES, Ana A. G. **A midiatização do social. Globo e Criança Esperança tematizando a realidade brasileira**. Tese de doutorado. São Leopoldo. Unisinos, 2007.

GOMES, Pedro G. “Os processos midiáticos como objeto de estudo”. In: **Tópico da teoria da comunicação**. São Leopoldo, Unisinos, 2004.

_____. **A Filosofia e a Ética da comunicação na midiatização da sociedade.** São Leopoldo: Unisinos, 2006

GRUPO ECOLÓGICO GUARDIÕES DA VIDA. **Relatório 2009.** Passo Fundo, GEGV, 2009.

_____. **Relatório 2010.** Passo Fundo, GEGV, 2010.

GUSMÃO, Luis de. **O fetichismo do conceito. Limites do conhecimento teórico na investigação social.** Rio de Janeiro, Topbooks, 2012.

HJARVARD, Stig. **Midiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural.** In: Matrizes, ano 5, n. 2, jan/jun., 2012.

HENRIQUES, MÁRCIO SIMEONE. **Comunicação e mobilização social na prática de polícia comunitária.** Belo Horizonte, Autêntica, 2010

HUBERMAN, Michael & MATTHEW B. Miles. *Manejo de datos y métodos de análisis.* In: DENMAN, Catalina A. y HARO, Jesus Armando et al. **Por los rincones: antología de métodos cualitativos en la investigación social.** Sonora, México, El Colegio de Sonora, 2002. (253-300).

KAPLUN, Mario. **Hacia nuevas estrategias de comunicación em la educación de adultos.** Santiago (Chile), UNESCO. 1983.

KLEIN, Eloísa J.C. **Circuitos comunicacionais ativados pela autorreferência didática no jornalismo: o caso do Profissão Repórter.** Tese de doutorado. São Leopoldo, Unisinos, 2012.

KLEIN, Otavio José. **A gênese do conceito de dispositivo e sua utilização nos estudos midiáticos.** In: Estudos em Comunicação, n.1, p.215-231, Abr.2007. Disponível em <http://www.ec.ubi.pt/ec/01/pdfs/klein-otavio-genese-do-conceito-de-dispositivo.pdf>. Acessado em abril/2010.

LINCOLN, Yvonna S.; DENZIN, Norman K. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LITTO, Frederic M. **Escolas Abertas e Aprendizagem.** Revista FGV Online. Ano 1, nº1, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 2011. (38-49).

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Pesquisa Em Comunicação. Formulação de Um Modelo Metodológico.** 3ª. ed. São Paulo, Brasil: Loyola, 1997.

_____. (org) **Epistemologia da Comunicação.** São Paulo, Loyola, 2003. (205 -225).

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: SENAC, 2000.

MALDONADO, Alberto Efendy. Explorações sobre a problemática epistemológica do campo das ciências da Comunicação. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. (org) **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo, Loyola, 2003. (205 -225).

. **Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011. v. 1. 303p .

MARCONDES FILHO, Ciro (org). **Dicionário da Comunicação**. São Paulo, Paulus, 2009.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

MATTA, Maria Cristina. De la cultura masiva a la cultura mediática. Em: **Diálogos**. Lima, Felafacs, nº56, 1999.

MATTOS, Maria A.&VILLAÇA, Ricardo C. *Interações Midiatizadas: desafios e perspectivas para a construção de um capital teórico*. Em: **Revista Comunicação Midiática**, v.7, n.1, (22-39),jan./abr. 2012. Belo Horizonte, PUCMinas Gerais.

MELO, José Marques de. **As telenovelas da Globo: produção e exportação**. São Paulo, Summus, 1988.

MENEZES, Ebenezer Takunode; SANTOS, Thais Helena dos.. **Dicionário Interativo da Educação Brasileira** - EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2002. Disponível in: [<http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?>] Acessado em 12/12/2013/ e em 18/3/2014.

MINAYO, Maria C. S. (org.), **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.

MIRANDA, Roberta M. **A educação como principal notícia. Uma análise do telejornal do Canal Futura**. Dissertação de mestrado. FURB, Programa de pós-graduação em Educação, Blumenau, 2007.

MISSAU, Lucas D. **TV OVO: a representação de identidades juvenis no audiovisual**. Dissertação de mestrado. Santa Maria, UFSM/PPGCOM, 2012.

MOMBELLI, Neli Fabiane. **Santa Maria projetada: memória e identidade nos documentários da TV OVO**. Dissertação de mestrado. Santa Maria, UFSM/PPGCOM, 2012.

MUSEU ZOOBOTÂNICO AUGUSTO RUSCHI (Org). **Caminho das Águas**. Aprendendo e ensinando. Passo Fundo, Battistel, 2009.

NISKIER, Arnaldo. **Educação à distância: a tecnologia da esperança**. São Paulo, Loyola, 1999.

OLIVEIRA, Wellinton A. **Telecurso 2º grau: paradigma no ensino pela TV e legitimação política da Rede Globo, 1977-1981**. Dissertação de mestrado. Assis, UNESP, 2011.

PERUZZO, Cicília M. Krohling. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. **Revisitando os Conceitos de Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária**. Trabalho apresentado no Núcleo de Pesquisa “Comunicação para Cidadania”, do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Brasília-DF, INTERCOM/UnB, em setembro de 2006.

_____. **Televisão comunitária: dimensão pública e participação cidadã na mídia local**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

_____. **Movimentos Sociais, cidadania e o direito à comunicação comunitária nas políticas públicas**. Revista Fronteiras, 11(1), 33-43, jan/abril 2009. São Leopoldo, Unisinos.

POPPER, Karl. **Conhecimento científico**. São Paulo, EDUSP, 1975.

_____. **Lógica da pesquisa científica**. São Paulo, EDUSP, 1985.

RANCHOD et all. **Why Democracy?** Facilitator’s Guide. Cape Town, South Africa, Steps International, s.d. Disponível in [<http://www.whydemocracy.net/documents-downloads/6>]. Acessado em 04/10/2013.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Experiência, modernidade e campo dos media**. Lisboa, Universidade Nova, 1999.

_____. **Comunicação e cultura**. A experiência cultural na era da informação. 3ªed. Lisboa, Editorial Presença, 2010.

SANDE, Axel Hermann. **Canal Futura: um projeto de identidade para a população brasileira**. Dissertação de mestrado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Escola Superior de Desenho Industrial, 2010.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Das ações coletivas às redes de movimentos sociais**. Cad. CRH vol.21 no.54 Salvador set./dez. 2008.

SILVEIRA, Fabrício. **Experiências etnográficas no campo da Comunicação**. In: UNIrevista - Vol. 1, nº 1: 23-31 (janeiro 2006). São Leopoldo.

SILVERMAN, David. **Interpretação de dados qualitativos: métodos de análise de entrevista, textos e interações.** Porto Alegre, Artmed, 2009.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** SP, Loyola, 2002

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho.** 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. v. 1. 268p .

_____. *Sobre a epistème comunicacional.* **Revista Matrizes.** v. 01, n. 01, 2007, p. 15-26.

TORO, Bernardo & WERNECK, Nísia Maria D. F. **Mobilização social: um modo de construir a democracia.** Brasil, Unicef, 1996.

THOMPSON, John B. *A nova visibilidade.* **Revista MATRIZES** N. 2 abril 2008, p.1-38.

VASSIMON, Marisa. **Atuação em redes de parceria com a sociedade civil.** Mesa redonda: experiências de desenvolvimento da sociedade civil: a intervenção de atores não estatais. 9º Encontro de Fundações da CPLP. Cabo Verde, novembro 2012.

VERÓN, Eliseo. **La semiosis social: fragmentos de una teoría da discursividad.** Barcelona: Gedisa, 1996.

VERÓN, Eliseo. **Esquema para el análisis de la mediatización.** Revista Diálogos de la Comunicación, n.48, 1997.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido.** São Leopoldo: Unisinos, 2004

YAMAMOTO, Eduardo Y. *O discurso comunitário: comunidade, sociedade e comunicação.* In: MORAES, Osvaldo J (org.) **Tendências atuais da pesquisa em Comunicação no Brasil.** São Paulo: Intercom, 2008, p. 315 – 336.

_____. *O vínculo comunitário.* XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 2009, Rio de Janeiro. **Anais do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste,** Rio de Janeiro, 2009.

_____. **Sobre o conceito de comunidade na comunicação.** Trabalho a ser apresentado ao Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação do XXII Encontro Anual da Compós, na Universidade Federal da Bahia, Salvador, de 04 a 07 de junho de 2013.

YIN, Robert. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** POA, Bookan, 2010.

ZUCOLO, R. C.; BORBA, M.; MOMBELLI, N. **TV OVO - da prática da comunicação comunitária à constituição da cidadania. Um estudo de caso.** Intercom, XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Caxias do Sul, RS, setembro de 2010.

ZUCOLO, R. C; MOMBELLI, N. **Falas Comunitárias: um estudo das práticas da comunicação comunitária em Santa Maria.** Intercom XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, Novo Hamburgo. Anais do XI Encontro Regional de Comunicação da região Sul, 2010.

ZUCOLO, Rosana C. *O Canal Futura e a mobilização comunitária.* In: LIBONATI, André et al.(orgs).**Comunicação e Transformação Social 2. Canal Futura, 15 anos na Estrada.** São Leopoldo, Unisinos, 2012.

ENTREVISTAS

ALVES, Clovis. **Entrevistadora:** Zucolo, Rosana C. Entrevistas para a constituição do corpus da tese. Outubro, 2010 – Julho, 2011.

BORBA, Marcos. **Entrevistadora:** Zucolo, Rosana C. Entrevistas para a constituição do corpus da tese. Abril, 2011 - Maio, 2012.

COPETTI, Denise. **Entrevistadora:** Zucolo, Rosana C. Entrevistas para a constituição do corpus da tese. Junho, 2011 – Maio, 2013.

MOMBELLI, Neli. **Entrevistadora:** Zucolo, Rosana C. Entrevistas para a constituição do corpus da tese. Abril, 2011 - Maio, 2012

NECKEL, Alcindo. **Entrevistadora:** Zucolo, Rosana C. Entrevista para a constituição do corpus da tese. Outubro, 2010.

PEREIRA, Priscila. **Entrevistadora:** Zucolo, Rosana C. Entrevista para a constituição do corpus da tese. Dezembro, 2013.

PINHEIRO, Lucinda. **Entrevistadora:** Zucolo, Rosana C. Entrevista para a constituição do corpus da tese. Novembro, 2013.

PIOVESAN, Zilda. **Entrevistadora:** Zucolo, Rosana C. Entrevistas para a constituição do corpus da tese.

POLITA, Glauco. **Entrevistadora:** Zucolo, Rosana C. Entrevista para a constituição do corpus da tese. Outubro, 2010.

RAMOS, Cleusa. **Entrevistadora:** Zucolo, Rosana C. Entrevista para a constituição do corpus da tese. Abril, 2011.

SANDERS, Carlos Eduardo. **Entrevistadora:** Zucolo, Rosana C. Entrevistas para a constituição do corpus da tese. Outubro, 2010 – Maio, 2013.

SCHNORR, Júlia. **Entrevistadora:** Zucolo, Rosana C. Entrevista para a constituição do corpus da tese. Junho, 2011.

SILVA, Darci Jorge. **Entrevistadora:** Zucolo, Rosana C. Entrevista para a constituição do corpus da tese. Novembro, 2010.

SILVA, Dilcinéia Oliveira. **Entrevistadora:** Zucolo, Rosana C. Entrevista para a constituição do corpus da tese. Outubro, 2012.

SILVA, Flávia Biombo Da. **Entrevistadora:** Zucolo, Rosana C. Entrevistas para a constituição do corpus da tese. Outubro, 2010 – Novembro, 2013.

TAVARES, Paulo. **Entrevistadora:** Zucolo, Rosana C. Entrevista para a constituição do corpus da tese. Maio, 2012

VASSIMON, Marisa. **Entrevistadora:** Zucolo, Rosana C. Entrevistas para a constituição do corpus da tese. Abril, 2011.

ANEXOS**ANEXO 1:**

Questionário destinado às equipes de articulação e mobilização comunitária do Canal Futura

ANEXO 2:

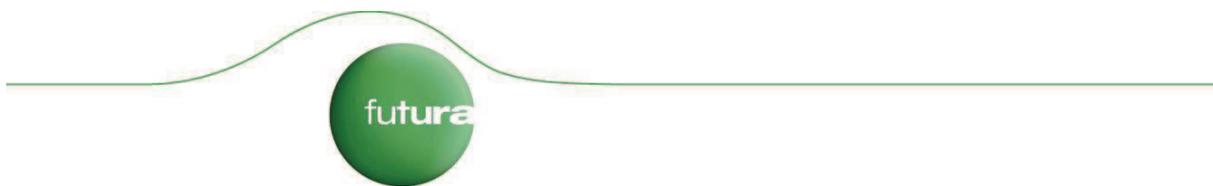
Questionário destinado ao coletivo do GEGV no uso da Maleta Meio Ambiente na região de Passo Fundo

ANEXO 3:

Questionário destinado à rede do Bioma Pampa sobre o uso da Maleta Meio Ambiente

ANEXO 4

Instrumento de avaliação do CF para o projeto Maleta Futura



ATIVIDADES DESENVOLVIDAS E CONTEÚDOS UTILIZADOS

(Preencher para cada ação/atividade desenvolvida e enviar à entidade responsável pela Maleta Meio Ambiente Completa)

1. Qual a ação desenvolvida? (seminário, palestra, apresentação teatral, show, grupo de discussão, fórum, oficina, outros)
2. Qual o perfil dos participantes nesta atividade (crianças, jovens e adolescentes, idosos, mulheres, público em geral, etc)
3. Qual programa foi utilizado na atividade? (Globo Ciência, Um Pé de Quê, O Bom Jeitinho Brasileiro, Taru Andé, etc)
4. A ação foi realizada apenas pela sua instituição? Ou com alguma instituição parceria? Qual?
5. Foram utilizados materiais complementares? (revistas, folders, vídeos, livros, etc)
6. Descreva, resumidamente, a atividade realizada.
7. Quais os objetivos desta atividade?
8. Os objetivos foram atingidos? (responder se sim, não ou se parcialmente)
9. Quantidade de participantes? (público envolvido apenas nesta ação)
10. Que resultados foram obtidos com essa atividade?